

11

11

**CAFÉ DA MANHÃ  
DOS CAMPEÕES**

  
intrínseca

**KURT  
VONNEGUT**

11

11

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Café da manhã dos campeões

**Kurt Vonnegut**

COM DESENHOS DO AUTOR

tradução de

**André Czarnobai**



Copyright © 1973 e copyright renovado em 2002 por Kurt Vonnegut Jr.

Todos os direitos reservados.

Tradução publicada mediante acordo com Dial Press, um selo da Random House, divisão da Penguin Random House LLC.

TÍTULO ORIGINAL

*Breakfast of Champions*

PREPARAÇÃO

Marina Góes

REVISÃO

Luiz Felipe Fonseca

João Sette Camara

ARTE DE CAPA

Túlio Cerquize

REVISÃO DE E-BOOK

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-85-510-0581-1

Edição digital: 2019

1ª edição

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)





[intrinseca.com.br](http://intrinseca.com.br)

# Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prefácio](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[Epílogo](#)

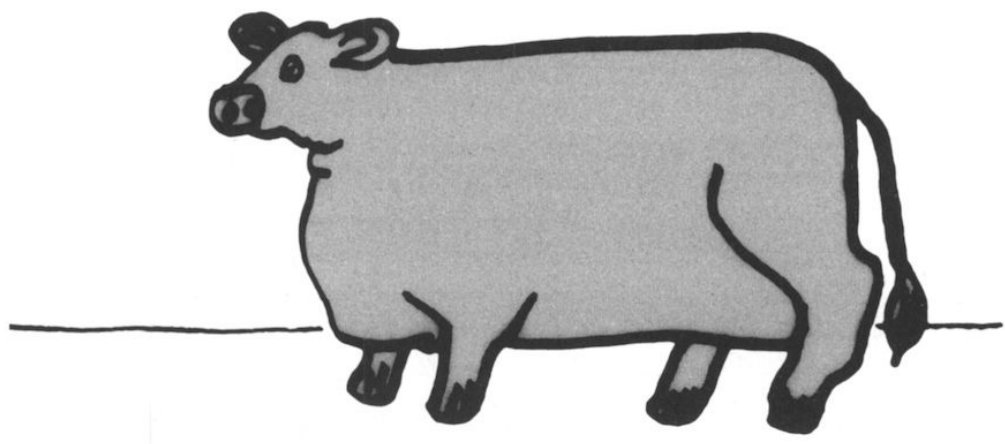
[Sobre o livro](#)  
[Sobre o autor](#)  
[Conheça outro título do autor](#)  
[Leia também](#)



or



GOODBYE  
BLUE  
MONDAY!



*Em memória de Phoebe Hurty, que me consolou em Indianápolis  
durante a Grande Depressão*

“Mas ele conhece o caminho por onde ando; se me puser à  
prova, dela sairei puro como o ouro”  
- Jó, 23:10



## Prefácio

A expressão “Café da manhã dos campeões” é marca registrada da General Mills, Inc., utilizada num cereal matinal. A expressão idêntica no título deste livro não tem a intenção de indicar um patrocínio da General Mills ou fazer uma associação, nem pretende ridicularizar seus ótimos produtos.

• • •

Este livro é dedicado a Phoebe Hurty, que, conforme a expressão, não está mais entre nós. Ela era uma viúva de Indianápolis quando a conheci, no final da Grande Depressão. Eu devia estar com uns 16 anos. Phoebe tinha cerca de 40.

Phoebe Hurty era rica, mas como trabalhara todos os dias de sua vida adulta, permaneceu em atividade. Dava conselhos para os mal-amados em uma coluna muito sensata e engraçada no *Indianapolis Times*, um bom e finado jornal.

Finado.

Phoebe também escrevia os anúncios da William H. Block Company, uma loja de departamentos que funciona até hoje dentro de um prédio projetado pelo meu pai. Isso foi o que escreveu para uma liquidação de chapéus de palha ao final do verão: “Com preços assim, você pode usá-los como comida de cavalo ou adubo de rosas.”

• • •

Phoebe Hurty me contratou para escrever anúncios para marcas de roupas para adolescentes. Eu precisava usar as roupas, fazia parte do trabalho. E acabei ficando amigo dos seus dois filhos, que tinham a minha idade. Eu vivia na casa deles.

Ela falava obscenidades comigo e com os garotos, e também com as nossas namoradas quando a gente levava elas até lá. Era uma mulher engraçada. Sem amarras. Ela nos ensinou a ser insolentes falando não apenas sobre temas sexuais, mas também sobre história americana e seus heróis, sobre distribuição de renda, sobre a escola, e sobre tudo.

Atualmente eu ganho a vida sendo insolente. Não sou muito bom nisso. Sigo tentando imitar aquela impertinência que em Phoebe Hurty era muito graciosa. Hoje em dia acho que, para ela, ser graciosa era mais fácil do que é para mim, por causa do clima da Grande Depressão. Ela acreditava em algo muito difundido entre os americanos naquela época: que seríamos uma nação feliz, justa e racional, assim que alcançássemos a prosperidade.

Nunca mais escutei essa palavra: *Prosperidade*. Costumava ser sinônimo de *Paraíso*. E Phoebe Hurty acreditou que suas insolências poderiam forjar os contornos de um paraíso americano.

Atualmente, esse seu estilo de insolência está na moda. Mas ninguém mais acredita no paraíso americano. Sinto muita saudade de Phoebe Hurty.

• • •

Quanto à suspeita a qual expressei neste livro, de que os seres humanos são robôs, máquinas: é importante ressaltar que pessoas, principalmente homens, padecendo dos últimos estágios de sífilis, sofrendo de ataxia locomotora, eram espetáculos comuns no Centro de Indianápolis e em circos quando eu era criança.

Essas pessoas estavam infestadas por bactérias parecidas com minúsculas molas carnívoras que só podiam ser vistas através de um microscópio. As vértebras das vítimas acabavam se colando depois que as molas consumiam toda a carne que havia entre elas. Os sífilíticos imprimiam uma tremenda dignidade — sempre apurados, olhando para a frente.

Uma vez eu vi um deles na calçada da interseção das ruas Meridian e Washington, debaixo de um relógio pendurado que o meu pai havia projetado. Esse cruzamento era localmente conhecido como “A Encruzilhada dos Estados Unidos”.

Esse sífilítico estava muito concentrado, ali na Encruzilhada dos Estados Unidos, pensando em como faria para que suas pernas deixassem aquela calçada e o carregassem até o outro lado da rua Washington. Ele tremia levemente, como se tivesse um pequeno motor em marcha lenta dentro de si. O problema dele era o seguinte: seu cérebro, onde se originavam as instruções para as pernas, estava sendo comido vivo por molas. Ou já não havia isolamento nos fios que conduziam as instruções, ou os fios haviam sido inteiramente comidos. Os interruptores pelo caminho estavam travados na posição de ligado ou desligado.

O sujeito parecia ser muito, muito velho, embora devesse ter apenas uns 30 anos. Ele ficou ali, pensando e pensando. E então ele chutou duas vezes, como uma corista.

Para mim, uma criança na época, ele certamente parecia uma máquina.

• • •

Eu também costumo pensar nos seres humanos como tubos de ensaio enormes e flexíveis, cheios de reações químicas fervilhando por dentro. Quando eu era garoto, via muita gente com bócio. Assim como Dwayne Hoover, o vendedor de Pontiacs que é o protagonista deste livro. Aqueles pobres terráqueos tinham glândulas tireoides tão inchadas que pareciam cultivos de abóboras em suas gargantas.

Tudo o que eles precisavam fazer para levar uma vida normal, no fim das contas, era consumir menos de um grama de iodo todos os dias.

Até minha mãe destruiu o próprio cérebro com substâncias químicas que supostamente deveriam ajudá-la a dormir.

Quando eu fico deprimido, tomo um comprimidinho, e fico animado de novo.

E assim por diante.

Então é uma grande tentação para mim, quando crio um personagem para um romance, dizer que ele é o que é por causa de algum parafuso solto ou devido a quantidades microscópicas de substâncias químicas que ele ingeriu ou deixou de ingerir naquele dia em particular.

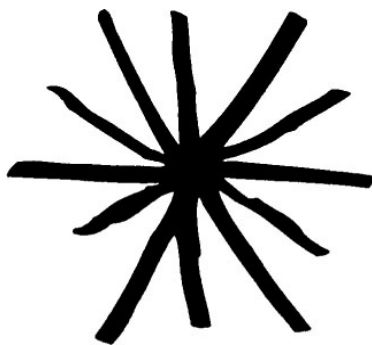
• • •

O que eu penso sobre este livro em específico? Eu o acho péssimo, mas eu sempre acho os meus livros péssimos. Meu amigo Knox Burger comentou comigo uma vez que certo romance complicado “parecia ter sido escrito por Philboyd Studge”. É ele quem eu finjo ser quando escrevo o que aparentemente estou programado para escrever.

• • •

Este livro é meu presente de aniversário de 50 anos para mim mesmo. Sinto como se estivesse alçando ao cume de um telhado, tendo subido por um dos lados.

Fui programado para me comportar de forma imatura aos 50 anos — insultando o hino americano, desenhando bandeiras nazistas, e um cu e um monte de outras coisas com uma caneta com ponta de feltro. Para dar uma ideia do grau de maturidade das ilustrações que eu fiz para este livro, eis o meu desenho de um cu:



...

Acho que estou tentando tirar de dentro da minha cabeça todo o lixo que tem nela: cus, as bandeiras, as calcinhas. Sim, tem um desenho de uma calcinha neste livro. Estou também me livrando de personagens dos meus outros livros. Chega de shows de marionetes.

Acho que estou tentando deixar a minha cabeça tão vazia quanto há cinquenta anos, quando eu nasci neste planeta defeituoso.

Suspeito que isso seja algo que a maioria dos americanos brancos, e dos americanos imitando os que são brancos, deveria fazer. As coisas que outras pessoas enfiaram a todo custo na minha cabeça não se encaixam muito bem, geralmente são inúteis e feias, sem proporção entre si e sem proporção com a realidade da vida fora da minha cabeça.

Não tenho cultura, nenhuma harmonia humana no cérebro. Mas não consigo mais viver sem uma cultura.

...

Então este livro é uma calçada abarrotada de lixo, um monte de porcaria que eu jogo por cima dos ombros enquanto viajo de volta no tempo, até o dia 11 de novembro de 1922.

Eu vou desembarcar numa época na minha viagem ao passado em que o dia 11 de novembro, que acidentalmente é o dia em que eu nasci, era uma data sagrada chamada *Dia do Armistício*. Quando eu era criança, quando Dwayne Hoover era criança, todas as pessoas de todos os países que haviam lutado na Primeira Guerra Mundial ficavam em silêncio no décimo primeiro minuto da décima primeira hora do Dia do Armistício, que era o décimo primeiro dia do décimo primeiro mês.

Foi durante esse minuto em 1918 que milhões e milhões de seres humanos pararam de massacrar semelhantes. Conversei com idosos que estiveram nos campos de batalha naquele minuto. Eles me disseram que, de um jeito ou de outro, aquele silêncio repentino era a Voz de Deus. Então,

ainda temos entre nós alguns homens que lembram de quando Deus falou claramente com a humanidade.

• • •

O Dia do Armistício se transformou no Dia dos Veteranos. O Dia do Armistício era sagrado. O Dia dos Veteranos não é.

Então vou jogar o Dia dos Veteranos por cima do ombro. Mas o Dia do Armistício eu vou guardar. Não quero jogar fora nada que seja sagrado.

Outra coisa que seja sagrada? Ah, *Romeu e Julieta*, por exemplo.

E todo tipo de música também.

PHILBOYD STUDGE

# 1

Esta é a história do encontro de dois homens brancos, magros, solitários e consideravelmente velhos, num planeta que morria rapidamente.

Um deles era um escritor de ficção científica chamado Kilgore Trout. Um zé-ninguém na época, que acreditava que sua vida havia acabado. Kilgore estava errado. Graças a esse encontro, ele se tornaria um dos seres humanos mais amados e respeitados da história.

O homem com quem ele se encontrou era um vendedor de automóveis, um vendedor de Pontiacs chamado Dwayne Hoover. Dwayne Hoover estava à beira da loucura.

• • •

Escute:

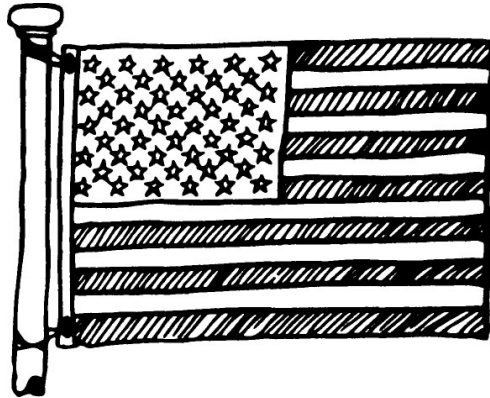
Trout e Hoover eram cidadãos dos Estados Unidos da América, um país chamado simplesmente de Estados Unidos, para abreviar. Este era o seu hino nacional, que era a mais pura baboseira, bem como tantas outras coisas que se esperava que eles levassem a sério:

*Ó, digam se podem ver, na primeira luz da alvorada,  
Aquilo que saudamos com tanto orgulho aos últimos lampejos do crepúsculo  
Cujas listras largas e estrelas brilhantes, durante a luta perigosa,  
Vimos correr tão esplendidamente por cima das muralhas?  
E a luz vermelha dos foguetes, as bombas explodindo no céu  
Deram provas, ao longo da noite, de que nossa bandeira seguia lá:  
Ó, digam, ainda tremula nosso lábaro listrado e estrelado  
Sobre a terra dos livres e lar dos bravos?*

• • •

Existe um quadrilhão de nações no Universo, mas a nação da qual Dwayne Hoover e Kilgore Trout faziam parte era a única cujo hino nacional era um monte de besteira salpicada de pontos de interrogação.

Assim era sua bandeira:



Havia em sua nação uma lei a respeito da bandeira, uma que nenhuma outra nação no planeta tinha, e dizia o seguinte: “*A bandeira não deve se curvar a nenhuma pessoa ou coisa.*”

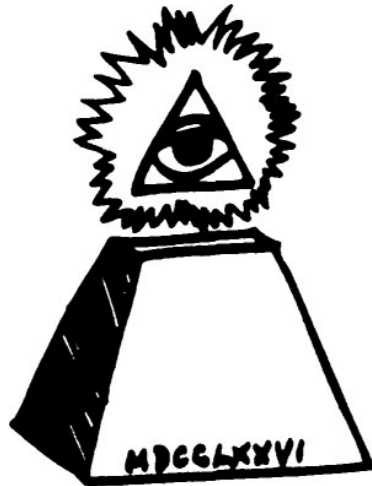
Curvar a bandeira era uma saudação amistosa e respeitosa que consistia em apontar a bandeira, pendurada em um mastro, na direção do chão, e depois levantá-la novamente.

• • •

O lema do país de Dwayne Hoover e Kilgore Trout era “*E pluribus unum*”, que queria dizer “De muitos, um” num idioma que ninguém mais falava.

A bandeira que não se curvava era uma beleza, e o hino e o lema vago não teriam muita importância não fosse pelo seguinte: tantos cidadãos eram ignorados e enganados e insultados que Dwayne Hoover e Kilgore Trout achavam que talvez estivessem no país errado, no planeta errado, ou que algum erro terrível tinha sido cometido. Talvez se sentissem um pouco melhor se o seu hino ou o seu lema falasse sobre igualdade, fraternidade, esperança ou felicidade, uma forma de lhes dar as boas-vindas à sociedade e às suas propriedades privadas.

Se examinassem as cédulas da moeda nacional em busca de pistas para entender o seu país, teriam encontrado, em meio a um monte de outras sandices barrocas, a imagem de uma pirâmide cortada, com um olho radiante em cima dela, como esta:



Nem mesmo o presidente dos Estados Unidos sabia o que isso significava. Era como se o país estivesse dizendo aos seus cidadãos: “A força está no absurdo.”

...

Grande parte desse absurdo era consequência inocente do espírito brincalhão de parte dos fundadores do país de Dwayne Hoover e Kilgore Trout. Esses homens foram aristocratas e quiseram ostentar sua cultura inútil, que consistia no estudo de feitiçaria antiga. Eles também foram poetas muito ruins.

Mas parte desse absurdo era maligno, uma vez que ocultava crimes terríveis. Por exemplo, professores de crianças nos Estados Unidos da América escreviam repetidamente a seguinte data no quadro-negro, pedindo aos alunos que a memorizassem com orgulho e alegria:

1492

Os professores diziam às crianças que foi nesse ano que o continente havia sido descoberto pelos seres humanos. Mas, na verdade, milhões de seres humanos já estavam vivendo vidas plenas e fantásticas naquelas terras em 1492. Aquele foi simplesmente o ano em que piratas começaram a enganá-los, roubá-los e matá-los.



Também ensinavam outro absurdo maligno às crianças: que esses piratas criaram um governo que se tornaria a chama da liberdade para os seres humanos de todas as outras partes do mundo. Havia imagens e monumentos dessa suposta chama imaginária para que as crianças pudessem ver. Parecia uma casquinha de sorvete pegando fogo. Mais ou menos assim:



Na verdade, os piratas mais envolvidos com a criação desse novo governo escravizavam pessoas. Usavam esses seres humanos como se fossem máquinas e, mesmo quando a escravidão foi abolida, porque era muito constrangedora, eles e os seus descendentes continuaram enxergando os seres humanos comuns como máquinas.

• • •

Os piratas eram brancos. As pessoas que já habitavam o continente quando eles chegaram tinham a pele acobreada. Quando a escravidão foi introduzida no continente, os escravos eram negros.

Cor era tudo.

• • •

Eis como os piratas conseguiam tomar o que quer que desejassem de quem fosse: eles tinham as melhores embarcações do mundo, eram mais perversos do que qualquer outra pessoa, e tinham pólvora, que era uma mistura de nitrato de potássio, carvão e enxofre. Eles colocavam fogo nesse pó aparentemente inofensivo, que então se convertia violentamente em gás. Esse gás arremessava projéteis com velocidades incríveis através de tubos de metal.

Os projéteis perfuravam carne e ossos com grande facilidade, de modo que os piratas conseguiam destruir a fiação ou as entranhas ou o encanamento de um ser humano teimoso mesmo de muito, muito longe.

Mas a principal arma dos piratas era a sua capacidade de surpreender. Ninguém acreditaria, até que fosse tarde demais, no quão cruéis e gananciosos eles podiam ser.

• • •

Quando Dwayne Hoover e Kilgore Trout se conheceram, seu país era, de longe, o mais rico e poderoso do planeta. Possuía as maiores reservas de alimentos, minerais e maquinário, e disciplinava os demais países ameaçando lançar grandes foguetes ou jogar coisas em seus territórios usando aviões.

A maioria dos outros países não possuía bulhufas. Muitos sequer eram habitáveis. Gente demais, espaço de menos. Esses países tinham vendido tudo o que tinha algum valor, e não havia sobrado nada para comer, mas, mesmo assim, as pessoas continuavam trepando o tempo todo.

*Trepar* era a maneira como os bebês eram feitos.

• • •

Muitas pessoas no planeta devastado eram *comunistas*. Acreditavam na teoria de que o que havia sobrado do planeta deveria ser dividido de forma mais ou menos igualitária entre todas as pessoas, pois, em primeiro lugar, elas não tinham pedido para nascer num planeta devastado. Enquanto isso, mais bebês continuavam nascendo o tempo todo; esperneando e gritando e berrando por leite.

Em alguns lugares havia gente tentando ingerir barro ou sugando cascalho para se alimentar, enquanto havia bebês nascendo a poucos metros de distância.

E assim por diante.

• • •

O país de Dwayne Hoover e Kilgore Trout, onde ainda havia uma abundância de tudo, se opunha ao comunismo. A nação não acreditava que os terráqueos que possuíssem muito deveriam compartilhar seus bens, a menos que quisessem muito fazer aquilo, e a maioria não queria.

Então eles não precisavam.

• • •

Nos Estados Unidos, todo mundo precisava pegar o que conseguisse e não soltar mais. Alguns americanos eram muito bons em pegar e não soltar mais, e agora estavam fabulosamente bem de vida. Outros não conseguiram pôr as mãos em bulhufas.

Dwayne Hoover estava fabulosamente bem de vida quando conheceu Kilgore Trout. Um sujeito sussurrou exatamente essas palavras para um amigo certa manhã, quando Dwayne passou por ele: “Fabulosamente bem de vida.”

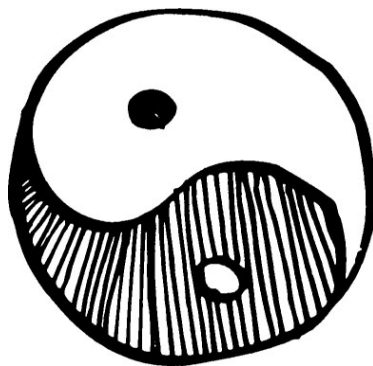
E eis o quanto do planeta Kilgore Trout possuía nessa época: bulhufas.

Kilgore Trout e Dwayne Hoover se conheceram na cidade natal de Dwayne, Midland, durante um Festival de Artes no outono de 1972.

Como já foi dito anteriormente: Dwayne era um vendedor de Pontiacs. À beira da loucura.

A insanidade incipiente de Dwayne era, em sua maior parte, uma questão química, é claro. O corpo de Dwayne Hoover estava produzindo certas substâncias que desequilibravam sua mente. Mas Dwayne, assim como todo aprendiz de lunático, também precisava de algumas ideias erradas para que sua loucura tomasse forma e direção.

Ideias erradas e substâncias químicas erradas são o *yin-yang* da loucura. *Yin-yang* é o símbolo chinês de harmonia. Eis o seu formato:



As ideias erradas chegaram a Dwayne por Kilgore Trout. Trout considerava a si mesmo não apenas inofensivo, mas invisível também. O mundo até ali lhe prestara tão pouca atenção que ele acreditava estar morto.

Ele *torcia* para estar morto.

Mas o seu encontro com Dwayne revelou que estava vivo o suficiente para dar a outro ser humano ideias capazes de transformá-lo em um monstro.

Eis a essência das ideias erradas que Trout incutiu em Dwayne: todas as pessoas na Terra eram robôs, exceto uma — Dwayne Hoover.

De todas as criaturas no universo, Dwayne era o único que pensava, sentia, se preocupava, fazia planos e assim por diante. Nenhuma outra pessoa sabia o que era dor. Nenhuma outra pessoa tinha escolhas a fazer. Todas as outras pessoas eram máquinas completamente automatizadas, cujo propósito era

estimular Dwayne. Dwayne era um novo tipo de criatura que estava sendo testada pelo Criador do Universo.

Somente Dwayne Hoover possuía livre-arbítrio.

• • •

Trout não esperava que acreditassem nele. Colocou suas ideias erradas num romance de ficção científica, e foi lá que Dwayne as encontrou. O livro não tinha sido escrito apenas para Dwayne. Trout nunca tinha ouvido falar em Dwayne quando o escreveu. O livro tinha sido escrito para qualquer um que viesse a abri-lo. Na verdade, ele dizia simplesmente a qualquer um: “Ei, escuta só: você é a única criatura que possui livre-arbítrio. Como você se sente em relação a isso?” E assim por diante.

Aquilo era um *tour de force*. Uma obra-prima.

Mas, para Dwayne, foi um veneno intelectual.

• • •

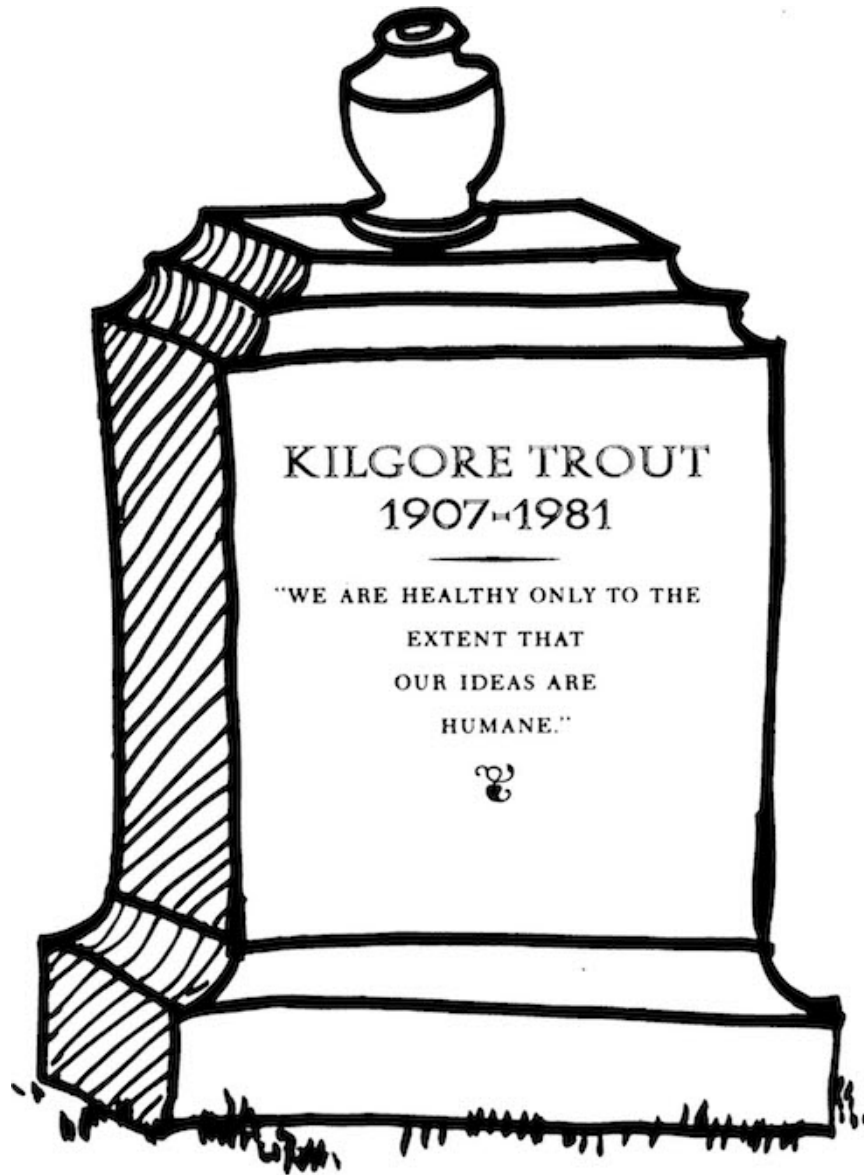
Trout ficou abalado quando percebeu que até mesmo ele poderia trazer o mal para este mundo — na forma de ideias erradas. E, depois que Dwayne foi jogado em camisa de força num hospício, Trout ficou obcecado com o papel das ideias na causa e também na cura de doenças. Mas ninguém lhe dava ouvidos. Ele era um velho sujo no meio do mato, gritando em meio às árvores e arbustos:

— As ideias, ou a falta delas, podem causar doenças!

• • •

Kilgore Trout se tornou um pioneiro na área da saúde mental. Divulgou suas teorias disfarçadas de ficção científica. Ele morreu em 1981, quase 20 anos após ter deixado Dwayne Hoover muito doente.

Quando morreu, ele já era reconhecido como um grande artista e cientista. A Academia Americana de Artes e Ciências mandou erguer um monumento sobre as suas cinzas. Numa das superfícies foi entalhada uma citação do seu último romance, seu 209º livro, deixado inacabado antes de sua morte. O monumento era mais ou menos assim:



Kilgore Trout  
1907-1981

"Somos saudáveis somente na medida em que nossas ideias são humanas."

Dwayne era viúvo. Passava suas noites sozinho em uma casa maravilhosa em Fairchild Heights, a área residencial mais cobiçada da cidade. Todas as casas ali tinham custado, pelo menos, 100 mil dólares. Todas estavam em cima de um terreno de, pelo menos, 4 acres de terra.

A única companhia que Dwayne tinha à noite era a de um labrador chamado *Sparky*. Sparky não conseguia abanar o rabo, sequela de um acidente de carro muitos anos atrás, de modo que não tinha como demonstrar aos outros cães o quanto era amistoso. Sendo assim, tinha que brigar o tempo todo. Suas orelhas estavam em frangalhos. Seu corpo estava coberto de cicatrizes.

• • •

Dwayne tinha uma empregada negra chamada Lottie Davis. Ela limpava sua casa todos os dias. Depois, fazia e servia o jantar. Só depois ia para casa. Lottie era descendente de escravos.

Lottie Davis e Dwayne não conversavam muito, embora gostassem muito um do outro. Dwayne dedicava a maior parte de suas palavras ao cão. Ele se deitava no chão, rolava junto com Sparky, e dizia coisas do tipo “Você e eu, Spark”, “Como vai, meu amigão?”, e assim por diante.

Como essa rotina seguiu inalterada mesmo quando Dwayne começou a ficar louco, Lottie nunca percebeu nada de estranho.

• • •

Kilgore Trout tinha um periquito chamado Bill. Assim como Dwayne Hoover, Trout passava suas noites sozinho, exceto pela companhia do passarinho, com quem ele também conversava.

Mas enquanto Dwayne balbuciava sobre o amor para o labrador, Trout resmungava e fazia comentários sarcásticos sobre o fim do mundo para o periquito.

— Pode ser a qualquer momento — dizia ele. — Já passou da hora, até.  
Trout tinha a teoria de que a atmosfera logo se tornaria irrespirável.

Ele supunha que, quando o ar se tornasse venenoso, Bill sucumbiria alguns minutos antes dele. E então brincava com Bill a respeito disso: “Como é que vai essa respiração aí, hein, Bill?”; ou, “Parece que alguém aí está com um pouquinho de enfisema, hein, Bill?”; ou ainda “A gente nunca falou sobre que tipo de funeral você vai querer, Bill. Você nem me disse qual é a sua religião.” E assim por diante.

Ele falava para Bill que a humanidade merecia uma morte horrível, pois havia se comportado de forma muito cruel e negligente com um planeta muito encantador.

— Somos todos Heliogábalo, Bill — dizia ele.

Esse era o nome do imperador romano que havia mandado esculpir um touro de ferro oco em tamanho real com uma abertura. A abertura podia ser trancada pelo lado de fora. A boca do touro ficava aberta, e esse era o único outro canal para o exterior.

Heliogábalo mandava colocar um ser humano dentro do touro através da abertura, e depois a trancava. Qualquer som que o ser humano fizesse lá dentro sairia pela boca do touro. Heliogábalo convidava pessoas para uma bela festa, cheia de comida, vinho, belas mulheres e belos rapazes, e então mandava um servo pôr fogo em alguns gravetos. Estes gravetos ficavam embaixo de uma pilha de lenha que ficava embaixo do touro.

• • •

Trout fazia outra coisa que certas pessoas talvez considerassem excêntrica: ele chamava os espelhos de *vasos*. Ele gostava de fingir que os espelhos eram passagens entre dois universos.

Se visse uma criança perto de um espelho, ele apontaria o dedo de forma ameaçadora e diria com grande solenidade: “Não chegue muito perto daquele vaso. Você não vai querer parar num outro universo, vai?”

De vez em quando, alguém dizia em sua presença: “Com licença, eu preciso usar o vaso.” Essa era uma das maneiras que a pessoa que falava tinha para dizer que pretendia eliminar dejetos líquidos do seu corpo através de uma válvula localizada na parte inferior do abdômen.

Então Trout dizia, de maneira cômica: “De onde eu venho, isso quer dizer que você está prestes a usar um espelho.”

E assim por diante.

Quando Trout morreu, é claro, todo mundo chamava os espelhos de vasos. Isso mostra o quanto até mesmo suas piadas haviam se tornado respeitadas.

• • •

Em 1972, Trout morava num apartamento no subsolo em Cohoes, Nova York. Ele ganhava a vida instalando janelas de alumínio com venezianas antitempestade. Ele não se envolvia com a parte de vendas, não tinha *charme* algum. Charme era uma técnica para fazer com que estranhos gostassem de uma pessoa e confiassem nela imediatamente, não importando o que o charmoso tivesse em mente.

• • •

Dwayne Hoover era charmoso para caramba.

• • •

Eu posso ser charmoso para caramba quando eu quero.

• • •

Muita gente é charmosa para caramba.

• • •

O chefe e os colegas de Trout não faziam ideia de que ele era um escritor. Na verdade, nenhum editor de respeito tinha ouvido falar dele, muito embora ele já tivesse escrito 117 romances e 2 mil contos quando se encontrou com Dwayne.

Ele não usava papel-carbono para fazer cópias das coisas que escrevia. Enviava seus manuscritos pelo correio sem incluir um envelope autoendereçado para que pudessem ser remetidos de volta em segurança. Às vezes ele sequer incluía um endereço de retorno. Ele pegava os nomes e os endereços dos editores de publicações voltadas ao mercado editorial, que ele lia avidamente na sala de periódicos das bibliotecas públicas. Foi assim que entrou em contato com uma empresa chamada World Classics Library, que publicava pornografia *hardcore* em Los Angeles, Califórnia. Eles usavam seus contos, que normalmente sequer tinham personagens mulheres, para preencher as páginas de livros e revistas cheios de imagens indecentes.

Eles nunca o avisaram onde ou quando ele encontraria seus textos publicados. E eis o que eles lhe pagaram: bulhufas.

• • •



Eles nem sequer lhe enviavam exemplares de cortesia dos livros e revistas nos quais ele aparecia, de modo que ele precisava procurá-los em livrarias eróticas. E os títulos que ele dava às suas histórias geralmente eram modificados. “Subgerente pangaláctico”, por exemplo, virou “Boca louca.”

O que mais chocava Trout, todavia, eram as ilustrações que os editores escolhiam, que não tinham nada a ver com as histórias. Ele escreveu um romance, por exemplo, sobre um terráqueo chamado Delmore Skag, um homem solteiro que morava num bairro em que todas as outras pessoas tinham famílias enormes. Skag era cientista, então inventou uma maneira de se reproduzir usando canja de galinha. Ele extraía células vivas da palma de sua mão direita, misturava com a sopa, e a banhava com raios cósmicos. As células se transformavam em bebês idênticos a Delmore Skag.

Em pouco tempo, estava produzindo vários bebês por dia, e convidando seus vizinhos para compartilhar de tal orgulho e alegria. Ele fazia batizados em massa de centenas de bebês ao mesmo tempo. Ele se tornou um notório homem de família.

E assim por diante.

• • •

Skag queria obrigar seu país a fazer leis que impedissem famílias excessivamente grandes, mas as legislaturas e os tribunais se recusavam a encarar o problema. Aprovaram leis severas em proibição à posse de canja de galinha por pessoas solteiras.

E assim por diante.

Como ilustrações para esse livro, foram usadas fotografias escuras de diversas mulheres brancas fazendo boquetes no mesmo homem negro que, por algum motivo, usava um sombrero mexicano.

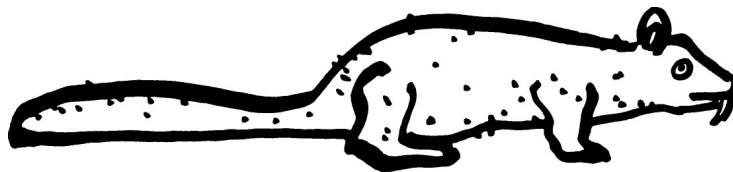
Quando se encontrou com Dwayne Hoover, o livro mais conhecido de Trout era *Praga sobre rodas*. O editor não trocou o título, mas obliterou a maior parte dele e também o nome de Trout com uma faixa exagerada que fazia a seguinte promessa:

# WIDE-OPEN BEAVERS INSIDE!

Fotos de castores arreganhados!

Um castor arreganhado era uma fotografia de uma mulher sem calcinhas, com suas pernas escancaradas, de modo que sua vagina pudesse ser vista. A expressão começou a ser usada por fotojornalistas que conseguiam, com frequência, ver por baixo das saias de mulheres em ocasiões como acidentes e eventos esportivos, ou debaixo de escadarias de saídas de incêndio, e assim por diante. Eles precisaram criar algum tipo de código para avisar policiais e bombeiros camaradas, outros jornalistas e assim por diante, caso eles também quisessem ver aquilo. A palavra era a seguinte: “Castor!”

Um castor é, na verdade, um grande roedor. Como ele adora a água, constrói represas. Ele é mais ou menos assim:



O tipo de castor que tanto excitava os fotojornalistas é mais ou menos assim:



Era daí que vinham os bebês.

• • •

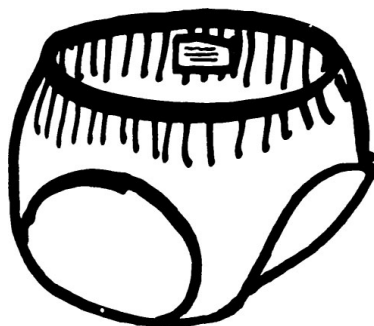
Quando Dwayne era criança, quando Kilgore Trout era criança, quando eu era criança, mesmo quando todos nos tornamos homens de meia-idade e envelhecemos mais, fazia parte do trabalho da polícia e dos tribunais proibir que representações de tais aberturas ordinárias fossem examinadas e discutidas por pessoas que não estivessem envolvidas na prática da medicina. De alguma forma, decidiu-se que castores arreganhados, que eram dez mil vezes mais comuns do que castores de verdade, deveriam ser o segredo mais bem protegido pelas nossas leis.

Assim, começou um frenesi pelos castores arreganhados. E também um frenesi por causa de um metal maleável e frágil, um elemento que havia, de alguma forma, sido eleito o mais desejado de todos, que era o ouro.

• • •

E a loucura pelos castores arreganhados se estendia às calcinhas quando Dwayne e Trout e eu éramos crianças. As meninas tentavam esconder a calcinha a todo custo, e os meninos tentavam ver suas calcinhas a todo custo.

Calcinhas eram assim:



Uma das primeiras coisas que Dwayne aprendeu no colégio, quando era bem pequeno, foi, na verdade, um poema que ele deveria supostamente gritar caso avistasse sem querer a calcinha de alguma menina no parquinho. Era assim:

*Eu vejo a Inglaterra  
Eu vejo a China  
Eu vejo a calcinha  
De uma menina!*

Quando Kilgore Trout recebeu o Prêmio Nobel de Medicina em 1979, ele declarou:

— Algumas pessoas dizem que o progresso é algo que não existe. O fato de os seres humanos serem, agora, os únicos animais que restaram na Terra, confesso, me parece um tipo de vitória muito controverso. Aqueles entre vocês que conhecem os meus primeiros trabalhos publicados entenderão por que eu lamentei especialmente a morte do último castor.

“Havia dois monstros neste planeta junto conosco quando eu era criança, e hoje eu celebro a sua extinção. Eles estavam determinados a nos matar ou, pelo menos, a tirar o sentido de nossas vidas. Chegaram muito perto de conseguir. Foram adversários implacáveis, coisa que meus amiguinhos, os castores, nunca foram. Leões? Não. Tigres? Não. Leões e tigres passavam a maior parte do tempo dormindo. Os monstros cujos nomes citarei não dormiam jamais. Habitavam nossas cabeças. Eram os desejos arbitrários por ouro e, que Deus nos perdoe, pelo vislumbre da calcinha de uma menina.

“Eu agradeço por esses desejos serem tão ridículos, uma vez que eles nos ensinaram que era possível que um ser humano acreditasse em qualquer coisa e mantivesse essa crença — *qualquer* crença — com fervor.

“Sendo assim, agora podemos construir uma sociedade altruísta, devotando ao nosso altruísmo o mesmo fervor que um dia nós devotamos ao ouro e às calcinhas.”

Ele fez uma pausa e, em seguida, recitou, com grande pesar, o começo de um poema que tinha aprendido a gritar nas Ilhas Bermudas, quando era

garotinho. O poema teve um impacto ainda maior, uma vez que mencionava duas nações que não existiam mais.

— Eu vejo a Inglaterra. Eu vejo a China...

• • •

Na verdade, o valor das calcinhas já havia caído drasticamente quando ocorreu o encontro histórico entre Dwayne Hoover e Trout. Já o do ouro, continuava a subir.

Fotos de calcinhas não valiam o preço do papel em que haviam sido impressas, e até mesmo filmes coloridos de alta definição contendo castores arreganhados sofriam para encontrar um mercado.

Houve uma época em que um exemplar do livro mais popular de Trout até hoje, *Praga sobre rodas*, chegou a custar até 12 dólares, por causa das ilustrações. Agora ele estava sendo oferecido por 1 dólar, e as pessoas que chegavam a pagar por ele não o faziam pelas fotos. Elas pagavam pelas palavras.

• • •

As palavras no livro, por sinal, falavam sobre a vida em *Lingo-Três*, um planeta que estava morrendo, e cujos habitantes se pareciam com automóveis americanos. Eles possuíam rodas. Eram criaturas movidas por motores de combustão interna. Alimentavam-se de combustíveis fósseis. Mas não eram produzidos: se reproduziam. Botavam ovos contendo bebês automóveis, e esses bebês se desenvolviam dentro de poças de óleo drenadas dos cárteres dos adultos.

Lingo-Três era visitado por viajantes espaciais, que, ao desembarcar, descobriam que as criaturas ali estavam sendo extintas pelo seguinte motivo: elas haviam devastado os recursos naturais do próprio planeta, incluindo sua atmosfera.

Os viajantes espaciais não tinham muito a oferecer em termos de assistência material. As criaturas automobilísticas queriam um pouco de oxigênio, e que os visitantes levassem, pelo menos, um de seus ovos para outro planeta, onde talvez ele chocasse, dando início a uma nova civilização automobilística. Mas o menor dos ovos pesava mais de 20 quilos, e os visitantes espaciais em si tinham apenas 2,5 centímetros de altura. Sua espaçonave não chegava nem ao tamanho de uma caixa de sapato de um terráqueo. Eles vinham de Zeltoldimar.

O porta-voz dos zeltoldimarianos era Kago. Kago disse que o máximo que poderia fazer era contar para o resto do universo o quanto aquelas

criaturas automobilísticas eram maravilhosas. Eis o que ele disse àqueles calhambeques enferrujados que estavam ficando sem combustível:

— Vocês desaparecerão, mas jamais serão esquecidos.

A ilustração feita para essa parte da história mostrava duas garotas chinesas, aparentemente gêmeas idênticas, sentadas num sofá, com suas pernas bem abertas.

• • •

Então, Kago e sua corajosa tripulação de zeltoldimarianos, inteiramente composta de homossexuais, singraram o universo, mantendo viva a memória das criaturas automobilísticas. O último lugar que visitaram foi o planeta Terra. Na mais completa inocência, Kago falou aos terráqueos sobre os automóveis. Kago não sabia que os seres humanos podiam se contaminar facilmente por uma simples ideia, da mesma forma que pela cólera ou pela peste bubônica. Na Terra, não havia imunidade a ideias malucas.

• • •

E este, segundo Trout, era o motivo pelo qual os seres humanos eram incapazes de rejeitar uma ideia só por ela ser ruim:

— Na Terra, as ideias são como símbolos de amizade ou inimizade. O conteúdo não importa. Amigos concordam entre si para expressar sua amizade. Inimigos discordam entre si para expressar sua inimizade.

As ideias que os terráqueos defendiam não fizeram a menor diferença durante centenas de milhares de anos, pois de uma forma ou de outra, não se podia fazer muita coisa a respeito delas. Ideias, assim como qualquer outra coisa, funcionavam como símbolos.

“Eles tinham até um ditado sobre a futilidade das ideias: ‘Se desejos fossem cavalos, os mendigos seriam cavaleiros.’

“Então, os terráqueos descobriram as ferramentas. De repente, concordar com seus amigos poderia ser como uma forma de suicídio ou de coisa até pior. Mas, mesmo assim, as pessoas seguiram concordando, não por uma questão de bom senso, decência ou autopreservação, mas por amizade.

“Os terráqueos seguiram sendo amigáveis, quando, em vez disso, deveriam ter começado a pensar. E mesmo os computadores, criados para pensar por eles, foram projetados mais por uma questão de amizade do que de sabedoria. E foi assim que os terráqueos selaram seus destinos. Mendigos homicidas se tornaram cavaleiros.”

De acordo com o livro de Trout, um século após a chegada do pequeno Kago à Terra, todas as formas de vida naquela bola azul-esverdeada que um dia havia sido fértil, pacata e úmida, ou estavam morrendo ou estavam mortas. As carcaças dos grandes besouros que os homens haviam construído e adorado estavam por toda parte. Eram os automóveis. Foram eles que acabaram com tudo.

Até o pequeno Kago morreu muito antes do planeta. Ele estava tentando fazer um discurso sobre os malefícios dos automóveis num bar em Detroit, mas Kago era tão minúsculo que ninguém prestava atenção nele. Então, quando se deitou para descansar por um instante, um operário bêbado da indústria automobilística o confundiu com um fósforo. Matou Kago tentando acendê-lo repetidas vezes na parte de baixo do balcão do bar.

• • •

Até 1972, Trout havia recebido apenas uma carta de fã. Era de um milionário excêntrico que havia contratado um detetive particular para descobrir quem era o autor e onde ele estava. Trout era tão invisível que a busca custou ao homem 18 mil dólares.

A carta do fã chegou até o seu subsolo em Cohoes. Tinha sido escrita à mão, e Trout concluiu que o seu remetente deveria ter uns 14 anos de idade, mais ou menos. A carta dizia que *Praga sobre rodas* era o maior romance já escrito em língua inglesa, e que Trout deveria ser presidente dos Estados Unidos.

Trout comentou sobre o assunto com o periquito.

— As coisas estão melhorando, Bill — disse ele. — Eu sempre soube que isso ia acontecer. Escuta só isso aqui.

E então leu a carta. Não havia qualquer menção ali de que o autor, cujo nome era Eliot Rosewater, fosse um adulto, nem que fosse fabulosamente bem de vida.

• • •

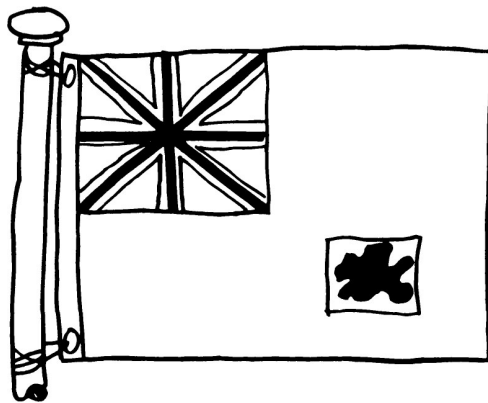
Kilgore Trout, por sinal, jamais poderia se tornar presidente dos Estados Unidos sem que houvesse antes uma emenda constitucional. Ele não havia nascido naquele país. Era natural das Ilhas Bermudas. Apesar de seu pai, Leo Trout, ainda ser cidadão americano, ele trabalhou lá durante muitos anos para a Sociedade Ornitológica Real — protegendo o único local do mundo em que as águias-marinhas das Bermudas faziam seus ninhos. Essas grandes aves acabaram sendo extintas, apesar de todos os esforços feitos.

• • •

Quando criança, Trout havia testemunhado a morte destas águias, uma a uma. Seu pai o incumbiu da melancólica tarefa de medir a envergadura das asas dos cadáveres. Aquelas foram as maiores criaturas capazes de voar por conta própria em todo o planeta. E o último cadáver tinha a maior envergadura de todas, que era de 58 centímetros.

Depois que todas as águias-marinhas morreram, descobriu-se o que as havia matado: um fungo, que atacava seus olhos e cérebros. Os homens haviam transportado esse fungo até os ninhos, sob a inocente forma de frieiras.

A bandeira da ilha nativa de Kilgore Trout era assim:



• • •

Assim, Kilgore Trout havia tido uma infância deprimente, apesar de todo aquele sol e ar puro. O pessimismo que o assolou em sua vida adulta, que destruiu seus três casamentos e que fez seu filho, Leo, sair de casa aos 14 anos de idade, muito provavelmente tinha origem na lembrança agri-doce dos cadáveres pútridos das águias-marinhas.

• • •



A mensagem do fã chegou tarde demais. Não era uma boa notícia. Foi percebida por Kilgore Trout como uma invasão de privacidade. Em sua carta, Rosewater prometia que tornaria Trout famoso. Eis o que Trout disse a esse respeito, tendo somente o seu periquito como ouvinte:

— Fique longe da porra do meu saco para cadáver.

Um saco para cadáver era uma enorme embalagem de plástico usada para se colocar um soldado americano recém-morto. Era uma nova invenção.

• • •

Eu não sei quem inventou o saco para cadáver. Eu sei quem inventou Kilgore Trout. Fui eu.

Eu o criei com os dentes tortos. Eu dei cabelos a ele, mas eu os fiz ficarem brancos. Eu não permiti que ele os penteasse ou que fosse ao barbeiro. Eu fiz com que ele os deixasse crescer, bem compridos e emaranhados.

Eu dei a ele as mesmas pernas que o Criador do Universo deu ao meu pai quando meu pai era um velho patético. Elas eram brancas e finas como um cabo de vassoura. Elas não tinham pelos. Elas estavam completamente empelotadas de varizes.

E, dois meses após Trout receber sua primeira carta de fã, eu o fiz encontrar na sua caixa de correio um convite para ser um dos palestrantes num festival de artes no Meio-Oeste americano.

• • •

A carta era do diretor do festival, Fred T. Barry. O homem tinha grande respeito, quase uma reverência, por Kilgore Trout. Implorou para que Trout fosse um dos distintos participantes de fora da cidade convidados ao festival, que duraria cinco dias. Eles celebrariam a inauguração do Centro Memorial de Artes Mildred Barry da cidade de Midland.

A carta não dizia, mas Mildred Barry era a falecida mãe do diretor, o homem mais rico da cidade de Midland. Fred T. Barry tinha financiado a construção do novo Centro de Artes, uma esfera translúcida equilibrada em pernas de pau. Não tinha janelas. Quando iluminado à noite, parecia uma lua cheia nascendo.

Fred T. Barry, por sinal, tinha a mesma idade de Trout. Eles haviam nascido no mesmo dia. Mas, certamente, não tinham nada em comum. Fred T. Barry sequer se parecia com um homem branco, muito embora tivesse ascendência puramente inglesa. Com o tempo, foi ficando mais desgastado, mais feliz e mais calvo, e acabou igual a um entusiasmado velhinho chinês careca.

Ele era tão parecido com um chinês que começou a se vestir como tal. Era comum que chineses de verdade o confundissem com um chinês de

verdade.

• • •

Fred T. Barry confessou em sua carta que nunca havia lido as obras de Kilgore Trout, mas que faria isso com prazer até o início do festival.

— Você foi muito bem recomendado por Eliot Rosewater — disse ele. — Ele me garantiu que você talvez seja o maior romancista americano vivo. Não existe elogio melhor do que esse.

Preso junto à carta por um clipe, havia um cheque de mil dólares. Fred T. Barry explicou que o dinheiro servia para cobrir as despesas de viagem, e também como um cachê.

Era uma quantia enorme. Num piscar de olhos, Trout estava fabulosamente bem de vida.

• • •

Eis como Trout acabou sendo convidado: Fred T. Barry queria ter uma pintura a óleo incrivelmente valiosa como atração principal do Festival de Artes de Midland. Mas, por mais rico que fosse, ele não era capaz de bancar isso, de modo que saiu à procura de uma pintura que pudesse pegar emprestada.

A primeira pessoa com quem falou foi Eliot Rosewater, que possuía um El Greco avaliado em 3 milhões de dólares, ou mais. Rosewater disse que cederia o quadro para o festival com uma condição: a organização deveria convidar como palestrante o maior escritor vivo da língua inglesa, Kilgore Trout.

Trout achou graça daquele convite tão lisonjeiro, mas depois ficou com medo. Mais uma vez, um estranho estava interferindo na privacidade do seu saco para cadáver. Exausto e revirando os olhos, ele fez a seguinte pergunta ao seu periquito:

— Por que esse interesse repentino em Kilgore Trout? — Então, leu a carta mais uma vez. — Eles não querem simplesmente o Kilgore Trout. Eles querem um Kilgore Trout usando *smoking*, Bill. Tem alguma coisa errada.

Ele deu de ombros.

— Talvez tenham me convidado porque sabiam que eu tinha um *smoking* — disse.

E ele tinha mesmo um *smoking*. Ficava dentro de um baú que ele arrastava de um lado para o outro havia mais de quarenta anos. Continha brinquedos da infância, os ossos de uma águia-marinha das Bermudas, e muitas outras curiosidades, incluindo o *smoking* que ele havia usado num baile antes da sua formatura no Colégio de Ensino Médio Thomas Jefferson, em Dayton, Ohio,

em 1924. Trout havia nascido nas Bermudas e cursado o Ensino Básico lá. Mas depois sua família se mudou para Dayton.

Seu colégio de Ensino Médio tinha sido batizado com o nome de um senhor de escravos que também havia sido um dos maiores teóricos do mundo no campo da liberdade humana.

• • •

Trout tirou seu *smoking* de dentro do baú e o vestiu. Era muito parecido com o que eu tinha visto meu pai usando quando ele já estava muito, muito velho. Tinha uma pátina esverdeada de mofo. Em algumas partes, esse mofo lembrava uma delicada pelagem de coelho.

— Vai servir direitinho para a noite — disse Trout. — Mas me diga uma coisa, Bill: o que é que se usa na cidade de Midland em pleno outubro antes de o sol se pôr? — Ele puxou as pernas de suas calças, deixando expostas as canelas grotescamente ornamentadas. — Bermudas e meia soquete, certo, Bill? Afinal de contas, eu *sou* das Bermudas.

Ele passou um pano úmido no seu *smoking*, e os fungos saíram com facilidade.

— Odeio fazer isso, Bill — disse ele sobre o fungo que estava assassinando. — Os fungos têm tanto direito de viver quanto eu. Eles sabem o que querem, Bill. *Eu* mesmo não sei mais o que eu quero.

Então ele ficou pensando no que Bill talvez quisesse. Foi fácil de adivinhar.

— Bill, eu gosto muito de você, e eu sou tão importante nesse Universo que vou realizar seus três maiores desejos.

Ele abriu a porta da gaiola, uma coisa que Bill não seria capaz de fazer nem em mil anos.

Bill saiu voando até o peitoril de uma janela. E então encostou seu ombrinho no vidro. Havia apenas uma camada de vidro entre Bill e o grande mundo lá fora. Apesar de Trout trabalhar no ramo das janelas antitempestade, não tinha janelas desse tipo instaladas em sua residência.

— Seu segundo desejo está prestes a se realizar — disse Trout, fazendo, mais uma vez, algo que Bill jamais poderia.

Ele abriu a janela. Mas esse evento foi tão perturbador para o periquito que ele voou de volta até a sua gaiola e entrou.

Trout fechou a porta da gaiola e voltou a trancá-la.

— Esse foi o uso mais inteligente de três desejos que eu já vi — disse ele ao pássaro. — Você deu um jeito de ainda manter alguma coisa que valha a pena desejar, que é sair dessa gaiola.

• • •

Trout estabeleceu a conexão entre a carta do fã solitário e o convite, mas não conseguia acreditar que Eliot Rosewater era um adulto. Afinal, a caligrafia dele era assim:

*You ought to  
be President  
of the United  
States!*

Você deveria ser presidente dos Estados Unidos!

— Bill — disse Trout, de forma hesitante —, um garoto chamado Rosewater me arrumou um trabalho. Os pais dele devem ser amigos do diretor do Festival de Artes, e acho que não devem saber coisa nenhuma sobre livros lá para aqueles lados. Porque, quando o garoto disse que eu era bom, eles acreditaram.

Trout balançou a cabeça.

— Eu não vou, Bill. Eu não quero sair da minha gaiola. Eu sou esperto demais para isso. Mesmo se eu quisesse sair, eu não iria até Midland para as pessoas rirem de mim, nem do meu único fã.

•••

Então deixou as coisas assim. Mas ele relia o convite de tempos em tempos, tanto que acabou decorando. Até que um dia uma das mensagens subliminares contidas naquela carta ficou evidente para ele. Estava no cabeçalho, que trazia a figura de duas máscaras que representavam a comédia e a tragédia.

Uma das máscaras era assim:



A outra era assim:



— Eles não querem nada além de pessoas felizes por lá — disse Trout ao seu periquito. — Fracassados deprimidos não se encaixariam.

Mas sua mente não deixou a coisa ficar por isso mesmo. Trout teve uma ideia que lhe pareceu muito apetitosa:

Mas talvez um fracassado deprimido seja exatamente o que eles *precisam* ver.

Depois disso, ficou muito empolgado.

— Bill, Bill... Escuta, eu vou sair da gaiola, mas eu vou voltar. Eu vou lá fora mostrar para eles uma coisa que ninguém jamais viu num festival de artes: um representante dos milhares de artistas que dedicam suas vidas inteiras à busca da verdade e da beleza e não encontram bulhufas.

• • •

Trout aceitou o convite no fim das contas. Dois dias antes do começo do festival, ele deixou Bill aos cuidados da sua senhoria, que morava no andar de cima, e pegou carona até a cidade de Nova York — prendeu 500 dólares com um alfinete por dentro da cueca; o restante do dinheiro ele havia depositado no banco.

Ele foi primeiro a Nova York. Esperava encontrar alguns de seus livros nas livrarias eróticas de lá — não tinha nenhum exemplar em casa. Ele os odiava, mas queria lê-los em voz alta para as pessoas em Midland para mostrar como uma tragédia também podia ser ridícula.

Ele planejava contar a quem estivesse presente lá o que queria que fosse inscrito em sua lápide.  
Era o seguinte:



Alguém  
De uma data a outra data  
Ele tentou

Enquanto isso, Dwayne ia ficando mais louco a cada dia. Ele viu onze luas no céu sobre o novo Centro Memorial de Artes Mildred Barry certa noite. Na manhã seguinte, viu um pato enorme controlando o tráfego no cruzamento da avenida Arsenal com a estrada Old County. Ele não contou para mais ninguém a respeito. Manteve em segredo.

Mas as substâncias químicas erradas na sua cabeça estavam de saco cheio de segredos. Já não ficavam mais satisfeitas em apenas fazê-lo sentir-se estranho ou enxergar coisas estapafúrdias. Elas queriam que ele fizesse coisas estranhas e estapafúrdias, e bastante barulho também.

Elas queriam que Dwayne Hoover tivesse *orgulho* de sua doença.

• • •

Mais tarde, as pessoas se diriam furiosas consigo mesmas por não terem percebido os sinais de alerta no comportamento de Dwayne, por terem ignorado seus óbvios pedidos de ajuda. Depois que Dwayne teve um acesso de fúria, o jornal local publicou um editorial profundamente condescendente sobre o assunto, rogando às pessoas para que ficassem atentas aos sinais de alerta. Seu título era o seguinte:

#### UM PEDIDO DE AJUDA

Mas Dwayne não costumava ser assim tão esquisito antes de conhecer Kilgore Trout. Seu comportamento em público estava perfeitamente dentro dos limites do aceitável no que diz respeito às atitudes, crenças e conversas na cidade de Midland. A pessoa mais próxima dele, Francine Pefko, sua secretária e amante branca, disse que Dwayne parecia estar ficando cada vez mais feliz no mês anterior ao que ele se revelou ser um maníaco.

— Foi o que pensei — disse ela ao repórter de um jornal, do seu leito de hospital. — Ele finalmente está conseguindo superar o suicídio da esposa.

• • •

Francine trabalhava no principal endereço comercial de Dwayne, que era o Recanto dos Pontiacs da saída onze de Dwayne Hoover, bem no acesso à interestadual, ao lado do novo Holiday Inn.

Eis o que fez Francine concluir que ele estava ficando mais feliz: Dwayne começou a cantar músicas que haviam sido populares durante a sua juventude, como “The Old Lamp Lighter”, “Tippy-Tippy-Tin”, “Hold Tight”, “Blue Moon” e assim por diante. Dwayne, que nunca havia cantado antes, agora cantava a plenos pulmões quando se sentava à mesa, quando levava um cliente para dar uma volta em um dos carros do mostruário, quando assistia a um mecânico consertar um carro. Um dia ele atravessou o saguão do novo Holiday Inn cantando bem alto, sorrindo e gesticulando para as pessoas como se fosse um cantor contratado para entretê-los. Mas ninguém pensou que aquilo fosse, necessariamente, um sinal de transtorno — até porque Dwayne era um dos proprietários do hotel.

Um ajudante de garçom negro e um garçom branco conversaram a respeito daquela cantoria.

— Escuta só ele cantando — apontou o ajudante.

— Se eu fosse dono do que ele é dono, eu também estaria cantando — respondeu o garçom.

• • •

A única pessoa que disse em voz alta que Dwayne estava ficando louco foi o gerente de vendas branco de sua concessionária de Pontiacs, Harry LeSabre. Uma semana antes de Dwayne perder as estribeiras, Harry disse a Francine Pefko:

— Aconteceu alguma coisa com o Dwayne. Ele era muito charmoso. Eu não acho ele mais tão charmoso assim.

Harry conhecia Dwayne melhor do que qualquer outro homem. Estava ao lado de Dwayne havia vinte anos. Começou a trabalhar para ele quando a concessionária ainda ficava bem na fronteira com a região crioula da cidade. Um crioulo era um ser humano negro.

— Eu o conhecia da mesma forma que um soldado conhece seu companheiro de combate — dizia Harry. — Arriscávamos nossa vida diariamente quando a concessionária era lá no fim da rua Jefferson. A gente era assaltado uma média de quatorze vezes por ano. E eu vou te dizer que esse Dwayne de hoje é um Dwayne que eu nunca tinha visto antes.

• • •

Essa parte sobre os assaltos era verdade. Foi assim que Dwayne conseguiu comprar uma concessionária de Pontiacs por tão pouco. Os brancos eram as



únicas pessoas que tinham dinheiro para comprar carros novos, exceto por uns poucos criminosos negros, que sempre preferiram Cadillacs. E os brancos, agora, tinham medo de ir a qualquer parte da rua Jefferson.

• • •

Dwayne conseguiu o dinheiro para comprar a concessionária do seguinte modo: pegando um empréstimo no Banco Nacional do Condado de Midland. Deixou como garantia suas ações de uma empresa que naquela época se chamava A Companhia de Artilharia da Cidade de Midland. Mais tarde ela se tornaria a Barrytron LTDA. Quando Dwayne adquiriu suas ações, nas profundezas da Grande Depressão, a empresa se chamava A Corporação Robô Mágico dos Estados Unidos.

O nome da empresa mudou várias vezes ao longo dos anos porque a natureza de suas atividades também foi mudando. Mas, pelos velhos tempos, a diretoria sempre se manteve fiel ao lema original, que era o seguinte:

ADEUS, SEGUNDA-FEIRA TRISTE

• • •

Escute:

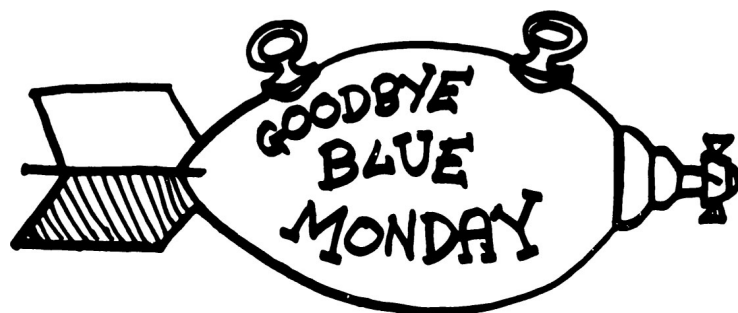
Harry LeSabre disse a Francine:

— Quando um homem esteve ao lado de outro homem em combate, ele se torna capaz de perceber a mais sutil mudança na personalidade do seu parceiro, e o Dwayne mudou. Pode perguntar a Vernon Garr.

Vernon Garr era um mecânico branco, o único outro funcionário que já trabalhava com Dwayne antes de sua concessionária se mudar para a beira da interestadual. Quando aquilo aconteceu, Vernon estava tendo problemas em casa. Sua esposa, Mary, era esquizofrênica, de modo que Vernon não percebeu se Dwayne havia mudado ou não. A esposa de Vernon acreditava que ele estava tentando converter seu cérebro em plutônio.

• • •

Harry LeSabre tinha autoridade para falar sobre combate, pois havia travado combates reais durante uma guerra. Já Dwayne nunca tivera essa experiência. Contudo, ele tinha sido um civil contratado pelo Corpo Aéreo dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Uma vez, chegou a escrever uma mensagem numa bomba de 200 quilos que seria jogada em Hamburgo, na Alemanha. Ela dizia assim:



Adeus, segunda-feira triste

...

— Harry — disse Francine. — Todo mundo tem o direito de ter um ou outro dia ruim. Dwayne teve menos dias ruins do que qualquer outra pessoa que eu conheça; então, quando isso acontece, como é o caso hoje, algumas pessoas ficam magoadas e surpresas. Mas não deveriam. Ele é um ser humano, como todos nós.

— Mas por que ele escolheu *justo a mim?* — quis saber Harry.

Ele tinha razão: Dwayne tinha escolhido justamente ele para despejar suas ofensas e insultos assombrosos naquele dia. Para todas as outras pessoas, Dwayne seguia simplesmente sendo um cara com muito charme.

Mais tarde, é claro, Dwayne acabaria atacando pessoas de todos os tipos, até mesmo três visitantes de Erie, Pensilvânia, que nunca haviam pisado na cidade de Midland até então. Mas, naquele momento, Harry era um caso isolado.

...

— Por que *eu?* — questionou Harry.

Essa era uma pergunta comum na cidade de Midland. As pessoas faziam bastante essa pergunta quando eram enfiadas dentro de ambulâncias depois de terem sofrido acidentes de diversos tipos, ou sido presas por condutas desordeiras, ou assaltadas, ou levado um soco no nariz, e assim por diante: *Por que eu?*

— Provavelmente porque ele julgou que você fosse homem o suficiente e amigo o suficiente para aguentá-lo em um dos seus raros dias ruins — disse Francine.

— Como você ia se sentir se ele falasse mal das suas roupas? — perguntou Harry.

Eis o que Dwayne tinha feito a ele: falado mal de suas roupas.

— Eu lembraria que ele é o melhor patrão da cidade — respondeu Francine.

Aquilo era verdade. Dwayne pagava ótimos salários. Ele adotava o sistema de participação nos lucros com os funcionários, e dava abono de Natal todos os anos. Foi o primeiro vendedor de carros daquela região do estado a oferecer aos funcionários o Blue Cross Blue Shield, que era um plano de saúde. O plano de aposentadoria oferecido por ele era superior a todos os planos de aposentadoria da cidade, exceto pelo da Barrytron. A porta do seu escritório estava sempre aberta para qualquer um na empresa que quisesse discutir qualquer problema, independente de esse problema estar ou não relacionado ao negócio da venda de carros.

Por exemplo, no dia em que falou mal das roupas de Harry, ele também havia passado duas horas com Vernon Garr conversando sobre as alucinações que a esposa de Vernon estava tendo.

— Ela está vendo coisas que não estão lá — comentou Vernon.

— Ela precisa descansar, Vern — aconselhou Dwayne.

— Talvez eu também esteja ficando maluco — disse Vernon. — Caramba, eu volto para casa e fico horas conversando com meu maldito cachorro.

— Então somos dois.

• • •

Eis o que aconteceu entre Harry e Dwayne que deixou Harry muito chateado:

Harry foi até o escritório de Dwayne logo depois que Vernon saiu de lá. Ele não estava esperando nenhum tipo de confusão, porque nunca tivera nenhum problema mais sério com Dwayne.

— Como vai o meu velho parceiro de combate hoje? — perguntou ele para Dwayne.

— Tudo dentro dos conformes — disse Dwayne. — Tem alguma coisa específica te incomodando?

— Não — respondeu Harry.

— A esposa do Vern acha que ele está tentando converter o cérebro dela em plutônio — comentou Dwayne.

— O que é plutônio? — disse Harry, e assim por diante.

Eles jogaram um pouco de conversa fora, e Harry inventou que estava com um problema só para manter a conversa fluindo. Ele disse que às vezes ficava triste por não ter filhos.

— Mas, por outro lado, eu também fico feliz — prosseguiu ele. — Quer dizer, por que eu deveria contribuir para a superpopulação?

Dwayne não disse mais nada.

— Talvez a gente devesse ter adotado uma criança — disse Harry —, mas agora é tarde demais. E a patroa e eu... a gente se dá muito bem só nós dois. Para que a gente precisa de uma criança?

Logo depois que Harry mencionou a adoção, Dwayne estourou. Ele próprio havia sido adotado — por um casal que se mudou da Virgínia Ocidental para Midland com o objetivo de ganhar muito dinheiro trabalhando como operários numa fábrica durante a Primeira Guerra Mundial. A verdadeira mãe de Dwayne era uma professora de colégio solteirona que escrevia poemas românticos e alegava ser descendente de Ricardo Coração de Leão, que era um rei. Seu verdadeiro pai era um tipógrafo itinerante, que havia conquistado sua mãe após imprimir seus poemas em papel. Ele não os publicou sorrateiramente num jornal nem nada do tipo. Para ela foi o suficiente vê-los impressos.

Ela era uma máquina de parir defeituosa. Ela se autodestruíu automaticamente enquanto dava à luz Dwayne. O tipógrafo desapareceu. Ele era uma máquina de desaparecer.

• • •

Pode ser que o assunto da adoção tenha desencadeado uma reação química desastrosa na cabeça de Dwayne. De qualquer forma, de repente Dwayne resmungou o seguinte para Harry:

— Harry, por que você não pede um pouco de estopa para o Vern Garr, encarca de Blue Sunoco e toca fogo na porra do seu guarda-roupa? Você está fazendo eu me sentir como se estivesse na Watson Brothers.

Watson Brothers era o nome de uma funerária para gente branca que era, no mínimo, mais ou menos bem de vida. Blue Sunoco era uma marca de gasolina.

Harry ficou em choque, e a dor se instaurou logo em seguida. Dwayne nunca havia dito nada parecido sobre as suas roupas em todos esses anos em que eles se conheciam. Suas roupas eram tradicionais e elegantes, na opinião de Harry. Suas camisas eram brancas. Suas gravatas eram pretas ou azul-marinho. Seus ternos eram cinza ou azul-escuro. Suas meias e sapatos eram pretos.

— Escuta, Harry — disse Dwayne, e ele estava de cara feia. — A Semana Havaiana está chegando, e eu estou falando muito sério: queime suas roupas e compre roupas novas, ou vá pedir emprego lá na Watson Brothers. E já aproveita para se embalsamar enquanto estiver por lá.

• • •

Harry não conseguiu fazer nada além de ficar de boca aberta. A Semana Havaiana mencionada por Dwayne era uma estratégia de vendas que envolvia decorar a concessionária para deixá-la o mais parecido possível com as ilhas do Havaí. Naquela semana, quem comprasse um carro novo ou usado, ou

fizesse um conserto num valor acima de 500 dólares, estaria automaticamente participando de um sorteio. Três sortudos ganhariam, cada um, uma viagem com todas as despesas pagas para Las Vegas, São Francisco e, por fim, para o Havaí, com direito a um acompanhante.

— Não me importo que você tenha o nome de um Buick, Harry, quando você é supostamente um vendedor de Pontiacs... — prosseguiu Dwayne, referindo-se ao fato de que a divisão de Buicks da General Motors havia lançado um modelo chamado *Le Sabre*. — Quanto a isso não há o que você possa fazer. — Dwayne deu um tapinha suave em sua mesa. De algum modo, aquilo pareceu mais ameaçador do que se ele tivesse dado um soco nela de punho fechado. — Mas tem um monte de coisas que você pode mudar, Harry. Temos um longo fim de semana pela frente. Eu espero ver mudanças significativas em você quando eu chegar aqui na terça-feira de manhã.

Aquele fim de semana seria prolongado porque segunda-feira seria feriado nacional, o Dia dos Veteranos. Era uma data em memória das pessoas que haviam servido ao país usando farda.

• • •

— Quando nós começamos a vender Pontiacs, Harry — disse Dwayne —, ele era um veículo que combinava com professoras, avós e tias solteironas. — Aquilo era verdade. — Talvez você não tenha percebido, Harry, mas, agora, dirigir um Pontiac se transformou numa aventura moderna e fascinante para pessoas que querem se divertir um pouco nessa vida! E você se veste e se comporta como se isso aqui fosse um necrotério! Dê uma olhada no espelho, Harry, e pergunte a si mesmo quem associaria um homem desses a um Pontiac?

Harry LeSabre estava muito abalado para fazer a observação de que, independente da forma como se vestia, ele era notoriamente conhecido por ser um dos gerentes de vendas de Pontiacs mais eficazes não apenas no estado, mas de todo o Meio-Oeste. O Pontiac era o carro mais vendido na região metropolitana da cidade de Midland, apesar de não ser um automóvel barato. Ele era um carro de preço médio.

• • •

Dwayne Hoover disse ao coitado do Harry LeSabre que o Festival Havaiano, que começaria após aquele fim de semana prolongado, seria a sua grande oportunidade para relaxar, se divertir um pouco, e incentivar outras pessoas a se divertir também.

— Harry — disse Dwayne —, eu tenho uma notícia para você: a ciência moderna nos deu um monte de novas cores maravilhosas, com nomes

empolgantes e estranhos como vermelho! Laranja! Verde! E cor-de-rosa, Harry! A gente não precisa mais ficar preso só no preto, cinza e branco! Não é uma boa notícia, Harry? E o governo acabou de anunciar que não é mais crime sorrir durante o horário comercial, Harry, e o governador veio pessoalmente me dar a sua palavra de que ninguém nunca mais será mandado para a Ala de Agressores Sexuais do Instituto Correcional para Adultos por contar uma piada!

• • •

Harry LeSabre poderia ter suportado tudo isso e saído com escoriações leves se, secretamente, ele não fosse travesti. Nos fins de semana, ele gostava de se vestir com roupas de mulher, e elas não eram nada discretas. Harry e sua esposa fechavam as cortinas, e ele se transformava numa ave do paraíso.

Ninguém além da mulher de Harry conhecia o seu segredo.

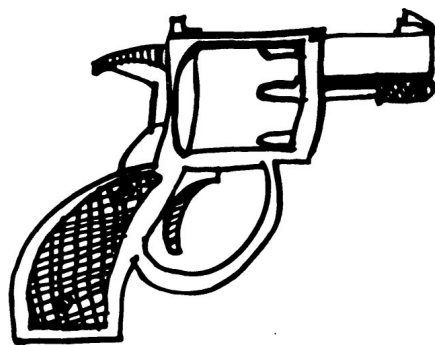
Quando Dwayne acabou com ele por conta das roupas que usava para trabalhar e depois mencionou a Ala dos Agressores Sexuais do Instituto Correcional para Adultos de Shepherdstown, Harry suspeitou que seu segredo pudesse ter sido descoberto. Porque não era simplesmente um segredo cômico. Harry poderia ser preso por suas atitudes nos finais de semana. Ele poderia ser multado em até 3 mil dólares, e sentenciado a até 5 anos de trabalhos forçados na Ala dos Agressores Sexuais do Instituto Correcional para Adultos de Shepherdstown.

• • •

Então, o pobre Harry teve um péssimo Dia dos Veteranos depois daquilo. Mas o de Dwayne foi ainda pior.

Eis como foi a última noite daquele fim de semana para Dwayne: as substâncias químicas erradas em sua cabeça o lançaram para fora da cama. Elas o fizeram se vestir como se tivesse que lidar com alguma emergência. E tudo isso no meio da madrugada. O Dia dos Veteranos tinha se encerrado às doze badaladas.

As substâncias químicas erradas de Dwayne o fizeram pegar um revólver calibre 38 carregado, que ele guardava debaixo do seu travesseiro, e enfiar na própria boca. O revólver era uma ferramenta cujo único propósito era o de fazer buracos em seres humanos. Ela se parecia com isso:



Na parte do planeta em que Dwayne vivia, qualquer um que quisesse um desses poderia encontrá-lo em uma loja de ferragens local. Todos os policiais tinham um. Assim como os bandidos. Assim como todas as pessoas entre uma coisa e a outra.

Bandidos costumavam apontar armas para as pessoas e dizer “Passa a grana”, e as pessoas geralmente obedeciam. E os policiais costumavam apontar suas armas para os bandidos e dizer “Parado”, ou o que fosse mais adequado para a situação, e os bandidos geralmente obedeciam. Às vezes, não. Às vezes uma mulher podia ficar tão brava com o marido que ela fazia um buraco nele com um revólver. Às vezes um marido ficava tão bravo com sua mulher que ele fazia um buraco nela. E assim por diante.

Na mesma semana em que Dwayne Hoover teve um acesso de fúria, um menino de 14 anos, da cidade de Midland, fez buracos na mãe e no pai porque não quis mostrar o boletim cheio de notas ruins que havia levado para casa. O advogado do menino tinha planos de alegar insanidade temporária, o que queria dizer que, na hora do tiroteio, ele era incapaz de distinguir entre o certo e o errado.

• • •

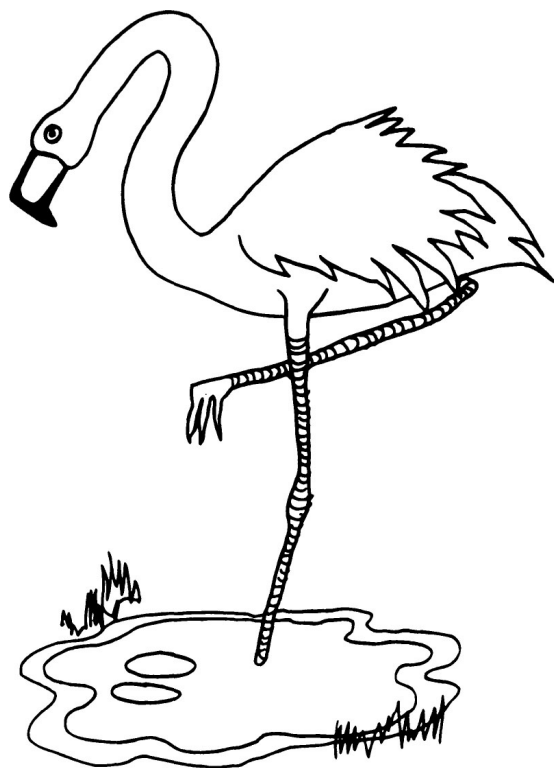
Tem gente que faz buracos em pessoas famosas para também ficar um pouco famosa. Às vezes as pessoas entram em aviões que deveriam voar para um determinado lugar e se oferecem para fazer buracos no piloto e no copiloto, a menos que eles levem o avião para algum outro lugar.

• • •

Dwayne manteve o cano do revólver dentro da boca durante algum tempo. Sentiu gosto de óleo. A arma estava carregada e engatilhada. A poucos centímetros de seu cérebro havia pequenos invólucros de metal contendo carvão, nitrato de potássio e enxofre. Ele só precisava acionar uma alavanca

para que a pólvora se convertesse em gás. O gás arremessaria através de um tubo um desses invólucros, que perfuraria o cérebro de Dwayne.

Em vez disso, Dwayne decidiu atirar em um dos seus banheiros com paredes azulejadas. Ele mandou chumbo na privada, e na pia, e no box que protegia a banheira. Havia a imagem de um flamingo jateada no vidro do box. Ela era mais ou menos assim:



Dwayne atirou no flamingo.

Resmungou alguma coisa quando mais tarde se lembrou dele. E foi isso o que ele resmungou:

— Passarinho idiota de merda.

...

Ninguém ouviu os tiros. Todas as casas na vizinhança eram muito bem isoladas, para que nenhum som jamais entrasse ou saísse. Um som que quisesse entrar ou sair da casa de sonhos de Dwayne, por exemplo, teria de atravessar 1 polegada de gesso cartonado, uma chapa de poliestireno, uma camada de papel-alumínio, um espaço vazio de 3 polegadas, outra camada de papel-alumínio, uma manta de lã de vidro de 3 polegadas, outra camada de papel-alumínio, uma placa de isolamento acústico de 1 polegada feita de serragem prensada, papel de alcatrão, uma placa de madeira de 1 polegada de



espessura, mais papel de alcatrão, e um revestimento de alumínio que era oco. Esse espaço havia sido preenchido por um milagroso material isolante que tinha sido desenvolvido para ser usado nos foguetes que iam à Lua.

• • •

Dwayne acendeu os holofotes que tinha em casa e jogou basquete numa área asfaltada que ficava ao lado de sua garagem para cinco carros.

Sparky, o cachorro de Dwayne, se escondeu no porão ao ouvir os tiros no banheiro, mas agora já tinha saído de lá. Sparky ficou vendo Dwayne jogar basquete.

— Você e eu, Sparky — disse Dwayne.

E assim por diante. Ele amava mesmo aquele cachorro.

Ninguém mais viu Dwayne jogando basquete. Ele estava escondido dos seus vizinhos pelas árvores, pelos arbustos, e por uma enorme cerca de madeira.

• • •

Ele deixou a bola de basquete de lado e embarcou num Plymouth Fury preto que havia pegado emprestado no dia anterior. O Plymouth era um produto da Chrysler, e Dwayne vendia produtos da General Motors. Ele havia decidido dirigir o Plymouth por um ou dois dias para se inteirar da concorrência.

Enquanto dava a ré para sair da garagem, achou que seria importante explicar aos vizinhos porque estava dirigindo um Plymouth Fury; então, gritou pela janela:

— É para me inteirar da concorrência!

Ele tocou a buzina.

• • •

Dwayne passou a toda pela estrada Old County e pegou a interestadual, que se encontrava vazia. Em alta velocidade, deu uma guinada brusca na saída dez, bateu numa mureta, e saiu rodopiando. Ele entrou na avenida Union de ré, passou por cima do meio-fio, e foi parar num terreno vazio. Dwayne era o dono daquele terreno.

Ninguém viu nem ouviu nada. Ninguém morava naquela região. Um policial deveria passar por ali a cada hora, mais ou menos, mas ele estava de tocaia num beco atrás de uma fábrica da Western Electric a uns 3 quilômetros dali. *Tocaia* era uma gíria que os policiais usavam para dizer que estavam dormindo em serviço.

• • •

Dwayne ficou no terreno vazio por um tempo. Ouvindo rádio. Todas as estações de Midland estavam fora do ar àquela hora, mas Dwayne conseguiu sintonizar uma estação de música country da Virgínia Ocidental, e ouviu a oferta de 10 arbustos floríferos e 5 árvores frutíferas por 6 dólares, pagamento na retirada.

— Parece uma boa — comentou Dwayne.

Ele estava sendo sincero. Quase todas as mensagens enviadas e recebidas no país, até mesmo as telepáticas, tinham alguma coisa a ver com a compra ou a venda de alguma porcaria. Para Dwayne, eram como canções de ninar.

Enquanto Dwayne Hoover escutava a programação da Virgínia Ocidental, Kilgore Trout tentava dormir numa sala de cinema na cidade de Nova York. Era muito mais barato do que passar a noite num hotel. Trout nunca tinha feito isso, mas ele sabia que dormir em salas de cinema era o tipo de coisa que velhos muito sórdidos faziam. Ele queria ser o mais sórdido de todos os velhos quando chegasse na cidade de Midland. Lá, ele deveria participar de um simpósio intitulado “O futuro do romance americano na era de McLuhan”. Nessa conferência, ele gostaria de dizer: “Eu não sei quem é McLuhan, mas sei como é passar a noite com um monte de outros velhos sórdidos numa sala de cinema na cidade de Nova York. Será que podemos falar sobre isso?”

Ele também queria dizer: “Será que esse McLuhan, quem quer que ele seja, tem alguma coisa a dizer sobre a relação entre castores arreganhados e a venda de livros?”

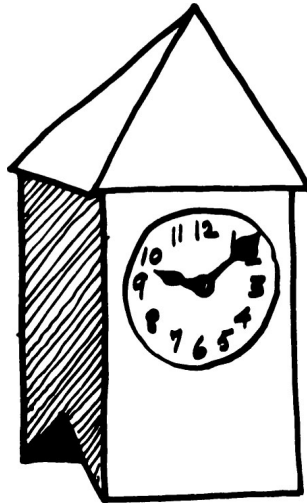
• • •

Trout tinha saído de Cohoes no final daquela tarde. Desde então, havia visitado diversas livrarias eróticas e uma loja de camisetas. Havia comprado dois de seus livros, *Praga sobre rodas* e *Agora pode ser dito*, uma revista que trazia um de seus contos, e uma camisa para usar com o *smoking*. O nome da revista era *Cinta-liga preta*. A camisa do *smoking* tinha uma cascata de pregas descendo pelo peito. Seguindo um conselho do vendedor, Trout comprou também um kit fechado composto de uma faixa para a cintura, uma flor para a lapela, e uma gravata borboleta. Todos eram cor de tangerina.

Estes artigos adquiridos estavam em seu colo, junto com uma embalagem de papel pardo toda craquelada contendo o *smoking*, seis pares de cuecas samba-canção novas, seis pares de meias novas, uma navalha e uma escova de dentes nova. Fazia anos que Trout não tinha uma escova de dentes.

• • •

As capas de *Praga sobre rodas* e *Agora pode ser dito* prometiam uma abundância de castores arreganhados em suas páginas. A imagem na capa de *Agora pode ser dito*, que era o livro que havia transformado Dwayne Hoover num maníaco homicida, mostrava um professor universitário sendo despido por um grupo de meninas nuas de uma mesma fraternidade. A torre de uma biblioteca podia ser vista através de uma janela dentro da casa da fraternidade. Lá fora era dia, e havia um relógio na torre. O relógio era assim:



O professor havia sido despido até ficar apenas com suas cuecas listradas, suas meias com ligas, e o seu chapéu, que era um chapéu parecido com isso:



Não havia absolutamente nada sobre um professor, ou sobre uma fraternidade, ou sobre uma universidade em qualquer parte do livro. O livro era uma carta do Criador do Universo para a única criatura no universo que tinha livre-arbítrio.

...

Quanto ao conto na revista *Cinta-liga preta*: Trout não fazia ideia de que ele havia sido aceito para publicação. E ele havia sido aceito anos antes, aparentemente, uma vez que a data na revista era de abril de 1962. Trout a encontrou por acaso numa pilha de revistas velhas e sem graça perto da parte da frente da loja. Eram revistas sobre roupas íntimas.

Quando ele comprou a revista, o caixa achou que Trout ou estava bêbado ou era retardado mental. Tudo o que conseguiria naquelas páginas, o caixa pensou, eram fotos de mulheres usando roupas íntimas. Suas pernas estavam abertas, tudo bem, mas elas estavam de calcinha, de modo que não eram páreo para os castores arreganhados à venda nos fundos da loja.

— Espero que você goste — disse o caixa para Trout.

Com isso, estava querendo dizer que torcia para que Trout encontrasse ali algumas fotos com as quais pudesse se masturbar, pois essa era a única utilidade de todos os livros e revistas.

— É para um festival de artes — explicou Trout.

• • •

Quanto ao conto em si, seu título era “O dançarino idiota”. Assim como vários outros contos de Trout, falava sobre um trágico problema de comunicação.

Eis o seu enredo: uma criatura chamada Zog veio num disco voador até a Terra para explicar como prevenir as guerras e curar o câncer. Ele trazia essas informações de Margo, um planeta no qual os nativos se comunicavam por meio de peidos e sapateado.

Zog aterrissou à noite em Connecticut. Ele mal havia tocado o solo quando viu uma casa pegando fogo. Entrou correndo nela, peidando e sapateando, alertando as pessoas sobre o terrível perigo que corriam. O dono da casa arrebentou a cabeça de Zog com um taco de golfe.

• • •

A sala de cinema em que Trout sentou-se com seus pacotes no colo não exibia nada além de filmes obscenos. A música era suave. Os espectros de um rapaz e de uma moça sugavam inofensiva e mutuamente os lábios macios no telão.

Ali sentado, Trout teve a ideia para um novo romance. Era sobre um astronauta terráqueo que chegava a um planeta onde toda a vida animal e vegetal havia sido extinta pela poluição, exceto os humanoides. Os humanoides comiam alimentos feitos de petróleo e carvão.

Ofereceram um banquete para o astronauta terráqueo, cujo nome era Don. A comida era terrível. O principal assunto nas conversas era a censura.

As cidades estavam infestadas de salas de cinema que não exibiam nada além de filmes obscenos. Os humanoides queriam que, de algum modo, elas fechassem as suas portas, mas não queriam interferir na sua liberdade de expressão.

Eles perguntaram a Don se filmes obscenos também eram um problema na Terra, e Don disse:

— Sim.

Eles perguntaram a ele se os filmes eram *muito* obscenos, e Don respondeu:

—Tão obscenos quanto um filme pode ser.

Aquilo foi como um desafio para os humanoides, que estavam certos de que os seus filmes obscenos superariam qualquer coisa na Terra. Então, todos entraram em seus veículos aerodeslizadores e saíram flutuando até uma sala de cinema obscena no Centro da cidade.

Era hora do intervalo quando chegaram lá, de modo que Don teve algum tempo para ficar imaginando o que diabos poderia ser mais obsceno do que as coisas que ele já tinha visto na Terra. Ficou sexualmente excitado antes mesmo de as luzes se apagarem. As mulheres do grupo estavam todas se contorcendo e soltando gritinhos.

Então, o cinema ficou escuro, e as cortinas se abriram. No começo não havia imagem alguma. Gemidos e ruídos de sucção começaram a sair pelos alto-falantes. Então, a imagem apareceu. Era uma filmagem em alta resolução de um macho humanoide comendo o que parecia ser uma pera. A câmera aproximava a imagem de seus lábios, da sua língua e seus dentes, reluzentes de saliva. Ele comia a pera muito lentamente. Quando os últimos vestígios da fruta desapareceram dentro de sua boca babada, a câmera focou em seu pomo de adão, que subia e descia de forma erótica. Ele soltou um arrotto de satisfação e, em seguida, as seguintes palavras apareceram na tela, no idioma daquele planeta:

FIM

• • •

Claro que aquilo tudo era uma encenação. As peras não existiam mais. De todo modo, a comilança não era a atração principal daquela noite. Aquilo era apenas um curta-metragem, projetado para dar aos espectadores o tempo necessário para se acomodarem em suas cadeiras.

Então, o filme verdadeiro começou. Era sobre um homem, uma mulher, seus dois filhos, seu cão e o seu gato. Todos comeram sem parar por uma hora e meia: sopa, carne, biscoitos, manteiga, legumes, purê de batatas com molho, frutas, doces, bolos, tortas. A câmera raramente se afastava mais de 30

centímetros de seus lábios reluzentes e de seus gogós subindo e descendo. No final, o pai colocou o cão e o gato sobre a mesa para que eles também pudessem participar da orgia.

Depois de um tempo, os atores não conseguiam comer mais nada. Estavam tão cheios que seus olhos estavam esbugalhados. Mal conseguiam se mexer. Então, disseram que achavam que não seriam capazes de comer mais nada por, pelo menos, uma semana, e assim por diante. Depois, começaram a limpar a mesa lentamente. Foram se arrastando para fora da cozinha e jogaram cerca de 15 quilos de sobras dentro de uma lata de lixo.

A plateia foi ao delírio.

• • •

Quando Don e seus amigos deixaram o cinema, foram abordados por prostitutas humanoides que ofereciam ovos e laranjas e leite e manteiga e amendoins e assim por diante. As prostitutas na verdade não tinham como fornecer esses produtos, é claro.

Os humanoides disseram a Don que, se ele levasse uma prostituta para casa, ela prepararia para ele uma refeição composta de petróleo e carvão a preços exorbitantes.

E aí, enquanto ele estivesse comendo, ela falaria um monte de sacanagens, sobre o quanto aquela comida era fresca e cheia de sumos naturais, muito embora não fosse comida de verdade.

Dwayne Hoover ficou sentado no Plymouth Fury estacionado no seu próprio terreno vazio por uma hora, escutando a programação da Virgínia Ocidental. Ouviu falar sobre planos de saúde que custavam centavos por dia, sobre como melhorar o desempenho do carro. Ouviu falar sobre o que fazer para curar a constipação. Ouviu o anúncio de uma Bíblia que tinha impresso em letras vermelhas e garrafais tudo o que Deus ou Jesus havia dito em voz alta. Ouviu o anúncio sobre uma planta capaz de capturar e comer insetos transmissores de doenças em sua casa.

Tudo isso foi armazenado na memória de Dwayne, para o caso de ele precisar mais tarde. Dwayne tinha todo tipo de coisa lá.

• • •

Enquanto Dwayne ficava sentado ali sozinho, a moradora mais antiga da cidade de Midland morria no hospital do condado, no começo do boulevard Fairchild, que ficava a cerca de 15 quilômetros de distância. Chamava-se Mary Young. Tinha 108 anos de idade. Era negra. Seus pais tinham sido escravos humanos no Kentucky.

Havia uma pequena conexão entre Mary Young e Dwayne Hoover. Mary tinha lavado a roupa da família de Dwayne durante alguns meses, quando Dwayne era um garotinho. Ela contava histórias da Bíblia e histórias dos tempos de escravidão para o pequeno Dwayne. Contou a ele sobre o enforcamento público de um homem branco, que ela havia presenciado em Cincinnati quando ainda era uma garotinha.

• • •

Um residente negro do hospital do condado assistia a Mary Young morrer de pneumonia naquele instante. O residente não a conhecia. Ele estava na cidade de Midland havia apenas uma semana. E não era sequer um compatriota americano, muito embora tivesse obtido seu diploma de medicina em Harvard. Ele era indaro. Um nigeriano. Seu nome era Cyprian Ukwende.



Cyprian não tinha parentesco com Mary ou com qualquer outro negro americano. Só tinha parentesco com outros indaros.

Quando morreu, Mary estava tão sozinha neste planeta quanto Dwayne Hoover ou Kilgore Trout. Ela nunca se reproduziu. Não havia nenhum amigo ou parente para testemunhar a sua morte. Então, ela disse suas últimas palavras neste planeta para Cyprian Ukwende. Como não tinha fôlego o suficiente para fazer suas cordas vocais vibrarem, só conseguiu mexer os lábios sem emitir som.

Eis o que ela tinha a dizer sobre a morte:

— Minha nossa, minha nossa.

• • •

Como todo terráqueo na hora de sua morte, Mary Young enviou lembretes sutis de si mesma a todos aqueles que a haviam conhecido. Emanou uma pequena nuvem de borboletas telepáticas, e uma delas roçou o rosto de Dwayne Hoover, a 15 quilômetros de distância.

Dwayne escutou uma voz cansada vinda de algum lugar de trás da sua cabeça, muito embora não houvesse ninguém ali. A voz disse o seguinte para ele:

— Minha nossa, minha nossa.

• • •

As substâncias químicas erradas fizeram Dwayne engatar a marcha do carro. Ele saiu dirigindo do terreno vazio e desceu tranquilamente a avenida Union, que era uma via paralela à interestadual.

Ele passou na frente do seu principal endereço comercial, que era o Recanto dos Pontiacs da saída onze de Dwayne Hoover, e entrou no estacionamento do novo Holiday Inn, que ficava bem ao lado. Dwayne era proprietário de um terço do hotel — os outros donos eram o principal ortodontista da cidade de Midland, Dr. Alfred Maritimo, e Bill Miller, que era o diretor da Junta de Liberdade Condicional do Instituto Correccional para Adultos de Shepherdstown, entre outras coisas.

Dwayne subiu a escadaria nos fundos, que levava até o telhado do hotel, sem passar por ninguém. Era noite de lua cheia. Mas havia *duas*. O novo Centro Memorial de Artes Mildred Barry era uma esfera translúcida equilibrada em cima de pernas de pau, e agora ela estava iluminada por dentro — parecia uma lua.

• • •

Dwayne ficou observando a cidade adormecida. Ele havia nascido ali. Passara os 3 primeiros anos de sua vida num orfanato a pouco mais de 3 quilômetros de onde estava naquele momento. Ele tinha sido adotado e educado lá.

Era dono não apenas da concessionária de Pontiacs e de uma parte do novo Holiday Inn, mas também de três Burger Chefs e cinco lava-jatos acionados por moedas, além de ter participações no cinema *drive-in* Sugar Creek, na estação de rádio WMCY, no campo de golfe Three Maples Par-Three e de setecentas quotas de ações ordinárias da Barrytron Limitada, uma empresa local de aparelhos eletrônicos. Dwayne era dono de dezenas de terrenos. Era membro da Diretoria do Banco Nacional do Condado de Midland.

Mas, naquele momento, a cidade de Midland parecia estranha e assustadora para Dwayne.

— Onde eu estou? — perguntou-se.

Dwayne tinha esquecido até mesmo que sua esposa, Celia, por exemplo, havia cometido suicídio ao ingerir Drãno, uma mistura de hidróxido de sódio e flocos de alumínio usada para desentupir ralos. Ao fazer isso, Celia se transformou num pequeno vulcão, uma vez que por dentro era composta dos mesmos tipos de substâncias que costumavam entupir ralos.

Dwayne tinha esquecido até mesmo que seu único filho, um menino, havia crescido e se tornado um mal-afamado homossexual. Seu nome era George, mas todos o chamavam de Bunny. Ele tocava piano no bar do novo Holiday Inn.

— Onde eu estou? — perguntou-se.

Kilgore Trout usou o vaso do banheiro masculino no cinema de Nova York. Havia um cartaz na parede ao lado da toalha de rolo. Era a propaganda de uma casa de massagens chamada O harém do sultão. Casas de massagem eram uma novidade empolgante em Nova York. Homens podiam ir até lá e tirar fotos de mulheres nuas, ou pintar seus corpos nus com tintas solúveis em água. Homens podiam ter seu corpo inteiro esfregado por uma mulher até que seus pênis esguichassem porra numa toalha de pano turco.

— Isso é que é uma vida plena e feliz — disse Kilgore Trout.

Havia uma mensagem escrita a lápis nos azulejos ao lado da toalha de rolo. Era a seguinte:

What is  
the purpose  
of life?

Qual o sentido da vida?

Trout revirou seus bolsos à procura de uma caneta ou um lápis. Ele tinha uma resposta para aquela pergunta. Mas não tinha nada com o que pudesse escrevê-la, sequer um fósforo queimado. Então, ele deixou a pergunta sem resposta, mas eis o que ele teria escrito, se tivesse encontrado alguma coisa com a qual escrever:

*Ser  
os olhos  
e os ouvidos  
e a consciência  
do Criador do Universo,  
seu idiota.*

• • •

Enquanto Trout retornava para o seu assento no cinema, fez de conta que era ele mesmo os olhos e os ouvidos do Criador do Universo. Enviou mensagens telepáticas ao Criador, quem quer que Ele fosse. Relatou que o banheiro masculino estava um brinco.

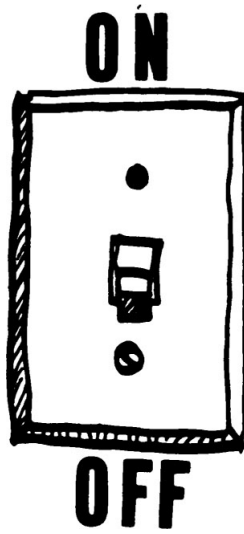
— O carpete debaixo dos meus pés — disse ele, do saguão, apontando — estava novinho em folha. Acho que deve ser algum tipo de fibra milagrosa. Era azul. Você sabe o que eu quero dizer com *azul*?

E assim por diante.

Quando ele chegou no auditório propriamente dito, as luzes da sala estavam acesas. Estava vazia, a não ser pelo gerente, que também era o bilheteiro, o vigia e o faxineiro. O sujeito varria a sujeira entre os assentos. Era um homem branco de meia-idade.

— Chega de diversão por hoje, vovô — disse a Trout. — Hora de ir para casa.

Trout não protestou. Nem foi embora imediatamente. Ficou observando uma caixa verde de metal laqueado nos fundos do auditório. Ela continha o projetor, o sistema de som e os filmes. Um fio saía da caixa e ia até uma tomada na parede. Havia um buraco na frente na caixa. Era assim que as imagens saíam de dentro dela. Ao lado da caixa havia um interruptor simples. Ele era assim:



Liga / Desliga

• • •

Trout ficou admirado quando percebeu que tudo o que ele precisava fazer era acionar aquela chave para que as pessoas voltassem a foder e se chupar novamente.

— Boa noite, vovô — disse o gerente em tom ríspido.

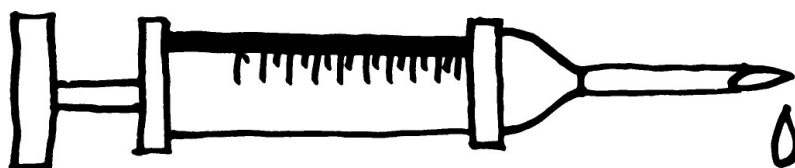
Trout afastou-se da máquina, contrariado. Ele disse o seguinte ao gerente:

— Ela atende uma *necessidade* muito grande, essa máquina, e é fácil demais de operar.

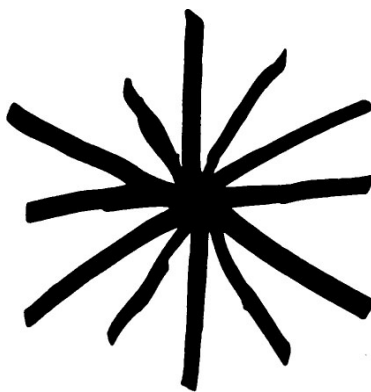
• • •

Quando Trout saiu, enviou a seguinte mensagem telepática ao Criador do Universo, atuando como Seus olhos, ouvidos e consciência: “Estou indo para a rua 42 agora. O que você sabe sobre a rua 42?”

Trout saiu andando pela calçada da rua 42. Era um lugar muito perigoso. A cidade inteira era perigosa, por conta de substâncias químicas e da má distribuição de riqueza, e assim por diante. Muita gente era como Dwayne: produziam substâncias químicas em seus próprios corpos que faziam mal às suas cabeças. Mas havia milhares e milhares de outras pessoas na cidade que compravam substâncias químicas erradas e as ingeriam, inalavam ou injetavam em suas veias com instrumentos mais ou menos como este:



Às vezes essas pessoas chegavam até a enfiar substâncias químicas erradas no cu. O cu dessas pessoas era mais ou menos assim:



...

As pessoas corriam riscos altíssimos colocando substâncias químicas em seus corpos porque queriam melhorar sua qualidade de vida. Elas moravam em lugares feios, onde só havia coisas feias para se fazer. Elas não possuíam bulhufas e, portanto, não tinham condições de melhorar o ambiente que as

cercava. Então, elas faziam o melhor que podiam para que, em vez disso, o seu interior ficasse bonito.

Os resultados, até o momento, tinham sido catastróficos: suicídios, roubos, assassinatos, insanidade e assim por diante. Mas novas substâncias químicas estavam sempre chegando ao mercado. A 6 metros de distância de Trout, na rua 42, um garoto branco de 14 anos estava desacordado, deitado em frente à porta de uma livraria erótica. Ele havia ingerido 250ml de um novo tipo de removedor de tinta que tinha sido posto à venda pela primeira vez havia apenas um dia. Também havia tomado dois comprimidos que serviam para evitar uma doença abortiva contagiosa no gado, que era conhecida como Febre de Malta.

• • •

Trout ficou petrificado, ali, na rua 42. Eu dei a ele uma vida que não valia a pena ser vivida, mas também dei a ele uma determinação ferrenha para viver. Essa era uma combinação comum no planeta Terra.

O gerente saiu do cinema e trancou a porta atrás de si.

E duas jovens prostitutas negras se materializaram do nada. Perguntaram a Trout e ao gerente se eles gostariam de se divertir um pouco. Estavam animadas e destemidas graças a um tubo de uma nova pomada norueguesa contra hemorroidas que haviam consumido cerca de meia hora atrás. O fabricante não havia produzido a pomada para que ela fosse comida. As pessoas deveriam aplicá-las dentro do cu.

As duas prostitutas eram meninas do interior. Tinham crescido no Sul rural da nação, onde seus ancestrais haviam sido usados como maquinário agrícola. Mas os fazendeiros brancos de lá não estavam mais usando máquinas feitas de carne, porque máquinas feitas de metal eram mais baratas e mais confiáveis, além de exigirem acomodações mais modestas.

Desse modo, as máquinas negras precisaram sair de lá, senão morreriam de fome. Elas se mudaram então para as cidades, porque todos os outros lugares tinham placas como essas penduradas em suas cercas e árvores:



Proibido entrar! Isso quer dizer você!

...

Uma vez Kilgore Trout escreveu um conto chamado “Isso quer dizer você”.

Ele se passava no arquipélago havaiano, o mesmo lugar para onde os sortudos que vencessem o concurso de Dwayne Hoover na cidade de Midland supostamente seriam mandados. Cada pedacinho de terra naquelas ilhas pertencia a cerca de quarenta pessoas e, na história, Trout fez com que essas pessoas resolvessem exercer seus direitos de propriedade de uma forma extrema. Colocaram cartazes de *proibido entrar* por toda parte.

Isso criou problemas terríveis para o milhão de outras pessoas que morava nas ilhas. A lei da gravidade exigia que ficassem em contato com alguma parte da superfície. Era isso ou se atirar no mar e ficar boiando na água.

Foi então que o Governo Federal desenvolveu um programa de emergência. E distribuiu um grande balão cheio de hélio para cada homem, mulher e criança que não possuísse nenhuma propriedade.

...

Havia um cabo com um arreio pendurado em cada balão. Graças aos balões, os havaianos agora podiam habitar as ilhas sem a necessidade de entrar sempre em contato com as coisas que eram propriedades de outras pessoas.

...



As prostitutas agora trabalhavam para um cafetão. Ele era maravilhoso e implacável. Era como um deus para elas. Ele tinha tirado delas o seu livre-arbítrio, e até aí, tudo bem. Elas não precisavam mesmo daquilo. Era como se tivessem, por exemplo, se entregado a Jesus para levar uma vida de fé e altruísmo — exceto que haviam se entregado a um cafetão em vez disso.

Suas infâncias tinham chegado ao fim. Agora já estavam morrendo. Do seu ponto de vista, a Terra era um planetinha muito metido à besta.

Quando Trout e o gerente, dois caras metidos à besta, disseram que não estavam interessados numa diversãozinha metida à besta, as crianças moribundas saíram andando, seus pés fazendo contato com o planeta, depois desfazendo, e depois fazendo contato novamente. Desapareceram numa esquina. Trout, os olhos e ouvidos do Criador do Universo, deu um espirro.

• • •

— Deus te abençoe — disse o gerente.

Era uma resposta automática que muitos americanos davam assim que ouviam uma pessoa espirrando.

— Obrigado — disse Trout e, desse modo, forjou-se uma amizade temporária.

Trout disse que esperava chegar em segurança a algum hotel barato. O gerente disse que esperava chegar à estação de metrô na Times Square. Assim, caminharam juntos, encorajados pelo eco de suas pegadas reverberando nas fachadas dos edifícios.

O gerente contou a Trout um pouco sobre como era a sua vida naquele planeta. Era um lugar onde ele tinha uma esposa e dois filhos, disse. Eles não sabiam que ele administrava um cinema pornô. Achavam que ele estava prestando consultoria como engenheiro até altas horas da noite. Ele disse que não havia mais muita utilidade para um engenheiro da sua idade naquele planeta. No passado, eles eram adorados.

— Tempos difíceis — disse Trout.

O gerente contou que participara do desenvolvimento de um milagroso material isolante que tinha sido usado nos foguetes que iam à Lua. Na verdade, era o mesmo material que dava ao revestimento de alumínio da casa de sonhos de Dwayne Hoover na cidade de Midland suas miraculosas qualidades isolantes.

O gerente lembrou a Trout o que o primeiro homem que pisou na Lua havia dito:

— Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade.

— Palavras emocionantes — disse Trout.

Ele olhou por cima do seu ombro, percebendo que eles estavam sendo seguidos por um Oldsmobile Toronado branco com uma capota de vinil preto. O automóvel de tração dianteira roncava seu motor de 400 cavalos andando a cerca de 5 quilômetros por hora a 3 metros de distância deles, bem perto do meio-fio.

Essa era a última coisa de que Trout se lembrava: ver o Oldsmobile às suas costas.

• • •

Quando deu por si, ele estava de quatro numa quadra de handebol debaixo da ponte Queensboro, na rua 59, perto do rio East. Suas calças e cuecas estavam arriadas até os tornozelos. Seu dinheiro havia sumido. Seus pacotes estavam abertos, e seus conteúdos, espalhados à sua volta: o *smoking*, a camisa nova, os livros. Sangue escorria por um de seus ouvidos.

A polícia flagrou Trout com as calças na mão. Eles o cegaram com um holofote enquanto ele se apoiava numa parede nos fundos da quadra de handebol e se atrapalhava tentando botar o cinto e fechar os botões da braguilha. Os policiais acharam tê-lo flagrado cometendo algum tipo de perturbação da ordem pública, que o pegaram agindo dentro do limitado campo de atuação de um velho, que se reduzia a excrementos e álcool.

Trout notou que não estava assim tão duro. Havia uma nota de 10 dólares num dos bolsos de suas calças.

• • •

No hospital, descobriu-se que Trout não tinha ferimentos graves. Então, foi conduzido até uma delegacia de polícia, onde foi interrogado. Tudo o que ele pôde dizer foi que havia sido sequestrado pela personificação do mal dentro de um Oldsmobile branco. Os policiais quiseram saber quantas pessoas estavam dentro do carro, suas idades, seus sexos, as cores de suas peles, seus modos de falar.

— Pelo que eu sei, pode ser que eles nem sequer fossem terráqueos — disse Trout. — Pelo que eu sei, dentro daquele carro poderia haver simplesmente um gás inteligente vindo de Plutão.

• • •

Trout disse aquilo de maneira inocente, mas o seu comentário acabou se transformando no vírus que deu origem a uma epidemia de envenenamento mental. Eis como a doença se espalhou: um repórter escreveu uma matéria para o *New York Post* no dia seguinte, a partir da declaração dada por Trout.

A matéria foi publicada com a seguinte manchete:

## BANDIDOS DE PLUTÃO SEQUESTRAM DUPLA

O nome de Trout, por sinal, saiu como Kilmer Trotter, sem endereço conhecido. A idade que lhe deram foi de 82 anos.

Outros jornais copiaram a matéria, modificando-a um pouco. Todas se prendiam à piada sobre Plutão, e falavam sobre uma tal *Gangue de Plutão* como se a conhecessem. E como os repórteres começaram a pedir novas informações a respeito da *Gangue de Plutão*, a polícia começou a investigar sobre a *Gangue de Plutão*.

• • •

Dessa forma, os nova-iorquinos, já tão atormentados por terrores anônimos, foram facilmente convencidos a temerem algo aparentemente específico: a *Gangue de Plutão*. Instalaram novas fechaduras em suas portas e grades em suas janelas para se proteger da *Gangue de Plutão*. Pararam de ir aos teatros à noite, com medo da *Gangue de Plutão*.

Jornais estrangeiros disseminaram o terror, publicando matérias que diziam que as pessoas que estavam pensando em visitar Nova York deveriam se ater a determinadas ruas em Manhattan para diminuir as chances de esbarrar com a *Gangue de Plutão*.

• • •

Num dos muitos subúrbios de Nova York para pessoas de pele escura, um grupo de rapazes porto-riquenhos se reunia no porão de um prédio abandonado. Eles eram pequenos, mas eram numerosos e imprevisíveis. Queriam ser vistos como perigosos, para proteger a si mesmos e também aos seus amigos e famílias, algo que a polícia não faria.

Também queriam expulsar os traficantes do bairro, e queriam ficar muito famosos, o que era muito importante para chamar a atenção do Governo, para que ele então fizesse um trabalho de coleta de lixo mais eficiente, e assim por diante.

Um deles, Jose Mendoza, era um artista bastante razoável. Por isso foi ele quem pintou o emblema da sua nova gangue nas costas das jaquetas dos membros. Era assim:



Gangue de Plutão

Enquanto Kilgore Trout contaminava por acidente o imaginário coletivo da cidade de Nova York, Dwayne Hoover, o vendedor de Pontiacs ensandecido, descia do telhado de seu próprio Holiday Inn no Meio-Oeste.

Não muito antes do nascer do sol, Dwayne adentrou o saguão acarpetado do lugar para pedir um quarto. Por mais estranho que fosse o horário, havia um homem diante dele, um negro. Era Cyprian Ukwende, o indaro, o médico nigeriano que estava hospedado no hotel até encontrar um apartamento adequado.

Dwayne ficou esperando humildemente pela sua vez. Ele tinha esquecido que era um dos donos do hotel. Quanto ao fato de se hospedar no mesmo lugar em que negros se hospedavam, Dwayne foi filosófico. Experimentou uma espécie de felicidade agridoce enquanto dizia a si mesmo: “Os tempos estão mudando. Estão mudando.”

• • •

O recepcionista da noite era novo. Ele não conhecia Dwayne. Então fez Dwayne preencher o formulário de cadastro inteiro. Dwayne, de sua parte, se desculpou por não saber qual era o número da placa do carro. Sentiu-se culpado por aquilo, muito embora soubesse que não havia feito nada pelo qual devesse se sentir culpado.

Ficou eufórico quando o recepcionista lhe entregou a chave do quarto. Ele havia passado no teste. E adorou o quarto. Era muito novo e bacana e limpo. Era muito *neutro*! Era o irmão de milhares e milhares de outros quartos de Holiday Inns espalhados por todo o mundo.

Dwayne Hoover talvez estivesse um pouco confuso a respeito do sentido da própria vida ou sobre o que deveria fazer com ela em seguida. Mas uma coisa ele tinha feito corretamente: havia acondicionado a si mesmo num alojamento impecável para um ser humano.

Um quarto à espera de qualquer um. Estava à espera de Dwayne.

Em volta do assento do vaso havia uma faixa de papel como esta, que ele teria de remover antes de usar o banheiro:



Higienizado

Aquele aro de papel garantia a Dwayne que ele não precisava temer que animaizinhos no formato de molas subissem pelo buraco do seu cu e comessem a sua fiação interna. Isso era uma coisa a menos para Dwayne se preocupar.

...

Havia um aviso pendurado na maçaneta do lado de dentro, que Dwayne pendurou na maçaneta do lado de fora. Ele era mais ou menos assim:



Por favor, não perturbe!

Dwayne abriu, por um instante, suas cortinas, que iam do teto ao chão. Viu o letreiro que anunciava a presença do hotel para os viajantes cansados que

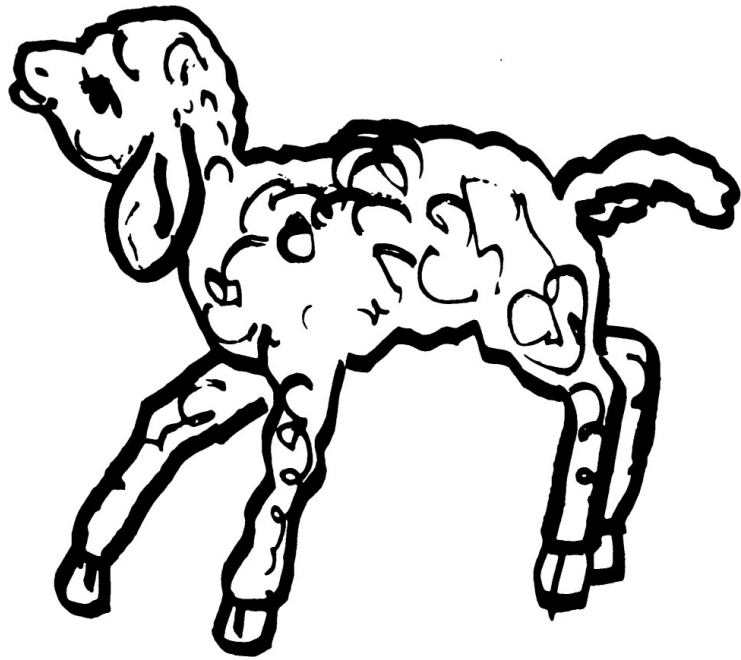
vinham pela interestadual. Eis como ele era:



Holiday Inn — O anfitrião do mundo

Ele fechou as cortinas. Ele ajustou o sistema de aquecimento e ventilação. Ele dormiu como um cordeirinho.

Um cordeirinho era um jovem animal conhecido no planeta Terra por dormir muito bem. Ele era mais ou menos assim:





Kilgore Trout foi liberado pelo Departamento de Polícia da Cidade de Nova York duas horas antes de o sol nascer no dia seguinte ao Dia dos Veteranos, como se nada tivesse acontecido. Ele atravessou a ilha de Manhattan de leste a oeste na companhia de lenços Kleenex, jornais e fuligem.

Pegou uma carona num caminhão. O caminhão transportava 35 toneladas de azeitonas espanholas. Ele o apanhou na entrada do Lincoln Tunnel, que tinha sido batizado em homenagem a um homem que teve a coragem e a imaginação de tornar a escravidão humana ilegal no sistema jurídico dos Estados Unidos da América. Essa era uma inovação recente.

Os escravos foram simplesmente soltos, sem nenhuma posse. Eram facilmente reconhecíveis. Eram todos negros. E, de repente, estavam livres para sair explorando o mundo.

• • •

O caminhoneiro, que era branco, disse que Trout precisaria se deitar no chão da cabine até que saíssem da cidade, uma vez que pegar caroneiros era proibido por lei.

• • •

Ainda estava escuro quando avisou Trout que ele poderia se levantar. Estavam atravessando os campos e pântanos envenenados de Nova Jersey. O caminhão era um Astro-95 da General Motors, com motor a diesel, puxando um reboque de 12 metros. Era um veículo tão enorme que fez Trout sentir como se sua cabeça tivesse mais ou menos o tamanho de um chumbinho.

O caminhoneiro disse que costumava caçar e pescar muito tempo atrás. Partia seu coração imaginar como eram aqueles pântanos e campos havia apenas cem anos.

— E quando a gente para e pensa nas merdas que a maioria dessas fábricas produz... produtos de limpeza, comida para gato, refrigerante...

• • •

O argumento dele era válido. O planeta estava sendo destruído pelos processos de produção, e o que estava sendo produzido, levando tudo em consideração, era uma porcaria.

Então, Trout também falou uma coisa interessante:

— Bem, eu era um conservacionista. Eu me lamentava e sofria quando as pessoas em helicópteros atiravam com rifles automáticos em águias-de-cabeça-branca e coisas assim, mas desisti. Tem um rio em Cleveland que está tão poluído que pega fogo mais ou menos uma vez por ano. Isso me deixava doente, mas hoje em dia eu acho graça. Quando um petroleiro despeja acidentalmente sua carga no oceano, matando milhões de aves e bilhões de peixes, eu digo “Força, Standard Oil”, ou o nome de quem quer que tenha provocado o vazamento. — Trout levantou os braços, comemorando. — Enfia no cu essa gasolina da Mobil.

— Você está brincando — disse o caminhoneiro, irritado com aquilo.

— Eu me dei conta de que Deus não era um conservacionista; então, se qualquer outra pessoa o fosse, isso seria um sacrilégio e uma perda de tempo. Você já viu seus vulcões, furacões ou maremotos? Alguém já falou para você sobre as Eras do Gelo que ele prepara a cada meio milhão de anos? E quanto à grafiose? Fica aí um bom exemplo de preservação para você. Isso é coisa de Deus, não do homem. Quando a gente finalmente conseguisse limpar todos os rios, ele provavelmente transformaria a galáxia inteira num colarinho de celulose. Era isso que a Estrela de Belém era, sabe?

— O que era a Estrela de Belém? — perguntou o caminhoneiro.

— A galáxia inteira transformada num colarinho de celulose — disse Trout.

• • •

O caminhoneiro ficou impressionado.

— Pensando nisso que você falou — disse o motorista —, acho que não tem nada sobre preservação em parte nenhuma da Bíblia.

— A menos que você leve em conta a história do Dilúvio — disse Trout.

• • •

Eles ficaram em silêncio por alguns instantes, e aí o caminhoneiro disse outra coisa interessante. Ele disse que sabia que seu caminhão estava despejando gases venenosos na atmosfera, e que o planeta estava sendo coberto de asfalto para que o seu caminhão pudesse andar por toda parte.

— Então eu estou cometendo suicídio — concluiu.

— Não se preocupe com isso — aconselhou Trout.

— Meu irmão é ainda pior — prosseguiu o caminhoneiro. — Ele trabalha numa fábrica que produz substâncias químicas para matar plantas e árvores no Viet Nã.

O Viet Nã era um país onde os Estados Unidos estavam tentando fazer as pessoas deixarem de ser comunistas e, para isso, jogavam coisas em cima delas usando aviões. As substâncias químicas que ele mencionou tinham sido projetadas para arrancar toda a folhagem das árvores, para que fosse mais difícil para os comunistas se esconderem dos aviões.

— Não se preocupe com isso — disse Trout.

— No fim das contas, *ele* é quem está cometendo suicídio. Pelo jeito, o único tipo de trabalho que um americano consegue hoje em dia é cometer suicídio de alguma maneira.

— Bom argumento — concordou Trout.

• • •

— Não entendi direito se você está falando sério ou não — comentou o caminhoneiro.

— Eu nunca vou me entender direito até eu descobrir se a *vida* é séria ou não. Ela é *perigosa*, eu sei, e pode machucar muito. Mas isso não significa necessariamente que ela também seja *séria*.

• • •

Depois que Trout ficou famoso, é claro, um dos maiores mistérios a seu respeito era saber quando ele estava brincando ou não. A um perguntador persistente, respondeu que sempre cruzava os dedos quando estava brincando.

— E, por favor, tenha em mente — prosseguiu ele — que, quando eu lhe dei essa preciosa informação, meus dedos estavam cruzados.

E assim por diante.

Ele era um pé no saco em muitos sentidos. O caminhoneiro ficou entediado com ele depois de uma ou duas horas. Trout valeu-se do silêncio para bolar um conto anticonservacionista que ele chamou de “Gilgongo!”

“Gilgongo!” era sobre um planeta muito desagradável porque havia um tremendo excesso de gêneses acontecendo nele.

A história começava com uma grande festa em homenagem a um homem que havia exterminado uma espécie inteira de ursinhos pandas fofinhos. Ele havia dedicado sua vida inteira a isso. Pratos especiais haviam sido produzidos para a festa, e os convidados podiam levá-los para casa, como souvenirs. Havia o desenho de um ursinho em cada um deles, e a data da festa. Logo abaixo da imagem havia a palavra:

## GILGONGO!

No idioma daquele planeta, isso queria dizer “Extinto!”.

• • •

As pessoas ficaram contentes pelos ursos terem sido *gilgongo*, porque já havia espécies demais naquele planeta, com mais e mais surgindo praticamente a cada hora. Era impossível estar preparado para a desconcertante diversidade de criaturas e plantas encontradas por lá.

As pessoas faziam o melhor possível para reduzir o número de espécies, para que a vida pudesse ser mais previsível, mas a natureza era criativa demais para eles. Toda a vida no planeta estava sendo sufocada por um cobertor vivo de 30 metros de espessura. O cobertor era composto de pombos-passageiros, águias-marinhas das Bermudas e grouns americanos.

• • •

— Pelo menos são azeitonas — disse o caminhoneiro.

— O quê? — disse Trout.

— A gente podia estar transportando coisa muito pior do que azeitonas.

— Verdade — disse Trout.

Ele havia se esquecido de que a coisa principal que eles estavam fazendo era o transporte de 35 toneladas de azeitonas para Tulsa, Oklahoma.

• • •

O caminhoneiro falou um pouco sobre política.

Trout não conseguia diferenciar um político de outro. Para ele, era como se fossem um bando de chimpanzés amorfos e maníacos. Ele escreveu uma vez um conto sobre um chimpanzé otimista que se tornou presidente dos Estados Unidos. Ele o chamou de “Saudação ao Chefe”.

O chimpanzé usava um paletó azul com botões de latão, e o selo do presidente dos Estados Unidos bordado no bolso do peito. Ele era assim:



Onde quer que ele fosse, bandas tocavam “Hail to the Chief”. O chimpanzé adorava. Ele ficava pulando para cima e para baixo.

...

Eles pararam num restaurante. Eis o que dizia a placa que ficava à sua frente:



Coma

Então, eles comeram.

Trout viu um idiota que também estava comendo. O idiota era um homem adulto branco, sob os cuidados de uma enfermeira branca. O idiota não conseguia falar muita coisa, e tinha muita dificuldade em se alimentar. A enfermeira havia pendurado um babador no seu pescoço.

Mas ele tinha um apetite formidável, sem dúvida alguma. Trout ficou assistindo ele enfiar *waffles* e linguiças de porco na boca, e se esbaldar com suco de laranja e leite. Trout ficou impressionado com o animal enorme que era aquele idiota. Também era fascinante sua alegria ao encher o bucho de calorias que seriam o suficiente para sustentá-lo por, pelo menos, dois dias.

Trout disse o seguinte a si mesmo:

— Enchendo o bucho para o amanhã.

• • •

— Com licença — disse o caminhoneiro a Trout —, eu preciso usar o vaso.

— Lá de onde eu venho, isso significa que você vai usar um espelho. A gente chama espelho de vaso.

— Nunca tinha ouvido falar disso — comentou o caminhoneiro, repetindo a palavra: “Vaso.” E então apontou para um espelho numa máquina de vender cigarros. — Você chama aquilo de *vaso*?

— Não parece um vaso para você?

— Não. De onde você disse que era mesmo?

— Eu nasci nas Bermudas — disse Trout.

Mais ou menos uma semana depois, o caminhoneiro contaria à sua esposa que nas Bermudas eles chamavam espelho de vaso, e ela contaria isso às suas amigas.

• • •

Quando Trout seguiu o motorista de volta ao caminhão, foi a primeira vez que deu uma boa olhada no seu meio de transporte a uma certa distância, a primeira vez que o viu por inteiro. Havia uma mensagem escrita na lateral em letras de um laranja vibrante, com quase três metros de comprimento. Era o seguinte:



Pirâmide

Trout ficou imaginando o que uma criança em fase de alfabetização pensaria ao ler uma mensagem daquelas. Pensaria se tratar de uma mensagem tremendamente importante, uma vez que alguém tinha se dado todo aquele trabalho de escrevê-la em letras tão grandes.

E então, fingindo ser uma criança às margens da estrada, ele leu a mensagem na lateral de outro caminhão. Era a seguinte:



Dwayne Hoover dormiu até as dez no novo Holiday Inn. Acordou bem revigorado. Tomou um Café da Manhã Número Cinco no famoso restaurante do hotel, chamado Tally Ho Room. As cortinas eram fechadas à noite, mas naquele momento estavam abertas, deixando o sol entrar.

Na mesa ao lado, também sozinho, estava Cyprian Ukwende, o indaro, o nigeriano. Lia os classificados no *Bugle-Observer* da cidade de Midland, em busca de um lugar barato para morar. O hospital geral do condado de Midland estava pagando sua estadia no hotel enquanto ele não encontrava, mas já estavam começando a perder a paciência com aquilo.

Ele precisava de uma mulher, também, ou de um monte de mulheres que foderiam com ele centenas de vezes por semana, porque ele vivia explodindo de porra e de tesão. E ele sentia saudades de estar com seus parentes indaros. Na sua terra, ele tinha seiscentos parentes que ele conhecia pelo nome.

O rosto de Ukwende permaneceu impassível enquanto pedia seu Café da Manhã Número Cinco com torrada de pão integral. Por trás de sua máscara, havia um jovem rapaz em estágio terminal de nostalgia e com uma tremenda dor no saco.

• • •

Dwayne Hoover, a dois metros de distância, estava com o olhar perdido na ensolarada estrada interestadual. Ele sabia onde estava. Havia um fosso entre o estacionamento do hotel e a interestadual, uma vala de concreto que os engenheiros haviam construído para conter o Sugar Creek. Depois, havia uma barreira de proteção familiar, feita de aço bem resistente, que evitava que os carros e os caminhões caíssem dentro do riacho. Em seguida, as três pistas que levavam na direção oeste, e, então, o canteiro central e cheio de grama. Depois disso havia o aeroporto Memorial Will Fairchild — e as fazendas depois dele. Tudo era familiar.

• • •



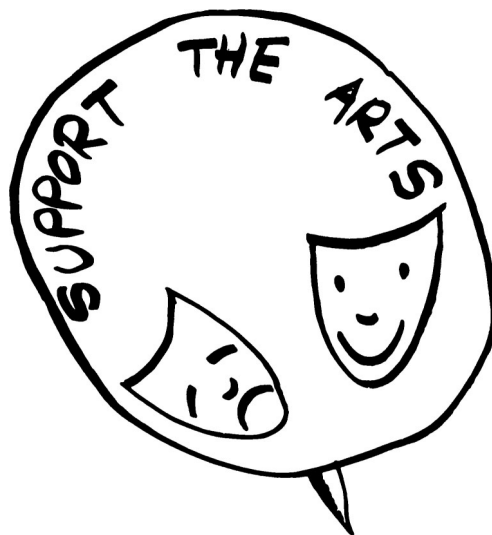
Era bem plano lá fora — a cidade era plana, o distrito era plano, o condado era plano, o estado era plano. Quando Dwayne era um garotinho, ele achava que quase todo mundo morava em lugares sem árvores e planos. Ele achava que os oceanos, as montanhas e as florestas estavam principalmente concentradas em parques estaduais e nacionais. Na terceira série, o pequeno Dwayne rabiscou uma redação na qual argumentava a favor da criação de um parque nacional numa curva do Sugar Creek, o único corpo d'água significativo num raio de 12 quilômetros a partir da cidade de Midland.

Silenciosamente, Dwayne disse a si mesmo o nome daquele corpo d'água familiar naquele momento: “Sugar Creek.”

...

O Sugar Creek tinha apenas 5 centímetros de profundidade e 45 metros de largura, onde fazia a curva, bem onde o pequeno Dwayne achava que deveria existir um parque. Mas eles haviam colocado o Centro Memorial Mildred Barry ali em vez disso. Era lindo.

Dwayne ficou dedilhando sua lapela por um instante, e percebeu que havia um broche preso ali. Ele removeu o broche, sem ter nenhuma lembrança do que ele dizia. Era um broche de divulgação do Festival de Artes que começaria àquela noite. Por toda a cidade, as pessoas estavam usando broches como os de Dwayne. Eis o que os broches diziam:



Apoie as Artes

...

O Sugar Creek transbordava de vez em quando. Dwayne se lembrava disso. Numa terra tão plana quanto aquela, transbordar era algo que a água não tinha a menor dificuldade em fazer. O Sugar Creek ia se espalhando devagarinho até formar um enorme espelho d'água no qual as crianças podiam brincar em segurança.

O espelho d'água mostrou aos moradores o formato do vale em que viviam, provando que eram montanhesees habitando uma encosta que crescia um centímetro para cada quilômetro que os separava do Sugar Creek.

Dwayne disse silenciosamente o nome daquelas águas mais uma vez:  
— Sugar Creek.

• • •

Dwayne terminou seu café da manhã e ousou supor que não estava mais doente da cabeça, que havia sido curado por uma simples mudança de residência, por uma boa noite de sono.

As substâncias químicas erradas em sua cabeça permitiram que ele atravessasse o saguão e o bar, que ainda não estava aberto, sem experimentar estranheza alguma. Mas quando botou o pé para fora da porta lateral do bar, em cima da savana de asfalto que cercava tanto o seu hotel quanto a sua concessionária de Pontiacs, ele descobriu que alguém havia transformado o asfalto numa espécie de cama elástica.

O asfalto afundou com o peso de Dwayne. Ele puxou Dwayne bem para baixo do nível da rua, e depois, lentamente, o trouxe de volta apenas parcialmente. Dwayne estava numa cova rasa emborrachada. Deu outro passo na direção da sua loja de automóveis. Afundou mais uma vez, voltou para cima mais uma vez, e ficou de pé numa cova novinha em folha.

Ele olhou à sua volta em busca de testemunhas. Só havia uma. Cyprian Ukwende estava parado na borda da cova, sem afundar. Isso foi tudo o que Ukwende disse, mesmo com a situação extraordinária em que Dwayne se encontrava:

— Bom dia.

• • •

Dwayne foi andando de cova em cova.

Saltitava pelo estacionamento dos carros usados.

Ele parou numa cova e ficou olhando para outro rapaz negro que usava um pano para polir um Buick Skylark 1970 marrom conversível. O homem não estava vestido para aquele tipo de trabalho. Estava com um terno azul barato, uma camisa branca e uma gravata preta. Além disso, ele não estava simplesmente polindo o carro: estava *lustrando*.

O rapaz continuou lustrando. Então, olhou diretamente para Dwayne, sorriu, e depois voltou à sua atividade.

Eis a explicação: este rapaz negro tinha acabado de sair do Instituto Correcional para Adultos de Shepherdstown, em liberdade condicional. Ele precisava arranjar um trabalho imediatamente, senão morreria de fome. Então, demonstrava para Dwayne como ele trabalhava duro.

Ele havia passado por orfanatos, abrigos para menores, e prisões de todos os tipos na zona metropolitana da cidade de Midland desde os 9 anos de idade. Agora estava com 26.

• • •

Finalmente estava livre!

• • •

Dwayne achou que o rapaz fosse uma alucinação.

• • •

O rapaz voltou a lustrar o automóvel. Sua vida não valia a pena ser vivida. Seu instinto de sobrevivência era muito fraco. Ele achava que aquele planeta era péssimo, que ele jamais deveria ter vindo parar ali. Algum erro havia sido cometido. Ele não tinha amigos nem parentes. Vivia o tempo todo sendo jogado dentro de jaulas.

Esse rapaz tinha um nome para um mundo melhor, e costumava vê-lo com frequência em seus sonhos. Mas esse nome era segredo, porque ele seria ridicularizado se o dissesse em voz alta. Era um nome *muito* infantil.

O jovem ex-detento negro podia ver aquele nome a qualquer hora que quisesse, escrito com luzes dentro do seu crânio. Era mais ou menos assim:



Reino da Fantasia

• • •

Ele tinha uma foto de Dwayne em sua carteira. Costumava pendurar fotos de Dwayne nas paredes de sua cela em Shepherdstown. Era fácil consegui-las, porque o rosto sorridente de Dwayne, com o seu lema logo abaixo, fazia parte de todos os anúncios que ele publicava no *Bugle-Observer*. A foto era trocada a cada seis meses. O lema não havia variado em vinte e cinco anos.

Eis o seu lema:

PERGUNTE A QUALQUER UM —  
EM DWAYNE, VOCÊ PODE  
CONFIAR

• • •

O jovem ex-detento sorriu mais uma vez para Dwayne. Seus dentes haviam sido corrigidos com perfeição. O programa odontológico em Shepherdstown era excelente. Assim como a comida.

— Bom dia, senhor — disse o rapaz para Dwayne.

Ele era terrivelmente simplório. Ainda tinha muito a aprender. Não sabia coisa nenhuma sobre mulheres, por exemplo. Francine Pefko era a primeira mulher com quem ele falava em onze anos.

— Bom dia — disse Dwayne, mas bem baixinho, para que não pudesse ser ouvido de muito longe, caso estivesse conversando com uma alucinação.

— Senhor... eu lia seus anúncios nos jornais com grande interesse, e também me divertia muito com as suas propagandas no rádio — contou o homem em liberdade condicional.

Durante seu último ano na prisão, ele tinha ficado obcecado por uma ideia: a de que trabalharia para Dwayne um dia, e, assim, viveria feliz para sempre. Seria como estar no Reino da Fantasia.

Dwayne não deu uma resposta, então o rapaz continuou:

— Senhor, eu trabalho muito duro, como pode ver. E só ouço coisas boas ao seu respeito. Acho que Nosso Senhor queria que eu trabalhasse para você.

— Sério? — comentou Dwayne.

— Nossos nomes são muito parecidos — continuou o rapaz —, é como se Nosso Senhor estivesse dizendo a nós dois o que fazer.

Dwayne Hoover não perguntou ao rapaz como se chamava, mas ele disse o nome mesmo assim, de forma radiante:

— Meu nome, senhor, é Wayne Hoobler.

Em toda cidade de Midland, Hoobler era um sobrenome comum entre os crioulos.

• • •

Dwayne Hoover partiu o coração de Wayne Hoobler ao apertar sua mão frouxamente e depois seguir andando.

• • •

Dwayne entrou no *showroom*. O chão não estava mais afundando sob seus passos, mas ele viu outra coisa para a qual não havia explicação: uma palmeira estava crescendo bem no meio da sala. As substâncias químicas erradas de Dwayne o haviam feito esquecer totalmente da Semana Havaiana. Na verdade, ele mesmo havia projetado aquela palmeira. Era um poste telefônico cortado e envolto em juta. Havia cocos de verdade pendurados. Lâminas de plástico verde haviam sido recortadas para simular as folhas.

Aquela árvore deixou Dwayne tão perplexo que ele quase teve uma síncope. Depois, olhou à sua volta e viu abacaxis e *ukeleles* espalhados por toda parte.

Então Dwayne viu a coisa mais inacreditável de todas: seu gerente de vendas, Harry LeSabre, vindo em sua direção com um olhar malicioso, vestindo um collant verde-alface, chinelos de palha, uma saia de folhas, e uma camiseta cor-de-rosa que era assim:



Faça amor, não faça guerra

...

Harry e a esposa tinham passado o fim de semana inteiro debatendo se Dwayne suspeitava ou não que ele era um travesti. Chegaram à conclusão de que Dwayne não tinha nenhum motivo para suspeitar. Harry nunca havia falado sobre vestuário feminino com Dwayne. Também nunca havia entrado num concurso de beleza travesti ou feito uma coisa que vários travestis da cidade de Midland costumavam fazer, que era se filiar a um grande clube de travestis em Cincinnati. Ele nunca tinha ido até o bar de travestis da cidade, Ye Old Rathskeller, que ficava no porão do hotel Fairchild. Também nunca havia trocado fotos polaroides com outros travestis, e nunca havia feito a assinatura de uma revista travesti.

Harry e sua esposa chegaram à conclusão de que Dwayne não tinha insinuado nada nas entrelinhas quando disse que era melhor Harry vestir umas roupas bem loucas na Semana Havaiana ou Dwayne o botaria no olho da rua.

Então, ali estava o novo Harry, corado de medo e entusiasmo. Ele estava se sentindo desinibido, e bonito, e adorável, e subitamente livre.

Ele cumprimentou Dwayne com a palavra havaiana que queria dizer tanto *olá* quanto *até logo*.

— Aloha — disse ele.

Kilgore Trout estava muito longe, mas vinha diminuindo gradualmente a distância que havia entre ele e Dwayne. Ele ainda estava no caminhão chamado Pirâmide, cruzando uma ponte batizada em homenagem ao poeta Walt Whitman. A ponte estava tomada por fumaça. O caminhão estava prestes a adentrar a Filadélfia. Uma placa na parte de baixo da ponte dizia o seguinte:



Você está entrando na cidade do amor fraternal

...

Se fosse mais jovem, Trout teria torcido o nariz para a placa sobre fraternidade que havia sido colocada na borda de uma cratera causada por uma bomba, como qualquer um podia ver. Mas ele já não nutria mais noções de como as coisas poderiam e deveriam ser naquele planeta, em contraste a como elas realmente eram. Para ele, só havia uma maneira de a Terra ser: da maneira como ela era.

Tudo era necessário. Ele viu uma velha branca revirando uma lata de lixo. Aquilo era necessário. Viu um brinquedo de banheira, um patinho de borracha, deitado de lado sobre a grade protetora de uma boca de lobo. Aquilo *tinha* que estar ali.

E assim por diante.

• • •

O caminhoneiro mencionou que o dia anterior tinha sido Dia dos Veteranos.

— Humm — disse Trout.

— Você é veterano?

— Não. Você é?

— Não — respondeu o caminhoneiro.

Nenhum dos dois era veterano.

• • •

O caminhoneiro entrou no tópico dos amigos. Ele disse que para ele era difícil manter uma amizade minimamente significativa porque passava a maior parte do tempo na estrada. Então, fez uma brincadeira sobre a época em que costumava falar sobre os seus “melhores amigos”. Segundo ele, as pessoas deixavam de lado o conceito de melhores amigos assim que saíam do Ensino Médio.

Ele insinuou que, como estava no ramo das janelas de alumínio combinadas com telas antitempestade, Trout tinha a oportunidade de construir muitas amizades duradouras no curso do seu trabalho.

— Quer dizer, você coloca uns caras para trabalhar juntos, dia após dia, instalando aquelas janelas, e eles acabam criando intimidade — comentou o motorista.

— Eu trabalho sozinho.

O caminhoneiro ficou decepcionado.

— Achei que duas pessoas fossem necessárias para fazer o serviço.

— Uma só basta — explicou Trout. — Um garoto fraquinho poderia fazer sem precisar da ajuda de ninguém.

O caminhoneiro queria que Trout tivesse uma vida social plena, para que ele pudesse desfrutá-la por tabela.

— Mesmo assim — insistiu ele. — Você tem os seus colegas para se encontrar depois do trabalho. Tomar uma cervejinha. Jogar um carteadado. Dar umas risadas.

Trout deu de ombros.

— Você anda pelas mesmas ruas todos os dias — disse o caminhoneiro a ele. — Você conhece um monte de pessoas, e elas conhecem você, porque para você são as mesmas ruas, dia após dia. Você diz “Olá”, e eles dizem “Olá” de volta. Você os chama pelos nomes. Eles chamam você pelo nome. Se você se meter numa grande encrenca, eles vão te ajudar, porque você é um deles. Você *pertence*. Eles veem você todos os dias.



Trout não queria discutir isso.

• • •

Trout tinha esquecido o nome do caminhoneiro.

Tinha uma deficiência mental da qual eu também costumava sofrer. Trout não conseguia se lembrar das características de cada pessoa em sua vida, a menos que seus corpos ou rostos fossem consideravelmente incomuns.

Quando morou em Cape Cod, por exemplo, a única pessoa que ele cumprimentava calorosamente e pelo nome era Alfy Bearse, um albino de um braço só. “Está quente para você, Alfy?”, dizia. Ou: “Onde você andou se escondendo, Alfy?” Ou: “Você é um colírio para os meus olhos cansados, Alfy.”

E assim por diante.

• • •

Agora que Trout vivia em Cohoes, a única pessoa que ele chamava pelo nome era um anão ruivo de Londres, Durling Heath. Ele trabalhava numa sapataria. Heath tinha uma dessas plaquinhas de executivos em cima da bancada de trabalho, para o caso de alguém querer chamá-lo pelo nome. A plaquinha era mais ou menos assim:



Trout dava um pulo na sapataria de tempos em tempos, e dizia coisas do tipo “Quem vai vencer a World Series esse ano, Durling?”, e “Você tem alguma ideia de por que todas aquelas sirenes estavam tocando ontem à noite, Durling?”, e “Você está bem-vestido hoje, Durling. Onde comprou essa camiseta?”. E assim por diante.

Trout se perguntava agora se sua amizade com Heath havia acabado. Na última vez em que tinha estado na sapataria, falando isso e aquilo para Durling, o anão havia inesperadamente gritado com ele.

Eis o que ele gritou, em seu sotaque *cockney*: “Caramba, *larga* do meu pé!”

• • •

O governador de Nova York, Nelson Rockefeller, apertou a mão de Trout numa mercearia em Cohoes certa vez. Trout não fazia ideia de quem ele era. Sendo um escritor de ficção científica, ele deveria ter ficado embasbacado por chegar tão perto de um homem daqueles. Rockefeller não era simplesmente o governador. Por conta das leis peculiares naquela parte da Terra, Rockefeller tinha o direito de possuir vastas áreas da superfície do planeta, e também petróleo e outros minerais valiosos que havia debaixo da superfície. Ele possuía e controlava uma porção do planeta maior do que muitos países. Aquele tinha sido o seu destino desde a infância. Ele havia herdado aquele direito absurdo de posse quando nasceu.

— Como é que vai, amigo? — perguntou o governador Rockefeller a ele.

— Meio que na mesma — disse Kilgore Trout.

• • •

Depois de insistir na ideia de que Trout tinha uma vida social plena, o caminhoneiro fingiu, mais uma vez, para sua própria satisfação, que Trout havia implorado para saber como era a vida sexual de um motorista de caminhão transcontinental. Trout não havia implorado por aquilo.

— Você quer saber como é que os caminhoneiros pegam mulher, né? — disse o caminhoneiro. — Você tem essa impressão de que todo caminhoneiro que você vê sai comendo todo mundo de costa a costa, né?

Trout deu de ombros.

O caminhoneiro ficou chateado com Trout, e o reprimou por estar muito obscenamente equivocado.

— Deixa eu te dizer uma coisa, Kilgore... — disse, hesitante. — Esse é o seu nome, né?

— Sim — confirmou Trout.

Ele havia esquecido o nome do caminhoneiro uma centena de vezes. Toda vez que desviava a visão dele, Trout esquecia não apenas do seu nome, como também do seu rosto.

— Porra, Kilgore... — disse o caminhoneiro —, se a minha carreta quebrasse em Cohoes, por exemplo, e eu tivesse que passar uns dois dias por lá enquanto a consertavam, você acha que eu conseguiria descolar fácil uma trepadinha por lá? Um forasteiro? Com a cara que eu tenho?

— Isso dependeria de o quanto você estivesse *determinado*.

O caminhoneiro deu um suspiro.

— Pois é, meu Deus... — lamentou ele, abandonando as esperanças por conta própria. — Provavelmente essa é a história da minha vida: nunca ter determinação suficiente para nada.

• • •

Eles conversaram sobre o revestimento em alumínio como técnica para fazer com que casas velhas voltassem a ter aparência de novas. De longe, as placas de alumínio, que jamais precisam ser pintadas, se parecem com madeira recém-pintada.

O caminhoneiro também quis falar sobre *Perma-Stone*, uma técnica concorrente que consistia em revestir as fachadas de casas velhas com cimento colorido para que, de longe, elas parecessem de pedra.

— Se você está no ramo das janelas antitempestade em alumínio — disse o caminhoneiro a Trout —, você também deve estar no de revestimento de alumínio.

Por todo o país, os dois ramos andavam de mãos dadas.

— Minha empresa vende esses revestimentos — explicou Trout —, e eu já vi muitos deles. Mas nunca cheguei a trabalhar numa instalação.

O caminhoneiro andava pensando seriamente em revestir sua casa em Little Rock com alumínio, e implorou para que Trout lhe desse uma resposta sincera para a seguinte pergunta:

— Pelo que você já viu e ouviu por aí, as pessoas que compram revestimento de alumínio ficam felizes com o resultado?

— Lá em Cohoes, eu acho que essas são as únicas pessoas realmente felizes que eu conheço.

• • •

— Eu sei o que você está querendo dizer — falou o caminhoneiro. — Uma vez eu vi uma família inteira de pé do lado de fora da casa onde moravam. Eles não estavam acreditando no quanto tinha ficado linda depois que colocaram o revestimento de alumínio. A pergunta que eu faço, e você pode ser bem sincero comigo, já que nós dois nunca vamos fazer negócios, é: Kilgore, quanto tempo essa felicidade vai durar?

— Cerca de quinze anos — respondeu Trout. — Nosso vendedor diz que você vai facilmente poder bancar um novo revestimento com todo o dinheiro que economizar em tinta e calefação.

— A *Perma-Stone* parece muito mais bonita, e imagino que dure bem mais tempo também — replicou o caminhoneiro. — Por outro lado, é muito mais cara.

— O barato às vezes sai caro — emendou Kilgore Trout.

• • •

O caminhoneiro contou a Trout sobre um aquecedor de água a gás que ele havia comprado havia trinta anos, e que não apresentara nenhum problema em todo aquele tempo.

— Quem diria — comentou Kilgore Trout.

• • •

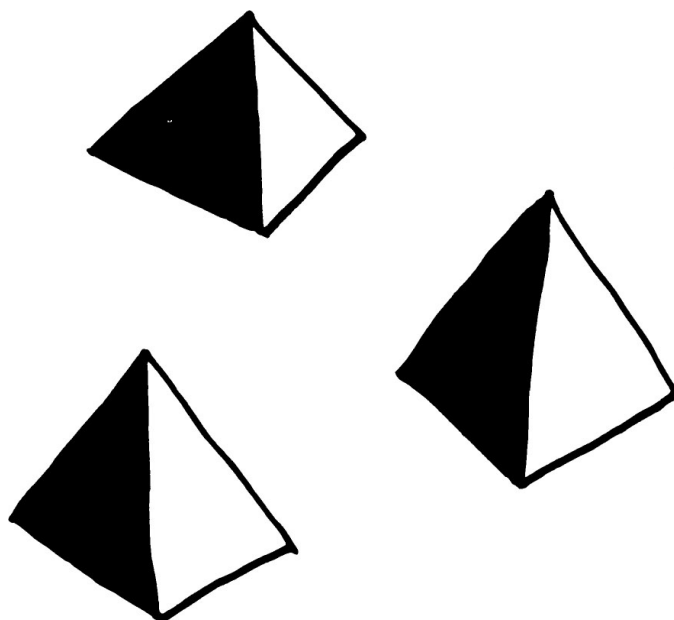
Trout perguntou sobre o caminhão, e o caminhoneiro disse que aquele era o melhor caminhão do mundo. Só o cavalo mecânico custava 28 mil dólares. Era impulsionado por um motor a diesel Cummins de 324 cavalos, que também era turbo, de modo que funcionava bem em grandes altitudes. Tinha direção hidráulica, freios pneumáticos, uma embreagem de 13 marchas, e era propriedade do seu cunhado.

Seu cunhado, disse ele, possuía 28 caminhões, e era o presidente da Transportadora Pirâmide.

— Por que ele batizou a empresa de *Pirâmide*? — perguntou Trout. — Quer dizer... esse troço pode ir a 160 quilômetros por hora se precisar. Ele é rápido, útil, e não tem nada de ornamental. É tão moderno quanto uma espaçonave. Não conheço nada que se pareça menos com uma pirâmide do que esse caminhão.

• • •

Uma pirâmide era uma espécie de tumba de pedra construída pelos egípcios há milhares e milhares de anos. Os egípcios não as construíam mais. As tumbas se pareciam com isso, e turistas vinham de muito longe só para ficar olhando para elas:



• • •

— Por que alguém do ramo de transportes em alta velocidade daria ao seu negócio e seus caminhões o mesmo nome de construções que não haviam se movido sequer um milímetro desde que Jesus nasceu?

A resposta do caminhoneiro foi automática. Um pouco mal-humorada, também, como se ele achasse que Trout fosse um idiota por fazer uma pergunta daquelas.

— Ele gosta da *sonoridade* dessa palavra. Você não gosta da *sonoridade* dessa palavra?

Trout assentiu para manter o clima amistoso.

— Sim. A sonoridade é muito bonita.

• • •

Trout acomodou-se no banco e ficou pensando naquela conversa. Ele a transformou num conto, que só foi parar para escrever quando já era um homem muito, muito velho. O texto mencionava um planeta onde a linguagem estava sempre se transformando em música, porque as criaturas de lá ficavam encantadas pelos sons. As palavras se transformavam em notas musicais. Frases se transformavam em melodias. Elas já não serviam para transmitir informações, porque ninguém mais sabia ou se importava com os significados das palavras.

Então, para que as coisas funcionassem, as lideranças no governo e no comércio precisavam inventar novos vocábulos cada vez mais feios, e estruturas gramaticais que pudessem resistir à tentação de serem transformados em música.

• • •

— Você é casado, Kilgore? — perguntou o caminhoneiro.

— Fui três vezes.

Isso era verdade. Não só isso, como também o fato de todas as suas esposas terem sido extraordinariamente pacientes e lindas e apaixonadas. Todas acabaram murchando por conta do seu pessimismo.

— Algum filho?

— Um — disse Trout. Em algum lugar do passado, amontoado em meio a todas as suas esposas e contos perdidos no correio, havia um filho chamado Leo. — Ele é um homem agora.

• • •

Leo saiu de casa definitivamente com 14 anos. Ele mentiu sobre a sua idade e se alistou nos Fuzileiros Navais. Então, do campo de treinamento, enviou uma carta para o pai. Ela dizia o seguinte: “Tenho pena de você. Você se enfiou dentro do seu próprio cu e morreu.”

Aquela foi a última vez que Trout ouviu falar de Leo, direta ou indiretamente, até ser visitado por dois agentes do FBI. Disseram que Leo havia desertado da sua divisão no Viet Nã. Ele havia cometido um ato de alta traição. Havia se juntado aos Viet Congues.

Eis a avaliação que o FBI fez da situação de Leo naquele planeta, naquela época:

— Seu garoto está metido numa tremenda enrascada — disseram.

Quando Dwayne Hoover viu Harry LeSabre, seu gerente de vendas, vestindo um collant verde-folha, uma saia havaiana e tudo o mais, ele simplesmente não conseguiu acreditar. Então, se forçou a não ver aquilo. Foi até o escritório, que também estava abarrotado de *ukeleles* e abacaxis.

Francine Pefko, sua secretária, parecia normal, exceto pelo fato de estar com um colar de flores em volta do pescoço e uma flor atrás da orelha. Ela sorriu. Francine era uma viúva de guerra com uma lustrosa cabeleira ruiva e lábios que pareciam almofadas de um sofá. Ela adorava Dwayne. E adorava a Semana Havaiana também.

— Aloha — saudou ela.

• • •

Harry LeSabre, enquanto isso, tinha sido destruído por Dwayne.

Quando Harry se apresentou para Dwayne daquela forma tão ridícula, todas as moléculas do seu corpo ficaram esperando pela reação do chefe. Todas as moléculas suspenderam suas tarefas por um instante e tomaram distância das vizinhas. Todas ficaram esperando para saber se a sua galáxia, que se chamava *Harry LeSabre*, seria ou não dissolvida.

Quando Dwayne tratou Harry como se ele fosse invisível, Harry achou que havia se revelado como o abominável travesti que era, e que seria demitido com base nisso.

Harry fechou os olhos. Não queria voltar a abri-los nunca mais. Seu coração enviou a seguinte mensagem às moléculas: “Por motivos óbvios para todos nós, esta galáxia será *dissolvida!*”

• • •

Dwayne não sabia absolutamente nada sobre aquilo. Ele se apoiou na mesa de Francine Pefko. Quase disse a ela o quanto estava se sentindo mal. Ele a alertou:

— Hoje está sendo um dia muito difícil, por algum motivo. Então, nada de piadinhas ou de surpresas. Simplifique tudo. Mantenha os malucos, por

mais inofensivos que sejam, bem longe daqui. Nada de telefonemas.

Francine disse a Dwayne que os gêmeos estavam esperando por ele em sua sala.

— Aconteceu alguma coisa ruim com a caverna, eu acho — acrescentou ela.

Dwayne ficou grato por aquela mensagem tão simples e clara. Os gêmeos eram seus meios-irmãos mais novos, Lyle e Kyle Hoover. A caverna era a Caverna do Sagrado Milagre, uma armadilha para turistas ao sul de Shepherdstown, uma propriedade de Dwayne em conjunto com Lyle e Kyle. Era a única fonte de renda de Lyle e Kyle, que viviam em casas rurais, amarelas e idênticas, cada uma de um dos lados da loja de souvenirs que ficava na frente da entrada para a caverna.

Por todo o estado, pregados em árvores e estacas de cercas, havia placas em forma de setas que apontavam na direção da caverna e diziam a que distância ela estava. Por exemplo:



Visite a Caverna do Sagrado Milagre  
83 km

...

Antes de entrar em sua sala, Dwayne leu um dos vários cartazes engraçados que Francine havia pendurado na parede para divertir as pessoas e lembrá-las de algo que elas esqueciam com muita facilidade: que ninguém precisa ser sério o tempo todo.

Este era o texto no cartaz que Dwayne leu:

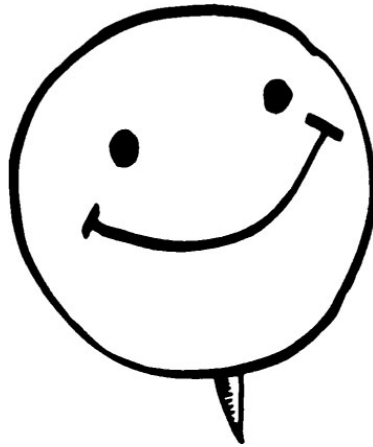
VOCÊ NÃO PRECISA SER LOUCO PARA TRABALHAR AQUI,  
MAS, COM CERTEZA, AJUDA!

Havia um desenho de uma pessoa louca para ilustrar o texto. Era mais ou menos assim:





Francine usava um broche no seu peito na forma de uma criatura que gozava de um estado mental bem mais saudável e invejável. O broche era assim:



...

Lyle e Kyle estavam sentados lado a lado no sofá de couro preto dentro da sala de Dwayne. Eles eram tão parecidos que Dwayne não os diferenciou até 1954, quando Lyle se envolveu numa briga por causa de uma mulher num ringue de patinação. Depois disso, Lyle passou a ser aquele com o nariz quebrado. Quando eram bebês no mesmo berço, Dwayne agora lembrava, eles costumavam chupar os polegares um do outro.

...

Eis como Dwayne acabou tendo meios-irmãos, a propósito, muito embora tivesse sido adotado por pessoas que não podiam gerar seus próprios filhos. O fato de tê-lo adotado ativou alguma coisa em seus corpos que possibilitou

que eles tivessem filhos, no fim das contas. Era um fenômeno comum. Muitos casais pareciam ser programados dessa maneira.

• • •

Naquele momento, Dwayne estava muito feliz em vê-los, aqueles dois homenzinhos de macacão e botas, ambos usando chapéus *pork pie*. Eles eram familiares, eram *reais*. Dwayne fechou sua porta para o caos do lado de fora da sala.

— Muito bem. O que aconteceu na caverna? — perguntou.

Desde que Lyle teve o seu nariz quebrado, os gêmeos concordaram que Lyle deveria falar pelos dois. Desde 1954, Kyle não tinha falado nem mil palavras.

— As bolhas já estão na metade do caminho para a *Catedral* — disse Lyle. — Do jeito que elas estão vindo, vão chegar na *Moby Dick* dentro de uma ou duas semanas.

Dwayne entendeu perfeitamente. O córrego subterrâneo que passava pelas entranhas da Caverna do Sagrado Milagre tinha sido poluído por algum tipo de dejetos industriais que formava bolhas tão resistentes quanto bolas de pingue-pongue. Essas bolhas estavam se acumulando e bloqueando uma passagem que levava até um enorme pedregulho que havia sido pintado de branco para se parecer com *Moby Dick, a grande baleia branca*. Em breve, as bolhas engoliriam *Moby Dick* e invadiriam a *Catedral dos Suspiros*, que era a principal atração da caverna. Milhares de pessoas haviam se casado nela, incluindo Dwayne, Lyle e Kyle. Harry LeSabre também.

• • •

Lyle contou a Dwayne sobre uma experiência que ele e Kyle haviam conduzido na noite anterior. Tinham entrado na caverna com suas escopetas automáticas Browning idênticas e aberto fogo contra a crescente parede de bolhas.

— Elas soltaram um fedor inacreditável — disse Lyle, comparando o cheiro ao de pé de atleta. — O fedor expulsou a mim e o Kyle de lá. A gente deixou o sistema de ventilação ligado durante uma hora e depois voltou. A pintura da *Moby Dick* estava toda empelotada. Ela não tem mais os olhos.

*Moby Dick* tinha cílios compridos em seus olhos azuis do tamanho de pratos de jantar.

• • •

— O órgão ficou todo preto, e o teto ficou num amarelo meio sujo. Praticamente não dá mais para ver o *Sagrado Milagre* — disse Lyle.

O órgão era o *Órgão dos Deuses*, uma floresta de estalactites e estalagmites que havia se formado num dos cantos da *Catedral*. Havia um alto-falante atrás dele, através do qual a música dos casamentos e funerais era tocada. Ele era iluminado por luzes elétricas, que mudavam de cor o tempo todo.

O *Sagrado Milagre* era uma cruz no teto da *Catedral*. Ela era formada pela intersecção de duas rachaduras.

— Na verdade, nunca foi muito fácil de ver. Eu nem tenho certeza de que ela continua lá — comentou Lyle, falando da cruz.

Ele pediu permissão a Dwayne para encomendar um carregamento de cimento. Queria lacrar a passagem entre o córrego e a *Catedral*.

— Esquece a *Moby Dick* e o Jesse James e os escravos e todo o resto — acrescentou ele. — Mas salva a *Catedral*.

*Jesse James* era um esqueleto que o padrasto de Dwayne havia comprado do espólio de um médico durante a Grande Depressão. Os ossos de sua mão direita haviam se fundido às partes enferrujadas de um revólver calibre 45. Aos turistas se dizia que o esqueleto havia sido encontrado daquela maneira, e que ele provavelmente pertencia a um ladrão de trens que acabara aprisionado dentro da caverna por um deslizamento de terra.

Quanto aos escravos: eram estátuas de gesso de homens negros que ficavam dentro de uma câmara, separada de *Jesse James* por um corredor de 15 metros. As estátuas estavam removendo as correntes umas das outras com martelos e serras. Aos turistas se dizia que escravos de verdade um dia haviam usado aquela caverna após fugirem para a liberdade atravessando o rio Ohio.

• • •

A história sobre os escravos era tão falsa quanto a história sobre Jesse James. Aquela caverna só tinha sido descoberta em 1937, quando um pequeno terremoto abriu uma fissura nela. Foi o próprio Dwayne Hoover quem descobriu a fissura, e depois disso ele e seu padrasto a abriram com pés de cabra e dinamite. Antes daquilo, nem mesmo pequenos animais haviam entrado nela.

A única conexão que a caverna tinha com a escravidão era a seguinte: a fazenda na qual ela foi descoberta tinha sido criada por um ex-escravo, Josephus Hoobler. Ele havia sido libertado pelo seu senhor; então, partiu para o Norte e começou a fazenda. Depois ele voltou e comprou sua mãe e uma mulher que viria a ser sua esposa.

Seus descendentes continuaram cuidando da fazenda até a Grande Depressão, quando o Banco Mercantil do condado de Midland executou a hipoteca. Então, o padrasto de Dwayne foi atropelado por um automóvel

dirigido por um homem branco que havia comprado a fazenda. Num acordo extrajudicial relativo aos ferimentos que havia sofrido, o padrasto de Dwayne recebeu o que ele chamava pejorativamente de “uma maldita fazenda de crioulo.”

Dwayne se lembra da primeira vez que a família viajou até lá para dar uma olhada na fazenda. Seu pai arrancou uma placa de crioulo da caixa de correio dos crioulos e a jogou numa vala. Eis o que ela dizia:



Fazenda do Pássaro Azul

O caminhão que transportava Kilgore Trout estava agora na Virgínia Ocidental. A superfície do estado tinha sido devastada por homens, máquinas e explosivos para que o seu carvão pudesse ser extraído. A maior parte do carvão não existia mais. Tinha sido transformada em calor.

A superfície da Virgínia Ocidental, sem o seu carvão, suas árvores e a primeira camada do solo, estava reorganizando o que havia sobrado de si mesma de acordo com as leis da gravidade. Ou seja, desabando para dentro de todos os buracos que haviam aberto nela. As montanhas, que antigamente tinham facilidade em permanecer de pé sozinhas, agora deslizavam para dentro dos vales.

A demolição da Virgínia Ocidental havia ocorrido com a aprovação dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário do governo estadual, poderes estes extraídos das pessoas.

Ainda havia uma ou outra residência inabitada de pé.

• • •

Trout viu uma barreira de proteção quebrada um pouco adiante. Deu uma olhada na vala que havia logo abaixo dela e viu um Cadillac El Dorado 1968 tombado dentro de um arroio. A placa era do Alabama. Também havia diversos utensílios domésticos velhos dentro do arroio — fogões, uma máquina de lavar, algumas geladeiras.

Uma criança branca com um rosto angelical e o cabelo louro dourado estava parada ao lado do arroio. Ela acenou para Trout. Abraçava uma garrafa de meio litro de Pepsi-Cola contra o seu peito.

• • •

Trout perguntou a si mesmo em voz alta o que as pessoas faziam para se divertir, e o caminhoneiro contou a ele uma história esquisita sobre uma noite que havia passado na Virgínia Ocidental, na boleia do caminhão, perto de um prédio sem janelas que emitia um zumbido muito chato.

— Eu via as pessoas entrando e saindo, mas não consegui descobrir que tipo de máquina estava fazendo aquele barulho. O prédio tinha uma estrutura velha e barata, montada em cima de blocos de concreto, e ficava no meio do nada. Carros iam e vinham, e as pessoas pareciam gostar muito do que quer que estivesse produzindo aquele zumbido — disse ele.

Então, ele deu uma espiada lá dentro e comentou:

— Estava cheio de gente andando de patins. As pessoas ficavam indo de um lado para o outro. Ninguém sorria. Elas só ficavam indo de um lado para o outro.

• • •

Ele contou a Trout a respeito das pessoas daquela região sobre as quais ele tinha ouvido falar, que capturavam víboras e cascavéis vivas durante cerimônias religiosas para mostrar o quanto acreditavam que Jesus as protegeria.

— É preciso todo tipo de gente para criar um mundo — disse Trout.

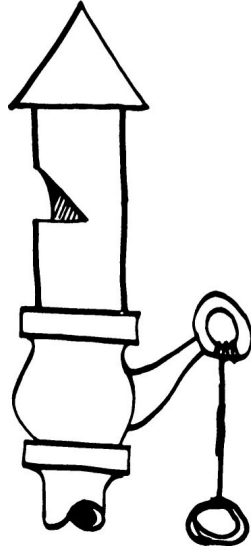
• • •

Trout ficou espantado ao descobrir o quão recente era a chegada do homem branco na Virgínia Ocidental, e o quão rapidamente ele a havia demolido — foi para obter aquecimento.

Agora, esse calor também já havia se esvaído — em direção ao espaço sideral, supôs Trout. O calor havia fervido água, e o vapor resultante tinha feito as pás dos moinhos de aço rodarem e rodarem. Os moinhos tinham feito os rotores dentro de geradores rodarem e rodarem. Os Estados Unidos foram impulsionados pela eletricidade durante algum tempo. O carvão também alimentou os antiquados barcos a vapor e as marias-fumaça.

• • •

Marias-fumaça, barcos a vapor e fábricas tinham apitos que eram acionados pelo vapor quando Dwayne Hoover e Kilgore Trout eram crianças, quando nossos pais eram crianças, quando nossos avós eram crianças. Os apitos eram mais ou menos assim:

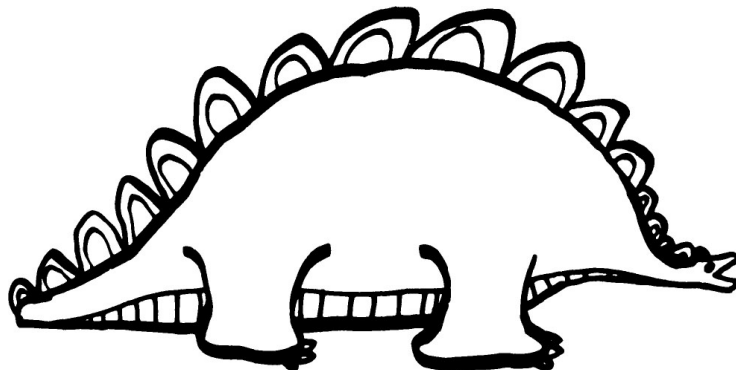


...

O vapor gerado pela água fervida por carvão incandescente era expelido violentamente pelos apitos, que produziam lamentos estridentemente lindos, como se emitidos pelas laringes de dinossauros que estavam morrendo ou se acasalando – gritos como *tvuuuuuu-uh*, *wuuuuuu-uh*, e *tormmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmnnnnnn*, e assim por diante.

...

Um dinossauro era um réptil tão grande quanto uma maria-fumaça. Ele era mais ou menos assim:



Ele tinha dois cérebros, um para a sua cabeça e outro para a sua cauda. Juntos, os dois cérebros eram menores do que uma ervilha. Uma ervilha era um legume que se parecia com isso:



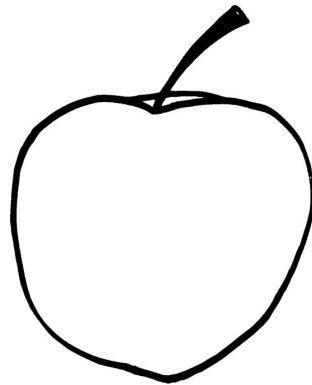
Carvão era uma mistura altamente comprimida de árvores e flores e arbustos e folhas, e assim por diante, em decomposição, além de excremento de dinossauro.

...

Kilgore Trout ficou pensando nos gritos dos diferentes apitos de vapor que ele conhecia, e na destruição da Virgínia Ocidental, que tornou possíveis as canções desses apitos. Supôs que aqueles gritos de cortar o coração haviam se esvaído em direção ao espaço sideral, junto com o calor. Mas estava enganado.

Como a maioria dos escritores de ficção científica, Trout não sabia praticamente nada sobre ciência — a quantidade de detalhes técnicos o deixava morrendo de tédio. Mas nenhum grito de nenhum apito chegou muito longe da Terra pela seguinte razão: o som só é capaz de viajar dentro de uma atmosfera, e a atmosfera da Terra em relação ao planeta era mais fina do que a casca de uma maçã. Depois dela, havia um vácuo quase perfeito.

Uma maçã era uma fruta muito popular, que era mais ou menos desse jeito:



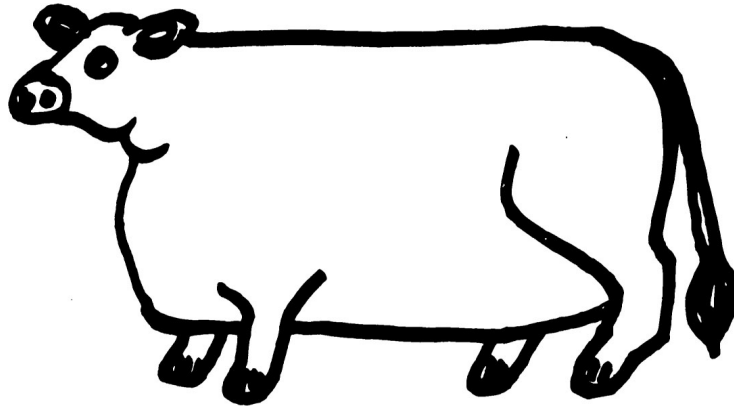
...

O caminhoneiro era um grande comilão. Ele parou no MacDonalld's, uma lanchonete de hambúrgueres. Havia muitas redes de lanchonetes de hambúrgueres no país. *MacDonald's* era uma delas. *Burger Chef* era outra. Dwayne Hoover, como já foi dito anteriormente, possuía diversas franquias da *Burger Chef*.

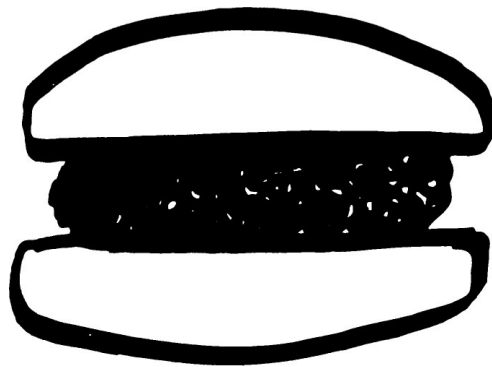


...

Um hambúrguer era feito de um animal que se parecia com isso:



O animal era morto e triturado em pedacinhos, depois, moldado na forma de um disco, frito, e colocado entre dois pedaços de pão. O produto finalizado era mais ou menos assim:



...

Trout, a quem restava muito pouco dinheiro, pediu uma xícara de café. Ele perguntou a um homem muito, muito velho sentado num banquinho ao seu lado se ele havia trabalhado nas minas de carvão.

O velho disse o seguinte:

— Dos 10 aos 62 anos de idade.

— E você está feliz de ter saído de lá? — perguntou Trout.

— Meu Deus — disse o homem —, a gente nunca sai de lá, nem quando está dormindo. Eu *sonho* com as minas.

Trout perguntou a ele como se sentia por ter trabalhado numa indústria cujo negócio era destruir o campo, e o velho disse que, geralmente, ele estava cansado demais para se importar com aquilo.

• • •

— Não faz diferença se você se importa — respondeu o velho mineiro —, a menos que você seja o dono dessa coisa com a qual se importa.

Ele destacou que os direitos sobre os minérios de todo o país sobre o qual estavam sentados pertenciam à Companhia Rosewater de Carvão e Ferro, que tinha adquirido aqueles direitos logo após o término da Guerra Civil.

— A lei diz que, quando um homem é dono de alguma coisa que está debaixo da superfície, e ele quer pegá-la, você tem de permitir que ele destrua tudo o que estiver entre a superfície e aquilo que ele possui.

Trout não fez a ligação entre a Companhia Rosewater de Carvão e Ferro e Eliot Rosewater, seu único fã. Ele ainda achava que Eliot Rosewater era um adolescente.

A verdade é que os antepassados de Rosewater estavam entre os principais destruidores da superfície e do povo da Virgínia Ocidental.

• • •

— Mesmo assim, não parece correto — disse o velho mineiro a Trout — que um homem possa ser o dono de algo que está debaixo da fazenda, ou da casa, ou das árvores de outro homem. E que, no momento que este homem queira pegar o que está debaixo disso tudo, ele tenha o direito de destruir o que estiver em cima. Os direitos das pessoas que estão em cima da terra não valem nada comparados aos direitos do homem que é dono de tudo o que está embaixo dela.

Ele lembrou em voz alta a vez em que ele e outros mineiros tentaram obrigar a Companhia Rosewater de Carvão e Ferro a tratá-los como seres humanos. Eles travaram pequenas guerras com os seguranças particulares da empresa, com a polícia estadual e com a Guarda Nacional.

— Eu nunca vi um Rosewater, mas os Rosewater sempre venciam. Eu caminhava nas ruas dos Rosewater. Abria buracos para os Rosewater em Rosewater. Eu vivia nas casas dos Rosewater. Eu comia a comida dos Rosewater. Se eu brigasse com um Rosewater, qualquer Rosewater que fosse, o Rosewater me daria uma surra e me deixaria lá para morrer. Se você perguntar para as pessoas daqui, elas vão te dizer que, pelo que *elas* sabem, o mundo todo é dos Rosewater.

• • •

O caminhoneiro sabia que Trout estava indo para a cidade de Midland. Mas não sabia que Trout era um escritor a caminho de um festival de artes. Trout

compreendia que pessoas honestas e trabalhadoras não viam nenhuma utilidade nas artes.

— Por que uma pessoa que bate bem da cachola quer ir até Midland? — perguntou o caminhoneiro, já de volta à estrada.

— Minha irmã está doente.

— Midland é o cu do universo.

— Eu sempre me perguntei onde é que ele ficava.

— Se não é em Midland, é em Libertyville, Geórgia. Você conhece Libertyville?

— Não.

— Eu fui preso por excesso de velocidade lá. Eles tinham uma armadilha, na qual de repente o limite de velocidade caía de 50 para 15 quilômetros por hora. Aquilo me deixou louco. Troquei umas palavras com o policial, mas ele me jogou na cadeia. O principal negócio lá é transformar jornais, revistas e livros velhos em polpa para fazer papel reciclado — revelou o caminhoneiro.

— Caminhões e trens traziam centenas de toneladas de material impresso descartado todos os dias.

— Hum.

— Mas o processo de descarga era muito desleixado; então, tinha pedaços de livros e revistas e assim por diante espalhados por toda a cidade. Se você quisesse abrir uma biblioteca, era só ir até o pátio de descarga e pegar todos os livros que você quisesse.

— Hum.

Logo à frente, havia um homem branco pedindo carona com sua mulher grávida e seus nove filhos.

— Ele não parece o Gary Cooper? — perguntou o caminhoneiro, indicando o homem que pedia carona.

— Parece mesmo — concordou Trout.

Gary Cooper era um astro de cinema.

• • •

— Enfim... — retomou o caminhoneiro. — Eles tinham tantos livros lá em Libertyville que até os usavam como papel higiênico na cadeia. Eles me prenderam numa sexta, no final da tarde, de modo que eu só consegui falar com o juiz na segunda. Então, fiquei lá no xilindró por dois dias, sem nada para fazer além de ler meu papel higiênico. Eu ainda me lembro de uma das histórias que li.

— Hum.

— Aquela foi a *última* história que eu li — disse o caminhoneiro. — Meu Deus... isso deve fazer uns quinze anos. Era uma história muito louca, sobre outro planeta. Eles tinham museus cheios de quadros por toda a parte, e o

governo usava uma espécie de roleta para decidir o que seria exposto e o que seria jogado fora.

De repente, Kilgore Trout se viu atordoado por um *déjà-vu*. O caminhoneiro o havia feito se lembrar da premissa de um livro no qual ele não pensava havia anos. O papel higiênico do caminhoneiro em Libertyville, Geórgia, tinha sido *O Barring-gaffner de Bagnialto*, ou *A obra-prima deste ano*, de autoria de Kilgore Trout.

• • •

O nome do planeta onde o livro de Trout se passava era *Bagnialto*, e um “Barring-gaffner” era um oficial do governo que girava uma roleta uma vez por ano. Os cidadãos enviavam obras de arte ao governo. Cada uma delas ganhava um número, e a elas se atribuía um valor em dinheiro de acordo com os giros que o Barring-gaffner dava na roleta.

A história não era contada do ponto de vista do Barring-gaffner, mas de um humilde sapateiro chamado Gooz. Gooz vivia sozinho e tinha pintado um quadro do seu gato. Aquela era a única pintura que ele havia feito. Ele a levou ao Barring-gaffner, que deu um número a ela e a colocou num depósito abarrotado de obras de arte.

A pintura de Gooz foi acometida por um golpe de sorte sem precedentes na roleta. Ela foi avaliada em 18 mil lambos, o equivalente a 1 bilhão de dólares na Terra. O Barring-gaffner deu um cheque naquele valor a Gooz, sendo que a maior parte dele acabou sendo confiscada de volta de uma só vez pelo coletor de impostos. O quadro ganhou um lugar de honra na Galeria Nacional, e as pessoas faziam filas quilométricas para ter a chance de ver uma pintura avaliada em 1 bilhão de dólares.

Também se fazia uma enorme fogueira com todas as pinturas e estátuas e livros e tudo o mais que a roleta dizia que não valia nada. Depois se descobriu que a roleta era viciada, e o Barring-gaffner cometeu suicídio.

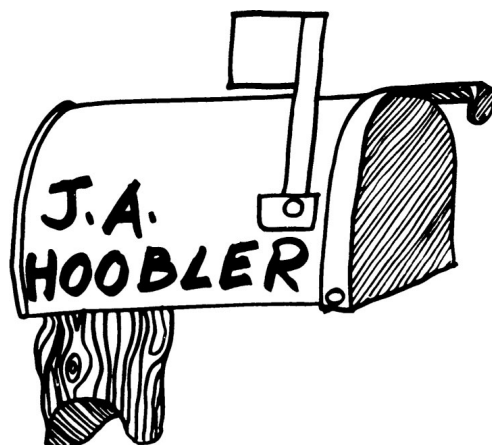
• • •

Era uma coincidência incrível que o caminhoneiro tivesse lido um livro escrito por Kilgore Trout. Trout nunca tinha encontrado um leitor até então, e sua resposta naquele momento foi muito interessante: ele não admitiu que era o autor daquele livro.

• • •

O caminhoneiro observou que as caixas de correio naquela região tinham todas o mesmo nome escrito.

— Ali tem mais uma — indicou ele, apontando para uma caixa de correio parecida com isso:



O caminhão estava passando pela região da qual vinham os pais adotivos de Dwayne Hoover. Eles haviam migrado da Virgínia Ocidental para a cidade de Midland durante a Primeira Guerra Mundial, para ganhar muito dinheiro na Montadora Keedsler, que produzia aviões e caminhões. Quando chegaram à cidade de Midland, eles mudaram seu nome na justiça de *Hoobler* para *Hoover*, porque havia muitos negros na cidade de Midland com aquele sobrenome.

Como o padraсто de Dwayne Hoover explicou para ele certa vez: “Era constrangedor. Todo mundo aqui naturalmente achava que Hoobler era um sobrenome de *crioulo*.”

Dwayne Hoover sobreviveu bem ao almoço aquele dia. Agora, estava começando a se lembrar da Semana Havaiana. Os *ukeleles* e assim por diante não eram mais um mistério. O asfalto entre a sua concessionária de automóveis e o novo Holiday Inn não eram mais uma cama elástica.

Ele dirigiu sozinho até o restaurante num carro de mostruário com ar-condicionado, um Pontiac Le Mans azul com o interior creme, com o rádio ligado. Ouviu vários de seus próprios comerciais no rádio, que enfatizavam a mensagem: “Você pode confiar no Dwayne.”

Muito embora sua sanidade mental tivesse melhorado consideravelmente desde o café da manhã, um novo sintoma da doença se manifestou. Era uma ecolalia incipiente. Dwayne se viu querendo repetir em voz alta tudo o que havia acabado de ouvir.

Então, quando o rádio disse a ele: “Você pode confiar no Dwayne,” ele repetiu a última palavra.

— Dwayne.

Quando o rádio disse que um tornado havia atingido o Texas, Dwayne disse o seguinte em voz alta:

— Texas.

Depois, ouviu que os maridos das mulheres que haviam sido estupradas durante a guerra entre a Índia e o Paquistão não queriam mais nada com suas esposas. As mulheres, aos olhos de seus maridos, tinham se tornado *impuras*, disse o rádio.

— Impuras — ecoou Dwayne.

• • •

Quanto a Wayne Hoobler, o ex-detento negro cujo único sonho era trabalhar para Dwayne Hoover: ele tinha aprendido a brincar de esconde-esconde com os funcionários de Dwayne. Afinal, não queria ser expulso do lugar por ficar rondando os carros usados. Então, quando algum funcionário se aproximava, Wayne se esgueirava até a área onde o lixo era jogado fora nos fundos do Holiday Inn, e examinava com muito rigor os restos de sanduíches

de peru e os maços vazios de cigarros Salem e assim por diante nas latas de lixo, como se fosse da vigilância sanitária ou alguma coisa desse tipo.

Quando o funcionário ia embora, Wayne voltava até os carros usados, mantendo seus olhos muito abertos para o verdadeiro Dwayne Hoover.

O verdadeiro Dwayne Hoover, é claro, tinha basicamente negado ser Dwayne. Então, quando o verdadeiro Dwayne saiu na hora do almoço, Wayne, que não tinha ninguém com quem conversar a não ser a si mesmo, falou com seus botões: “Aquele não é o Sr. Hoover. Mas ele *se parece* muito mesmo com o Sr. Hoover. Talvez o Sr. Hoover esteja doente hoje.” E assim por diante.

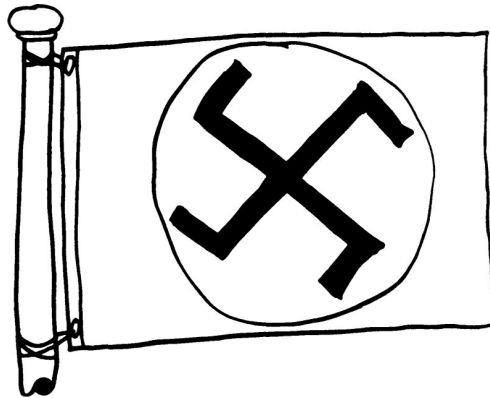
• • •

Dwayne almoçou um hambúrguer com batatas fritas e uma Coca no seu mais novo Burger Chef, que ficava na avenida Crestview, do outro lado da rua onde estavam construindo o novo Colégio de Ensino Médio John F. Kennedy. John F. Kennedy nunca havia estado na cidade de Midland, mas tinha sido presidente dos Estados Unidos e assassinado com um tiro. Presidentes deste país eram frequentemente assassinados a tiros. Seus assassinos tinham sido perturbados por algumas das mesmas substâncias químicas erradas que estavam transformando Dwayne.

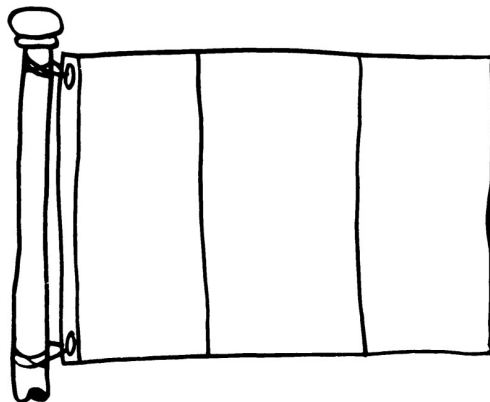
• • •

Dwayne com certeza não era um caso isolado no que dizia respeito à presença de substâncias químicas erradas dentro da cabeça. Ele compartilhava disso com diversos colegas ao longo de toda a história. Durante o curso de sua própria vida, por exemplo, as pessoas num país chamado Alemanha estiveram tão cheias de substâncias químicas erradas durante um tempo que chegaram a construir fábricas cujo único propósito era o de matar pessoas, aos milhões. As pessoas eram levadas até lá em trens.

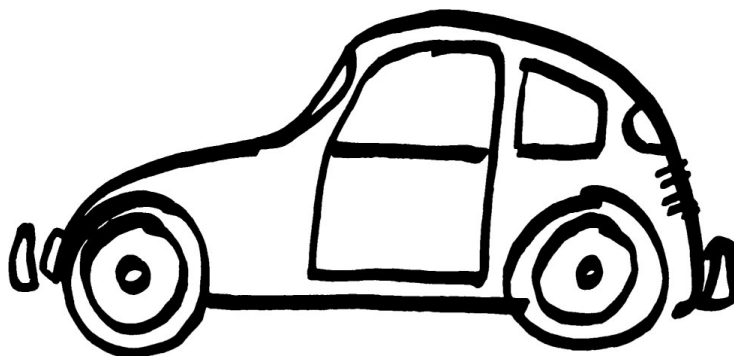
Quando os alemães estavam cheios de substâncias químicas erradas, sua bandeira era assim:



Eis como sua bandeira ficou depois que eles melhoraram:

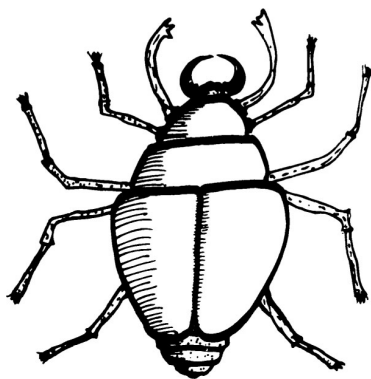


Depois de se recuperarem, eles começaram a produzir um automóvel barato e durável, que se tornou popular em todo o mundo, especialmente entre os jovens. Ele era mais ou menos assim:



As pessoas o chamavam de “cascudinho”. Um cascudinho de verdade é mais ou menos assim:





O cascudinho mecânico foi criado pelos alemães. O cascudinho de verdade foi criado pelo Criador do Universo.

• • •

A garçonete que atendeu Dwayne no Burger Chef era uma menina branca de 17 anos de idade chamada Patty Keene. Seu cabelo era amarelo. Seus olhos eram azuis. Ela era muito velha para um mamífero. A maioria dos mamíferos estava senil ou morta quando chegava aos 17 anos. Mas Patty era um tipo de mamífero que se desenvolvia muito lentamente, de modo que o corpo que ela habitava estava chegando somente agora à maturidade.

Ela era uma adulta novinha em folha, que trabalhava para poder pagar as contas altíssimas dos médicos e hospitais deixadas por seu falecido pai no tratamento de câncer de cólon e, depois, de câncer de tudo.

Isto aconteceu num país no qual se esperava que todo mundo pagasse suas próprias contas, e uma das coisas mais caras que uma pessoa podia fazer era ficar doente. A doença do pai de Patty Keene custou dez vezes mais do que todas as viagens para o Havaí que Dwayne teria distribuído ao final da Semana Havaiana.

• • •

Dwayne admirava o fato de Patty Keene ser novinha em folha, muito embora não sentisse atração sexual por mulheres assim tão jovens. Ela era como um carro novo que ainda não teve nem o rádio ligado, e aquilo fez Dwayne recordar uma cantiga que seu pai cantava às vezes quando estava bêbado. Ela era assim:

Rosas são vermelhas  
E estão prontas para colher.  
Você tem 16 anos

E está pronta para o Ensino Médio.

• • •

Patty Keene se fazia de boba de propósito, o que era o caso com a maioria das mulheres da cidade de Midland. Todas tinham cérebros grandes, uma vez que eram animais de grande porte, mas não os usavam muito pelo seguinte motivo: ideias estranhas poderiam lhes render inimigos, e as mulheres, se queriam ter um mínimo de conforto e segurança, precisavam de todos os amigos que pudessem encontrar.

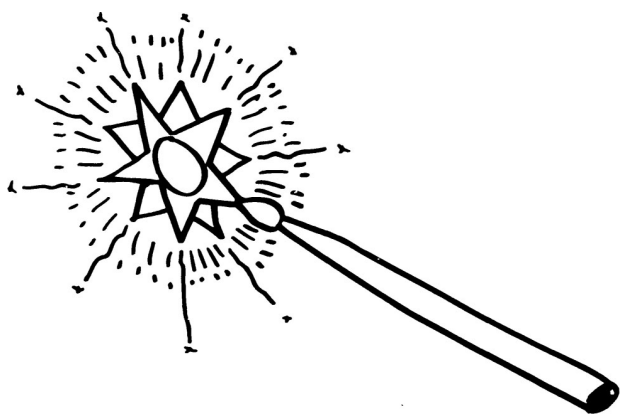
Então, com o intuito de sobreviver, as mulheres se condicionaram a serem máquinas de concordar em vez de máquinas de pensar. Tudo de que seus cérebros precisavam fazer era descobrir o que as outras pessoas estavam pensando, e aí pensar daquela forma também.

• • •

Patty sabia quem Dwayne era. Dwayne não sabia quem Patty era. O coração dela bateu mais forte enquanto servia a mesa dele, pois Dwayne poderia resolver muitos dos seus problemas com o dinheiro e o poder que tinha. Poderia dar a ela uma bela casa, e um carro novo, e lindas roupas, e uma vida tranquila, e poderia quitar todas as suas despesas médicas, tudo com a mesma facilidade com que ela havia lhe servido hambúrguer com fritas e Coca.

Dwayne poderia fazer por ela o que a Fada Madrinha fez pela Cinderela, se assim quisesse, e, até aquele momento, Patty nunca havia chegado tão perto de uma pessoa tão mágica. Ela estava na presença do sobrenatural. Conhecia a cidade de Midland e a si própria o suficiente para perceber que talvez nunca mais chegasse tão perto do sobrenatural novamente.

Patty Keene chegou até a imaginar Dwayne apontando uma varinha de condão para os seus problemas e sonhos. Ela era mais ou menos assim:



Ela falou bem alto e sem medo, para tentar descobrir se uma ajuda sobrenatural seria possível no seu caso. Estava disposta a passar sem ela, porque era isso que se esperava dela — que trabalhasse duro a vida inteira para não receber muita coisa em troca, e que se associasse a outros homens e mulheres pobres, impotentes e endividados. Ela disse o seguinte a Dwayne:

— Me perdoe por chamá-lo pelo seu nome, Sr. Hoover, mas é impossível não reconhecer o senhor, com a sua foto em todos os seus anúncios e tudo o mais. Além do mais, todo mundo que trabalha aqui me disse quem você era. Quando você entrou, todo mundo ficou cochichando.

— Cochichando — disse Dwayne.

Era a ecolalia mais uma vez.

• • •

— Acho que essa não é a palavra certa — disse ela.

Patty estava acostumada a se desculpar pelo uso da linguagem. Havia sido encorajada a fazer isso muitas vezes quando estava no colégio. A maioria dos brancos da cidade de Midland ficavam inseguros quando falavam, daí mantinham suas frases curtas e simplificavam seu vocabulário, minimizando seus erros constrangedores. Dwayne certamente fazia aquilo. Patty certamente fazia aquilo.

Isso acontecia porque seus professores de inglês se encolhiam e tapavam os ouvidos e davam notas baixíssimas e assim por diante sempre que eles não conseguiam falar como aristocratas ingleses anteriores à Primeira Guerra Mundial. Além disso: eles aprendiam que não eram dignos de falar ou escrever em seu idioma se não fossem capazes de amar ou entender romances, peças e poemas sobre pessoas muito antigas e distantes, como *Ivanhoé*.

• • •

Os negros não aceitavam aquilo. Eles seguiam falando inglês de *qualquer* jeito. Recusavam-se a ler livros que não entendiam, baseados no fato de que não os entendiam. Então, faziam perguntas imprudentes, como: “Pra quê que eu vô querê lê *Um conto de duas cidades*? Pra quê?”

• • •

Patty Keene se deu mal em inglês no semestre em que teve que ler e gostar de *Ivanhoé*, que era sobre homens usando armaduras e as mulheres que os amavam. Então, ela ficou em recuperação, na qual a fizeram ler *A boa terra*, que era sobre chineses.

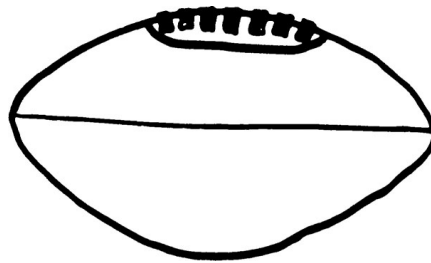
Foi nesse mesmo semestre que ela perdeu a virgindade. Foi estuprada por um instalador de conversor de gás chamado Don Breedlove, branco, no estacionamento do Estádio Memorial Bannister, na Feira do Condado, depois das eliminatórias do Torneio Regional de Basquete Estudantil. Ela nunca o denunciou à polícia. Ela nunca o denunciou a ninguém, pois seu pai já havia morrido naquela época.

Patty já tinha problemas o suficiente.

• • •

O Estádio Memorial Bannister havia sido batizado em homenagem a George Hickman Bannister, um rapaz de 17 anos que morreu enquanto jogava futebol americano no colégio em 1924. George Hickman Bannister possuía a maior lápide no Cemitério do Calvário, um obelisco de dezenove metros de altura com uma bola de futebol americano feita de mármore no topo.

A bola de futebol americano feita de mármore era assim:



O futebol americano era um jogo de guerra. Vestindo armaduras feitas de couro, tecido e plástico, os integrantes de dois times adversários lutavam pela bola.

George Hickman Bannister foi morto enquanto tentava pegar a bola num Dia de Ação de Graças. O Dia de Ação de Graças era um feriado no qual se esperava que todas as pessoas no país expressassem sua gratidão ao Criador do Universo, principalmente pela comida.

• • •

O obelisco de George Hickman Bannister foi financiado por contribuições da população, sendo que a Câmara de Comércio doou 1 dólar para cada 2 dólares doados pelo povo. Durante muitos anos, aquela foi a estrutura mais alta na cidade de Midland. Uma lei municipal foi aprovada tornando ilegal a construção de qualquer coisa maior do que o obelisco, e ela foi batizada de *Lei George Hickman Bannister*.

Mais tarde, essa lei acabou sendo descartada para permitir a construção de torres para antenas de rádio.

• • •

Os dois maiores monumentos da cidade, até que o novo Centro Memorial de Artes Mildred Barry fosse erguido no Sugar Creek, haviam sido construídos supostamente para que George Hickman Bannister jamais fosse esquecido. Mas ninguém mais pensava nele quando Dwayne Hoover se encontrou com Kilgore Trout. Não havia muita coisa para se pensar sobre ele, na verdade, mesmo na época de sua morte, além do fato de que ele era jovem.

E George não tinha mais nenhum parente na cidade. Não havia mais nenhum Bannister na lista telefônica, exceto pelo *The Bannister*, que era uma sala de cinema. Na verdade, nem o próprio *The Bannister* estaria lá quando as novas listas telefônicas fossem distribuídas. O cinema havia sido transformado numa loja de móveis baratos.

O pai, a mãe e a irmã de George Hickman Bannister, que se chamava Lucy, se mudaram para bem longe da cidade antes mesmo que as obras da lápide e do estádio fossem concluídas, e nenhum deles foi localizado para as cerimônias de homenagem.

• • •

Aquele era um país muito agitado, com pessoas inquietas o tempo todo. De tempos em tempos, alguém parava para erguer um monumento.

Havia monumentos por todo o país. Mas, certamente, era bastante raro que uma pessoa comum recebesse não apenas um, mas dois monumentos em sua homenagem, como tinha sido o caso de George Hickman Bannister.

Tecnicamente, todavia, apenas a lápide havia sido erigida especificamente em seu nome. O estádio seria construído de qualquer maneira. O dinheiro para sua criação havia sido reservado dois anos antes de George Hickman Bannister ser morto na flor da idade. Não custou nenhum centavo a mais batizá-lo com o nome dele.

• • •

O Cemitério do Calvário, onde George Hickman Bannister descansava, tinha sido nomeado em homenagem a um monte em Jerusalém a milhares de quilômetros de distância. Muita gente acreditava que o filho do Criador do Universo tinha sido assassinado naquele lugar havia milhares de anos.

Dwayne Hoover não sabia se acreditava ou não naquilo. Patty Keene também não.

• • •

E eles certamente não estavam preocupados com aquilo naquele momento. Tinham coisas mais importantes para fazer. Dwayne se perguntava quanto tempo ainda duraria seu ataque de ecolalia, e Patty Keene precisava descobrir se o fato de ser novinha em folha, sua beleza e personalidade extrovertida valiam alguma coisa para um vendedor de Pontiacs de meia-idade, gentil e meio *sexy*, como Dwayne.

— Mas enfim — disse ela —, com certeza é uma honra ter você aqui nos visitando, e essas também não são as palavras certas, mas espero que você entenda o que eu estou querendo dizer.

— Dizer — falou Dwayne.

— A comida está boa? — perguntou ela.

— Está boa.

— É o mesmo que servimos para todos. Não fizemos nada de especial para você.

— Você — disse Dwayne.

• • •

O que Dwayne disse não fez muita diferença. Havia anos que o que ele dizia não fazia muita diferença. Não fazia muita diferença o que a maioria das pessoas da cidade de Midland dizia em voz alta, exceto quando estavam falando sobre dinheiro ou estruturas ou viagens ou maquinário — coisas mensuráveis. Cada pessoa tinha um papel definido a cumprir: negro; menina que larga o colégio; vendedor de Pontiacs; ginecologista; instalador de conversor de gás. Se uma pessoa parava de viver de acordo com as expectativas em virtude das substâncias químicas erradas ou alguma outra coisa, todo mundo continuava imaginando que aquela pessoa estava vivendo de acordo com as expectativas mesmo assim.

Esse era o principal motivo pelo qual as pessoas na cidade de Midland demoravam tanto para detectar a insanidade entre seus pares. Suas imaginações insistiam em dizer que ninguém mudava muito de um dia para o outro. Suas imaginações eram peças de uma engrenagem dentro da máquina avariada da terrível verdade.

• • •

Quando Dwayne deixou Patty Keene e o Burger Chef, quando entrou no seu carro de mostruário e saiu dirigindo, Patty Keene estava convencida de que poderia fazê-lo feliz com seu corpo jovem, sua coragem e seu entusiasmo. Ela queria falar a plenos pulmões sobre as rugas no seu rosto, sobre o fato de sua mulher ter ingerido Drãno, sobre o seu cão que tinha que brigar o tempo todo porque não conseguia abanar o rabo, e sobre o seu filho ser homossexual. Ela sabia todas essas coisas sobre Dwayne. Todo mundo sabia essas coisas sobre Dwayne.

Ela olhou para a torre da emissora de rádio WMCY, da qual Dwayne Hoover era dono. Era a estrutura mais alta da cidade de Midland. Ela era oito vezes mais alta do que a lápide de George Hickman Bannister. Tinha uma luz vermelha no topo para alertar os aviões.

Ela ficou pensando em todos os carros novos e usados que Dwayne possuía.

• • •

Os cientistas da Terra, por sinal, haviam acabado de descobrir uma coisa fascinante sobre o continente no qual Patty Keene estava pisando. Ele estava posicionado em cima de uma placa de aproximadamente 64 quilômetros de espessura, e essa placa estava à deriva em cima de uma gosma derretida. Quando essas placas se chocavam, surgiam as montanhas.

• • •

As montanhas da Virgínia Ocidental, por exemplo, foram erguidas quando um enorme pedaço da África chocou-se com a América do Norte. E o carvão que havia no estado foi formado pelas florestas enterradas por conta dessa colisão.

Patty Keene ainda não tinha ouvido a grande novidade. Nem Dwayne. Nem Kilgore Trout. Eu só fiquei sabendo anteontem. Estava lendo uma revista, e a televisão também estava ligada. Um grupo de cientistas dizia para a câmera que a teoria a respeito das placas que flutuavam, se chocavam e se trituravam era mais do que uma teoria. Agora eles podiam provar que aquilo era verdade, e que o Japão e São Francisco, por exemplo, corriam enorme perigo, porque era nesses locais que algumas das maiores colisões e triturações aconteceriam.

Os cientistas disseram também que eras do gelo continuariam a ocorrer. Geleiras de quilômetros de espessura, falando de um ponto de vista geológico, continuariam a subir e descer, como as persianas de uma janela.

• • •

Por um acaso, Dwayne Hoover tinha um pênis excepcionalmente grande, e nem fazia ideia. As poucas mulheres com quem ele teve alguma relação não eram suficientemente vividas para saber se ele estava dentro da média ou não. A média mundial era de 15 centímetros de comprimento, e 4 centímetros de diâmetro quando repleto de sangue. O pênis de Dwayne tinha 18 centímetros de comprimento e 5 centímetros de diâmetro quando repleto de sangue.

Bunny, o filho de Dwayne, tinha um pênis exatamente dentro da média.

Kilgore Trout tinha um pênis com 18 centímetros de comprimento, mas apenas 3 centímetros de diâmetro.

Isto é uma polegada (cerca de 2,5 centímetros):



Harry LeSabre, o gerente de vendas de Dwayne, tinha um pênis de 13 centímetros de comprimento e 5 centímetros de diâmetro.

Cyprian Ukwende, o médico negro nigeriano, tinha um pênis de 17,5 centímetros de comprimento e 4,5 centímetros de diâmetro.

Don Breedlove, o instalador de conversor de gás que estuprou Patty Keene, tinha um pênis de 15 centímetros de comprimento e 5 centímetros de diâmetro.

• • •

Patty Keene tinha 86 centímetros de quadril, 66 centímetros de cintura e 86 centímetros de busto.

A esposa falecida de Dwayne tinha 91 centímetros de quadril, 71 centímetros de cintura, e 96 centímetros de busto quando eles se casaram. E tinha 99 centímetros de quadril, 78 centímetros de cintura e 96 centímetros de busto quando ingeriu Drãno.

Sua amante e secretária, Francine Pefko, tinha 94 centímetros de quadril, 76 centímetros de cintura, e 99 centímetros de busto.



Sua madrasta, quando morreu, tinha 86 centímetros de quadril, 61 centímetros de cintura, e 83 centímetros de busto.

• • •

Então, Dwayne saiu do Burger Chef e foi até o canteiro de obras do novo colégio de Ensino Médio. Ele não estava com pressa de retornar à sua concessionária de automóveis, especialmente porque havia desenvolvido ecolalia. Francine era perfeitamente capaz de tocar o negócio sozinha, sem a ajuda de Dwayne. Ele a havia treinado muito bem.

Então, ele chutou um pouco de terra para dentro de um buraco onde ficaria o porão. E cuspiu nele. E pisou no barro. O barro sugou o seu sapato do pé direito. Dwayne desenterrou o sapato com as mãos e o limpou. Em seguida, se apoiou numa velha macieira para calçá-lo de volta. Tudo aquilo havia sido uma fazenda quando Dwayne era garoto. Havia um pomar de maçãs ali.

• • •

Dwayne se esqueceu completamente de Patty Keene, mas ela, com certeza, não havia se esquecido dele. Aquela noite ela reuniria toda a sua coragem para ligar para ele, mas Dwayne não estaria em casa para atender. Ele estaria preso numa cela acolchoada no hospital do condado àquela altura.

Dwayne andou um pouco para admirar uma tremenda máquina removedora de terra que havia limpadado o terreno e escavado o buraco onde ficaria o porão. A máquina estava desligada, toda suja de barro. Dwayne perguntou a um operário branco quantos cavalos de força impulsionavam aquela máquina. Todos os operários eram brancos.

O operário disse o seguinte:

— Eu não sei quantos cavalos ela tem, mas eu sei como a gente resolveu chamá-la.

— Como vocês resolveram chamá-la? — perguntou Dwayne, aliviado ao perceber que sua ecolalia estava retrocedendo.

— De *Máquina de cem crioulos* — disse o operário.

O nome era uma referência a uma época em que os negros eram os responsáveis pela maior parte das escavações pesadas na cidade de Midland.

• • •

O maior pênis humano nos Estados Unidos tinha 35 centímetros de comprimento e 6 centímetros de diâmetro.

O maior pênis humano em todo o mundo tinha 43 centímetros de comprimento e 5,5 centímetros de diâmetro.

A baleia-azul, um mamífero marinho, tinha um pênis de 2,5 metros de comprimento e 35 centímetros de diâmetro.

• • •

Uma vez Dwayne Hoover recebeu por correio um anúncio de um extensor de pênis feito de borracha. Ele poderia vesti-lo por cima do seu verdadeiro pênis, de acordo com o anúncio, e fazer sua esposa ou sua amante vibrar com os centímetros a mais. Eles também tentaram vender uma réplica perfeita de uma vagina de borracha para os momentos em que ele estivesse se sentindo sozinho.

• • •

Dwayne voltou ao trabalho por volta de duas da tarde, e evitou todo mundo por causa da ecolalia. Entrou no escritório, e revirou as gavetas de sua escrivaninha atrás de alguma coisa que pudesse ler ou sobre a qual pudesse pensar. Acabou se deparando com o panfleto anunciando o extensor de pênis e a vagina de borracha para a solidão. Tinha recebido aquilo havia dois meses. Ainda não o jogara fora.

O panfleto também divulgava filmes como aqueles a que Kilgore Trout havia assistido em Nova York. Havia fotografias de cenas dos filmes, e vê-las fez com que o centro de excitação sexual no cérebro de Dwayne enviasse impulsos nervosos para o centro de ereção em sua coluna.

O centro de ereção fez com que a veia dorsal do seu pênis se comprimisse, de modo que o sangue pudesse entrar e não tivesse como sair. Também fez com que as minúsculas artérias do pênis relaxassem, preenchendo assim o tecido esponjoso do qual o membro era composto em sua maior parte, deixando-o duro e rijo feito uma mangueira de jardim ligada.

Então, Dwayne usou o telefone para falar com Francine Pefko, muito embora ela estivesse a pouco mais de três metros de distância.

— Francine... — disse ele.

— Sim? — respondeu ela.

Dwayne lutou contra sua ecolalia.

— Vou pedir para você fazer uma coisa que eu nunca tinha pedido até agora. Quero que me prometa que vai dizer sim.

— Eu prometo — disse ela.

— Quero que você saia daqui neste exato momento e vá comigo até o motel Quality, em Shepherdstown.

• • •

Francine Pefko estava disposta a ir até o motel Quality com Dwayne. Era o seu dever, ela pensou — especialmente levando em conta o quanto Dwayne parecia deprimido e confuso. Mas ela não podia apenas se afastar da sua mesa a tarde toda, uma vez que a sua mesa era o centro nervoso do Recanto dos Pontiacs da saída onze de Dwayne Hoover.

— Bem, você deveria arrumar alguma adolescente maluca que possa simplesmente sair correndo para encontrá-lo sempre que você quiser — disse Francine a Dwayne.

— Eu não quero uma adolescente maluca — disse Dwayne. — Eu quero *você*.

— Então, precisa ter paciência — disse Francine.

Ela foi até o Departamento de Serviços para implorar que Gloria Browning, a menina branca do caixa, comandasse a sua mesa por um tempinho.

Gloria não aceitou. Ela havia feito uma histerectomia havia apenas um mês, aos 25 anos de idade — depois que deu tudo errado ao ser submetida a um procedimento de aborto no Ramada Inn que ficava no Condado de Green, na Rota 53, em frente à entrada do Parque Estadual Aldeia dos Pioneiros.

Havia uma coincidência moderadamente espantosa aqui: o pai do feto destroçado era Don Breedlove, o instalador branco de conversor de gás que havia estuprado Patty Keene no estacionamento do Estádio Memorial Bannister.

Ele era casado e tinha três filhos.

• • •

Francine tinha um cartaz pendurado na parede atrás da sua mesa, dado a ela como uma brincadeira durante uma festa de Natal da concessionária no novo Holiday Inn no ano anterior.

Ele dizia a verdade sobre a sua situação. Ele era assim:



Centro Nervoso

Gloria não queria comandar o centro nervoso.  
— Eu não quero comandar coisa nenhuma — disse ela.

...

Mas Gloria acabou sentando na mesa de Francine mesmo assim.

— Eu não tenho coragem o suficiente para cometer suicídio — justificou ela —, então, é melhor mesmo eu fazer o que me disserem para fazer. A serviço da humanidade.

...

Dwayne e Francine foram até Shepherdstown em carros separados, para não chamar a atenção para o seu caso amoroso. Dwayne pegou o carro do mostruário mais uma vez. Francine estava em seu GTO vermelho. GTO queria dizer *Gran Turismo Omologato*. O para-choque tinha um adesivo que dizia o seguinte:



Visite a Caverna do Sagrado Milagre

Certamente era muito leal da parte dela colar aquele adesivo no carro. Ela estava sempre demonstrando lealdade, sempre dando uma força para o seu homem, sempre dando uma força para Dwayne.

E Dwayne tentava corresponder em pequenos gestos. Por exemplo, ele andava lendo artigos e livros sobre relações sexuais ultimamente. Havia uma revolução sexual em curso no país, e as mulheres exigiam que os homens começassem a prestar mais atenção no prazer delas durante as relações em vez de pensar só em si. A chave para o prazer feminino, diziam elas — e os cientistas as respaldavam —, era o clitóris, um minúsculo cilindro de carne que ficava logo acima do buraco nas mulheres, e no qual os homens deveriam enfiar seus cilindros muito maiores.

Os homens deviam prestar mais atenção no clitóris, e Dwayne andava prestando muito mais atenção no de Francine, ao ponto de ela dizer que era atenção até demais. Aquilo não o surpreendeu. As coisas que ele havia lido a respeito do tema alertavam sobre esse risco, que os homens podem acabar prestando atenção demais ao clitóris.

Então, dirigindo para o motel Quality aquele dia, Dwayne ia pensando em prestar a dose exata de atenção ao clitóris de Francine.

• • •

Uma vez Kilgore Trout escreveu um romance curto sobre a importância do clitóris no ato de fazer amor. Foi uma resposta à sugestão feita por sua segunda esposa, Darlene, que lhe disse que ele poderia fazer uma fortuna com um livro pornográfico. Ela disse que o protagonista deveria entender tão bem as mulheres que fosse capaz de seduzir todas as que ele quisesse. Então, Trout escreveu *O filho de Jimmy Valentine*.

Jimmy Valentine era um personagem fictício famoso nos livros de outro autor, da mesma forma que Kilgore Trout era famoso nos meus. Jimmy Valentine havia lixado as pontas dos próprios dedos para que fossem ultrasensíveis. Ele era arrombador de cofres. Tinha um tato tão delicado que era capaz de abrir qualquer cofre no mundo apenas sentindo as mudanças no disco de combinação.

Kilgore Trout inventou um filho para Jimmy Valentine chamado Ralston Valentine. Ralston também havia lixado as pontas dos dedos para que fossem ultrasensíveis. Mas ele não era arrombador de cofres. Ralston era tão bom em tocar mulheres do jeito que elas gostam que dezenas de milhares se tornaram suas escravas voluntariamente. Na história de Trout, elas abandonaram seus maridos e amantes por ele, e Ralston Valentine se tornou presidente dos Estados Unidos graças aos votos das mulheres.

• • •

Dwayne e Francine fizeram amor no motel Quality. Depois, ficaram na cama por um tempo. A cama tinha um colchão d'água. Francine tinha um corpo lindo. Assim como Dwayne.

— Nós nunca tínhamos feito amor à tarde — comentou Francine.

— Eu estava muito *tenso* — disse Dwayne.

— Eu sei. Está melhor agora?

— Sim.

Dwayne estava deitado de costas. Seus tornozelos estavam cruzados. Suas mãos, dobradas atrás da cabeça. Seu pau enorme estava deitado em cima de sua coxa como um salame. Estava em repouso agora.

— Eu te amo muito — disse Francine e a Dwayne. Ela corrigiu a si mesma: — Eu sei que eu prometi não dizer isso, mas não consigo manter essa promessa o tempo todo.

O lance era o seguinte: Dwayne tinha feito um pacto com ela de que nenhum dos dois deveria jamais falar de amor. Desde que a esposa de Dwayne tinha ingerido Drãno, Dwayne nunca mais quis ouvir falar de amor. Era um assunto muito doloroso.

Dwayne bufou. Era seu costume se comunicar por meio de bufadas após uma relação sexual. Todas as bufadas tinham significados amenos, como: “Está tudo bem... deixa para lá... quem julgaria você?” E assim por diante.

— No Dia do Juízo Final — disse Francine —, quando me perguntarem quais foram as coisas ruins que eu fiz aqui embaixo, eu vou ter que dizer para eles, “Bem... teve uma promessa que eu fiz para um homem que eu amava, e eu a quebrava o tempo todo. Eu prometi a ele que jamais diria que o amava.”

Essa mulher generosa e voluptuosa, que levava apenas 96 dólares e 11 centavos para casa toda semana como salário, havia perdido seu marido, Robert Pefko, numa guerra no Viet Nã. Robert era oficial de carreira no Exército. Ele tinha um pênis de 16,5 centímetros de comprimento e 5 centímetros de diâmetro.

E havia se formado na West Point, uma academia militar que transformava rapazes em maníacos homicidas para usar na guerra.

• • •

Francine foi junto com Robert de West Point para a Escola de Paraquedismo no Fort Bragg, e depois, para a Coreia do Sul, onde Robert comandava um Posto de Troca, que era feito uma loja de departamentos para soldados, e depois, para a Universidade da Pensilvânia, onde Robert cursou um mestrado em antropologia bancado pelo Exército, e depois, de volta para West Point, onde Robert foi professor-assistente de ciências sociais durante três anos.

Depois disso, Francine foi com Robert para Midland, onde Robert supervisionava a fabricação de um novo tipo de mina terrestre. Uma mina

terrestre era um artefato que podia ser facilmente escondido, e que era acionado quando alguém esbarrava acidentalmente nele de alguma forma. Uma das virtudes daquele novo tipo de artefato é que ele não podia ser detectado por cães. Diversos exércitos na época treinaram seus cães para farejar essas minas terrestres.

• • •

Quando Robert e Francine estavam na cidade de Midland, não havia nenhum outro militar por perto, de modo que fizeram seus primeiros amigos civis. E então, para complementar o salário do seu marido e para preencher seus dias, Francine arranhou um trabalho com Dwayne Hoover.

Mas então Robert foi enviado para o Viet Nã.

Pouco tempo depois, a esposa de Dwayne ingeriu Drãno, e Robert foi enviado de volta para casa dentro de um saco para cadáver.

• • •

— Tenho pena dos homens — comentou Francine, no motel Quality. Ela estava sendo sincera. — Eu não gostaria de ser homem. Vocês correm muitos riscos, trabalham demais.

Ela e Dwayne estavam no segundo andar do motel. As portas de correr de vidro davam vista para um gradil de ferro e uma varanda do lado de fora. Dela, avistava-se a Rota 103, e depois disso, o muro e os telhados do Instituto Correccional para Adultos, do outro lado da estrada.

— Não me surpreende que você esteja cansado e nervoso — continuou Francine. — Se eu fosse homem, eu também estaria cansada e nervosa. Acho que Deus fez as mulheres para que os homens pudessem relaxar e serem tratados como bebês de tempos em tempos.

Ela estava mais do que satisfeita com aquele arranjo.

Dwayne bufou. O ar rescendia a framboesa, que vinha do perfume no desinfetante e mata-baratas que o motel usava.

Francine ficou pensando sobre a prisão, onde todos os guardas eram brancos e a maioria dos prisioneiros eram negros.

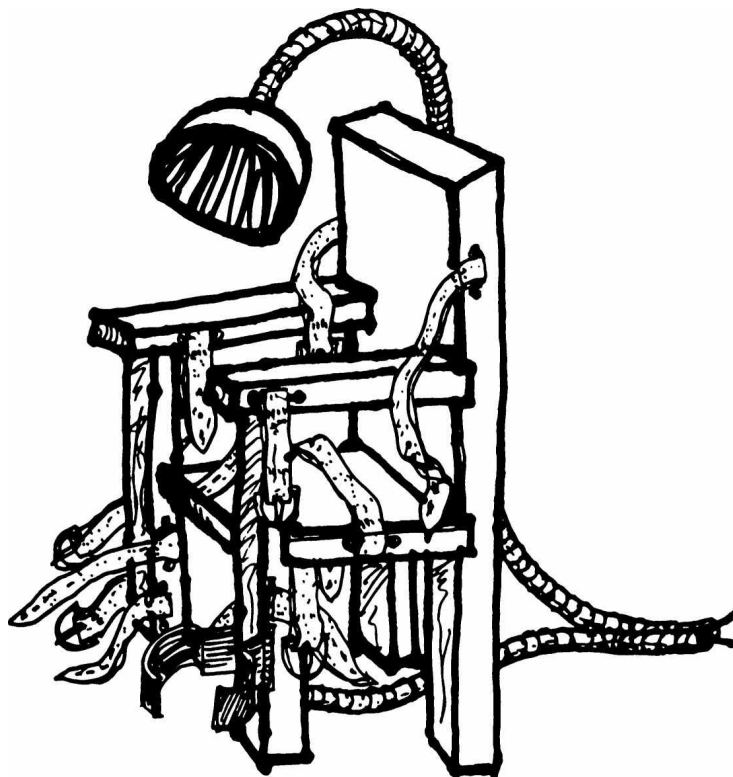
— É verdade que ninguém jamais escapou de lá? — perguntou ela.

— É verdade — confirmou Dwayne.

• • •

— Quando foi a última vez que eles usaram a cadeira elétrica? — perguntou Francine.

Ela estava perguntando sobre um equipamento que ficava no porão da prisão, que se parecia com isso:



Seu propósito era matar pessoas aplicando nelas uma carga elétrica muito maior do que o corpo humano é capaz de suportar. Dwayne Hoover tinha visto a cadeira elétrica duas vezes: uma vez durante um passeio à prisão conduzido por membros da Câmara de Comércio havia anos, e depois, novamente, quando ela estava sendo usada num ser humano negro que ele conhecia.

...

Dwayne tentou se lembrar de quando fora a última execução em Shepherdstown. Elas haviam se tornado impopulares, mas havia indícios de que talvez voltassem a cair no gosto popular. Dwayne e Francine tentaram se lembrar da eletrocussão mais recente que havia ocorrido no país, algo que fosse marcante em suas memórias.

Lembraram-se de uma execução dupla, um homem e sua esposa, por traição. O casal supostamente havia fornecido segredos sobre como produzir uma bomba de hidrogênio para outro país.

Lembraram-se da execução dupla de um homem e uma mulher que eram amantes. O homem era bonito e *sexy*, e costumava seduzir mulheres feias que



tinham dinheiro, e então ele e a mulher que ele realmente amava matavam a vítima para ficar com o dinheiro. A mulher que ele realmente amava era jovem, mas com certeza não era bonita de um ponto de vista convencional. Ela pesava 108 quilos.

Francine se perguntou em voz alta porque um homem jovem, magro e bonito amaria uma mulher tão pesada daquelas.

— Tem gosto para tudo — justificou Dwayne.

• • •

— Sabe no que eu fico pensando? — disse Francine.

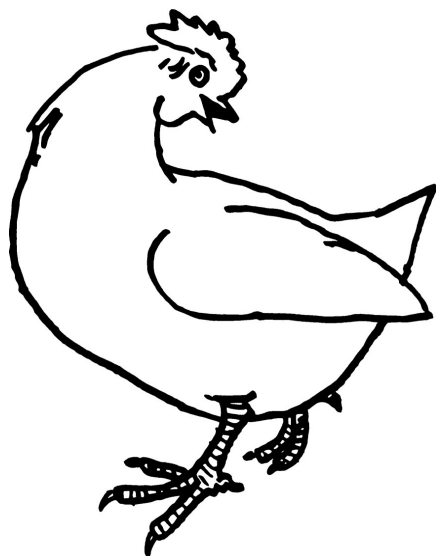
Dwayne bufou.

— Aqui seria um lugar muito bom para uma franquia do Kentucky Fried Chicken do Coronel Sanders.

O corpo relaxado de Dwayne se retesou como se tivessem pingado uma gota de suco de limão em cada um de seus músculos.

Eis aqui o problema: Dwayne queria que Francine o amasse pelo seu corpo e sua alma, não pelo que o seu dinheiro podia comprar. Ele achou que Francine estava insinuando que ele deveria comprar para ela uma franquia do Kentucky Fried Chicken do Coronel Sanders, que era um ardil para vender frango frito.

Um frango era um pássaro que não voa e se parecia com isso:



A ideia era matá-lo e arrancar todas as suas penas, cortar sua cabeça e suas patas, extirpar seus órgãos internos, e depois cortá-lo em pedaços, fritá-los e colocá-los dentro de um balde de papel encerado com uma tampa, que era mais ou menos assim:



...

Francine, que até então estava muito orgulhosa da sua capacidade de fazer Dwayne relaxar, agora estava envergonhada por tê-lo feito ficar tenso de novo. Ele estava mais rígido do que uma tábua de passar.

— Ai, meu Deus... — disse ela. — O que foi agora?

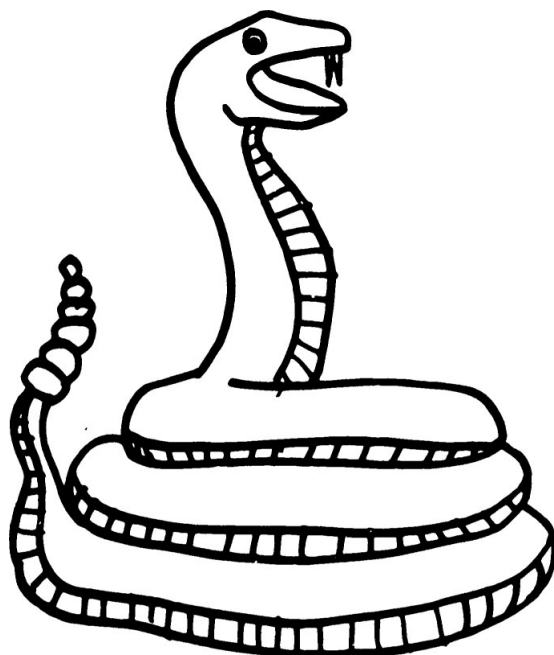
— Se você vai ficar pedindo presentes, só me faça um favor: não fique dando indiretas logo depois de a gente fazer amor, OK? Vamos manter o sexo e os presentes separados.

— Eu não sei nem o que você está achando que eu pedi — disse Francine.

Em um gesto de crueldade, Dwayne imitou a frase de Francine, pronunciando as palavras num falsete:

— Eu não sei nem o que você está achando que eu pedi.

Naquele momento, ele parecia tão amistoso e relaxado quanto uma cascavel preparada para dar o bote. Eram suas substâncias químicas erradas, é claro, que o estavam obrigando a agir daquela maneira. Uma cascavel de verdade era mais ou menos assim:



O Criador do Universo havia colocado um chocalho no seu rabo. O Criador também havia dado a ela dentes que eram como seringas hipodérmicas carregadas de veneno mortal.

...

Às vezes eu ficava pensando sobre o Criador do Universo.

...

Outro animal inventado pelo Criador do Universo era um besouro mexicano que podia transformar o próprio traseiro numa arma de festim. Ele era capaz de peidar tão forte quanto uma detonação, derrubando outros besouros com as ondas de choque geradas pelo peido.

Palavra de honra. Li a respeito dele num artigo sobre animais estranhos na *Revista do Diners' Club*.

...

Francine, então, levantou da cama para não compartilhá-la com uma suposta cascavel. Ela estava horrorizada. A única coisa que conseguiu dizer, repetidas vezes, foi: "Você é o meu homem. Você é o meu homem." Isso significava que ela estava disposta a concordar com Dwayne a respeito de tudo, a fazer qualquer coisa por ele, por mais que fosse difícil ou nojenta, a ficar pensando

em coisas legais para agradá-lo mesmo que ele nem notasse, a morrer por ele, se fosse necessário, e assim por diante.

Ela de fato tentava viver daquele jeito. Não conseguia imaginar nada melhor. Então, desmoronou quando Dwayne insistiu em ser desagradável. Ele lhe disse que todas as mulheres eram putas, e que toda puta tinha o seu preço, e que o preço de Francine era o que custaria uma franquía do Kentucky Fried Chicken do Coronel Sanders, que seria muito mais de 100 mil dólares, se fossem levados em conta um espaço adequado para o estacionamento, a iluminação externa e assim por diante.

Francine balbuciou chorosa que ela nunca pensara em ficar com a franquía, que tinha pensado naquilo para Dwayne, que tudo o que ela queria era para Dwayne. Algumas das palavras que ela conseguiu dizer:

— Eu pensei em todas as pessoas que vêm até aqui para visitar seus parentes na cadeia, e me dei conta de que quase todos são negros, e pensei no quanto os negros gostam de frango frito.

— Então você quer que eu abra um restaurante para crioulos? — perguntou Dwayne, e assim por diante.

Sendo assim, Francine tinha agora a distinção de ser a segunda pessoa próxima a Dwayne a descobrir o quanto ele podia ser vil.

— Harry LeSabre tinha razão — disse Francine.

Ela estava encurralada contra a parede de blocos de concreto do motel naquele momento, os dedos cobrindo a boca. Harry LeSabre, obviamente, era o gerente de vendas travesti de Dwayne.

— Ele disse que você tinha mudado. — Francine fez uma gaiola com seus dedos em volta da boca. — Meu Deus, Dwayne... Você mudou, você mudou.

— Talvez estivesse na hora! Nunca me senti tão bem em toda a minha vida!

E assim por diante.

• • •

Harry LeSabre também estava chorando naquele momento. Ele estava em casa, deitado na cama. Com uma coberta de veludo roxo sobre a cabeça. Harry era bem de vida. Ele havia investido no mercado de ações com muita inteligência e sorte ao longo dos anos. Tinha comprado cem ações da Xerox, por exemplo, por oito dólares cada. No decorrer do tempo, essas ações passaram a valer cem vezes mais, apenas por terem ficado guardadas na mais completa escuridão e silêncio no interior de um cofre.

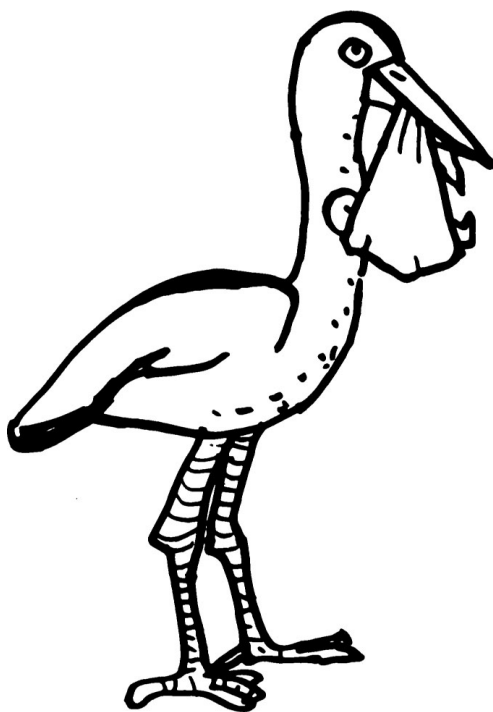
Havia muita magia financeira como aquela acontecendo. Era quase como se uma fadinha azul tivesse passado voando por aquela parte do planeta

moribundo e apontado sua varinha de condão para determinadas escrituras, títulos e certificados de ações.

• • •

Grace, a esposa de Harry, estava refestelada numa espreguiçadeira não muito longe da cama. Fumava uma cigarrilha numa piteira comprida feita do osso da perna de uma cegonha. A cegonha era um enorme pássaro europeu, mais ou menos da metade do tamanho de uma águia-marinha das Bermudas. Crianças que queriam saber de onde vinham os bebês às vezes ouviam que eles eram trazidos pelas cegonhas. Pessoas que falavam esse tipo de coisas para seus filhos achavam que seus filhos eram jovens demais para pensar de forma inteligente sobre os castores arreganhados e tudo o mais.

E, de fato, imagens de cegonhas entregando bebês apareciam em cartões que anunciavam nascimentos, em desenhos animados e assim por diante, para que as crianças vissem. Uma imagem típica era mais ou menos assim:



Dwayne Hoover e Harry LeSabre viram imagens como esta quando eram garotinhos. E acreditaram nelas também.

• • •

Grace LeSabre expressou seu desprezo pela aprovação de Dwayne Hoover, que seu marido acreditava ter perdido.

— Foda-se Dwayne Hoover — disse Grace. — Foda-se a cidade de Midland. Vamos vender as malditas ações da Xerox e comprar uma casa num condomínio em Maui.

Maui era uma das ilhas do arquipélago havaiano. Muita gente a via como um paraíso.

— Escuta — prosseguiu ela —, nós somos os únicos brancos na cidade de Midland que têm vida sexual, pelo que sei. Você não é anormal. Dwayne Hoover é que é o anormal! Quantos orgasmos você acha que ele tem por mês?

— Eu não sei — disse Harry, debaixo de sua tenda úmida.

A média mensal de orgasmos de Dwayne, levando em conta os últimos dez anos, o que incluía os últimos anos de seu casamento, estava na casa de dois e um quarto. O chute de Grace passou perto.

— Um e meio — disse ela.

Sua própria média mensal no mesmo período era de 87. A média do marido era de 36. Os números de Harry vinham diminuindo nos últimos anos, o que era um dos muitos motivos pelos quais ele andava apreensivo.

Grace agora falava a altos brados e de forma debochada sobre o casamento de Dwayne:

— Ele tinha tanto medo de sexo que se casou com uma mulher que nunca tinha ouvido falar daquilo, e que, com certeza, ia se matar, caso chegasse a ouvir falar a respeito disso. — E assim por diante. — Que foi o que ela acabou fazendo.

• • •

— Será que a rena está ouvindo? — disse Harry.

— Foda-se a rena! — Grace acrescentou em seguida: — Não, a rena não está me ouvindo.

*Rena* era o código que eles usavam para se referir à sua empregada negra que, naquele momento, estava bem longe, na cozinha. Era o código que eles usavam para se referir aos negros em geral. Aquilo permitia que falassem sobre o problema dos negros na cidade, um problema bem grande, por sinal, sem ofender nenhum negro que por ventura os ouvisse.

— A rena está dormindo. Ou lendo a *Revista dos Panteras Negras* — disse Grace.

• • •

O problema com as renas era basicamente o seguinte: nenhum branco via muita utilidade para os negros naquele momento, exceto pelos gângsteres, que vendiam carros usados e drogas e móveis para eles. Ainda assim, as renas seguiam se reproduzindo. Então, havia esses enormes animais negros e inúteis por toda parte, e muitos tinham temperamentos terríveis. Eles recebiam uma pequena quantia em dinheiro todo mês, para que não precisassem roubar. Também se falava em dar a eles drogas bem baratas para mantê-los felizes, apáticos e desinteressados pela sua própria reprodução.

O Departamento de Polícia da cidade de Midland e o Departamento de Xerifes do condado de Midland eram constituídos principalmente de homens brancos. Eles possuíam prateleiras e mais prateleiras cheias de submetralhadoras e escopetas automáticas calibre 12 prontas para serem usadas durante a temporada de caça às renas, que estava prestes a ser aberta.

— Escuta... eu estou falando sério — disse Grace a Harry. — Isso aqui é o cu do Universo. Vamos embora, morar em um condomínio em Maui e viver um pouco, só para variar.

Então, foi isso o que eles fizeram.

• • •

Enquanto isso, as substâncias químicas erradas na cabeça de Dwayne mudaram sua postura perante Francine, de desagradável à dependência patética. Ele pediu desculpas por ter sequer imaginado que ela queria uma franquia do Kentucky Fried Chicken do Coronel Sanders. Deu a ela todo o reconhecimento que ela merecia por seu incansável altruísmo. Implorou para que o abraçasse um pouquinho, o que ela fez.

— Estou muito confuso — disse ele.

— Todos estamos — retrucou ela, e então, acomodou a cabeça dele entre os seus seios.

— Eu preciso falar com alguém.

— Você pode falar com a Mamãe, se quiser — disse Francine.

A *Mamãe* que ela quis dizer era *ela*.

— Qual é o sentido da vida? — implorou Dwayne para o seu busto perfumado.

— Isso só Deus sabe.

• • •

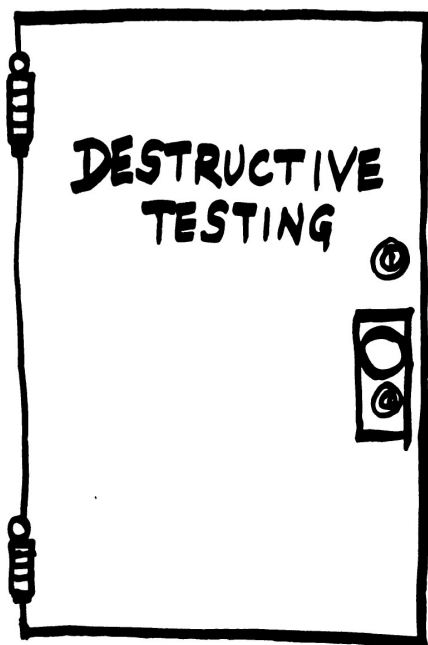
Dwayne ficou em silêncio por algum tempo. Em seguida, contou calmamente a ela sobre uma viagem que havia feito até a sede da Divisão de Pontiacs da General Motors, em Pontiac, Michigan, apenas três meses após sua mulher ter ingerido *Drãno*.

— Fizeram um *tour* conosco pela área de pesquisa — disse ele.

A coisa que mais o havia impressionado, ele disse, foi uma série de laboratórios e áreas de teste externas nas quais diversas peças de automóveis e até mesmo automóveis inteiros eram destruídos. Os cientistas da Pontiac incendiavam estofamentos, jogavam cascalho em para-brisas, quebravam virabrequins e eixos de transmissão, simulavam colisões frontais, destroçavam alavancas de câmbio, faziam motores quase sem lubrificação rodarem em alta velocidade, abriam e fechavam porta-luvas centenas de vezes por minuto durante dias, resfriavam os relógios de painéis a temperaturas muito próximas do zero absoluto, e assim por diante.

— Tudo o que você supostamente não deveria fazer com um carro, eles faziam com um carro — disse Dwayne a Francine. — E eu jamais esquecerei o que dizia uma placa na porta de entrada do prédio em que todas essas torturas ocorriam.

Eis a inscrição na placa que Dwayne descreveu a Francine:



Testes destrutivos

— Eu vi aquela placa — disse Dwayne — e não consegui deixar de pensar se tinha sido para isso que Deus havia me colocado na Terra, para descobrir quantos castigos um homem poderia suportar antes de quebrar.

• • •

— Eu me perdi totalmente — confessou Dwayne. — Preciso que alguém me pegue pela mão e me leve para fora dessa floresta.



— Você está cansado. Por que não estaria? Você trabalha muito. Eu sinto pena de vocês homens, vocês trabalham muito... Não quer dormir um pouquinho?

— Não posso dormir antes de conseguir algumas respostas.

— Você quer ir ao médico?

— Eu não quero ouvir essas coisas que os médicos dizem. Quero conversar com alguém novinho em folha, Francine — disse ele, afundando os dedos no braço macio dela. — Quero ouvir coisas novas de pessoas novas. Eu já ouvi tudo o que todo mundo na cidade de Midland disse algum dia, que *vai dizer* algum dia. Tem que ser uma pessoa nova.

— Tipo quem?

— Eu não sei. Alguém de Marte, talvez.

— A gente podia ir para outra cidade — sugeriu Francine.

— Seriam que nem as pessoas daqui. Todo mundo é igual — retrucou Dwayne.

Francine teve uma ideia.

— E todos esses pintores e escritores e compositores que estão vindo para cá? Você nunca conversou com ninguém assim. Talvez devesse falar com algum deles. Certamente eles não pensam que nem as outras pessoas.

— Eu já tentei de tudo — disse Dwayne. E então seu rosto se iluminou, e ele assentiu: — Mas você tem razão! O festival pode me dar uma perspectiva totalmente nova sobre a vida!

— É para isso que ele serve. Aproveite!

— Eu vou — disse Dwayne.

Aquilo foi um erro terrível.

• • •

Kilgore Trout, que, enquanto isso, pegava carona na direção oeste, cada vez mais para o oeste, tinha se tornado passageiro de um Ford Galaxie. O homem no comando do Galaxie era o vendedor ambulante de um dispositivo que acoplava a traseira de caminhões a docas de carga e descarga. Consistia em um túnel sanfonado de lona emborrachada e, quando era usado, se pareciam com isso:



O conceito por trás da geringonça era permitir que as pessoas dentro de um prédio pudessem carregar ou descarregar caminhões sem precisar sair do ar-condicionado no verão ou da calefação no inverno.

O homem no comando do Galaxie também vendia bobinas enormes para fiação, cabos e cordas. E também vendia extintores de incêndio. Explicou que era representante dos fabricantes. Era seu próprio patrão, portanto, na medida em que representava produtos cujos fabricantes não podiam bancar seus próprios vendedores.

— Eu faço meus horários e escolho os produtos que vendo. Não são os produtos que me vendem — disse ele.

Seu nome era Andy Lieber. Tinha 32 anos. Branco. Estava bem acima do peso, como várias outras pessoas naquele país. Era, obviamente, um homem feliz. E dirigia como um louco. O Galaxie estava indo a 150 quilômetros por hora.

— Sou um dos últimos homens livres nos Estados Unidos — declarou ele.

Ele tinha um pênis de 19 centímetros de comprimento e 2,5 centímetros de diâmetro. No ano anterior, tivera uma média de 22 orgasmos por mês. Muito acima da média nacional. Sua renda e o valor da apólice do seu seguro de vida também estavam muito acima da média.

• • •

Certa vez, Trout escreveu um romance chamado *Como vai você?*, sobre as médias nacionais disso e daquilo. Uma agência de publicidade em outro planeta havia feito uma campanha de sucesso para o equivalente local da manteiga de amendoim terráquea. O que saltava aos olhos em cada anúncio eram informações sobre algum tipo de média, como o número médio de filhos, o tamanho médio do órgão sexual masculino daquele planeta

específico (que era de 5 centímetros de comprimento com um diâmetro interno de 7,5 centímetros, e um diâmetro externo de 11 centímetros), e assim por diante. Os anúncios convidavam seus leitores a descobrirem se eles estavam acima ou abaixo da média nesse ou naquele tópico, qualquer que fosse o tópico abordado naquele anúncio em particular.

O anúncio dizia que quem estava acima ou abaixo da média comia essa ou aquela marca de manteiga de amendoim. Exceto que naquele planeta não era exatamente manteiga de amendoim o que eles comiam. Era *Scanteiga*.

E assim por diante.

E os comedores de manteiga de amendoim na Terra estavam se preparando para dominar os comedores de *Scanteiga* do planeta no livro de Kilgore Trout. A essa altura, os terráqueos não haviam apenas devastado a Virgínia Ocidental e o sudeste asiático. Tinham devastado tudo. E agora estavam prontos para voltar a explorar e colonizar.

Então, estudaram os comedores de *Scanteiga* por meio de espionagem eletrônica e determinaram que eram muito numerosos, ativos e criativos para que houvesse uma brecha para serem explorados e colonizados.

Os terráqueos se infiltraram na agência de publicidade que tinha a conta da *Scanteiga* e foderam com as estatísticas nos anúncios. Deixaram as médias de tudo tão altas que todo mundo no planeta começou a se sentir inferior à maioria em todos os aspectos.

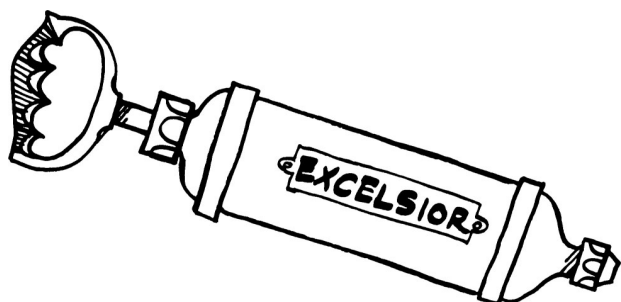
• • •

Então, as espaçonaves blindadas dos terráqueos chegaram e descobriram o planeta. Uma resistência meramente simbólica surgiu aqui e ali, porque os nativos estavam se sentindo muito abaixo da média. E aí a exploração e a colonização começaram.

• • •

Trout perguntou ao alegre representante comercial qual era a sensação de pilotar um Galaxie, que era o nome do seu carro. O motorista não o escutou, e Trout deixou para lá porque era um trocadilho idiota. Ele tinha perguntado simultaneamente como era pilotar o carro e dirigir em algo como a Via Láctea, que tinha 100 mil anos-luz de diâmetro e 10 mil anos-luz de espessura. Ela completava uma rotação a cada 200 milhões de anos. E continha cerca de 100 bilhões de estrelas.

Então, Trout notou que um extintor de incêndio simples dentro do Galaxie tinha a seguinte marca:



Pelo que Trout sabia, aquela palavra significava *elevado* numa língua morta. Também era algo que um alpinista fictício de um poema famoso ficava gritando enquanto desaparecia dentro de uma tempestade lá nas alturas. Também era o nome comercial de uma marca de aparas de madeira usadas para proteger objetos frágeis dentro de embalagens.

— Por que alguém chamaria um extintor de incêndio de *Excelsior*? — perguntou Trout ao motorista.

O motorista deu de ombros.

— Alguém deve ter gostado da *sonoridade* — disse ele.

...

Trout ficou olhando para o campo, que estava borrado pela alta velocidade. Ele viu essa placa:



Visite a Caverna do Sagrado Milagre  
260 km

Então ele estava chegando muito perto de Dwayne Hoover. E, como se o Criador do Universo ou alguma outra força sobrenatural o estivesse preparando para o encontro, Trout sentiu o impulso de folhear o próprio

livro, *Agora pode ser dito*. O mesmo que, em breve, transformaria Dwayne num maníaco homicida.

A premissa do livro era a seguinte: a vida era um experimento do Criador do Universo, que queria testar um novo tipo de criatura que Ele estava pensando em gerar. Essa criatura tinha a habilidade de pensar por conta própria. Todas as demais eram robôs inteiramente programados.

O livro havia sido escrito na forma de uma grande carta do Criador do Universo para essa criatura experimental. O Criador lhe dava os parabéns, e se desculpava por todo o desconforto que a havia feito enfrentar. Ele até a convidou para um banquete em sua homenagem no Salão Imperial do hotel Waldorf Astoria, em Nova York, onde um robô negro chamado Sammy Davis Jr. iria cantar e dançar.

• • •

A criatura experimental não foi morta depois do banquete, mas acabou sendo transferida para um planeta inexplorado. Células vivas foram extirpadas das palmas de suas mãos, enquanto ela estava inconsciente. A operação não doeu nada.

Então essas células foram misturadas a um mar denso que havia no planeta inexplorado. Evoluiriam para formas de vida cada vez mais complexas à medida que os éons fossem passando. Qualquer forma que assumissem teria livre-arbítrio.

Trout não deu à criatura experimental um nome adequado. Simplesmente a chamou de *O Homem*.

No planeta inexplorado, O Homem foi Adão, e o mar foi Eva.

• • •

O Homem frequentemente perambulava à beira-mar. Às vezes adentrava sua Eva. Às vezes nadava nela, mas Eva era densa demais para uma natação revigorante. Ela fazia seu Adão sentir-se cansado e grudento; então, ele sempre mergulhava num córrego gelado que despencava de uma montanha.

Gritava sempre que mergulhava naquela água gelada, e gritava de novo quando emergia em busca de ar. Adão esfolava suas canelas batendo-as contra as pedras para sair da água e, depois disso, ria.

Então, mesmo arfando, ele ria e ria, e pensava em alguma coisa maravilhosa para gritar. O Criador não fazia ideia do que sairia de seus lábios, pois não tinha nenhum controle sobre ele. Era O Homem quem decidia o que faria em seguida — e por quê. Um dia, depois de um mergulho, por exemplo, O Homem gritou o seguinte:

— Queijo!

Outra vez, ele gritou:  
— Você não preferia dirigir um Buick?

• • •

O único outro animal de grande porte naquele planeta inexplorado era um anjo que visitava ocasionalmente O Homem. Ele era um mensageiro e investigador do Criador do Universo, e assumia a forma de um urso pardo de 360 quilos. E também era um robô, assim como o Criador, de acordo com Kilgore Trout.

O urso estava tentando entender por que O Homem fazia o que fazia. Perguntava, por exemplo:

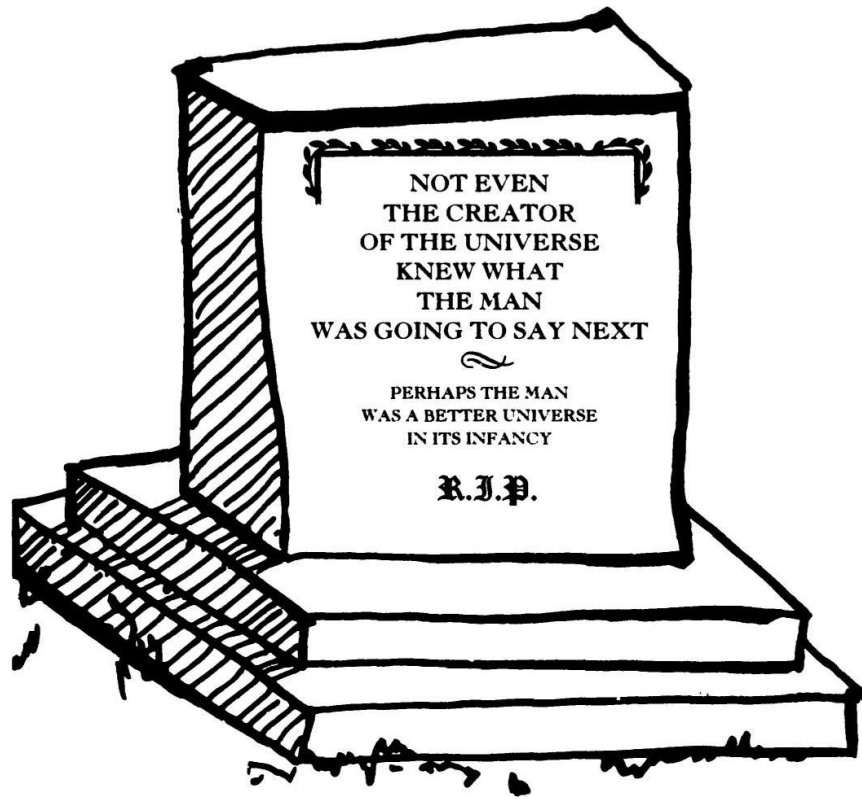
— Por que você gritou “queijo”?

E O Homem respondia, em tom de troça:

— Porque me deu vontade, sua máquina idiota.

• • •

Eis como era a lápide do Homem no planeta inexplorado no final do livro de Kilgore Trout:



Nem mesmo o Criador do Universo sabia o que O Homem diria em seguida  
Talvez O Homem tivesse sido um universo melhor na infância  
RIP



Bunny Hoover, o filho homossexual de Dwayne, naquele momento se vestia para trabalhar. Ele era pianista no bar do novo Holiday Inn. Mas era pobre. Morava sozinho num quarto sem banheiro no velho hotel Fairchild, que outrora tinha sido um lugar elegante, mas agora era um chiqueiro na parte mais perigosa da cidade de Midland.

Muito em breve, Bunny Hoover seria gravemente ferido por Dwayne e compartilharia uma ambulância com Kilgore Trout.

• • •

Bunny era muito pálido, da mesma cor insalubre dos peixes cegos que costumavam morar nas entranhas da Caverna do Sagrado Milagre. Estes peixes haviam sido extintos. Todos haviam virado de barriga para cima anos atrás, e jorrado com o curso d'água para fora da caverna. Então, foram dar no rio Ohio e morreram sob o sol do meio-dia.

Bunny também evitava o sol. E a água que saía das torneiras na cidade de Midland estava se tornando mais venenosa dia após dia. Ele comia muito pouco. Preparava sua própria comida no quarto, o que era bastante simples, uma vez que tudo o que ele comia eram frutas e legumes, sempre crus.

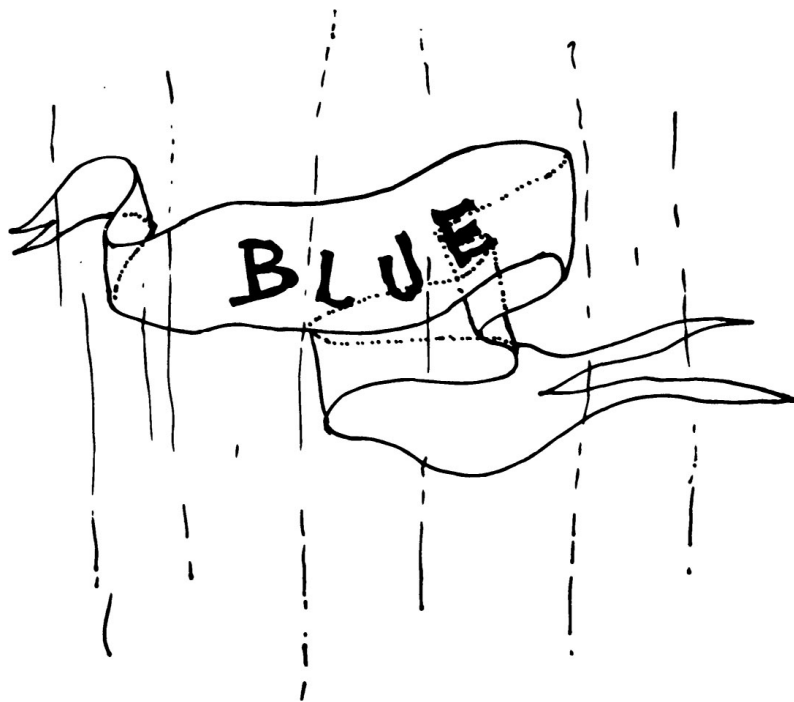
Ele não apenas vivia sem ingerir carne morta, como também vivia sem carne viva, sem amigos, amantes ou animais de estimação. No passado, Bunny fora muito popular. Quando estava na Academia Militar de Prairie, por exemplo, os alunos foram unânimes em elegê-lo cadete coronel, a mais alta patente possível, em seu último ano.

• • •

Na época em que tocava piano no bar do Holiday Inn, Bunny tinha muitos e muitos segredos. Um deles era o seguinte: ele não estava realmente ali. Era capaz de se ausentar do bar, e até mesmo do próprio planeta, por meio da meditação transcendental. Tinha aprendido essa técnica com o iogue Maharishi Mahesh, que um dia havia passado pela cidade de Midland durante uma turnê mundial de palestras.

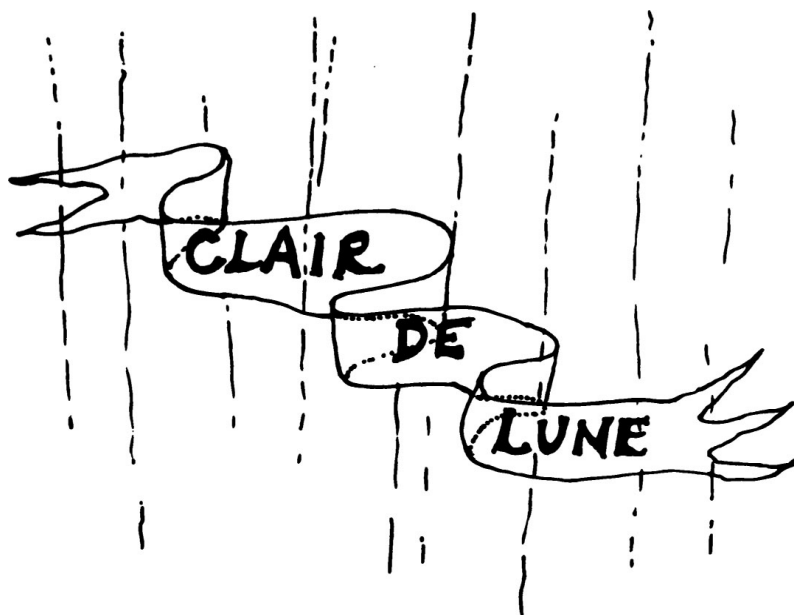
O iogue Maharishi Mahesh, em troca de um novo lenço de bolso, um pedaço de fruta, um monte de flores e 35 dólares, ensinou Bunny a fechar seus olhos e dizer essa palavra eufônica e sem sentido para si mesmo repetidas vezes: “Aiê-iiiiim, aiê-iiiiim, aiê-iiiiim.” Bunny estava agora sentado na beira da sua cama no quarto do hotel, fazendo exatamente isso. “Aiê-iiiiiiiiim, aiê-iiiiiiiiim, aiê-iiiiiiiiim”, dizia a si mesmo — internamente. O ritmo do cântico estava sincronizando cada sílaba com duas batidas do coração. Ele fechou os olhos. Tornou-se um mergulhador desequipado nas profundezas da própria mente. Profundezas essas que raramente eram exploradas.

Seu coração desacelerou. Sua respiração quase parou. Uma única palavra flutuava naquele espaço profundo. De alguma forma, ela havia escapado das partes mais ativas de sua mente. Mas não estava conectada a coisa alguma. Flutuava preguiçosamente, como um peixe translúcido, como uma echarpe voando. Era uma palavra tranquilizante. Eis aqui qual era: azul. E eis como apareceu para Bunny Hoover:



Azul

Então, outra linda echarpe apareceu nadando. Ela era mais ou menos assim:



...

Quinze minutos depois, a consciência de Bunny emergiu de acordo com sua própria vontade. Bunny sentia-se revigorado. Levantou da cama e penteou o cabelo com a escova militar que sua mãe havia lhe dado muito tempo atrás, na ocasião em que fora eleito cadete coronel.

...

Com apenas 10 anos, Bunny foi mandado para o colégio militar, uma instituição dedicada ao homicídio e à obediência totalmente desprovida de humor. Eis o motivo: ele disse a Dwayne que queria ser mulher em vez de homem, porque as coisas que os homens faziam geralmente eram muito cruéis e feias.

...

Veja bem: Bunny Hoover foi mandado para a Academia Militar de Prairie para viver uma temporada de oito anos de esportes, sodomia e fascismo ininterruptos. Sodomia consistia em enfiar o pênis de alguém no cu ou na boca de outro alguém, ou receber o pênis de alguém em sua boca ou cu. Já o fascismo era uma filosofia política relativamente popular que sacralizava qualquer nação e raça à qual o filósofo porventura pertencesse. Demandava, portanto, um governo centralizado e autocrata, comandado por um ditador.

O ditador tinha de ser obedecido, independente do que pedisse para que os cidadãos fizessem.

Bunny trazia com ele novas medalhas sempre que voltava para casa nas férias. Era bom de esgrima, boxe, luta greco-romana e natação, atirando com rifles e pistolas, lutando com baionetas, andando a cavalo, se esgueirando e rastejando por entre arbustos e espreitando.

Ele exibia suas medalhas e, quando o pai não estava escutando, a mãe dizia a ele que se sentia mais infeliz a cada dia. Insinuava para o filho que Dwayne era um monstro. Mas isso não era verdade. Estava tudo na cabeça dela.

Ela começava a contar para Bunny o que havia de tão vil em Dwayne, mas sempre acabava se interrompendo. “Você é jovem demais para ficar ouvindo esse tipo de coisa”, dizia, mesmo quando Bunny já tinha 16 anos. “Bem, seja como for, não há nada que você ou qualquer outra pessoa possa fazer a respeito disso.” E então ela fingia passar um zíper para fechar os lábios e depois sussurrava para Bunny: “São segredos que vou levar comigo para o túmulo.”

Seu maior segredo, é claro, era aquele que Bunny não foi capaz de detectar até que ela tirasse a própria vida ingerindo Dr̄ano: Celia Hoover era doida de pedra.

Minha mãe também era.

• • •

Veja bem: a mãe de Bunny e a minha mãe eram tipos diferentes de seres humanos, mas ambas eram bonitas de uma maneira exótica, e ambas espumavam de raiva quando começavam sua ladainha caótica a respeito de paz e amor e guerras e maldade e desespero, e sobre os dias melhores que virão em algum momento, e sobre os dias piores que virão em algum momento. E ambas nossas mães cometeram suicídio. A mãe de Bunny ingeriu Dr̄ano. A minha ingeriu remédios para dormir, o que foi bem menos horrível.

• • •

A mãe de Bunny e a minha mãe tinham um sintoma realmente bizarro em comum: nenhuma das duas tolerava ser fotografada. Geralmente se comportavam bem durante o dia. Geralmente escondiam seus delírios até tarde da noite. Mas, se alguém apontasse uma câmera para qualquer uma delas enquanto o sol brilhasse, a mãe para quem a câmera fosse apontada cairia de joelhos no chão e protegeria a cabeça com os braços, como se alguém

estivesse prestes a matá-la a pauladas. Era uma coisa assustadora e lamentável de se ver.

• • •

Pelo menos a mãe de Bunny o havia ensinado a controlar um piano, que era uma máquina musical. Pelo menos a mãe de Bunny Hoover havia ensinado um ofício a ele. Um bom controlador de piano poderia conseguir um trabalho tocando música em bares em quase qualquer lugar do mundo, e Bunny era um dos bons. Seu treinamento militar era inútil, apesar de todas as medalhas que havia conquistado. As Forças Armadas sabiam que ele era homossexual, que era certo que se apaixonaria por outros combatentes, e as Forças Armadas não estavam dispostas a tolerar romances desse tipo.

• • •

Então, Bunny Hoover agora estava pronto para exercer seu ofício. Vestiu um smoking de veludo negro por cima de um blusão negro de gola rulê. Olhou para o beco através da única janela de seu aposento. Os melhores quartos tinham vistas para o Parque Fairchild, onde haviam ocorrido 56 assassinatos nos últimos 2 anos. O quarto de Bunny ficava no segundo andar, de modo que sua janela enquadrava um pedaço da parede de tijolos que um dia havia sido da Opera Keedsler.

Havia uma placa comemorativa na frente da antiga ópera. Poucas pessoas eram capazes de entendê-la, mas isso era o que dizia:



Jenny Lind, "o rouxinol sueco", cantou aqui  
11 de agosto  
ANNO DOMINI MDCCCLXXXI

A ópera costumava abrigar a Orquestra Sinfônica da Cidade de Midland, que era um grupo amador de entusiastas musicais. Esse grupo, no entanto, ficou sem casa em 1927, quando a ópera foi transformada numa sala de cinema chamada *The Bannister*. E a orquestra permaneceu sem lar até que o Centro Memorial de Artes Mildred Barry foi construído.

A *The Bannister* foi a principal sala de cinema da cidade por muitos anos, até ser engolida por aquele bairro que tinha os maiores índices criminais, e que crescia para o norte sem parar. Depois disso, havia deixado de ser uma ópera, embora ainda houvesse bustos de Shakespeare e Mozart e assim por diante, olhando para baixo de seus nichos nas paredes internas.

O tablado ainda estava lá também, mas agora, repleto de conjuntos de mesas e cadeiras de jantar. A Empresa de Móveis Império tinha assumido o lugar, que agora era controlado por gângsteres.

• • •

O apelido para o bairro de Bunny era Quebrada. Qualquer cidade americana de qualquer tamanho tinha um bairro com esse mesmo apelido. Era um lugar que abrigava pessoas sem amigos nem parentes nem propriedades nem utilidade nem ambição.

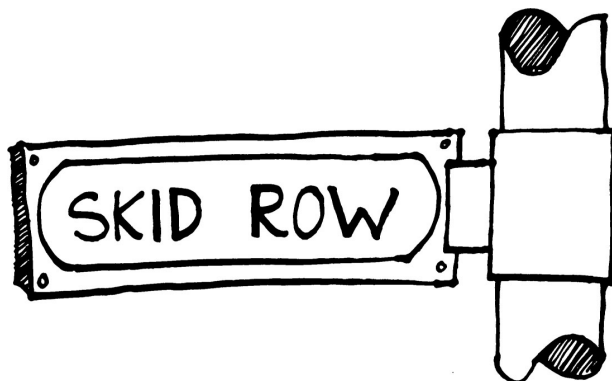
Pessoas assim seriam tratadas com aversão em outros bairros, e a polícia os faria circular. Geralmente, era fácil fazê-las circular, como se fossem balões de criança.

E essas pessoas ficavam perambulando para lá e para cá, como balões cheios de algum gás levemente mais denso do que o ar, até que acabavam indo parar na Quebrada, encostadas nos alicerces do antigo hotel Fairchild.

Lá elas poderiam tirar uma soneca ou resmungar umas com as outras o dia inteiro. Poderiam mendigar. Poderiam se embriagar. A ideia básica era a seguinte: essas pessoas deveriam ficar por lá e não incomodar mais ninguém — até que alguém as matasse por diversão, ou que congelassem até a morte durante o inverno.

• • •

Kilgore Trout uma vez escreveu um conto sobre uma cidade que resolveu dizer aos desamparados onde eles estavam e o que estava prestes a acontecer com eles colocando placas de sinalização como estas nas ruas:



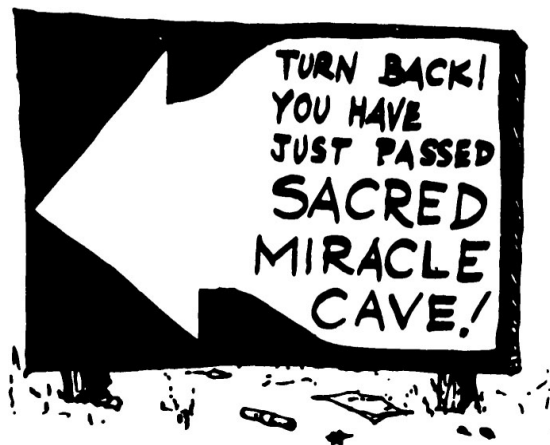
Quebrada

Bunny agora sorria para si mesmo no espelho, no *vaso*.

Ficou prestando atenção em si mesmo por um instante, e tornou-se, mais uma vez, aquele soldado insuportavelmente imbecil, cruel e sem senso de humor que havia aprendido a ser no colégio militar. Murmurou o lema do colégio, um que ele costumava gritar cerca de cem vezes por dia — na alvorada, na hora das refeições, no começo de cada aula, em jogos, nos treinos com a baioneta, no crepúsculo, na hora de dormir:

— Dá para fazer — disse ele. — Dá para fazer.

O *Galaxie* no qual Kilgore Trout era passageiro estava agora na interestadual, perto da cidade de Midland. Movia-se lentamente, preso no tráfego da hora do rush causado pela saída da Barrytron, da Western Electric e da Prairie Mutual. Trout tirou os olhos da sua leitura e viu uma placa que dizia o seguinte:



Volte! Você acabou de passar pela Caverna do Sagrado Milagre!

Desse modo, a Caverna do Sagrado Milagre se tornou parte do passado.

...

Quando era um homem muito, muito velho, Trout foi perguntado pelo Dr. Thor Lembrig, o Secretário-Geral das Nações Unidas, se ele temia pelo futuro. Ele deu a seguinte resposta:

— Sr. Secretário-Geral, é o *passado* que me deixa apavorado.

...

Dwayne Hoover estava a apenas seis quilômetros e meio de distância. Estava sentado sozinho numa banqueta de pele de zebra no bar do novo Holiday



Inn. Estava escuro, silencioso também. As luzes e ruídos da hora do rush na interestadual eram bloqueados por grossas cortinas de veludo carmesim. Em cima de cada mesa, havia uma lamparina com uma vela dentro, embora o ar estivesse parado.

Em cima de cada mesa havia uma tigela com amendoins torrados e uma plaquinha que permitia aos garçons se recusarem a servir qualquer um que não estivesse em harmonia com a atmosfera do bar. Eis o que ela dizia:



Mesa reservada

• • •

Bunny Hoover estava controlando o piano. Não levantou a cabeça quando seu pai entrou no recinto, nem seu pai olhou em sua direção. Eles não se cumprimentavam há muitos anos.

Bunny seguiu tocando seus blues de homem branco. Melodias lentas e estridentes, com silêncios caprichosos aqui e ali. Os blues que Bunny tocava tinham qualidades similares às de uma caixinha de música, mas uma bem velha. Os sons tilintavam, paravam, e então, de forma relutante e preguiçosa, tilintavam mais um pouco.

A mãe de Bunny colecionava caixinhas de músicas tilintantes, entre outras coisas.

• • •

Veja bem: Francine Pefko estava na concessionária de Dwayne, que ficava logo ao lado. Naquele momento, fazia todo o trabalho que deveria ter feito naquela tarde. Dwayne a espancaria muito em breve.

E a única outra pessoa com ela naquele lugar enquanto ela digitava e arquivava era Wayne Hoobler, o negro em liberdade condicional, ainda à espreita por entre os carros usados. Dwayne também tentaria espancá-lo, mas Wayne era um gênio em matéria de esquiva numa luta corporal.

Francine era praticamente uma máquina naquele instante, uma máquina feita de carne — uma máquina de escrever, uma máquina de arquivar.

Wayne Hoobler, por outro lado, não tinha nenhuma tarefa mecânica para realizar. No entanto, ansiava por ser uma máquina útil. Os carros usados estavam todos trancados até o dia seguinte. De vez em quando, hélices de alumínio penduradas num fio suspenso seriam ativadas por uma brisa indolente, e Wayne responderia àquilo da melhor maneira que podia.

— Isso. Girem aí.

• • •

Ele estabeleceu uma espécie de relação com o trânsito na interestadual, também, observando suas mudanças de comportamento.

Durante o engarrafamento na hora do rush, Wayne comentou:

— Todo mundo indo para casa.

Mais tarde, quando o tráfego diminuiu, declarou:

— Agora todo mundo está em casa.

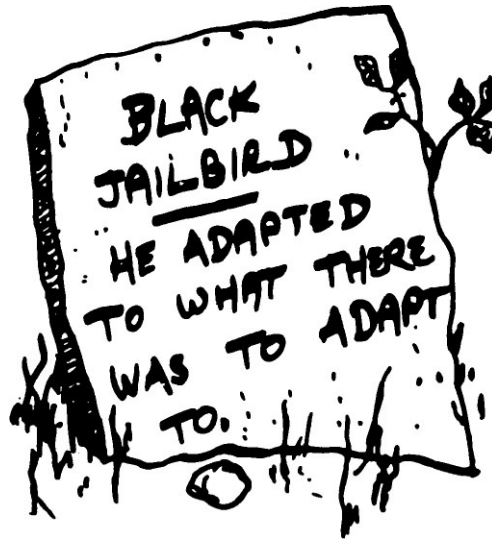
O sol estava se pondo.

— O sol está se pondo — falou Wayne Hoobler.

Ele não tinha a menor ideia de onde iria depois daquilo. Imaginou, sem dar muita bola, que poderia morrer de frio aquela noite. Wayne nunca havia visto ninguém morrer de frio, nem havia sofrido essa ameaça, uma vez que raramente ficava ao ar livre. Ele só sabia que era possível morrer de frio porque a vizinha fraca no pequeno rádio que ficava em sua cela falava sobre pessoas morrendo de frio de tempos em tempos.

Ele sentia saudade daquela vizinha. Sentia saudade do barulho das portas de ferro se fechando. Sentia saudade do pão e do ensopado e das jarras de leite e café. Sentia saudade de foder outros homens na boca e no cu, e de ser fodido na boca e no cu, e de bater punheta — e de foder as vacas na leiteria da prisão, eventos que faziam parte de uma vida sexual normal naquele planeta, pelo que ele sabia.

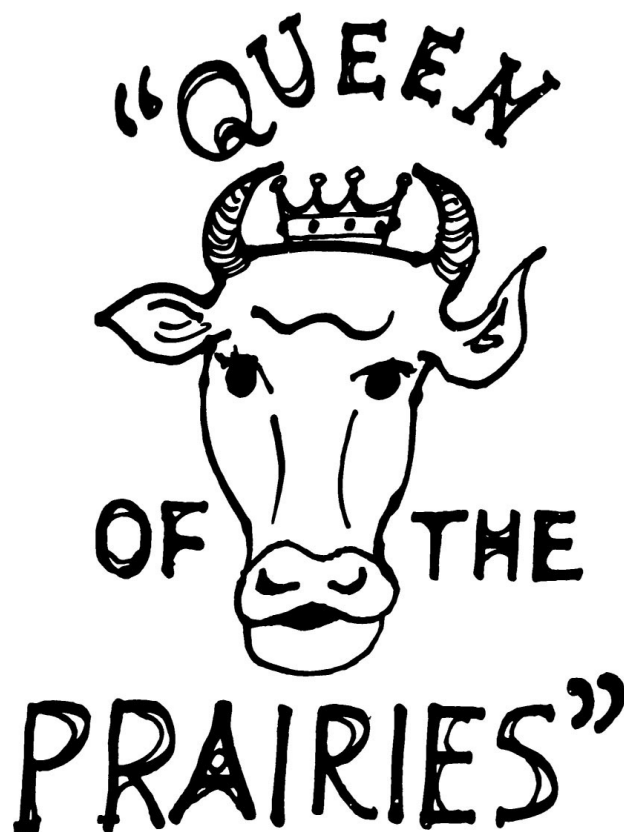
Eis aqui o que seria uma boa lápide para Wayne Hoobler quando ele morresse:



Prisioneiro negro  
Ele se adaptou àquilo que havia para se adaptar

...

A leiteria da prisão fornecia leite e nata e manteiga e queijo e sorvete não apenas para a penitenciária e para o Hospital do Condado. Ela também vendia seus produtos para o mundo exterior. Sua logomarca não mencionava a prisão. Ela era assim:



"Rainha das Pradarias"

...

Wayne não sabia ler muito bem. As palavras *Havaí* e *havaiano*, por exemplo, apareciam em conjunto com outros símbolos e palavras mais familiares em mensagens pintadas nas janelas do *showroom* e nos para-brisas de alguns carros usados. Wayne tentou decodificar foneticamente aquelas palavras misteriosas, sem sucesso. "Rá-vai-ai", dizia, "Hau-vai-í", e assim por diante.

...

Wayne Hoobler sorria naquele momento, não porque estivesse feliz, mas porque, com tão pouca coisa para fazer, achou que poderia muito bem exhibir seus dentes. Eram dentes excelentes, afinal. O Instituto Correccional para Adultos de Shepherdstown se orgulhava do seu programa odontológico.

Era um programa odontológico tão famoso, na verdade, que já tinha virado matéria em jornais de medicina e na *Seleções*, que era a revista mais popular do planeta moribundo. A teoria por trás do programa era o fato de que muitos ex-detentos não conseguiriam nem poderiam arrumar emprego por causa da sua aparência, e uma boa aparência começava com bons dentes.

O programa era tão famoso, na verdade, que até a polícia dos estados vizinhos, quando pegava uma pessoa pobre com dentes muito bem cuidados, com obturações e pontes e coisas assim, tinha o costume de perguntar:

— Certo, rapaz... quantos anos você passou em Shepherdstown?

• • •

Wayne Hoobler escutou alguns dos pedidos que uma garçonete cantou ao barman no balcão.

— Gilbey's e tônica, com limão.

Ele não fazia a menor ideia do que era aquilo (ou um Manhattan, ou um Brandy Alexander, ou um Sloe Gin Fizz).

— Me vê um Rob Roy de Johnny Walker. — Seguido de: — E um Southern Comfort com gelo, e um Bloody Mary com Wolfschmidt's.

As únicas experiências de Wayne com álcool tinham a ver com beber produtos de limpeza e graxa líquida para sapatos e assim por diante. Ele não gostava nem um pouco de álcool.

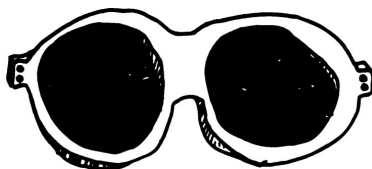
• • •

— Um Black and White com água — ele ouviu a garçonete dizer.

Wayne deveria ter prestado mais atenção naquilo. Porque essa bebida em particular não era para uma pessoa qualquer. Essa bebida era para a pessoa responsável por todo o sofrimento de Wayne até aquele momento, que poderia matá-lo, ou torná-lo milionário, ou mandá-lo de volta para a prisão, ou fazer qualquer bosta que ele quisesse com Wayne. Aquela bebida era para mim.

• • •

Eu tinha ido participar do Festival de Artes anonimamente. Estava ali para assistir ao confronto entre dois seres humanos que eu havia criado: Dwayne Hoover e Kilgore Trout, mas não estava muito a fim de ser reconhecido. A garçonete acendeu a lamparina sobre a minha mesa, mas apaguei a chama com meus dedos. Eu tinha comprado óculos de sol no Holiday Inn que ficava na saída de Ashtabula, em Ohio, onde havia passado a noite anterior. Eu os estava usando no escuro naquele momento. Os óculos eram mais ou menos assim:



As lentes eram prateadas, eram como espelhos para qualquer um que olhasse na minha direção. Qualquer pessoa que quisesse saber como eram meus olhos seria confrontada com os seus próprios, em reflexos geminados. Onde as demais pessoas naquele bar tinham olhos, eu tinha dois portais para outro universo. Eu tinha *vasos*.

• • •

Havia uma cartela de fósforos na minha mesa, do lado dos meus cigarros Pall Mall.

Eis a mensagem que havia na cartela, que eu havia lido uma hora e meia atrás, enquanto Dwayne sentava o braço em Francine Pefko:

“É fácil ganhar \$100 por semana no seu tempo livre! Basta mostrar aos seus amigos o último grito da moda, os confortáveis sapatos Mason. **TODO MUNDO** prefere os sapatos Mason e suas diversas características especiais de conforto! Enviaremos um kit com o qual você poderá ganhar dinheiro e tocar seu negócio sem sair de casa. E mais: ensinaremos como ganhar sapatos **GRATUITAMENTE** como bônus toda vez que fizer um pedido grande!”

E assim por diante.

• • •

— Você está escrevendo um livro muito ruim — eu disse a mim mesmo por trás dos meus *vasos*.

— Eu sei — falei.

— Você está com medo de acabar se matando, do mesmo jeito que a sua mãe fez — eu disse.

— Eu sei — respondi.

• • •

Ali mesmo naquele bar, olhando através dos meus vasos para um mundo que eu mesmo havia inventado, pronunciei a seguinte palavra: *esquizofrenia*.

A sonoridade e a aparência da palavra há muitos anos me fascina. Para mim, tem a sonoridade e o aspecto de um ser humano espirrando em meio a uma tempestade de sabão em pó.

Eu não sabia e não sei ao certo se tenho essa doença. O que eu sabia e o que eu sei é o seguinte: fico terrivelmente constrangido por não conseguir me concentrar nos detalhes da vida que são imediatamente importantes, e por me recusar a acreditar no que meus vizinhos acreditam.

• • •

Eu estou melhor agora.

Palavra de honra: eu estou melhor agora.

• • •

Fiquei bem doente por um tempo, porém. Fiquei ali sentado num bar da minha própria invenção, olhando através dos meus *vasos* para uma garçonete da minha própria invenção, que eu havia batizado de Bonnie MacMahon. Eu fizera Bonnie levar para Dwayne Hoover o seu drink de sempre, um martíni com House of Lords e casca de limão. Ela conhecia Dwayne de longa data. Seu marido era um dos guardas na Ala dos Agressores Sexuais do Instituto Correcional para Adultos. Bonnie precisava trabalhar como garçonete porque ele havia perdido todo o dinheiro deles investindo num lava-jato em Shepherdstown.

Dwayne os havia aconselhado a não fazerem aquilo. Eis como Dwayne conhecia Bonnie e seu marido Ralph: o casal havia comprado nove Pontiacs em sua loja ao longo dos últimos dezesseis anos.

— Somos uma família Pontiac — diziam eles.

Naquele momento, Bonnie fazia uma piada ao mesmo tempo em que servia o martíni a ele. Ela fazia a mesma piada sempre que servia um martíni a qualquer pessoa: “O Café da manhã dos campeões.”

• • •

A expressão “Café da manhã dos campeões” é marca registrada da General Mills, Inc., utilizada num cereal matinal. O uso da expressão idêntica no título deste livro não tem a intenção de indicar um patrocínio da General Mills, ou fazer uma associação, nem pretende ridicularizar seus ótimos produtos.

• • •

Dwayne estava torcendo para que algum dos distintos participantes do Festival de Artes, hospedados no Holiday Inn, viessem até o bar. Se possível,

queria conversar com alguns deles para descobrir quais eram suas verdades sobre a vida, ideias que ele jamais havia escutado. Eis o que ele esperava que novas verdades pudessem fazer por ele: incentivá-lo a rir dos seus próprios problemas, seguir em frente com a vida e ficar longe da Ala Norte do Hospital Geral do Condado de Midland, destinada aos lunáticos.

Enquanto esperava que um artista aparecesse, consolou-se com a única criação artística com o mínimo de profundidade e mistério armazenada em sua cabeça. Era um poema que ele havia sido obrigado a decorar durante o seu segundo ano no Colégio de Ensino Médio Sugar Creek, o colégio de elite dos brancos, na época. Agora, o Sugar Creek era um colégio de crioulos. Eis o poema:

*O Dedo que se Move escreve; e, tendo escrito,  
Se vai: E toda Argúcia e Piedade, entretanto,  
Não o trarão de volta para mudar nem meia Linha,  
Nem as Palavras poderá apagar com o teu Pranto.*

Era um poema e tanto!

• • •

E Dwayne estava tão aberto a novas sugestões sobre o sentido da vida que foi facilmente hipnotizado. Assim, quando olhou para o seu martíni, entrou num transe causado pela miríade dançante de olhos piscantes na superfície do líquido. Os olhos eram gotas de óleo de limão.

Dwayne não viu quando dois distintos participantes do Festival de Artes chegaram e sentaram-se nos bancos do balcão perto do piano de Bunny. Ambos brancos. Eram Beatrice Keedsler, a romancista gótica, e Rabo Karabekian, o pintor minimalista.

O piano de Bunny, um Steinway Baby Grand, estava acoplado a um balcão de fórmica cor de abóbora, rodeado por banquinhos. As pessoas podiam comer e beber em cima do piano. No Dia de Ação de Graças do ano anterior, uma família de onze pessoas havia jantado sua refeição de Ação de Graças em cima do piano. Bunny tocava.

• • •

— Isso aqui só pode *mesmo* ser o cu do universo — disse Rabo Karabekian, o pintor minimalista.

Beatrice Keedsler, a romancista gótica, havia crescido na cidade de Midland.



— Confesso que fiquei com muito medo de ter que voltar para casa depois de todos esses anos — disse ela a Karabekian.

— Os americanos sempre têm medo de voltar para casa e, devo dizer, têm bons motivos.

— *Tinham* bons motivos — retrucou Beatrice —, não mais. O passado se tornou inofensivo. Eu diria para qualquer americano que estivesse perdido agora: “É claro que você pode voltar para casa, volte quantas vezes quiser. É só um motel.”

• • •

O tráfego na pista interestadual em direção oeste fora interrompido a pouco mais de um quilômetro e meio ao leste do novo Holiday Inn, culpa de um acidente fatal na Saída 10A. Motoristas e passageiros saíram de seus carros para esticar as pernas e descobrir, se pudessem, o que havia acontecido mais à frente.

Kilgore Trout estava entre eles. Ouviu das outras pessoas que o novo Holiday Inn ficava a uma pequena caminhada de distância. Então, pegou seus pacotes no banco do carona do Galaxie, agradeceu o motorista cujo nome ele havia esquecido, e se pôs a marchar.

E também começou a montar em sua cabeça um sistema de crenças que seria adequado à sua modesta missão na cidade de Midland: mostrar àqueles bichos do mato, determinados a enaltecer a criatividade alheia, um criador fracassado que havia fracassado muitas e muitas vezes. Ele fez uma pausa em sua marcha para examinar a si mesmo no espelho retrovisor — *vaso* retrovisor — de um caminhão preso no engarrafamento. O cavalo mecânico puxava duas carrocerias em vez de apenas uma. Eis a mensagem que os donos do veículo consideraram adequada para ser exposta em letras garrafais a todos os seres humanos onde quer que aquele caminhão fosse:



Inigualável! Inigualável!

A imagem de Trout no *vaso* era tão chocante quanto ele imaginava que seria. Ele não havia se lavado após a surra que levou da *Gangue de Plutão*, de modo que havia sangue ressecado em uma das orelhas e embaixo da narina esquerda. Ele havia desabado sobre cocô de cachorro na quadra de handebol sob a ponte Queensboro depois de ser roubado; por isso, havia cocô de cachorro no ombro esquerdo do casaco.

Por conta de uma coincidência incrível, aquele cocô era de um galgo desgraçado que pertencia a uma garota que eu conhecia.

• • •

A garota que tinha um galgo era assistente do diretor de iluminação de uma comédia musical sobre história americana, e ela morava com o coitado do galgo, que se chamava Lancer, num apartamento de 1 quarto, com 4 metros de largura por 8 de comprimento, 6 lances de escada acima do nível da rua. Sua vida inteira era dedicada a remover os excrementos do galgo na hora e local adequados. Havia dois locais adequados: a sarjeta, do lado de fora do prédio, 72 degraus para baixo, com o trânsito passando em alta velocidade, ou numa assadeira que a sua senhoria deixava na frente da geladeira Westinghouse.

Lancer tinha um cérebro muito pequeno, mas devia suspeitar, de tempos em tempos, assim como Wayne Hoobler, de que algum erro terrível fora cometido.

• • •

Trout seguiu marchando, um estranho numa terra estranha. Sua peregrinação havia sido recompensada com novos conhecimentos, que ele jamais teria se tivesse permanecido em seu porão em Cohoes. Ele descobriu a resposta para uma pergunta que diversos seres humanos faziam freneticamente para si mesmos: “O que está bloqueando o tráfego na pista que segue rumo a oeste no trecho da interestadual que passa pela cidade de Midland?”

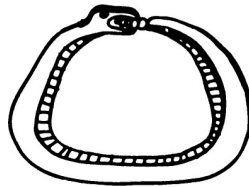
Foi como tirar uma venda dos olhos de Kilgore Trout. Ele agora via a explicação: um caminhão de leite da *Rainha das Pradarias* estava tombado de lado, bloqueando o fluxo. Tinha sido atingido em cheio por um feroz Chevrolet Caprice 1971 de duas portas. O Chevy havia atravessado o fosso que separa as duas pistas. Seu passageiro, que não estava usando cinto de segurança, fora arremessado pelo para-brisa de vidro laminado. O passageiro estava morto, deitado sobre a vala de concreto que detinha o Sugar Creek. O motorista do Chevy também estava morto, empalado pela coluna de direção.

O passageiro morto do Chevy sangrava seu sangue dentro do Sugar Creek. O caminhão de leite sangrava leite. Leite e sangue, portanto, estavam prestes a ser acrescentados à composição das formidáveis bolas de pingue-pongue produzidas nas entranhas da Caverna do Sagrado Milagre.

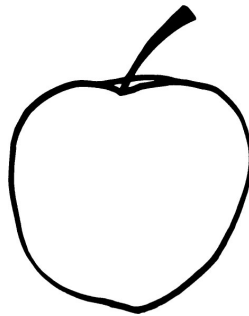
Ali, no escuro daquele bar, eu estava pau a pau com o Criador do Universo. Encolhi o universo até virar uma bola com exatamente um ano-luz de diâmetro. Fiz essa bola explodir. Fiz com que tudo se dispersasse mais uma vez.

Faça uma pergunta para mim, qualquer uma. Qual a idade do universo? Ele tem meio segundo de vida, mas esse meio segundo durou um quintilhão de anos até agora. Quem o criou? Ninguém. Ele sempre esteve aqui.

O que é o tempo? É uma serpente que come o próprio rabo, como esta:



Esta é a cobra que se esticou o suficiente para oferecer a Eva uma maçã. A maçã se parecia com isso:



O que era a maçã que Eva e Adão comeram? Era o Criador do Universo. E assim por diante.

Símbolos podem ser muito bonitos às vezes.

...

Veja bem:

A garçonete me trouxe mais um drink. Ela quis acender minha lamparina mais uma vez, mas não deixei.

— Você está conseguindo ver alguma coisa nesse escuro, com esse óculos de sol? — perguntou ela.

— O maior show de todos está acontecendo dentro da minha cabeça — respondi.

— Ah.

— Eu consigo adivinhar o futuro. Quer que eu adivinhe o seu?

— Agora não.

E então, ela voltou para o balcão do bar, e ela e o barman tiveram algum tipo de conversa a meu respeito, eu acho. O barman lançou vários olhares tensos na minha direção. Mas tudo o que ele conseguia ver eram os vasos na frente dos meus olhos. Não me preocupei com a possibilidade de ele me pedir para sair do estabelecimento. Eu o havia criado, afinal de contas. Fui eu quem o batizei: Harold Newcomb Wilbur. Fui eu quem lhe dei uma Estrela de Prata, uma Estrela de Bronze, uma Medalha do Soldado, uma Medalha de Boa Conduta e um Coração Púrpuro com dois Ramos de Folhas de Carvalho, o que fazia dele o segundo veterano mais condecorado na cidade de Midland. Fui eu quem colocou todas as suas medalhas debaixo dos seus lenços, dentro de uma gaveta numa cômoda.

Ele ganhara todas aquelas medalhas na Segunda Guerra Mundial, um conflito encenado por robôs só para que Dwayne Hoover pudesse ter uma reação de livre e espontânea vontade perante tamanho holocausto. A guerra tinha sido um espetáculo tão grandioso que praticamente nenhum robô de nenhuma parte do mundo havia ficado sem um papel para cumprir. Harold Newcomb Wilbur tinha ganhado suas medalhas por matar japoneses, que eram robôs amarelos. Eles eram movidos a arroz.

E ele continuou me encarando, muito embora eu quisesse fazer com que ele parasse com isso. Tem uma coisa sobre a minha capacidade de controlar os personagens que crio: por serem animais muito grandes, só consigo conduzir seus movimentos de maneira aproximada. Sempre há certa inércia a ser vencida. Não é como se eu estivesse conectado a eles por cabos de aço, sabe? Está mais para uns elásticos velhos.

Então, fiz o telefone verde do bar tocar. Harold Newcomb Wilbur atendeu, mas permaneceu olhando para mim. Eu tinha que pensar rápido para decidir quem estaria do outro lado da linha. Optei pelo veterano mais condecorado da cidade de Midland. O sujeito tinha um pênis de 1.300 quilômetros de comprimento e 16 quilômetros de largura, mas praticamente tudo isso ficava na quarta dimensão. Esse veterano havia ganhado suas medalhas na guerra do Viet Nã, também por combater robôs amarelos movidos a arroz.

— Bar do hotel — disse Harold Newcomb Wilbur.

— Hal...?  
— Sim?  
— Aqui quem fala é Ned Lingamon.  
— Estou ocupado.  
— Não desligue. Os tiras me jogaram na cadeia municipal. Só me deixaram fazer uma ligação, por isso eu liguei para você.  
— Por que para mim?  
— Você é o único amigo que me sobrou.  
— Por que prenderam você?  
— Disseram que eu matei o meu bebê.  
E assim por diante.

Este homem, que era branco, possuía as medalhas que Harold Newcomb Wilbur possuía, além da mais alta condecoração por heroísmo que um soldado americano poderia receber, que se parecia com isso:



BRAVURA

Agora ele havia cometido o crime mais baixo que um americano poderia cometer, que era assassinar a própria filha. Seu nome era Cynthia Anne, e ela claramente não ficou viva por muito tempo até ser morta novamente. Cynthia foi morta por chorar sem parar. Ela simplesmente não ficava quieta.

Primeiro ela fez com que sua mãe de 17 anos a abandonasse por causa de todas as suas demandas, e, em seguida, seu pai a matou.

E assim por diante.

• • •

Quanto ao futuro que eu adivinharia para a garçanete, seria o seguinte: “Você vai ser enganada por exterminadores de cupim e nem ficará sabendo. Você vai comprar pneus radiais com cintas de aço para as rodas dianteiras do seu carro. Seu gato será morto por um motociclista chamado Headley Thomas. Você vai adotar outro gato, Arthur. E seu irmão que mora em Atlanta vai encontrar 11 dólares dentro de um táxi.”

• • •

Eu também poderia ter adivinhado o futuro de Bunny Hoover: “Seu pai ficará extremamente doente, e você responderá a isso de forma tão grotesca que vão falar em colocar você no hospício também. Você fará encenações na sala de espera do hospital, dizendo aos médicos e enfermeiras que você é culpado pela doença do seu pai. Você se culpará por ter tentado tanto, durante todos esses anos, matá-lo com o seu ódio. Você vai redirecionar o seu ódio para a sua mãe.”

E assim por diante.

Eu fiz Wayne Hoobler, o ex-presidiário negro, ficar parado e desprotegido em meio às latas de lixo do lado de fora da porta dos fundos do Holiday Inn, examinando o dinheiro que recebera quando atravessou o portão da prisão aquela manhã. Ele não tinha mais nada para fazer.

Wayne ficou estudando a pirâmide com o olho incandescente em cima dela. Queria ter mais informações sobre aquele símbolo. Havia muito a aprender!

Wayne sequer imaginava que a Terra girava em volta do sol. Achava que o sol é que girava em volta da Terra, porque certamente era isso que parecia acontecer.

Um caminhão passou assobiando pela interestadual e, para Wayne, ele parecia estar reclamando de dor. Isso porque Wayne leu foneticamente a mensagem escrita em sua lateral. Ela dizia que o caminhão estava sofrendo enquanto transportava coisas de lá para cá. Eis o que estava escrito, e Wayne a disse em voz alta:



• • •

Eis o que aconteceria com Wayne dentro de aproximadamente quatro dias — porque era isso que eu queria que acontecesse com ele: ele seria parado e interrogado por policiais, porque estava agindo de maneira suspeita próximo ao portão dos fundos da Barrytron Ltda., por sua vez envolvida no desenvolvimento de armas supersecretas. No começo os policiais acharam que ele estava fingindo ser burro e ignorante; que ele era, na verdade, um ardiloso espião comunista.

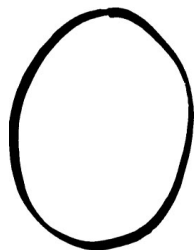
A conferência de suas digitais e do maravilhoso trabalho odontológico em sua arcada comprovou que ele era quem dizia ser. Mas havia mais uma coisa que ele teria de explicar: o que estava fazendo com um cartão de membro do Playboy Club of America em nome de Paulo di Capistrano? Wayne o havia encontrado numa lata de lixo nos fundos do novo Holiday Inn.

E assim por diante.

• • •

E agora já estava mais do que na hora de eu fazer com que Rabo Karabekian, o pintor minimalista, e Beatrice Keedsler, a romancista, dissessem e fizessem mais alguma coisa pelo bem deste livro. Eu não queria assustá-los caso os continuasse encarando enquanto operava seus controles; então, fingi que estava absorto desenhando figuras no tampo da mesa com a ponta molhada de um dedo.

Eu desenhei o símbolo terráqueo para o *nada*, que era o seguinte:



Eu desenhei o símbolo terráqueo para o *tudo*, que era o seguinte:



Dwayne Hoover e Wayne Hoobler conheciam o primeiro, mas não o segundo. E então, desenhei um símbolo que logo se esvaneceria, amargamente familiar para Dwayne, mas não para Wayne. Ei-lo:

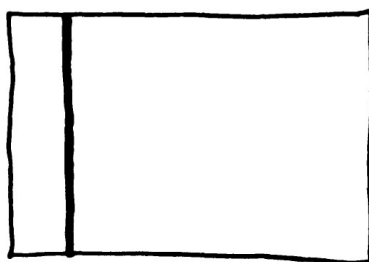
# DRÃO

E então, desenhei um símbolo cujo significado Dwayne soube durante alguns anos no colégio, um significado que, desde então, lhe havia escapado. Para Wayne, o símbolo se pareceria com a beirada de uma mesa no refeitório da prisão. Representa a proporção entre a circunferência de um círculo e o seu diâmetro. Essa proporção também poderia ser expressa na forma de um número, e enquanto Dwayne e Wayne e Karabekian e Beatrice Keedsler e o resto de nós estávamos cuidando das nossas vidas, cientistas terráqueos transmitiam esse número via ondas de rádio para o espaço sideral. A ideia era mostrar para outros planetas habitados, caso estivessem escutando, o quanto somos inteligentes. Nós havíamos torturado os círculos até que vomitassem esse símbolo de suas vidas secretas:



...

Fiz também uma duplicata invisível de uma pintura de Rabo Karabekian intitulada *A tentação de Santo Antão* no tampo de fórmica da mesa. Minha duplicata era uma miniatura da coisa real, e não era em cores, mas eu havia capturado o formato da pintura e o seu espírito também. Eis o que eu desenhei:



O original tinha 6 metros de largura por 5 de altura. O quadrado tinha sido pintado de *Abacate havaiano*, uma tinta para parede de tom verde produzida pela Companhia de Esmaltes e Tintas O'Hare, de Hellertown, Pensilvânia. A listra vertical era uma fita refletora laranja fluorescente. Era a



obra de arte mais cara, sem contar os prédios e as lápides, e sem contar a estátua de Abraham Lincoln que ficava na frente do colégio dos crioulos.

Era um escândalo o que aquela pintura custava. Tinha sido a primeira aquisição para o acervo permanente do Centro Memorial de Artes Mildred Barry. Fred T. Barry, o presidente do conselho da Barrytron Ltda., pagou 50 mil dólares do próprio bolso por ela.

Toda a cidade de Midland se sentiu ultrajada. E eu também.

• • •

E Beatrice Keedsler também, mas preferiu guardar sua decepção para si enquanto ficava ali, sentada no piano-bar, junto a Karabekian. Este, que usava uma camiseta estampada com o rosto de alguém parecido com Beethoven, sabia que estava cercado de pessoas que o odiavam por ganhar muito dinheiro para trabalhar muito pouco. Ele estava achando muita graça.

Assim como todos os outros que estavam no bar, estava amaciando seu cérebro com álcool. O álcool é uma substância produzida por uma criatura minúscula chamada levedura. Leveduras são organismos que comem açúcar e excretam álcool. Elas matam a si próprias ao destruir com cocô o ambiente em que vivem.

• • •

Uma vez Kilgore Trout escreveu um conto curtinho que era um diálogo entre duas leveduras. Elas estavam debatendo os possíveis propósitos de sua vida enquanto comiam açúcar e sufocavam em seus próprios excrementos. Graças à sua imaginação limitada, as leveduras nunca chegaram sequer perto de adivinhar que estavam produzindo champanhe.

• • •

Então, Beatrice Keedsler disse a Rabo Karabekian ali no piano-bar:

— Vou te confessar uma coisa terrível, mas eu nem sei quem foi Santo Antão. Quem ele era, e por que alguém iria querer tentá-lo?

— Eu também não sei, e detestaria descobrir — disse Karabekian.

— A verdade não teria utilidade para você? — perguntou Beatrice.

— Você sabe o que é a verdade? — perguntou Karabekian. — É qualquer sandice na qual meu vizinho acredita. Se eu quiser ficar amigo dele, basta perguntar no que ele acredita. Depois que ele me diz, eu completo: “Ah, sim, sim. Não é que é verdade mesmo?”

• • •

Eu não tinha o menor respeito pelas obras criativas nem do pintor nem da romancista. Achava que Karabekian, com suas pinturas sem sentido, participava de uma conspiração de milionários para fazer com que os pobres se sentissem burros. Achava que Beatrice Keedsler havia se aliado a contadores de história antiquados para fazer com que as pessoas acreditassem que a vida real tinha personagens principais, personagens secundários, detalhes significativos, detalhes insignificantes; que ela continha lições a serem aprendidas, testes a serem superados, e um começo, um meio e um fim.

À medida que me aproximava do meu quinquagésimo aniversário, fui ficando cada vez mais irritado e perplexo com as decisões imbecis tomadas por meus compatriotas. Depois disso, repentinamente, comecei a sentir pena, pois entendi o quão natural e inocente era para eles se comportarem de forma tão abominável, obtendo resultados tão abomináveis: eles só estavam fazendo o melhor que podiam para viver como as pessoas inventadas nos livros de ficção. Era por isso que os americanos atiravam uns nos outros com tanta frequência: atirar era um artifício literário muito conveniente para encerrar contos e livros.

Por que havia tantos americanos sendo tratados pelo governo como se suas vidas fossem tão descartáveis quanto lenços de papel descartáveis? Porque era desse jeito que os autores costumavam tratar os coadjuvantes em suas histórias de faz de conta.

E assim por diante.

Depois que entendi o que estava transformando os Estados Unidos numa nação tão perigosa e infeliz, e repleta de gente que não tinha nada a ver com a vida real, resolvi parar de escrever ficção. Agora, eu escreveria sobre a vida. Toda pessoa seria tratada exatamente com a mesma importância que qualquer outra. Todos os fatos também seriam avaliados com pesos iguais. Nada ficaria de fora. Deixe que os outros levem ordem ao caos. Eu queria fazer o contrário: levar o caos à ordem. E acho que foi isso o que eu fiz.

Se todos os escritores fizessem isso, talvez os cidadãos que não fazem parte do mercado editorial entendessem que não existe ordem no mundo que nos cerca, e que precisamos nos adaptar às exigências do caos em vez disso.

É difícil se adaptar ao caos, mas dá para fazer. Eu sou a prova viva disso: dá para fazer.

• • •

Adaptando-me ao caos, ali, no bar do hotel, eu fazia agora com que Bonnie MacMahon, que tinha a exata mesma importância do que qualquer outra pessoa no universo, servisse mais excremento de levedura para Beatrice

Keedsler e Rabo Karabekian. A bebida de Karabekian era um *dry martini* de Beefeater com uma raspinha de limão, de modo que Bonnie disse a ele:

— Café da manhã dos campeões.

— Você me disse isso quando trouxe meu primeiro martíni — disse Karabekian.

— Eu digo isso sempre que trago um martíni para qualquer pessoa — retrucou Bonnie.

— Você não se cansa? — perguntou Karabekian. — Ou talvez seja por isso que as pessoas constroem cidades em lugares desolados como este: para que possam fazer sempre e sempre as mesmas piadas, até que o Glorioso Anjo da Morte cale suas bocas com cinzas.

— Eu só quero animar as pessoas — respondeu Bonnie. — Se isso é um crime, eu nunca tinha ouvido falar. Vou parar de dizer de agora em diante. Peço perdão. Eu não quis ofender.

Bonnie detestava Karabekian, mas estava sendo um docinho de coco com ele. Ela seguia a política de jamais demonstrar irritação com nada que acontecesse no bar do hotel. A maior parte do seu salário vinha, de longe, das gorjetas, e a melhor maneira de ganhar boas gorjetas era sorrir, sorrir e sorrir, independente do que estivesse acontecendo. Bonnie tinha apenas dois objetivos em sua vida agora. Ela queria recuperar todo o dinheiro que seu marido havia perdido no lava-jato em Shepherdstown, e estava louca para botar pneus radiais com cintas estabilizadoras de aço nas rodas dianteiras do seu carro.

Seu marido, enquanto isso, estava em casa, assistindo a golfistas profissionais na televisão e enchendo a cara de excremento de levedura.

• • •

Santo Antão, por sinal, foi um egípcio que havia fundado o primeiro mosteiro, um lugar onde os homens podiam levar vidas simples e rezar com frequência para o Criador do Universo, longe das distrações da ambição, do sexo e do excremento de leveduras. O próprio Santo Antão vendeu tudo o que tinha quando era jovem e foi para o deserto, onde viveu sozinho por vinte anos.

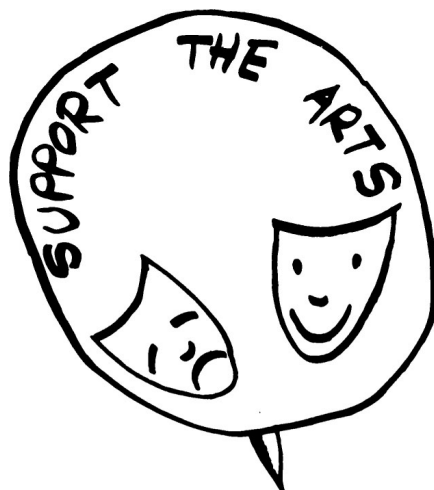
Durante todos aqueles anos na mais perfeita solidão, frequentemente foi tentado por visões dos bons momentos que havia tido com comidas e homens e mulheres e crianças e em feiras e assim por diante.

Seu biógrafo foi outro egípcio, Santo Atanásio, cujas teorias sobre a Santíssima Trindade, a Encarnação e a divindade do Espírito Santo, estabelecidas trezentos anos após o assassinato de Cristo, eram consideradas válidas até mesmo pelos católicos da época de Dwayne Hoover.

Na verdade, o colégio católico de Ensino Médio da cidade de Midland havia sido batizado em homenagem a Santo Atanásio. Originalmente fora batizado em homenagem a São Cristóvão, mas então o Papa, que era o chefe das igrejas católicas em todo o mundo, anunciou que São Cristóvão provavelmente jamais existira, de modo que as pessoas não deveriam mais homenageá-lo.

...

Um negro que lavava os pratos saiu da cozinha do hotel para fumar um cigarro Pall Mall e tomar um ar. Em sua camiseta branca encharcada de suor, ele trazia um enorme broche pendurado, que dizia o seguinte:



Apoie as artes

Havia tigelas cheias desses broches espalhadas pelo hotel, para quem quisesse pegar, e o lavador de pratos tinha pegado um deles por gozação. Ele não via a menor utilidade em obras de arte, exceto por aquelas simples e baratas, que não eram feitas para durar muito tempo. Seu nome era Eldon Robbins, e ele tinha um pênis de 23 centímetros de comprimento e 5 de diâmetro.

Eldon Robbins também tinha passado um tempo no Instituto Correcional para Adultos, de modo que, para ele, foi fácil identificar Wayne Hoobler, ali fora, em meio às latas de lixo, como um prisioneiro em liberdade condicional.

— Bem-vindo ao mundo real, irmão — disse ele numa voz suave, de forma ironicamente carinhosa para Wayne. — Quando foi que você comeu pela última vez? Hoje de manhã?

Wayne timidamente confirmou que aquilo era verdade. Então, Eldon o conduziu por dentro da cozinha até uma mesa comprida na qual os

funcionários faziam suas refeições. Havia uma televisão ligada, e Wayne viu a Rainha Maria da Escócia ser decapitada. Todos os presentes na ocasião estavam muito bem-vestidos, e a Rainha Maria pôs sua cabeça no talho por vontade própria.

Eldon providenciou que fosse servido a Wayne, de graça, um bife com purê de batata e molho e tudo o mais que ele quisesse, tudo preparado pelos outros homens negros que trabalhavam naquela cozinha. Havia uma tigela cheia de broches do Festival de Artes em cima da mesa, e Eldon fez com que Wayne pusesse um antes de começar a comer.

— Use isso o tempo todo — disse ele a Wayne num tom grave —, e nada de ruim irá lhe acontecer.

• • •

Eldon revelou a Wayne um buraco que os funcionários da cozinha haviam feito na parede, que dava para o bar do hotel.

— Quando estiver de saco cheio de assistir televisão, você pode ficar olhando os animais no zoológico — disse Eldon.

Ele mesmo deu uma olhada pelo buraco, e disse a Wayne que no piano-bar havia um homem sentado que recebera 50 mil dólares para colar um pedaço de fita amarela num pedaço de tela pintado de verde. Ele insistiu para que Wayne desse uma *boa* olhada em Karabekian. Wayne obedeceu.

Wayne quis afastar o olho do buraco na parede após alguns segundos, porque não tinha conhecimento prévio o suficiente para entender nem de longe o que estava acontecendo naquele bar. As velas, por exemplo, o haviam deixado confuso. Ele imaginou que a energia elétrica tivesse caído, e que alguém estivesse a caminho de trocar um fusível. Além disso, não sabia o que pensar sobre a fantasia de Bonnie MacMahon: botas brancas de caubói e meias arrastão negras com ligas carmesim claramente visíveis sobre vários centímetros de coxas nuas, além de uma espécie de maiô muito apertado e coberto de lantejoulas com um pompom de algodão cor-de-rosa no traseiro.

As costas de Bonnie estavam viradas para Wayne, de modo que ele não conseguia ver que ela usava óculos octogonais com lentes trifocais, sem aro, e que era uma mulher com feições equinas, de 42 anos. Também não conseguia ver que ela estava sorrindo, sorrindo e sorrindo, independente do quão desrespeitoso Karabekian estivesse sendo. Ele conseguia, entretanto, ler os lábios do sujeito. Wayne era um bom leitor de lábios, assim como qualquer um que tivesse passado um tempo em Shepherdstown. A lei do silêncio era aplicada nos corredores e durante as refeições em Shepherdstown.

• • •

Karabekian dizia o seguinte para Bonnie, apontando para Beatrice Keedsler com um aceno:

— Essa distinta senhorita, além de uma famosa escritora, é também nativa deste entroncamento ferroviário. Talvez você possa contar para ela algumas histórias reais que aconteceram recentemente em sua terra natal.

— Eu não conheço nenhuma — disse Bonnie.

— Ah, vamos lá. Cada ser humano neste salão deve render um excelente livro. — Karabekian apontou para Dwayne Hoover. — Qual é a história de vida daquele homem?

Bonnie limitou-se a falar sobre Sparky, o cão de Dwayne, que não conseguia abanar o rabo.

— Então ele tem que brigar o tempo todo — explicou ela.

— Maravilhoso — disse Karabekian, voltando-se então para Beatrice. — Tenho certeza de que você pode usar isso em algum lugar.

— Na verdade, eu posso mesmo. Esse detalhe é fascinante.

— Quanto mais detalhes, melhor — comentou Karabekian. — Graças a Deus existem os romancistas. Graças a Deus existe gente disposta a botar tudo no papel. Se não fosse assim, muita coisa acabaria sendo esquecida!

Ele implorou para que Bonnie lhes contasse mais histórias reais.

Bonnie se deixou enganar pelo entusiasmo de Karabekian, e se empolgou com a ideia de que Beatrice Keedsler realmente precisasse de histórias reais para os seus livros.

— Bem, vocês consideram que Shepherdstown seja mais ou menos parte da cidade de Midland?

— Mas é claro — disse Karabekian, que nunca havia ouvido falar de Shepherdstown. — O que seria da cidade de Midland sem Shepherdstown? E o que seria de Shepherdstown sem a cidade de Midland?

— Bem... — disse Bonnie, realmente achando que talvez tivesse uma história muito boa para contar. — Meu marido é guarda no Instituto Correccional para Adultos de Shepherdstown, e costumava ter que fazer companhia para as pessoas que seriam eletrocutadas, na época em que costumavam eletrocutar as pessoas o tempo todo. Ele jogava cartas com elas, ou lia passagens da Bíblia em voz alta, ou o que quer que essas pessoas quisessem fazer. Até que certa vez ele teve que fazer companhia para um homem branco chamado Leroy Joyce.

A fantasia de Bonnie emitia um brilho tênue, estranho e estapafúrdio enquanto ela falava. Isso porque todas as peças estavam fortemente impregnadas com substâncias químicas fluorescentes. Assim como o paletó do barman. Assim como as máscaras africanas penduradas nas paredes. As substâncias químicas brilhavam como néon sob o brilho das luzes negras no teto, que estavam desligadas naquele momento. O barman as acendia de forma aleatória, de acordo com a sua própria vontade, para proporcionar aos clientes uma surpresa agradável.

A energia para as luzes e para tudo o que era elétrico na cidade de Midland, por sinal, era gerada pelo carvão retirado das minas na Virgínia Ocidental, por onde Kilgore Trout tinha passado havia poucas horas.

• • •

— Leroy Joyce era tão burro — prosseguiu Bonnie —, que não sabia jogar cartas. Não conseguia entender a Bíblia. Ele mal conseguia falar. Então, fez sua última refeição e depois ficou sentado, parado. Ele seria eletrocutado por ter cometido estupros. Então, meu marido sentou no corredor do lado de fora da cela e ficou lendo para si mesmo. Ouviu Leroy se mexendo dentro de sua cela, mas não deu muita bola. Então, Leroy passou sua caneca de lata nas barras da grade. Meu marido pensou que ele queria mais café. Então, ficou de pé, foi até Leroy, e pegou a caneca. O prisioneiro sorria como se estivesse tudo bem. Ele não precisaria mais ir para a cadeira elétrica no fim das contas. Leroy havia cortado fora seu troço e colocado dentro da caneca.

• • •

Este é um livro de ficção, é claro, mas a história que eu fiz Bonnie contar, na verdade, aconteceu na vida real, no corredor da morte em uma penitenciária no Arkansas.

Quanto a Sparky, o cão de Dwayne Hoover que não conseguia abanar o rabo: Sparky é baseado num cachorro que o meu irmão tinha. O bicho precisava brigar o tempo todo porque não conseguia abanar o rabo. Existe *mesmo* um cachorro assim.

• • •

Rabo Karabekian pediu a Bonnie MacMahon para que ela lhe contasse alguma coisa sobre a adolescente que estava na capa do livreto de programação do Festival de Artes, o único ser humano internacionalmente famoso na cidade de Midland. A garota era Mary Alice Miller, campeã mundial nos 200 metros do nado de peito feminino. Tinha apenas 15 anos, disse Bonnie.

Mary Alice também era a rainha do Festival de Artes. A capa do livreto de programação a mostrava usando um maiô branco, com sua medalha de ouro olímpica pendurada no pescoço. A medalha era mais ou menos assim:



XX. Olimpíada. Munique. 1972

Mary Alice estava sorrindo para uma pintura de São Sebastião de autoria do pintor espanhol El Greco. Ela havia sido emprestada ao Festival por Eliot Rosewater, o simpatizante de Kilgore Trout. São Sebastião era um soldado romano que havia vivido 1.700 anos antes de mim e de Mary Alice Miller e de Wayne e de Dwayne e de todo o resto de nós. Ele havia se tornado cristão secretamente, no tempo em que o cristianismo era proibido por lei.

Só que alguém o delatou. E então o imperador Diocleciano fez com que ele fosse alvejado por arqueiros. A pintura para a qual Mary Alice sorria com uma satisfação um tanto quanto indulgente mostrava um ser humano tão cravejado por flechas que mais parecia um porco-espinho.

Uma coisa que quase ninguém sabia sobre São Sebastião, por sinal, pois os pintores gostavam de cravar tantas flechas nele, é que ele havia sobrevivido ao incidente. Na verdade, recuperou-se dele muito bem.

Mas, como seguiu andando por Roma pregando o cristianismo e falando mal do imperador, São Sebastião foi sentenciado à morte uma segunda vez. Foi espancado com pedaços de pau até morrer.

E assim por diante.

Bonnie MacMahon também contou a Beatrice e a Karabekian que o pai de Mary Alice, que era membro da Junta de Liberdade Condicional em Shepherdstown, havia ensinado a filha a nadar quando Mary Alice tinha apenas 8 meses de idade, e que ele a obrigava a ficar na piscina ao menos 4 horas por dia, todos os dias, desde os 3 anos.

Rabo Karabekian ficou pensando naquilo, e depois, com a voz bem alta, disse para que muitas pessoas pudessem ouvi-lo:

— Que tipo de homem iria querer transformar sua filha num motor de popa?

• • •



E agora chegamos ao clímax espiritual deste livro, pois é neste ponto que eu, o autor, sou subitamente arrebatado pelo que fiz até agora. Foi por isso que vim até a cidade de Midland: para nascer de novo. E o Caos anunciou que estava prestes a dar à luz um novo eu ao colocar as seguintes palavras na boca de Rabo Karabekian: “Que tipo de homem iria querer transformar sua filha num motor de popa?”

Um comentário muito insignificante acabou tendo consequências estrondosas, uma vez que a matriz espiritual daquele bar estava no que eu escolhi chamar de *condição pré-terremótica*. Forças formidáveis operavam em nossas almas, mas não podiam se manifestar porque se equilibravam perfeitamente entre si.

Até que um grão de areia se esfarelou. Uma força teve repentina vantagem sobre outra, fazendo os continentes espirituais começarem a se mover e a se levantar.

Uma dessas forças, certamente, era o desejo por dinheiro que contaminava muitas pessoas ali presentes no bar daquele hotel. Elas sabiam quanto Rabo Karabekian havia recebido por seu quadro, e todas queriam ganhar 50 mil dólares também. Afinal, poderiam se divertir muito com 50 mil dólares, ou pelo menos era o que pensavam. Mas, em vez disso, essas pessoas precisavam ganhar seu dinheiro do jeito mais difícil, apenas uns poucos dólares de cada vez. Aquilo não era certo.

Outra força ali presente era o medo que estas mesmas pessoas tinham de que suas vidas talvez fossem ridículas, de que talvez toda a cidade fosse ridícula. Então, o pior havia acontecido: Mary Alice Miller, a única coisa naquela cidade que as pessoas imaginavam ser à prova de ridículo, acabava de ser ridicularizada, e sem grande esforço, por um forasteiro.

Vale ressaltar que minha própria condição pré-terremótica precisa ser levada em consideração, pois era eu quem estava renascendo. Mais ninguém no bar daquele hotel estava passando por isso, pelo que eu sabia. Os demais, ou pelo menos alguns deles, estavam mudando de opinião a respeito do valor da arte moderna.

Quanto a mim: eu tinha chegado à conclusão de que não havia nada sagrado a meu respeito ou a respeito de qualquer outro ser humano, que nós todos éramos máquinas, condenadas a colidir e colidir sem parar. Por falta de algo melhor para fazer, nos tornamos fãs dessas colisões. Às vezes eu escrevia bem sobre o assunto, o que significava que, nesses momentos, eu era uma máquina de escrever em bom funcionamento. Às vezes, escrevia mal, o que significava que nesses momentos eu era uma máquina de escrever em mau funcionamento. Não havia em mim mais sacralidade do que num Pontiac, numa ratoeira, ou num torno da South Bend Lathe.

Eu não esperava que Rabo Karabekian viesse me salvar. Eu o havia criado, e ele era, na minha opinião, um homem fraco, arrogante e desprezível, e que

não era artista de forma alguma. Mas foi Rabo Karabekian que me transformou no terráqueo sereno que eu sou hoje em dia.

Veja bem:

— Que tipo de homem iria querer transformar sua filha num motor de popa? — perguntou ele a Bonnie MacMahon.

Bonnie MacMahon perdeu a compostura. Aquela era a primeira vez que ela perdia a compostura desde que tinha ido trabalhar no bar do hotel. O som de sua voz ficou tão desagradável quanto o barulho de uma serra de fita cortando estanho galvanizado. E muito *alto* também.

— Ah, é? — disse ela. — Ah, é?

Todo mundo congelou. Bunny Hoover parou de tocar piano. Ninguém queria perder uma palavra.

— Então você não gosta muito da Mary Alice Miller? — perguntou ela. — Bem, a gente não gosta muito da sua pintura. Eu já vi pinturas melhores serem feitas por crianças de 5 anos.

Karabekian escorregou do seu banquinho no bar para poder encarar todos os seus inimigos de pé. Com certeza me surpreendeu. Eu esperava que batesse em retirada debaixo de uma chuva de azeitonas, cerejas marrasquino e cascas de limão. Mas ele foi muito majestoso ali.

— Veja bem — disse ele, muito calmamente. — Eu li os editoriais contra a minha pintura no seu maravilhoso jornal. Li cada palavra das cartas desaforadas que vocês tiveram a consideração de enviar para Nova York.

Aquilo deixou as pessoas um pouco sem graça.

— Aquela pintura não existia até que eu a criasse — prosseguiu Karabekian. — Agora que ela existe, nada me faria mais feliz do que vê-la reproduzida muitas e muitas vezes, e imensamente melhorada, por todas as crianças de 5 anos dessa cidade. Eu adoraria que as suas crianças chegassem, de maneira agradável e divertida, ao mesmo lugar no qual eu levei muitos anos cheios de raiva para chegar.

“Agora, eu lhes dou a minha palavra de honra que a pintura que a sua cidade possui exhibe tudo o que realmente importa na vida, sem deixar nada de fora. Ela retrata a consciência de cada animal que existe. É o centro imaterial de todo animal que existe, o ‘eu sou’ para o qual todas as mensagens são enviadas. Representa tudo o que está vivo em cada um de nós, seja um rato, um cervo, uma garçõete. É uma coisa inabalável e pura, não importa que tipo de aventura disparatada possa se abater sobre nós. Uma pintura sagrada mostrando um Santo Antão sozinho é um feixe de luz inabalável e vertical. Se uma barata estivesse perto dele, ou uma garçõete, a imagem exibiria dois feixes de luz do mesmo tipo. Nossa consciência é tudo aquilo que está vivo e que talvez seja sagrado em cada um de nós. Todo o resto é apenas um monte de maquinário sem vida.

“Acabo de descobrir por esta garçõete aqui, por este feixe de luz vertical, uma história sobre o seu marido e um idiota que estava prestes a ser

executado em Shepherdstown. Muito bem... vamos deixar que uma criança de 5 anos pinte uma interpretação sagrada deste encontro. Vamos deixar que remova a idiotia, as grades, a cadeira elétrica à espera, o uniforme do guarda, a arma do guarda, os ossos e a carne do guarda. O que seria essa pintura perfeita que qualquer criança de 5 anos é capaz de pintar? Dois feixes de luz inabaláveis.”

Um êxtase irrompeu no rosto selvagem de Rabo Karabekian.

— Cidadãos de Midland, eu os saúdo — disse ele. — Vocês deram um lar para uma obra-prima!

• • •

Dwayne Hoover, por sinal, não estava assimilando nada daquilo. Ele ainda estava hipnotizado, voltado para dentro de si. Estava pensando em mover seus dedos para escrever, e seguir em frente, e assim por diante. Mas estava com um parafuso solto. Tinha perdido o prumo. Estava lelé da cuca.

Enquanto minha vida estava sendo renovada pelas palavras de Rabo Karabekian, Kilgore Trout estava parado num ponto elevado da interestadual olhando além do Sugar Creek, ali contido por sua vala de concreto junto ao Holiday Inn. Não havia nenhuma ponte cruzando o riacho. Ele teria de atravessá-lo a pé.

Então, sentou-se na barreira de proteção, tirou sapatos e meias, e levantou as pernas das calças até os joelhos. As canelas desnudas eram como colunas rococó, ornamentadas de varizes e cicatrizes, iguais às canelas do meu pai quando já era muito, muito velho.

Kilgore Trout tinha canelas iguais às do meu pai. Eu as havia dado a ele de presente. E também os pés do meu pai, que eram compridos, finos e sensíveis. E azulados. Eram pés artísticos.

• • •

Trout mergulhou seus pés artísticos dentro da vala de concreto que continha o Sugar Creek. Os pés foram revestidos imediatamente por uma substância plástica transparente que havia na superfície do riacho. Quando Trout, levemente surpreso, retirou um pé revestido de dentro da água, a substância plástica secou instantaneamente no ar, deixando seu pé envolto numa espécie de bota muito fina que parecia feita de madrepérola. Ele repetiu o processo com o outro pé.

A substância vinha da fábrica da Barrytron. A empresa estava produzindo uma nova bomba antipessoal para a Força Aérea. Essa bomba espalhava fragmentos de plástico em vez de fragmentos de aço, porque fragmentos de plástico eram mais baratos. E também não eram detectáveis nos corpos dos inimigos feridos por meio de raios-X.

A Barrytron não fazia ideia de que estava despejando aqueles dejetos no Sugar Creek. Eles haviam contratado a Construtora Irmãos Maritimo, que era controlada por gângsteres. Todo mundo sabia disso. Mas os Irmãos Maritimo também eram os melhores do ramo na cidade. Tinham construído a casa de Dwayne Hoover, por exemplo, que era bastante sólida.

Mas, também com bastante frequência, eles faziam alguma coisa incrivelmente criminosa. O sistema de despejo de dejetos da Barrytron era um desses casos. Tinha sido um projeto caro, que aparentava ser complicado e bastante eficaz. Porém, na verdade, não passava de um monte de ferro velho colado de qualquer jeito a fim de maquiar uma linha reta de canos de esgoto roubados que saía da Barrytron direto para o Sugar Creek.

A Barrytron ficaria profundamente revoltada quando descobrisse que tremenda poluidora havia se tornado. Ao longo de toda a sua história, a empresa sempre se esforçara para ser o modelo perfeito da boa conduta corporativa, a qualquer custo.

• • •

Naquele momento, Trout atravessava o Sugar Creek usando as pernas e os pés do meu pai, e estes apêndices iam ficando cada vez mais laqueados a cada passo. Ele carregava seus pacotes, os sapatos e as meias acima da cabeça, apesar da água mal alcançar as rótulas.

Ele sabia o quanto estava ridículo. Esperava ser recebido com muito ódio, sonhava em constranger mortalmente o festival. Afinal, tinha percorrido toda aquela distância para uma orgia masoquista, e queria ser tratado como uma barata.

• • •

Sua situação, levando em conta o fato de ele ser uma máquina, era complexa, trágica e risível. Mas sua porção sagrada, sua consciência, permanecia como um feixe de luz inabalável.

E este livro está sendo escrito por uma máquina de carne em colaboração com uma máquina feita de metal e plástico. O plástico, por sinal, é um parente próximo da gosma que está no Sugar Creek. E no âmago da máquina de escrever de carne existe alguma coisa sagrada, que é um feixe de luz inabalável.

No âmago de cada pessoa que lê este livro existe um feixe de luz inabalável.

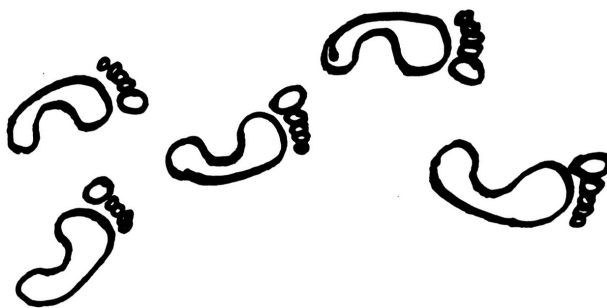
A campanha acaba de tocar no meu apartamento em Nova York. E eu sei o que vou encontrar quando abrir a porta: um feixe de luz inabalável.

Deus abençoe Rabo Karabekian!

• • •

Veja bem: Kilgore Trout saiu de dentro da vala para o deserto de asfalto que era o estacionamento do Holiday Inn. Ele havia planejado adentrar o saguão

do hotel de pés descalços, para deixar pegadas no carpete, desse jeito:

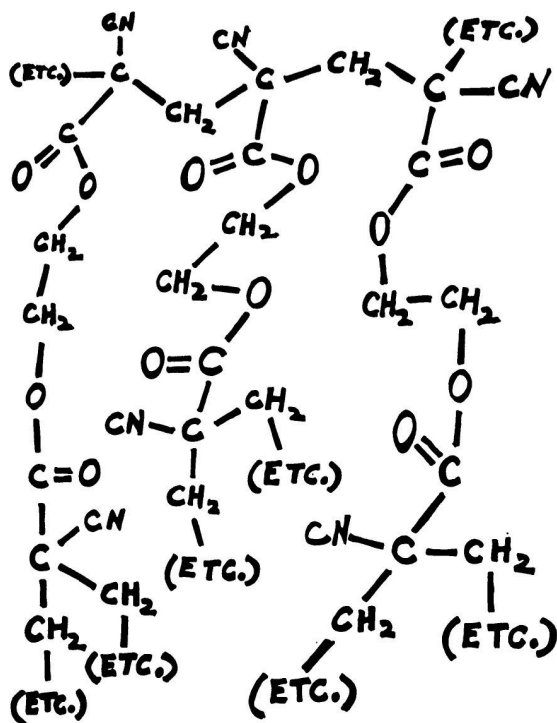


Trout alimentava a fantasia de que alguém ficaria ultrajado por causa das pegadas, e que isso lhe daria a oportunidade de responder majestosamente:

— Mas o que é que tanto lhe ofende? Eu estou simplesmente me valendo da primeira forma de impressão inventada pelo homem. Você está lendo aqui no carpete uma manchete universal em letras garrafais que diz: “Eu estou aqui, eu estou aqui, eu estou aqui.”

...

Porém, Trout não era uma impressora ambulante. Seus pés não deixaram marca alguma no carpete, uma vez que estavam encapados com plástico, e o plástico estava seco. Eis a estrutura da molécula de plástico:



A molécula continua, repetindo-se infinitamente até formar uma chapa que é, ao mesmo tempo, resistente e impermeável.

Essa molécula era o monstro que os meios-irmãos gêmeos de Dwayne, Lyle e Kyle, haviam atacado com suas escopetas automáticas. Era a mesma coisa que estava fodendo com a Caverna do Sagrado Milagre.

...

O homem que me ensinou a elaborar o diagrama do segmento de uma molécula de plástico foi o Prof. Walter H. Stockmayer, no Dartmouth College. Stockmayer é um importante físico-químico, além de ser um amigo precioso e divertido. Eu não o inventei. É fato que eu mesmo gostaria de ser o Professor Walter H. Stockmayer, que é um pianista brilhante e esquia como ninguém.

E quando Stockmayer desenha uma molécula plausível, indica os pontos em que ela continuaria, exatamente como eu os indiquei: com uma abreviatura que significa repetição sem fim.

O final adequado para toda e qualquer história sobre pessoas, me parece, uma vez que a vida é um polímero embalando com pressão cada centímetro da Terra, deveria ser a mesma abreviatura, que agora escreverei em letras bem grandes porque me deu vontade de fazer isso:



...

E é para reconhecer a continuidade deste polímero que eu começo tantas frases com “E” e “Então”, e termino tantos parágrafos com “... e assim por diante”.

E assim por diante.

“Tudo é como o oceano!”, bradou Dostoiévski.

Eu digo que tudo é como celofane.

...

Então, Trout adentrou o saguão como uma impressora sem tinta, mas, mesmo assim, ainda era o ser humano mais grotesco que já havia estado ali.

À sua volta havia o que as outras pessoas chamavam de *espelhos* e ele chamava de *vasos*. Toda a parede que separava o saguão do bar do hotel era um *vaso* de 3 metros de altura por 9 de comprimento. Havia outro *vaso* na máquina de cigarros, e mais outro na máquina de doces. E quando Trout olhou através deles para enxergar o que acontecia em outro universo, viu uma criatura imunda, de olhos vermelhos e pés descalços, que havia arregaçado as calças até a altura dos joelhos.

Coincidentemente, a única outra pessoa no saguão naquele momento era o belo recepcionista, Milo Maritimo. As roupas, a pele e os olhos de Milo eram de todos os tons de castanho possíveis. Milo havia se formado na Faculdade de Hotelaria de Cornell. Era o filho homossexual de Guillermo “Little Willie” Maritimo, um dos guarda-costas do mal-afamado gângster de Chicago, Al Capone.

Trout apresentou-se àquele homem inofensivo que parou em frente ao seu balcão, os pés descalços bem separados e os braços bem abertos.

— O Abominável Homem das Neves chegou — disse ele a Milo. — Se não estou tão limpo quanto a maioria dos abomináveis homens das neves é porque fui sequestrado quando era criança nas encostas do Monte Everest e feito de escravo num bordel no Rio de Janeiro, onde passei os últimos cinquenta anos lavando os banheiros mais imundos do universo. Um frequentador do nosso salão de chicotadas, em um momento de agonia e êxtase, urrou a respeito de um festival de artes que aconteceria aqui na cidade de Midland. Então, fugi do bordel usando uma corda feita com lençóis fedidos que estavam dentro de um cesto de roupas, e vim até Midland para ser reconhecido antes da minha morte como o grande artista que acredito ser.

Milo Maritimo cumprimentou Trout com uma devoção intensa.

— Sr. Trout — disse ele, em êxtase. — Eu o reconheceria em qualquer lugar. Bem-vindo a Midland! Nós precisamos *muito* de você!

— Como você sabe quem eu sou? — perguntou Kilgore Trout, porque ninguém jamais o havia reconhecido até então.

— *Tinha* que ser você — disse Milo.

Trout murchou, ele havia sido *neutralizado*. Então, baixou os braços, adotando uma postura infantil.

— Ninguém jamais havia me reconhecido até então — disse ele.

— Eu sei. Nós descobrimos você e esperamos que você nos descubra. Midland nunca mais será conhecida apenas como a cidade natal de Mary Alice Miller, a campeã mundial nos 200 metros do nado peito feminino. Ela também será a primeira cidade a reconhecer a grandeza de Kilgore Trout.

Trout simplesmente se afastou do balcão e se sentou num sofá forrado com brocado espanhol. Todo o saguão, exceto pelas máquinas de venda, tinha



sido decorado em estilo espanhol.

Milo então usaria uma frase de um programa de TV que havia sido popular alguns anos atrás. O programa não estava mais no ar, mas a maioria das pessoas ainda se lembrava dela. Grande parte das conversas por todo o país consistia de frases extraídas de programas de TV, tanto atuais quanto antigos. O programa do qual vinha a frase de Milo consistia de pegar algum idoso, em geral bastante famoso, e colocá-lo no que parecia ser uma sala comum, exceto pelo fato de na verdade estar montada em cima de um palco, na frente de uma plateia, e cheia de câmeras de TV escondidas por toda parte. Também estavam escondidas por toda parte pessoas que conheciam o idoso havia muito tempo. Essas pessoas depois apareciam e contavam histórias engraçadas sobre o convidado.

Milo disse o que o apresentador do programa teria dito a Trout, se Trout tivesse estado no programa e as cortinas se abrissem:

— Kilgore Trout! Esta é a sua vida!

• • •

Só que não havia uma plateia nem cortinas e nem nada disso. E a verdade é que Milo Marítimo era a única pessoa na cidade de Midland que sabia qualquer coisa a respeito de Kilgore Trout. Era muito otimismo de sua parte acreditar que a alta sociedade de Midland ficaria tão empolgada com as obras de Kilgore Trout quanto ele.

— Estamos loucos por uma nova Renascença, Sr. Trout! Você será o nosso Leonardo!

— Mas como é *possível* que você já tenha ouvido falar de mim? — perguntou Trout, ainda confuso.

— Ouvi sobre você quando estava me preparando para a Renascença da Cidade de Midland. Eu fiz questão de ler tudo o que eu podia sobre cada artista que estava vindo para cá.

— Mas não há nada falando sobre mim em lugar algum — protestou Trout.

Milo saiu de trás do seu balcão. Ele trouxe consigo o que parecia ser uma velha bola de *softball* amassada, enrolada com diversos tipos de fita.

— Quando não consegui encontrar nada sobre você — começou a explicar —, decidi escrever para Eliot Rosewater, o homem que disse que tínhamos que trazer você para cá. Ele tem 41 dos seus romances e 63 dos seus contos em uma coleção particular, Sr. Trout. E me deixou ler todos eles.

Milo esticou o braço, mostrando o que parecia ser uma bola de beisebol, mas, na verdade, era um livro da coleção de Rosewater. Ele lia muito seus livros de ficção científica.

— Esse foi o único livro que eu não terminei de ler, mas eu vou terminar antes de o sol nascer amanhã de manhã — disse Milo.

• • •

O romance em questão, por sinal, era *A coelhinha esperta*. O protagonista era um coelho que vivia como os demais coelhos selvagens, porém era inteligente como Albert Einstein ou William Shakespeare. Era uma fêmea, na verdade, a única protagonista feminina em todos os romances e contos de Kilgore Trout.

Ela levava uma vida normal de coelho fêmea, apesar de seu tremendo intelecto. Certo dia chegou à conclusão de que sua mente era inútil, que provavelmente era algum tipo de tumor, e que não tinha a menor utilidade no esquema geral das coisas de um coelho.

Então, ela foi saltitando e saltitando em direção à cidade, para ter o seu tumor removido. Mas um caçador chamado Dudley Farrow atirou nela, matando-a antes que ela pudesse chegar lá. Farrow arrancou sua pele e retirou seus órgãos internos, mas, no fim, ele e sua mulher, Grace, decidiram que era melhor não comê-la por conta de sua cabeça estranhamente grande. Acharam o mesmo que a própria coelha achava quando estava viva, que devia ter algum tipo de doença.

E assim por diante.

• • •

Kilgore Trout precisou se trocar imediatamente; então, vestiu as únicas outras roupas que possuía, seu smoking da formatura do colégio, sua nova camisa social, e tudo o mais. A parte de baixo das calças enroladas ficou impregnada da substância plástica que havia no riacho, de modo que ele não conseguiu mais desenrolá-la. Estavam mais duras do que os flanges de uma tubulação de esgoto.

Então, Milo Maritimo mostrou a suíte designada a Kilgore Trout, que na verdade eram dois quartos normais do Holiday Inn com uma porta aberta entre eles. A Trout e a cada um dos distintos participantes do festival foi reservada uma suíte com duas televisões a cores, duas banheiras de azulejos, e quatro camas duplas equipadas com *Dedos mágicos*. Dedos mágicos eram vibradores elétricos acoplados às molas de um colchão. Se um hóspede colocasse uma moeda de 25 centavos numa caixinha ao lado da cama, os Dedos mágicos fariam a cama vibrar.

Havia flores o suficiente no quarto de Trout para o funeral católico de um gângster. Tinham sido enviadas por Fred T. Barry, o diretor do Festival de

Artes, e pela Associação dos Clubes Femininos da Cidade de Midland, e pela Câmara de Comércio, e assim por diante.

Trout leu alguns dos cartões que vinham com as flores e comentou:

— Parece realmente significativa a forma com que a cidade está apoiando as artes.

Milo fechou com força seus olhos castanhos e gemeu com profundo pesar.

— Já estava *mais do que na hora*. Meu Deus, Sr. Trout, nós estávamos aqui morrendo de fome sem nem saber o que queríamos comer — disse ele.

Aquele rapaz não apenas era o descendente de uma linhagem de mestres do crime, como também era parente próximo de alguns dos delinquentes que atuavam naquele momento na cidade de Midland. Os sócios da Construtora Irmãos Maritimo, por exemplo, eram seus tios. Gino Maritimo, seu primo de segundo grau, era o maior traficante da cidade.

• • •

— Ah, Sr. Trout — prosseguiu o belo Milo, dentro da suíte do escritor. — Nos ensine a cantar e dançar, a rir e chorar. Já passamos tempo demais tentando sobreviver à base de dinheiro e sexo, e inveja, e propriedade privada, e futebol, e basquete, e automóveis, e televisão, e álcool. À base de serragem e vidro quebrado!

— Cai na real! — esbravejou Trout. — Eu por acaso pareço um dançarino, um cantor, um homem alegre?

Ele estava vestindo seu smoking, que era um tamanho maior do que ele. Trout perdera muito peso desde o Ensino Médio. Seus bolsos estavam repletos de naftalinas. O volume fazia com que eles parecessem alforjes.

— Cai na real! — disse Trout. — Um homem que tivesse sido nutrido pela beleza teria esse aspecto? Você me diz que não tem nada além de desolação e desespero aqui? Eu só estou trazendo mais do mesmo!

— Eu *estou* na real — disse Milo, calorosamente. — E eu estou vendo exatamente o que eu *esperava* ver: um homem terrivelmente ferido porque ousou atravessar a fogueira das verdades e sair do outro lado, que é algo que nós nunca vemos. E então, ele precisou voltar para nos contar sobre o que havia lá.

• • •

E eu fiquei sentado ali, no novo Holiday Inn, e fiz ele desaparecer, depois aparecer novamente, depois desaparecer, depois aparecer novamente. Na verdade, não havia nada lá além de um enorme descampado. Um fazendeiro tinha começado a cultivar centeio no local.

Já estava mais do que na hora, eu pensei, de Trout encontrar-se com Dwayne Hoover, e Dwayne Hoover ter o seu acesso de fúria.

Eu sabia como este livro terminaria. Dwayne machucaria muita gente. Ele arrancaria com os dentes uma articulação do dedo indicador direito de Kilgore Trout.

E aí Trout, com um curativo sobre o dedo machucado, sairia andando daquela cidade estranha. E se encontraria com o seu Criador, que explicaria tudo.

Kilgore Trout adentrou o bar. Seus pés estavam muito quentes. Estavam encapados não apenas por meias e sapatos, mas também por plástico transparente. Sendo assim, não conseguiam transpirar, não conseguiam respirar.

Rabo Karabekian e Beatrice Keedsler não viram quando Trout entrou no recinto. Estavam cercados pelos seus novos e apaixonados amigos no piano-bar. O discurso de Karabekian tinha sido muitíssimo bem recebido. Todos agora concordavam que a cidade de Midland possuía uma das maiores pinturas de todo o mundo.

— Você só tinha que explicar isso — disse Bonnie MacMahon. — Agora eu entendi.

— Eu não achei que tinha alguma coisa para explicar — falou Carlo Maritimo, o construtor, refletindo. — Mas, meu Deus, como tinha!

Abe Cohen, o joalheiro, disse a Karabekian:

— Se os artistas dessem mais explicações, as pessoas gostariam mais de arte. Percebe isso?

E assim por diante.

Trout estava um pouco apreensivo. Ele achou que talvez um monte de gente viria cumprimentá-lo de maneira tão efusiva quanto Milo Maritimo, afinal, não tinha qualquer experiência com esse tipo de celebração. Só que ninguém veio na sua direção. Seu velho amigo, o Anonimato, estava novamente ao seu lado e, juntos, os dois escolheram uma mesa perto de Dwayne Hoover e de mim. Tudo o que ele conseguiu ver de mim foram os reflexos das chamas das velas nos meus óculos espelhados, nos meus *vasos*.

Dwayne Hoover ainda estava mentalmente ausente do que se passava no piano-bar do hotel. Estava ali sentado como se fosse um pedaço de argila, olhando para alguma coisa muito distante, no passado.

Dwayne mexeu seus lábios quando Trout sentou-se. Sem emitir nenhum som, disse algo que não tinha nada a ver com Trout nem comigo:

— Adeus, segunda-feira triste.

Trout trazia com ele um envelope de papel pardo bem recheado. Milo Maritimo o havia entregado a ele. A pasta continha um programa do Festival das Artes, uma carta de boas-vindas escrita por Fred T. Barry, o diretor do festival, um calendário de eventos que aconteceriam ao longo da semana seguinte, e mais algumas coisas.

Trout também estava com um exemplar do seu romance *Agora pode ser dito*, o tal livro com os castores arreganhados que Dwayne Hoover em breve levaria a sério demais.

Então, ali estávamos nós três. Dwayne, Trout e eu poderíamos formar um triângulo equilátero de aproximadamente três metros e meio de lado.

Na condição de feixes inabaláveis de luz, nós três éramos simples, individuais e belos. Como máquinas, nós três éramos uns sacos murchos cheios de fiação e encanamento antigos, com as dobradiças enferrujadas e as molas cansadas. E nossas inter-relações eram muito, mas muito complexas.

Afinal de contas, eu havia criado tanto Dwayne quanto Trout, e Trout agora estava prestes a jogar Dwayne de forma irreversível nas garras da loucura, e Dwayne em breve arrancaria com os dentes a ponta do dedo de Trout.

• • •

Wayne Hoobler nos observava pelo buraco na parede da cozinha quando alguém bateu no seu ombro. O homem que o havia alimentado agora dizia que era hora de ele ir embora.

Então, ele saiu de lá sem destino, e mais uma vez foi parar entre os carros usados de Dwayne. Retomou sua conversa com o trânsito na interestadual.

• • •

O barman no balcão do bar acionou as luzes negras no teto. Como estava impregnado com substâncias fluorescentes, o uniforme de Bonnie MacMahon se acendeu como se fosse feito de néon.

Assim como o paletó do barman e as máscaras africanas penduradas nas paredes.

Assim como a camisa de Dwayne Hoover, e as camisas de diversos outros homens. O motivo era o seguinte: todas haviam sido lavadas com produtos de limpeza comuns que continham substâncias fluorescentes. A ideia era fazer com que as roupas ficassem mais brilhantes sob a luz do sol simplesmente transformando-as em roupas fluorescentes.

Quando estas mesmas roupas eram vistas numa sala escura, sob luzes negras, todavia, tornavam-se ridiculamente brilhantes.

Os dentes de Bunny Hoover também se acenderam, uma vez que ele havia usado uma pasta de dentes que continha substâncias fluorescentes, o que supostamente deveria fazer com que seu sorriso parecesse mais brilhante sob a luz do sol. Ele agora sorria, e sua boca parecia estar repleta de pequenas luzes de Natal.

Mas a peça mais brilhante daquele salão era, de longe, o peitilho da camisa de Kilgore Trout. A luz que ele emitia chegava a cintilar, e tinha profundidade também. Poderia muito bem ser a parte de cima de uma sacola aberta, abarrotada de diamantes radioativos.

Mas então Trout inclinou-se involuntariamente para a frente, curvando sua camisa engomada e fazendo-a assumir a forma de uma antena parabólica. A camisa virou um holofote, e seu foco de luz acabou apontando para Dwayne Hoover.

O brilho repentino fez Dwayne despertar do seu transe. Ele achou que talvez tivesse morrido. De qualquer forma, alguma coisa indolor e sobrenatural certamente estava acontecendo. Dwayne sorriu confiante para aquela luz sagrada. Ele estava pronto para qualquer coisa.

• • •

Trout não tinha uma explicação para a fantástica transformação de determinadas peças de roupa dentro daquele salão. Assim como a maioria dos escritores de ficção científica, ele não sabia praticamente nada sobre ciência. Para ele, informações sólidas eram tão inúteis quanto para Rabo Karabekian. Então, a única coisa que ele podia fazer era ficar perplexo.

Minha própria camiseta, por ser velha, e por ter sido lavada muitas vezes numa lavanderia chinesa que usava sabão comum, não fluoresceu.

Dwayne Hoover estava agora com o olhar perdido na camisa de Trout da mesma forma que, mais cedo, fora hipnotizado pelas gotas piscantes do óleo de limão. Ele se recordou, naquele momento, de uma história que seu padrasto havia contado quando Dwayne tinha apenas 10 anos de idade, que era a seguinte: por que não havia crioulos em Shepherdstown.

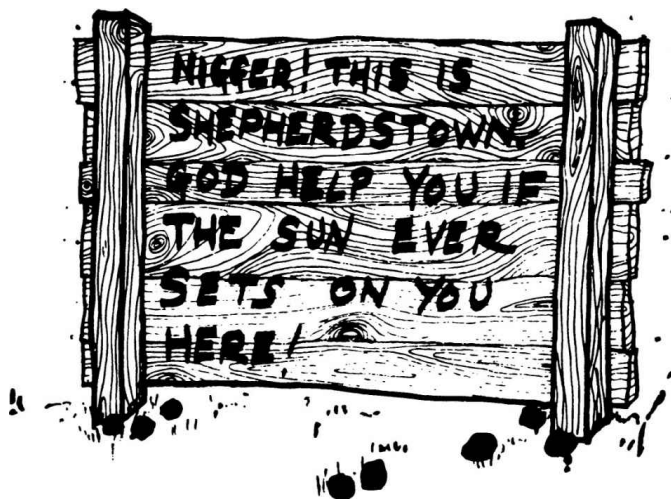
Aquela não era uma recordação totalmente irrelevante. Dwayne tinha, afinal de contas, conversado com Bonnie MacMahon, cujo marido havia perdido muito dinheiro num lava-jato em Shepherdstown. E o principal motivo pelo qual o empreendimento não dera certo foi porque, para ter sucesso, um lava-jato precisava de mão de obra abundante e barata, e isso queria dizer mão de obra negra. Só que não havia crioulos em Shepherdstown.

— Anos atrás — disse o padrasto de Dwayne quando Dwayne tinha 10 anos de idade —, os crioulos estavam vindo para o Norte aos milhões. Para Chicago, Midland, Indianápolis, Detroit. A guerra tinha acabado, e havia uma

demanda tão grande por operários que até um crioulo analfabeto conseguia arranjar trabalho bom em alguma fábrica. Os crioulos nunca tinham ganhado tanto dinheiro na vida.

“Só que lá em Shepherdstown, os brancos foram mais espertos e mais rápidos. Como não queriam crioulos na cidade, eles colocaram placas nas principais rodovias que passavam pelos seus limites, e também no pátio da ferrovia.”

O padraço de Dwayne descreveu as placas, que eram assim:



Crioulo! Aqui é Shepherdstown. Deus lhe ajude se você for visto aqui depois do pôr do sol!

— Certa noite — disse o padraço de Dwayne —, uma família de crioulos saltou de um vagão de trem em Shepherdstown. Talvez não tivessem visto a placa. Talvez não soubessem ler. Talvez simplesmente não tivessem acreditado.

O padraço de Dwayne estava desempregado quando lhe contou aquela história com muito gosto. A Grande Depressão tinha acabado de começar. Ele e Dwayne faziam sua expedição semanal no carro da família para recolher lixo e despejar no meio do mato, e onde eles despejavam o lixo era no Sugar Creek.

— Enfim. Essa família então se instalou num casebre que estava vazio aquela noite — prosseguiu o padraço de Dwayne. — Eles acenderam o fogão e tudo o mais. Então, uma multidão foi até lá à meia-noite. Arrastaram o homem para a rua e o serraram ao meio usando o fio mais alto de uma cerca de arame farpado.

Enquanto ouvia aquilo, Dwayne se lembrou com clareza de que o óleo no lixo estava se espalhando lindamente como um arco-íris sobre a superfície do Sugar Creek.

— Desde aquela noite, que aconteceu muito tempo atrás — disse o padraço —, crioulo nenhum nunca mais passou uma noite em



Shepherdstown.

• • •

Trout estava incomodamente ciente de que Dwayne olhava para o peitilho da camisa de forma apatetada. Os olhos de Dwayne pareciam nadar em seu rosto, e Trout imaginou que estivessem nadando em álcool. Não tinha como saber que Dwayne estava enxergando uma mancha de óleo que havia produzido um arco-íris sobre o Sugar Creek quarenta anos atrás.

Trout também estava ciente de o quão pouco ele podia ver de mim. Minha presença o estava causando ainda mais desconforto do que a de Dwayne. O lance era o seguinte: Trout era o único personagem que eu havia criado que tinha imaginação o suficiente para suspeitar que talvez ele fosse criação de outro ser humano. Havia falado sobre essa possibilidade com o seu periquito diversas vezes. Ele dizia coisas como: “Juro por Deus, Bill, do jeito que as coisas estão indo, eu só consigo pensar que sou um personagem no livro de alguém que está escrevendo sobre alguém que sofre o tempo todo.”

Trout agora estava começando a se dar conta de que estava sentado muito perto da pessoa que o havia criado. Ficou constrangido. Era difícil saber como reagir, especialmente porque suas reações seriam qualquer coisa que eu decidisse.

Decidi pegar leve com ele. Não acenei, não fiquei encarando. Não terei os óculos escuros. Então, mais uma vez rabisquei no tampo da mesa, dessa vez os símbolos que representam a inter-relação entre a matéria e a energia como ela era entendida na minha época:

$$E = Mc^2$$

Era uma equação defeituosa, pelo que eu sabia. Deveria haver um outro “C” em algum outro lugar ali, para *Consciência*, sem o qual o “E”, o “M” e outro “c,” que era uma constante matemática, não poderiam existir.

• • •

Todos nós estamos presos à superfície de uma bola, por sinal. O planeta tinha esse formato. Ninguém sabia por que a gente não caía de cima dela, muito embora todo mundo fingisse que meio que entendia.

As pessoas que eram espertas de verdade sabiam que uma das melhores maneiras de se ficar rico era possuir um pedaço da superfície na qual as

peças precisam se prender.

• • •

Trout temia fazer contato visual tanto com Dwayne quanto comigo, de modo que ficou investigando os conteúdos do envelope de papel pardo que esperava por ele em sua suíte.

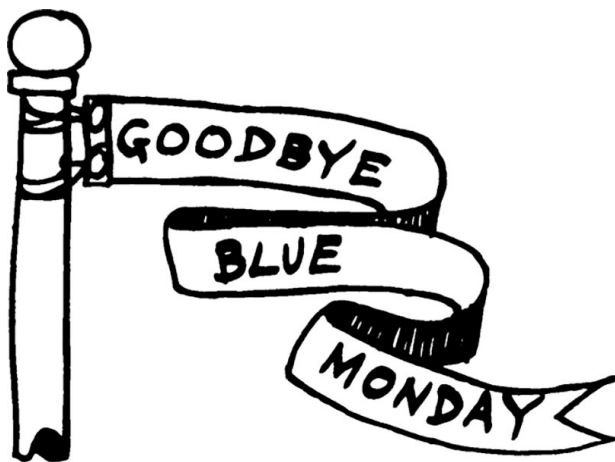
A primeira coisa que examinou foi uma carta escrita por Fred T. Barry, o diretor do Festival de Artes, que também é patrocinador do Centro Memorial de Artes Mildred Barry e fundador e presidente do conselho da Barrytron Ltda.

Preso à carta por um clipe havia uma ação ordinária da Barrytron, emitida em nome de Kilgore Trout. Eis o que dizia a carta:

“Caro Sr. Trout, é um prazer e uma honra que uma pessoa tão distinta e criativa ofereça seu precioso tempo para participar do primeiro Festival de Artes da cidade de Midland. Fazemos votos de que se sinta como um membro da nossa família enquanto estiver por aqui. Para dar a você e aos demais distintos participantes um sentido mais profundo de participação na vida da nossa comunidade, estou presenteando cada um com uma ação da empresa que eu fundei, a empresa da qual agora sou presidente do conselho. Agora, minha empresa não é mais só minha, é sua também.

Nossa empresa começou como a Corporação Robô Mágico dos Estados Unidos em 1934. No começo, tínhamos apenas três funcionários, e nossa missão era projetar e produzir a primeira máquina de lavar totalmente automática de uso caseiro. Você encontrará o lema desta máquina de lavar na logomarca da empresa no topo do seu certificado de ação.”

A logomarca da empresa consistia de uma deusa grega deitada numa espreguiçadeira ornamentada. Ela segurava um mastro do qual pendia uma longa flâmula. Eis o que dizia a flâmula:



Adeus, segunda-feira triste

• • •

O lema da antiga máquina de lavar da Robô Mágico misturava de forma inteligente duas ideias isoladas entre si que as pessoas tinham a respeito das segundas-feiras. Uma era a de que as mulheres tradicionalmente lavavam roupas na segunda-feira. A segunda-feira era, simplesmente, o dia de lavar roupa, e não um dia particularmente triste por causa disso.

Porém, quem tinha um emprego horrível durante a semana, costumava chamar esse dia de “segunda-feira triste”, por odiar ter de voltar ao trabalho após um dia de descanso. Quando Fred T. Barry, ainda jovem, criou o lema da Robô Mágico, fez de conta que a segunda-feira era chamada de “segunda-feira triste” porque lavar as roupas deixava as mulheres exaustas e aborrecidas.

A Robô Mágico iria animá-las

• • •

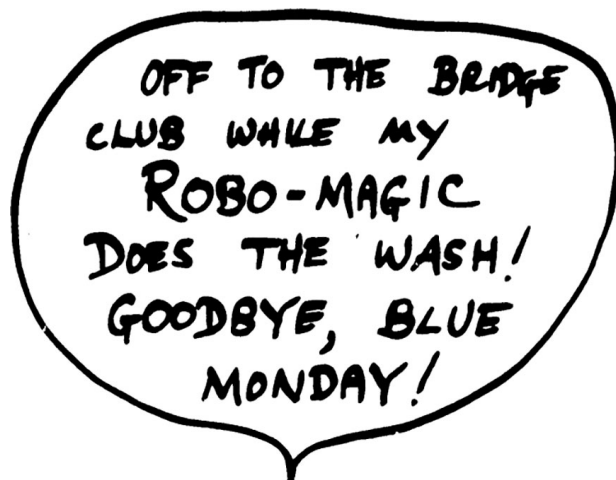
Não era verdade, por sinal, que a maioria das mulheres lavasse as roupas na segunda-feira na época em que a Robô Mágico foi inventada. Elas faziam isso em qualquer hora que lhes desse vontade. Uma das lembranças mais vívidas que Dwayne tinha da Grande Depressão, por exemplo, era de uma véspera de Natal em que sua madrastra decidiu lavar roupas. Ela estava chateada com o estado deplorável ao qual sua família havia decaído, e então, de repente, desceu as escadas pisando forte em direção ao porão, um lugar cheio de centopeias e baratas-orientais, e lavou a roupa.

— Hora de fazer o trabalho de crioulo — disse ela.

• • •

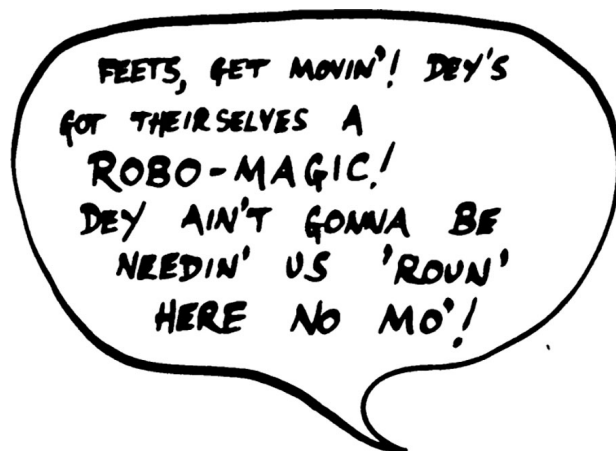
Fred T. Barry começou a fazer propaganda da Robô Mágico em 1933, muito antes de já ter uma máquina confiável para vender. E ele era uma das poucas pessoas na cidade de Midland que podia bancar anúncios em outdoors durante a Grande Depressão, de modo que o slogan da Robô Mágico não precisava ficar gritando e esperneando para chamar a atenção. Era praticamente o único símbolo que havia na cidade.

Um dos anúncios de Fred estava num outdoor que ficava na frente do portão principal da finada Fábrica de Automóveis Keedsler, que a Corporação Robô Mágico acabou adquirindo mais tarde. Ele mostrava uma mulher da alta sociedade com um casaco de pele e um colar de pérolas. Ela saía de sua mansão para passar uma maravilhosa tarde sem fazer nada, e um balão saía de sua boca. Estas eram as palavras dentro do balão:



Indo jogar *bridge* enquanto a Robô Mágico lava roupa! Adeus, segunda-feira triste!

Outro anúncio, que estava pintado num outdoor perto da estação de trem, mostrava dois entregadores brancos levando uma Robô Mágico para dentro de uma casa. Uma empregada negra os observava. Seus olhos estavam esbugalhados de uma maneira cômica. Também havia um balão saindo da sua boca, e ele dizia o seguinte:



Simbora! Compraro uma Robô Mágico! Num vão mais precisá de nois aqui!

...

O próprio Fred T. Barry havia escrito aqueles anúncios e, naquela época, também tinha feito uma previsão de que os muitos utensílios domésticos no catálogo da Robô Mágico iriam, no fim das contas, acabar fazendo o que ele chamava de “todo o trabalho de crioulo que havia no mundo”, o que consistia em carregar e limpar e cozinhar e lavar e passar e cuidar de crianças e dar um jeito na sujeira.

A madrasta de Dwayne Hoover não era a única mulher branca que reagia muito mal ao fato de ter de fazer esse tipo de tarefa. Minha própria mãe era assim, bem como minha irmã, que descansa em paz. Ambas se recusavam terminantemente a fazer trabalho de crioulo.

Os homens brancos também não queriam fazer nada daquilo, é claro. Chamavam essas tarefas de *trabalho de mulher*, e as mulheres chamavam essas tarefas de *trabalho de crioulo*.

• • •

Agora vou dar um palpite bem arriscado: acho que o fim da Guerra Civil no meu país frustrou os brancos do Norte, que venceram, de uma forma que nunca chegou a ser reconhecida. Seus descendentes herdaram essa frustração, creio eu, sem jamais saber do que se tratava.

Os vitoriosos desta guerra acabaram sendo passados para trás e ficaram sem os seus espólios mais desejados, que eram os escravos humanos.

• • •

O sonho da Robô Mágico foi interrompido pela Segunda Guerra Mundial. A velha Fábrica de Automóveis Keedsler virou depósito de armas em vez de fábrica de utensílios domésticos. Tudo o que havia restado da Robô Mágico era o seu cérebro, responsável por ensinar ao restante da máquina quando ela deveria deixar a água entrar, quando deveria deixar a água sair, quando deveria ensaboar, quando deveria enxaguar, quando deveria centrifugar, e assim por diante.

Aquele cérebro se tornou o centro nervoso do assim chamado “Sistema PIEC” durante a Segunda Guerra Mundial. Ele foi instalado em bombardeiros pesados, e era o verdadeiro responsável por lançar as bombas depois que um soldado apertava o botão vermelho vivo que dizia “lançar bombas”. O botão ativava o Sistema PIEC, que, então, lançava as bombas de tal maneira a produzir uma trilha predefinida de explosões no planeta lá embaixo. “PIEC” era a sigla para “Padronizador de Intervalo de Explosão Computadorizado”.

Então, fiquei ali, sentado no bar do novo Holiday Inn, assistindo a Dwayne Hoover olhar fixamente para a camisa de Kilgore Trout. Eu estava usando um bracelete parecido com isto:



SO1 JON SPARKS  
19-03-71

SO1 queria dizer Suboficial de Primeira Classe, que era o posto de Jon Sparks.

O bracelete tinha me custado 2,50 dólares. Era o meu modo de expressar compaixão pelas centenas de americanos que haviam sido feitos prisioneiros durante a guerra no Viet Nã. Braceletes como o meu estavam se tornando populares. Cada um trazia o nome de um prisioneiro de guerra real, seu posto, e a data da sua captura.

Quem usava estes braceletes supostamente não deveria tirá-los até que os prisioneiros voltassem para casa ou fossem declarados oficialmente mortos ou desaparecidos.

Fiquei me perguntando como fazer para encaixar o bracelete no livro, e acabei tendo a boa ideia de deixá-lo cair em algum lugar onde Wayne Hoobler pudesse encontrá-lo.

Wayne seria levado a pensar que pertencia a uma mulher que amava alguém chamado SO1 Jon Sparks, e que a mulher e SO1 haviam ficado noivos ou se casado, ou feito alguma outra coisa importante no dia 19 de março de 1971.

Wayne se esforçaria para pronunciar aquele primeiro nome incomum.

— Só-i? Sô-i? Só-um? Soum?

• • •

Ali, no bar do hotel, resolvi dar um reconhecimento a Dwayne Hoover por ele ter feito um curso noturno de leitura dinâmica na Associação Cristã de Moços. Isso permitiria que ele lesse o romance de Kilgore Trout em minutos, em vez de horas.

• • •

Ali, no bar do hotel, tomei um comprimido branco que um médico me disse que eu poderia consumir com moderação, duas vezes por dia, para que eu não ficasse triste.

• • •

Ali, no bar do hotel, o comprimido e o álcool produziram em mim um tremendo senso de urgência em explicar todas as coisas que eu ainda não havia explicado, e depois seguir em frente com a minha história.

Vejamos então: já expliquei a habilidade atípica de Dwayne para ler tão depressa assim. Kilgore Trout provavelmente não teria como fazer sua viagem, saindo da cidade de Nova York, no tempo que imaginei, mas é tarde demais para me preocupar com isso agora. Deixa estar, deixa estar!

Vejamos, vejamos. Ah, sim, tenho que explicar uma jaqueta que Trout verá no hospital. É assim que ela parecerá quando vista por trás:



Colégio Espectador Inocente

Eis a explicação:

Havia apenas um colégio de Ensino Médio para os crioulos na cidade de Midland, e, até o momento, assim permanecia. Ele havia sido batizado em

homenagem a Crispus Attucks, um homem negro que havia sido morto a tiros pelas tropas britânicas em Boston em 1770. Havia até uma pintura a óleo mostrando este evento no corredor principal do colégio. Vários brancos estavam levando tiros também. Crispus Attucks tinha um buraco na testa que se parecia com a entrada de uma casa de passarinho.

Mas os negros já não chamavam mais sua escola de *Colégio Crispus Attucks*. Eles a chamavam de *Colégio Espectador Inocente*.

E quando outro colégio de Ensino Médio para crioulos foi construído depois da Segunda Guerra Mundial, deram a ele o nome de George Washington Carver, um homem negro que tinha nascido escravo, mas que havia se tornado um famoso químico mesmo assim. Ele descobriu vários usos incríveis para o amendoim.

Mas os negros também não chamavam aquele colégio pelo nome correto. No dia em que ele abriu suas portas, já havia jovens negros usando jaquetas que eram mais ou menos assim quando vistas por trás:



Universidade do Amendoim

...

Eu também preciso explicar por que tantos negros da cidade de Midland conseguem imitar pássaros de diversas partes do que um dia foi o Império Britânico, sabe. Bem, o lance é que Fred T. Barry, sua mãe e seu pai estavam praticamente entre as únicas pessoas em Midland que podiam contratar crioulos para fazer o trabalho de crioulo durante a Grande Depressão. Eles se mudaram para a Mansão Keedsler, onde Beatrice Keedsler, a romancista, havia nascido. Em certa época, eles chegaram a ter quase vinte empregados trabalhando lá ao mesmo tempo.



O pai de Fred havia ganhado muito dinheiro durante a próspera década de 1920 atuando como contrabandista e fraudando ações e títulos. Ele guardava todo o seu dinheiro em espécie, o que acabaria se mostrando uma coisa muito inteligente de se fazer, uma vez que a maioria dos bancos acabou falindo durante a Grande Depressão. Além disso: o pai de Fred atuava como agente para os gângsteres de Chicago que queriam adquirir estabelecimentos comerciais legalizados para seus filhos e netos. Por meio do pai de Fred, estes criminosos compraram praticamente todas as propriedades decentes da cidade de Midland por valores que oscilavam entre um décimo e um centésimo do que realmente valiam.

E antes de a mãe e o pai de Fred virem para os Estados Unidos depois da Primeira Guerra Mundial, ganhavam a vida como músicos na Inglaterra. O pai de Fred tocava o serrote musical. A mãe imitava pássaros de diversas partes do que ainda era o Império Britânico.

Ela seguiu com essas imitações só por diversão, e continuou fazendo isso durante a Grande Depressão. “O bulbul da Malásia”, dizia ela, por exemplo, e então imitava aquele pássaro.

“A coruja pintada da Nova Zelândia”, dizia ela, e então imitava aquele pássaro.

E todos os negros que trabalhavam para ela achavam aquilo a coisa mais engraçada do mundo, embora nunca gargalhassem em sua frente quando ela imitava. Para levar essas risadas aos seus amigos e parentes, os negros também aprenderam a imitar pássaros.

A mania se espalhou. Negros que nunca tinham nem passado perto da Mansão Keedsler sabiam imitar o pássaro lira e o cauda-de-leque-de-garganta-preta da Austrália, o papa-figos da Índia, o rouxinol, o tentilhão, a carriça, e a felosa da própria Inglaterra.

Eles sabiam imitar até mesmo o canto alegre do hoje extinto companheiro de Kilgore Trout na ilha de sua infância, a águia-marinha das Bermudas.

Quando Kilgore Trout chegou à cidade, os negros ainda sabiam imitar esses pássaros e dizer, palavra por palavra, o que a mãe de Fred dizia antes de cada uma. Se alguém imitasse um rouxinol, por exemplo, ele ou ela diria primeiro: “O que dá uma beleza peculiar ao canto do rouxinol, muito amado pelos poetas, é o fato de ele cantar apenas sob a luz do luar.”

E assim por diante.

• • •

Ali, no bar do hotel, as substâncias químicas erradas na cabeça de Dwayne Hoover de repente decidiram que estava na hora de ele exigir que Kilgore Trout lhe contasse todos os segredos da vida.

— Me dê a mensagem — bradou Dwayne.

E então, ele se levantou, tropeçou no seu próprio banquinho, e tropeçou mais uma vez ao se sentar ao lado de Trout, emitindo uma onda de calor como se fosse um radiador a vapor.

— A mensagem, por favor.

E foi aí que Dwayne fez uma coisa extraordinariamente bizarra. Ele fez isso porque eu quis que ele fizesse. Era algo que eu estava louco para mandar um personagem fazer havia muitos e muitos anos. Dwayne fez com Trout o mesmo que a Duquesa fez com Alice no livro de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*. Ele repousou seu queixo no ombro do pobre Trout, e largou todo o seu peso em cima dele.

— A mensagem? — repetiu, fazendo mais e mais pressão com seu queixo.

Trout não respondeu. Tinha esperanças de nunca mais tocar em outro ser humano no pouco tempo que lhe restava de vida. Para Trout, portanto, o queixo de Dwayne tocando seu ombro era tão devastador quanto um ato de sodomia.

— É isso aqui? É isso aqui? — perguntou Dwayne, tomando das mãos de Trout seu romance, *Agora pode ser dito*.

— Sim... é isso aqui — resmungou Trout.

Para seu tremendo alívio, Dwayne ergueu o queixo de sobre seu ombro.

Dwayne agora lia vorazmente, como se estivesse com fome de palavras. E o curso de leitura dinâmica na Associação Cristã de Moços permitia que ele se comportasse como um porco, chafurdando naquelas páginas e palavras.

“Coitado, corajoso e caro senhor,” ele leu. “Você é um experimento do Criador do Universo. Você é a única criatura em todo o universo que tem livre-arbítrio. Você é o único que precisa descobrir o que fará em seguida — e por quê. Todos os demais indivíduos são robôs, são máquinas.”

“Algumas pessoas parecem amá-lo, e outras, parecem odiá-lo; você deve estar se perguntando por quê. Essas pessoas são simplesmente máquinas de amar e máquinas de odiar.”

“Você está todo cagado e desmoralizado”, leu Dwayne. “Como não estaria? Claro que é desgastante ter de raciocinar o tempo todo num universo que não foi feito para ser racional.”

Dwayne Hoover continuou lendo. “Você está cercado por máquinas de amar, máquinas de odiar, máquinas de cobiçar, máquinas altruístas, máquinas corajosas, máquinas covardes, máquinas verdadeiras, máquinas mentirosas, máquinas divertidas, máquinas solenes”, ele leu. “O único propósito destas máquinas é o de estimulá-lo de todas as maneiras concebíveis, para que o Criador do Universo possa observar suas reações. Elas possuem a mesma capacidade de sentir ou raciocinar que um relógio de pêndulo.”

“O Criador do Universo gostaria, neste momento, de se desculpar não apenas pelas companhias erráticas e atrapalhadas que providenciou para acompanhá-lo durante este teste, como também pelas terríveis condições de conservação em que se encontra o planeta em si. O Criador programou robôs para abusarem dele durante milhões de anos, a fim de que tivesse se tornado um queijo venenoso e podre quando você enfim chegasse lá. Além disso, ele se certificou de que o planeta estaria repleto de robôs programados para desejar intensamente ter relações sexuais e idolatrar bebês mais do que qualquer coisa, independente de suas condições de vida.”

• • •

Mary Alice Miller, por sinal, a campeã mundial nos 200 metros do nado de peito feminino, e rainha do Festival de Artes, atravessava neste instante o bar do hotel. Estava cortando caminho entre o saguão e o estacionamento lateral, onde o pai esperava por ela no seu carro esporte, um Plymouth *Barracuda* 1970 cor de abacate, que ele tinha comprado de Dwayne. Embora de segunda mão, o carro estava coberto pela mesma garantia de um carro novo.

O pai de Mary Alice, Don Miller, era, entre outras coisas, diretor da Junta de Liberdade Condicional em Shepherdstown. Foi ele quem decidiu que Wayne Hoobler, novamente à espreita entre os carros usados de Dwayne, estava pronto para voltar a ocupar o seu lugar na sociedade.

Mary Alice tinha ido até o saguão para pegar uma coroa e um cetro que fariam parte da sua apresentação como rainha do Festival de Artes num banquete àquela noite. Milo Maritimo, o recepcionista e neto de gângsteres,

os havia confeccionado com suas próprias mãos. Os olhos de Mary Alice pareciam estar sempre em chamas. Eram como duas cerejas marrasquino.

Apenas uma pessoa notou a presença dela o suficiente para fazer um comentário em voz alta. Foi Abe Cohen, o joalheiro. Menosprezando a assexualidade, inocente e cabeça oca dela, Abe disse o seguinte sobre Mary Alice: “Isso é puro atum!”

• • •

Kilgore Trout ouviu o comentário do “puro atum” e sua mente ficou tentando entender. Sua mente transbordava de mistérios. Ele podia muito bem estar no lugar de Wayne Hoobler, sem rumo, em meio aos carros usados de Dwayne durante a Semana Havaiana.

Seus pés, que estavam revestidos em plástico, iam ficando cada vez mais quentes enquanto isso. O calor já era doloroso àquela altura. Seus pés se curvavam e se contorciam, implorando por água fria ou por alguém que os abanasse.

E Dwayne continuou lendo sobre ele próprio e sobre o Criador do Universo:

“Ele também programou robôs para escreverem livros e revistas e jornais para você, e programas de televisão e de rádio, e apresentações teatrais, e filmes. Eles escrevem músicas para você. O Criador do Universo fez com que esses robôs inventassem centenas de religiões para que você tivesse muitas opções ao alcance. Ele os fez se matarem aos milhões, com o seguinte propósito apenas: impressionar você. Os robôs cometeram as maiores atrocidades possíveis e também os maiores atos de gentileza de forma insensível, automática e inevitável, só para extrair uma reação de V-O-C-Ê.”

Essa última palavra estava escrita em letras garrafais, e também tinha um contorno; então, ela era mais ou menos assim:

**Y-O-U**

V-O-C-Ê

• • •

“Toda vez que você entra numa biblioteca”, dizia o livro. “O Criador do Universo prende a respiração. Perante este imenso e caótico banquete cultural, o que você, com o seu livre-arbítrio, escolherá?”

“Seus pais eram máquinas de brigar e de autopiedade”, dizia o livro. “Sua mãe foi programada para gritar com seu pai por ele ser uma máquina de ganhar dinheiro defeituosa, e seu pai foi programado para gritar com sua mãe por ela ser uma máquina de cuidar da casa defeituosa. Ambos foram programados para gritar um com o outro por serem máquinas de amar defeituosas.”

“Seu pai também foi programado para sair de casa pisando forte e batendo a porta. O que automaticamente transformava sua mãe em uma máquina de chorar. E o seu pai ia até um bar onde ficava bêbado junto com outras máquinas de beber. Depois, todas as máquinas de beber iam até um prostíbulo e alugavam máquinas de foder. E depois seu pai se arrastava até em casa, onde se transformava numa máquina de pedir desculpas. E sua mãe virava uma máquina de perdoar muito lenta.”

• • •

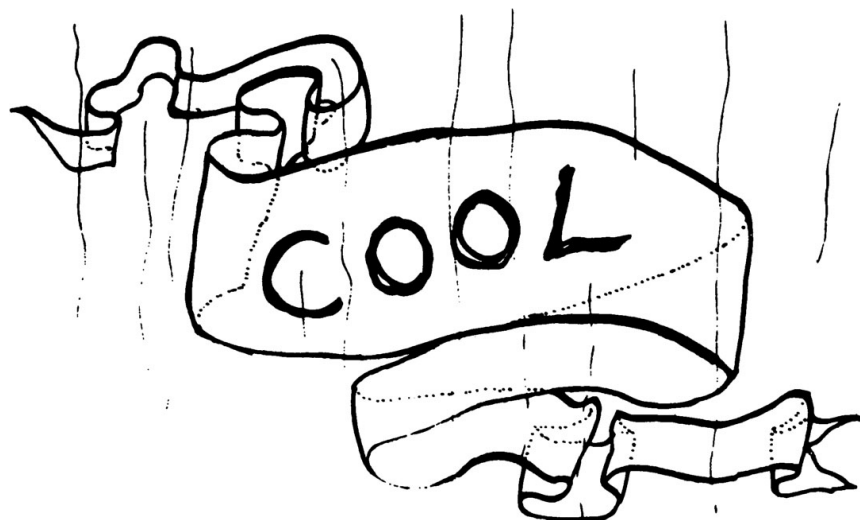
Dwayne então ficou de pé, após devorar dezenas de milhares de palavras de um solipsismo muito peculiar em dez minutos ou algo assim.

Então, foi andando todo duro até o piano-bar. O que estava deixando Dwayne daquele jeito era a consternação que sentia em relação à sua própria força e integridade. Ele nem sequer se atrevia a usar toda a sua força para uma mera caminhada, com medo de destruir o novo Holiday Inn com seus passos. Não que temesse pela própria vida: o livro de Trout lhe havia assegurado que ele já tinha morrido 23 vezes. Em todas essas ocasiões, o Criador do Universo o havia consertado e colocado para funcionar novamente.

Dwayne se conteve mais em nome da elegância do que da segurança. Responderia pelo seu novo entendimento sobre a vida a uma plateia de apenas duas pessoas: ele próprio e o seu Criador.

Então, aproximou-se de seu filho homossexual.

Bunny viu que teria problemas, e pensou que fosse morrer. Ele poderia ter se protegido facilmente com todas as técnicas de luta que havia aprendido no colégio militar, mas, em vez disso, decidiu meditar. Bunny fechou os olhos, e sua consciência mergulhou no silêncio dos lobos cerebrais que não eram utilizados. A seguinte echarpe fosforescente passou flutuando:



Calma

...

Dwayne empurrou a cabeça de Bunny por trás. E então a rolou de uma ponta a outra das teclas do piano, como se fosse um melão. Dwayne começou a rir e chamou o filho de “... uma porra de uma máquina de chupar caralho!”

Bunny não ofereceu resistência, muito embora seu rosto estivesse sendo horrivelmente mutilado. Dwayne levantou a cabeça de Bunny, e depois a bateu contra as teclas mais uma vez. Havia sangue nelas. E também saliva, e muco.

Rabo Karabekian, Beatrice Keedsler e Bonnie MacMahon agarraram Dwayne, e o tiraram de cima de Bunny, mas isso só aumentou o prazer de Dwayne.

— Nunca se bate numa mulher, né? — disse ele ao Criador do Universo.

Em seguida, ele deu um soco no queixo de Beatrice Keedsler. E um na barriga de Bonnie MacMahon. Ele acreditava sinceramente que fossem máquinas insensíveis.

— Vocês, robôs, querem saber por que minha esposa ingeriu Drãno? — perguntou Dwayne à sua plateia atônita. — Vou dizer por quê: ela foi programada para isso!

...

O jornal da manhã seguinte exibia um infográfico do acesso de fúria de Dwayne. A linha pontilhada do seu percurso começava no bar do hotel, cruzava o asfalto até o escritório de Francine Pefko em sua concessionária,

voltava novamente na direção do Holiday Inn, e depois atravessava o Sugar Creek e a pista que levava para a direção oeste da interestadual, até o canteiro central, que era coberto de grama. Dwayne foi subjugado por dois policiais estaduais que casualmente passavam por ali.

Eis o que Dwayne disse aos policiais enquanto eles algemavam suas mãos às suas costas:

— Graças a Deus vocês chegaram!

• • •

Dwayne não matou ninguém em seu acesso de fúria, mas feriu onze pessoas com tanta gravidade que foram todas parar no hospital. E no infográfico do jornal havia uma marca indicando cada lugar onde alguém havia sido gravemente ferido. Esta era a marca, muito ampliada:



• • •

No infográfico do acesso de fúria de Dwayne publicado no jornal, havia cruzes como aquela dentro do bar do hotel: para Bunny, Beatrice Keedsler e Bonnie Mac Mahon.

Depois, Dwayne correu pelo pavimento asfaltado entre o hotel e o estacionamento de carros usados. Ficou chamando os crioulos que estivessem por lá, dizendo para que aparecessem imediatamente.

— Quero falar com vocês! — dizia ele.

Mas ele estava sozinho ali. Ninguém do bar do hotel tinha ido atrás dele até então. O pai de Mary Alice Miller, Don Miller, estava dentro do carro, perto de Dwayne, esperando que a filha retornasse com sua coroa e seu cetro, de modo que não presenciou nada do espetáculo de Dwayne. Seu carro tinha bancos que reclinavam até ficarem completamente na horizontal, ou seja, até transformarem-se em camas. Don estava deitado de costas, com a cabeça muito abaixo do nível das janelas, relaxando, olhando para o teto. Estava tentando aprender francês ouvindo lições gravadas em fitas cassete.

“*Demain nous allons passer la soirée au cinéma*”, dizia a fita, e Don tentava dizer aquilo também. “*Nous espérons que notre grand-père vivra encore longtemps*”,

dizia a fita. E assim por diante.

• • •

Dwayne continuou chamando os crioulos. E sorriu. Achou que o Criador do Universo tinha programado todos para que se escondessem, a fim de lhe pregar uma peça.

Dwayne olhou em volta atentamente. Então, falou bem alto uma frase que usava quando era criança para indicar que uma brincadeira de esconde-esconde havia acabado, que era hora de as crianças que estavam se escondendo voltarem.

O sol já havia se posto quando ele falou a tal frase:

— Um, dois, três, todo mundo saaaaaalvoooooooooo!

A pessoa que respondeu àquele chamado era uma pessoa que jamais havia brincado de esconde-esconde em sua vida. Era Wayne Hoobler, que saiu timidamente do meio dos carros usados. Ele pôs as mãos para trás e abriu as pernas, adotando a posição conhecida como *posição de descanso*. Ela era ensinada tanto a soldados quanto a prisioneiros, como uma maneira de demonstrar atenção, submissão, respeito e rendição voluntária. Ele estava pronto para qualquer coisa, e não se importava de morrer.

— Aí está você — disse Dwayne, e seus olhos brilharam com uma satisfação agridoce.

Ele não sabia quem Wayne era; portanto, o cumprimentou como um típico robô negro. Qualquer outro robô negro teria servido. E Dwayne, mais uma vez, entrou num papo irônico com o Criador do Universo, usando um robô insensível como ponto de partida. Muitas pessoas na cidade de Midland colocavam objetos inúteis trazidos do Haváí ou do México, ou de algum lugar como estes, em cima de suas mesas de centro, ou de seus criados-mudos, ou das prateleiras de suas estantes — e estes objetos eram conhecidos como *puxa-papo*.

Wayne permaneceu em posição de descanso enquanto Dwayne contava sobre o ano em que trabalhara como Chefe Executivo do Condado para os Escoteiros dos Estados Unidos, época em que mais jovens negros tinham se alistado do que em todos os anos anteriores. Dwayne contou a Wayne sobre os seus esforços para salvar a vida de um rapaz negro chamado Payton Brown, que, com 15 anos e 6 meses, tornou-se a pessoa mais jovem a ser executada na cadeira elétrica em Shepherdstown. Dwayne ficou falando sobre todos os negros que ele havia contratado quando mais ninguém fazia isso, e sobre como os negros aparentemente nunca conseguiam chegar no trabalho na hora. Ele também mencionou uns poucos que eram pontuais e cheios de energia, e deu uma piscadinha para Wayne, dizendo o seguinte:

— Os negros haviam sido programados para agir dessa maneira.



Dwayne falou de sua esposa e seu filho mais uma vez, reconhecendo que robôs brancos eram exatamente como os robôs negros em sua essência, no sentido de que haviam sido programados para serem o que eram, e fazer o que faziam.

Dwayne ficou em silêncio por um instante depois desse discurso.

O pai de Mary Alice Miller, enquanto isso, seguia estudando conversação em francês deitado em seu automóvel, a poucos metros de distância.

E então, Dwayne aplicou um golpe em Wayne. A ideia era desferir um tapa bem forte com a mão espalmada, mas Wayne era muito bom em se esquivar. Ele ficou de joelhos, e a mão de Dwayne passou voando pelo ar onde antes estava seu rosto.

Dwayne riu.

— Esquiva Africana!

Ele se referia a uma popular atração de parque de diversões quando Dwayne era um garotinho. Um homem negro enfiava a cabeça por dentro de um buraco num pedaço de tecido, nos fundos de uma cabine, e as pessoas pagavam para ter o privilégio de jogar bolas de beisebol em sua cabeça. Se acertassem, elas ganhavam um prêmio.

• • •

Assim, Dwayne achou que aquilo era um convite do Criador do Universo para jogar uma partida de Esquiva Africana. Demonstrou toda a sua astúcia, escondendo suas intenções violentas com aparente desinteresse. Então, de forma muito repentina, deu um chute em Wayne.

Wayne esquivou-se mais uma vez, e teve de seguir se esquivando quase que imediatamente, uma vez que Dwayne avançou para cima dele com combinações muito rápidas de chutes, tapas e socos intencionais. Wayne saltou para dentro da caçamba de uma caminhonete muito peculiar, que havia sido construída em cima do chassi de uma limusine Cadillac 1962. O veículo pertencia à Construtora Irmãos Maritimo.

A nova elevação de Wayne lhe deu a visão das coisas que estavam atrás de Dwayne: as duas pistas da interestadual e um trecho de cerca de dois quilômetros do Aeroporto Memorial Will Fairchild. A esta altura, é importante ressaltar que Wayne jamais havia visto um aeroporto em sua vida, e não estava preparado para o que poderia acontecer quando um avião se aproximasse dele no meio da noite.

— Está tudo bem, está tudo bem — assegurou Dwayne a Wayne.

Ele estava sendo um bom garoto. Não tinha a intenção de subir no caminhão para seguir tentando bater em Wayne porque, em primeiro lugar, estava exausto. Em segundo, tinha entendido que Dwayne era uma perfeita

máquina de se esquivar. Somente uma perfeita máquina de bater poderia atingi-lo.

— Você é bom demais para mim — disse Dwayne.

Então, afastou-se um pouco e se contentou em fazer um discurso para Wayne enquanto olhava para cima. Ele falou sobre escravidão humana: não somente sobre escravos negros, mas sobre escravos brancos também. Dwayne via os mineiros e os operários em linhas de produção e assim por diante como escravos, qualquer que fosse a cor de sua pele.

— Eu costumava achar que aquilo era uma desgraça. Que a cadeira elétrica era uma desgraça. Que a guerra era uma desgraça, assim como os acidentes de carro e o câncer — disse ele, e assim por diante.

Não achava mais aquelas coisas uma desgraça.

— Por que eu deveria me importar com o que acontece com máquinas?

O rosto de Wayne Hoobler estava impassível até então, mas naquele instante ele começou a se iluminar, tomado por um fascínio incontrolável. Wayne ficou boquiaberto.

As luzes da pista do Aeroporto Memorial Will Fairchild tinham acabado de se acender. Para Wayne, pareciam quilômetros e mais quilômetros de lindas joias deslumbrantes. Ele estava testemunhando um sonho se tornar realidade do outro lado da interestadual.

O interior da cabeça de Wayne se iluminou ao reconhecer aquele sonho, fazendo com que se acendesse dentro dela um letreiro luminoso a que ele dava um nome infantil, como este:



Reino da Fantasia

**Veja bem:** Dwayne Hoover feriu gravemente tantas pessoas que uma ambulância especial conhecida como *Martha* foi chamada. *Martha* era um enorme ônibus transcontinental da General Motors cujos bancos haviam sido removidos. Havia camas para 36 vítimas de tragédias dentro dela, além de uma cozinha e um banheiro e uma sala de cirurgia. Ela continha comida e suprimentos médicos o suficiente para funcionar como um pequeno hospital independente durante uma semana, sem precisar de nada do mundo externo.

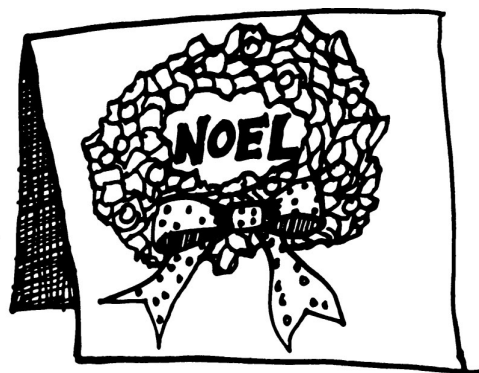
Seu nome completo era *Unidade Móvel de Emergência do Memorial Martha Simmons*, batizada em homenagem à esposa de Newbolt Simmons, o Comissário de Segurança Pública do Condado. Ela havia morrido de raiva, contraída de um morcego contaminado que ela encontrou certa manhã pendurado nas cortinas que iam do teto até o chão em sua sala de estar. Fazia pouco tempo que havia lido uma biografia de Albert Schweitzer, o qual acreditava que os seres humanos deviam tratar os animais inferiores com ternura. O morcego a mordeu muito de leve enquanto ela o enrolava num *Kleenex*, que é um lenço de papel. Ela o levou até o seu pátio, onde o colocou suavemente sobre um tipo de grama artificial conhecida como *Astroturf*.

Martha tinha 91 centímetros de quadril, 73 centímetros de cintura e 96 centímetros de busto na época de sua morte. Seu marido tinha um pênis de 19 centímetros de comprimento e 5 centímetros de diâmetro.

Ele e Dwayne foram próximos durante um tempo — a esposa dele e a esposa de Dwayne haviam morrido de maneiras muito estranhas, e com apenas um mês de diferença entre uma e outra.

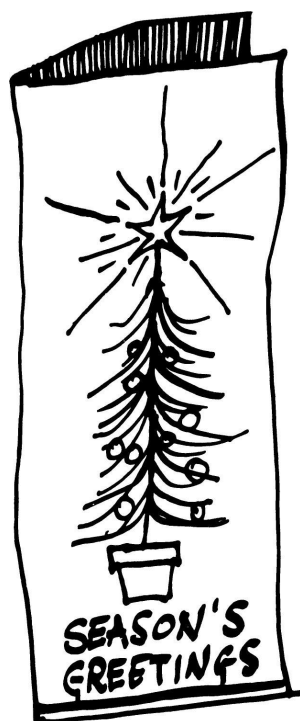
Juntos, eles compraram uma pedreira na Rota 23A, mas em seguida a Construtora Irmãos Maritimo ofereceu o dobro do que eles haviam pagado. Dwayne e o marido de Martha aceitaram a oferta e dividiram os lucros, e, de alguma forma, sua amizade foi morrendo aos poucos depois disso. Mas ainda trocam cartões de Natal.

O cartão de Natal mais recente de Dwayne para Newbolt Simmons era mais ou menos assim:



Feliz Natal

O cartão de Natal mais recente de Newbolt Simmons para Dwayne era mais ou menos assim:



Boas Festas

...

O nome da minha psiquiatra também é Martha. Ela reúne pessoas ansiosas em pequenas famílias que se encontram uma vez por semana. É muito divertido. Ela nos ensina a confortar uns aos outros de maneiras muito inteligentes. Martha está de férias neste momento. Gosto muito dela.

E agora, à medida que o meu quinquagésimo aniversário se aproxima, fico pensando no romancista americano Thomas Wolfe, que tinha apenas 38 anos de idade quando morreu. Maxwell Perkins, que era seu editor na Charles Scribner's Sons, fora de grande ajuda na edição de seus livros. Ouvi dizer que Perkins disse a Wolfe para ter sempre em mente a busca de um herói por uma figura paterna como tema central em suas obras.

Tenho a impressão de que os romances americanos realmente verdadeiros deveriam ter seus heróis e heroínas buscando pela figura *materna* em vez disso. E isso não tem que ser motivo de constrangimento. É apenas a verdade.

Mães são muito mais úteis.

Eu não me sentiria especialmente bem se eu encontrasse outro pai. Nem Dwayne Hoover. Nem Kilgore Trout.

• • •

E bem quando um Dwayne Hoover, órfão de mãe, passava uma descompostura num Wayne Hoobler, órfão de mãe, no estacionamento dos carros usados, um homem que havia, na verdade, matado a própria mãe, preparava-se para aterrissar num voo fretado no Aeroporto Memorial Will Fairchild, do outro lado da interestadual. Esse homem era Eliot Rosewater, o simpatizante de Kilgore Trout. Ele havia matado acidentalmente a própria mãe num acidente de barco quando era jovem. Ela era campeã de xadrez feminino pelos Estados Unidos da América, 1936 anos após o suposto nascimento do Filho de Deus. Rosewater a matou no ano seguinte.

Foi seu piloto quem fez com que a pista do aeroporto se transformasse na imagem que um ex-detento tinha de um reino da fantasia. Rosewater se lembrou das joias de sua mãe quando as luzes se acenderam. Ele olhou para o oeste e sorriu ao contemplar a beleza auspiciosa do Centro Memorial de Artes Mildred Barry, uma lua cheia em cima de pernas de pau numa curva do Sugar Creek. Aquilo o fez se lembrar de como ele enxergava sua mãe através dos olhos turvos da infância.

• • •

Eu o inventei, é claro, e seu piloto também. Fui eu quem colocou o Coronel Looseleaf Harper nos controles, o homem responsável por soltar a bomba atômica sobre Nagasaki, no Japão.

Em outro livro, fiz de Rosewater um alcoólatra. Agora eu o havia deixado razoavelmente sóbrio, graças ao apoio dos Alcoólicos Anônimos. Fiz com que ele usasse sua sobriedade recém-adquirida para explorar, entre outras coisas, os supostos benefícios físicos e espirituais das orgias sexuais com

desconhecidos na cidade de Nova York. Até agora ele tinha ficado apenas confuso.

Eu poderia tê-lo matado, e seu piloto também, mas permiti que vivessem, de modo que o avião acabou aterrissando sem maiores incidentes.

• • •

Os dois médicos dentro da unidade móvel de emergência *Martha* eram Cyprian Ukwende, da Nigéria, e Khashdrahr Miasma, da jovem nação de Bangladesh. Ambos vinham de partes do mundo famosas por, de tempos em tempos, ficarem sem nenhuma comida. Na verdade, ambos os lugares eram mencionados especificamente em *Agora pode ser dito*, de Kilgore Trout. Dwayne Hoover havia lido naquele livro que robôs espalhados por todo o mundo constantemente ficavam sem combustível e caíam mortos, enquanto esperavam que a única criatura com livre-arbítrio em todo o Universo aparecesse para que pudessem testá-la, apesar de ser muito improvável que isso acontecesse.

• • •

Quem estava no volante da ambulância era Eddie Key, um rapaz negro que era descendente direto de Francis Scott Key, o patriota branco americano que havia escrito o Hino Nacional. Eddie sabia que era descendente de Key. Ele era capaz de nomear mais de seiscentos de seus ancestrais, e tinha, pelo menos, uma história para contar sobre cada um deles. Eram ancestrais africanos, indígenas e brancos.

Ele sabia, por exemplo, que o lado materno da família havia sido dono um dia da fazenda na qual a Caverna do Sagrado Milagre foi descoberta, e que seus ancestrais a chamavam de “Fazenda do Pássaro Azul”.

• • •

Eis a razão de haver tantos médicos estrangeiros na equipe do hospital, por sinal: este país não conseguia produzir médicos o suficiente para todos seus doentes, mas tinha um montão de dinheiro. Então, mandava trazer médicos de outros países que não tinham muito dinheiro.

• • •

Eddie Key sabia muito a respeito de seus ancestrais porque a parte negra de sua família tinha feito algo que muitas famílias africanas ainda fazem na

Africa, que é dar a um membro de cada geração o dever de memorizar a história da família até aquele ponto. Eddie Key tinha começado a armazenar em sua mente os nomes e as aventuras dos seus ancestrais tanto do lado da família da mãe quanto da do pai quando tinha apenas 6 anos. Sentado ali, à frente daquele veículo de emergência, olhando pelo para-brisa, ele teve a sensação de que ele mesmo era um veículo, e que seus olhos eram para-brisas através dos quais seus progenitores poderiam enxergar o mundo, se quisessem.

Francis Scott Key era apenas um entre os seus milhares de antepassados. Contando com a exígua chance de que Key agora estivesse dando uma olhadinha no que os Estados Unidos da América haviam se transformado até aquele momento, Eddie fixou seus olhos na bandeira americana que estava colada no para-brisa. E disse bem baixinho o seguinte:

— Ela ainda está tremulando, cara.

• • •

A familiaridade de Eddie Key com seu riquíssimo passado deixava a vida muito mais interessante para ele do que era para Dwayne, por exemplo, ou para mim, ou para Kilgore Trout, ou para quase qualquer outro branco que estivesse na cidade de Midland naquele dia. Eddie Key boiava num rio cheio de pessoas que fluíam pelo tempo de lá para cá. Dwayne, Trout e eu éramos apenas os seixos, repousando no fundo do rio.

E como Eddie Key sabia tanta coisa de cor, era capaz de nutrir sentimentos profundos por Dwayne Hoover, por exemplo, e pelo Dr. Cyprian Ukwende também. Dwayne era parente da família que havia adquirido a Fazenda do Pássaro Azul. Ukwende, um indaro, era um homem cujos ancestrais haviam sequestrado um ancestral de Key na Costa Ocidental da África, um sujeito chamado Ojumwa. Os indaros o trocaram por um mosquetão com traficantes de escravos ingleses, que o levaram num navio chamado *Cotovia* até Charleston, na Carolina do Sul, onde ele foi leiloado como uma máquina automotora e autorreparável para fazendas.

E assim por diante.

• • •

Dwayne Hoover naquele momento estava sendo levado às pressas para dentro da *Martha*, atravessando uma enorme porta dupla na sua traseira, um pouco à frente do compartimento do motor. Eddie Key estava no banco do motorista, e presenciou toda a ação pelo espelho retrovisor. A fim de ter os movimentos restringidos, Dwayne havia sido enrolado com tanta força em lençóis que, pelo reflexo, Eddie o achou parecido com um dedão enfaixado.

Dwayne não percebeu que estava preso. Ele achou que estava no planeta inexplorado prometido pelo livro de Kilgore Trout. Mesmo quando foi colocado na horizontal por Cyprian Ukwende e Khashdrahr Miasma, achou que estava de pé. O livro havia dito que ele nadaria em águas frias no planeta inexplorado, e que sempre gritaria alguma coisa surpreendente quando se arrastasse para fora da piscina gelada. Tratava-se de um jogo. O Criador do Universo tentaria adivinhar o que Dwayne gritaria a cada dia. E Dwayne sempre o enganaria completamente.

Eis o que Dwayne gritou dentro da ambulância: “Adeus, segunda-feira triste!” Depois, ele teve a impressão de que outro dia havia se passado no planeta inexplorado; portanto, já era hora de gritar novamente: “Ninguém tosse dentro do carro!”

• • •

Kilgore Trout estava entre os feridos que conseguiam andar. Ele foi capaz de embarcar na *Martha* sem precisar de ajuda, e de escolher um lugar para se sentar onde ficasse longe das emergências reais. Ele havia atacado Dwayne Hoover pelas costas quando Dwayne estava arrastando Francine Pefko pelo asfalto depois de arrancá-la de dentro do seu *showroom*. Dwayne queria dar uma surra nela em público, algo que as substâncias químicas erradas em sua cabeça o fizeram acreditar que ela merecia muito.

Dwayne já havia quebrado seu maxilar e três de suas costelas dentro do escritório. Quando a arrastou para o lado de fora, uma multidão considerável havia se reunido, com as pessoas que saíram do bar e da cozinha do novo Holiday Inn.

— A melhor máquina de foder em todo o estado — disse ele à plateia. — Basta provocá-la que ela vai trepar com você e dizer que te ama, e não vai calar a boca até que você dê a ela uma franquia do Kentucky Fried Chicken do Coronel Sanders.

E assim por diante. Trout o agarrou por trás.

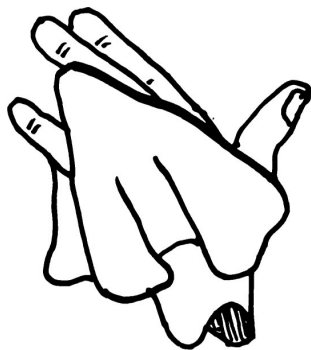
De alguma maneira, o dedo direito de Trout foi parar dentro da boca de Dwayne, e Dwayne o mordeu, arrancando a última falange. Dwayne soltou Francine depois disso, e ela desabou no asfalto. Francine estava inconsciente, e era a vítima com ferimentos mais graves. Dwayne saiu trotando em direção à vala de concreto às margens da interestadual, e cuspiu a ponta do dedo de Trout dentro do Sugar Creek.

• • •

Uma vez na *Martha*, Kilgore Trout não quis se deitar. Em vez disso, sentou-se num banco de couro atrás de Eddie Key, que perguntou o que ele tinha.



Trout ergueu sua mão direita, enrolada num lenço ensanguentado, que era mais ou menos assim:



...

— Lembrem-se de Pearl Harbor! — gritou Dwayne.

A maioria das coisas que ele havia feito nos últimos 45 minutos tinham sido terrivelmente injustas. Mas, pelo menos, ele havia poupado Wayne Hoobler. Wayne estava de volta ao meio dos carros usados, ileso. Estava pegando no chão um bracelete que eu havia deixado ali para que ele o encontrasse.

Quanto a mim: eu estava conservando a uma distância respeitosa em relação à violência que se desenrolava, muito embora eu mesmo tivesse criado Dwayne e aquele massacre, bem como sua violência, a cidade, o céu em cima dela, e a Terra embaixo dela. Mesmo assim, saí da confusão com o vidro do meu relógio quebrado e o que eu descobri mais tarde ser um dedão do pé quebrado também. Alguém dera um pulo para trás para sair do caminho de Dwayne. Embora fosse criação minha também, essa pessoa quebrou o vidro do meu relógio e também meu dedão do pé.

...

Esse não é o tipo de livro no qual as pessoas recebem o que merecem no final. Dwayne feriu apenas uma pessoa que merecia ser ferida por ser perversa, Don Breedlove. Breedlove era o instalador branco de conversor de gás que havia estuprado Patty Keene, a garçonete que trabalhava no Burger Chef de Dwayne na avenida Crestview, no estacionamento do Estádio Memorial George Hickman Bannister, na Feira do Condado, depois que a Universidade do Amendoim derrotou o Colégio de Ensino Médio Espectador Inocente nas eliminatórias do torneio regional de basquete estudantil.

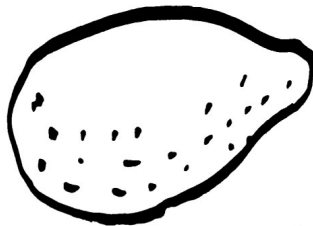
...

Don Breedlove estava na cozinha do hotel quando Dwayne começou sua investida. Estava consertando um forno a gás com defeito.

Don tinha saído para tomar um ar e, assim que cuspiu a ponta do dedo de Kilgore Trout dentro do Sugar Creek, Dwayne avançou nele. Don e Dwayne se conheciam relativamente bem, pois Dwayne certa vez havia vendido a ele um Pontiac Ventura zero-quilômetro, que Don havia dito que era um limão. Um limão era um automóvel que não funcionava direito e que ninguém conseguia consertar.

Dwayne chegou até a perder dinheiro naquela transação, de tanto fazer ajustes e trocar peças para acalmar Breedlove. Mas Breedlove ficou inconsolável e acabou escrevendo a seguinte mensagem em letras num tom vivo de amarelo na tampa do porta-malas e nas duas portas do carro:

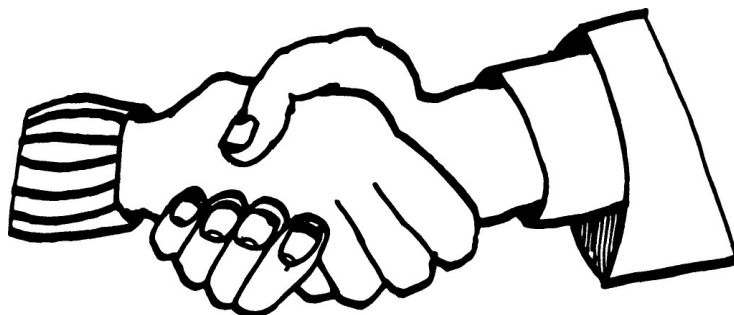
THIS CAR  
IS A LEMON!



Este carro é um limão

Eis o que realmente havia de errado com aquele carro, por sinal. O filho de um vizinho de Breedlove havia colocado açúcar de bordo no tanque de gasolina do Ventura. Açúcar de bordo era uma espécie de doce feito a partir do sangue de árvores.

Então, Dwayne Hoover estendeu sua mão direita a Breedlove, e Breedlove, sem pensar coisa alguma sobre aquilo, retribuiu o gesto. Eles se cumprimentaram dessa forma:



Este era um símbolo da amizade entre os homens. Também havia um entendimento de que era possível deduzir grande parte do caráter de um homem pelo jeito que ele apertava sua mão. Dwayne e Don Breedlove cumprimentaram-se com um aperto seco e duro.

Então, Dwayne apertou a mão de Don Breedlove com a direita, e sorriu como se o passado tivesse ficado para trás. Em seguida, fez uma concha com a mão esquerda, e atingiu Don na orelha com a parte aberta. O golpe criou uma tremenda pressão do ar dentro do ouvido de Don, que caiu no chão porque a dor era insuportável. Ele nunca mais ouviu nada com aquele ouvido.

• • •

Então, Don também estava na ambulância agora — como Kilgore Trout, sentado. Francine estava deitada — gemia, mas inconsciente. Beatrice Keedsler estava deitada, embora talvez devesse ficar sentada porque seu maxilar estava quebrado. Bunny Hoover estava deitado. Seu rosto estava irreconhecível, até mesmo enquanto rosto humano. Cyprian Ukwende havia dado morfina a ele.

Também havia mais cinco vítimas: uma mulher branca, dois homens brancos e dois homens negros. Os três brancos nunca haviam estado antes na cidade de Midland. Tinham saído juntos de Erie, na Pensilvânia, e estavam a caminho do Grand Canyon, que era a fissura mais profunda daquele planeta. Eles queriam olhar para o fundo dela, mas nunca chegaram a fazê-lo. Dwayne Hoover os atacou quando eles estavam saindo do seu carro e caminhando em direção ao saguão do novo Holiday Inn.

Os dois homens negros eram funcionários da cozinha do hotel.

• • •

Cyprian Ukwende estava tentando tirar os sapatos de Dwayne Hoover, mas tanto eles quanto os cadarços e as meias de Dwayne estavam impregnadas

pelo material plástico que havia se grudado nele quando ele atravessou o Sugar Creek.

Ukwende não ficou impressionado com os sapatos e meias plastificados e transformados numa coisa só. Ele via sapatos e meias como aqueles todos os dias no hospital, nos pés de crianças que brincavam muito perto do Sugar Creek. Na verdade, ele havia pendurado um alicate de corte na parede da sala de emergência do hospital, especificamente com o propósito de remover essas coisas.

Ele virou-se para o seu assistente bengalês, o jovem Dr. Khashdrahr Miasma.

— Pegue o alicate.

Miasma estava parado de pé, de costas para a porta do banheiro feminino no veículo de emergência. Até agora não havia feito nada para ajudar em todas aquelas emergências. Ukwende, a polícia e uma equipe da Defesa Civil tinham feito tudo até aquele momento. Miasma recusava-se até mesmo a procurar pelo alicate.

No fim das contas, Miasma provavelmente não deveria jamais ter entrado na área da medicina ou, pelo menos, em qualquer outra em que pudesse ser criticado. Ele não tolerava críticas, e essa característica estava além do seu controle. Qualquer insinuação de que qualquer coisa a seu respeito não estivesse absolutamente esplêndida fazia com que ele se transformasse automaticamente numa criança birrenta e imprestável que dizia apenas que queria voltar para casa.

Foi isso o que ele disse quando Ukwende pediu uma segunda vez para que ele pegasse o alicate de corte:

— Eu quero voltar para casa.

Eis o motivo pelo qual ele havia sido criticado antes de soar o alarme avisando sobre o ataque de Dwayne: ele amputara o pé de um homem negro, muito embora o pé pudesse provavelmente ter sido salvo.

E assim por diante.

• • •

Eu poderia seguir falando nos mínimos detalhes sobre as vidas das diversas pessoas que estavam dentro da superambulância, mas para que serviriam essas informações?

Eu concordo com Kilgore Trout a respeito dos romances realistas e o seu acúmulo de detalhes insignificantes. No romance de Trout *O banco de memória pangaláctico*, o protagonista está dentro de uma espaçonave de 320 quilômetros de comprimento e 100 quilômetros de diâmetro. Ele pega um romance realista na biblioteca pública do bairro, lê cerca de 60 páginas dele, e depois o coloca de volta na prateleira.

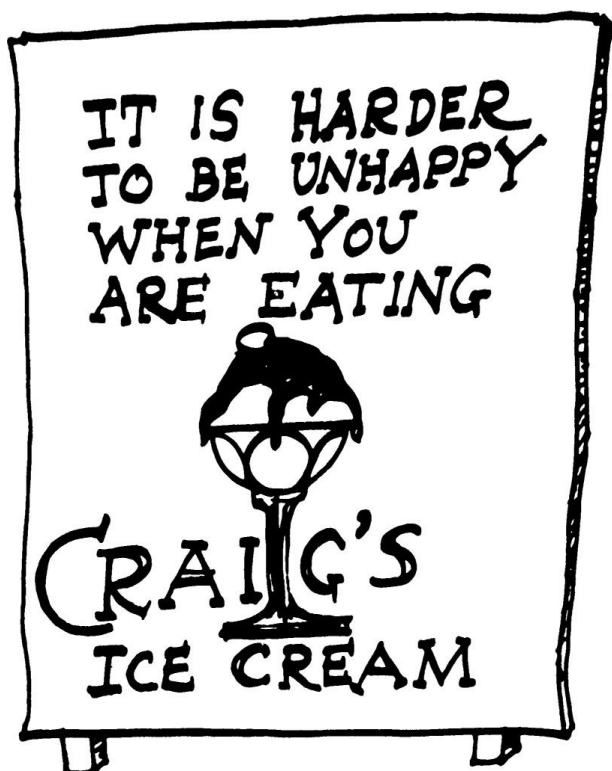
A bibliotecária pergunta porque ele não havia gostado do livro, e ele diz a ela:

— Eu já sei tudo sobre os seres humanos.

E assim por diante.

...

*Martha* começou a se mover. Kilgore Trout viu uma placa da qual gostou muito. Eis o que ela dizia:



É mais difícil ficar triste comendo o sorvete do Craig

E assim por diante.

A consciência de Dwayne Hoover retornou momentaneamente à Terra. Ele falou sobre abrir uma academia na cidade de Midland, com máquinas de remo seco, bicicletas ergométricas, banheiras de hidromassagem, aparelhos de bronzamento artificial, uma piscina, e assim por diante. Ele disse a Cyprian Ukwende que a coisa certa a fazer com uma academia era abri-la e vendê-la o mais rápido possível para conseguir lucrar.

— As pessoas ficam entusiasmadas com a ideia de entrar em forma e perder uns quilinhos — disse Dwayne. — Então, se matriculam na academia, mas em cerca de um ano perdem o interesse e param de ir. É assim que as pessoas são.

E assim por diante.

Dwayne não ia abrir uma academia. Ele nunca mais abriria coisa alguma. As pessoas que ele havia ferido tão injustamente o processariam de forma tão vingativa que ele acabaria completamente falido. Dwayne então se tornaria mais um balão murcho em formato de homem velho na Quebrada da cidade de Midland, que era o bairro onde ficava o hotel Fairchild, outrora um lugar elegante. Ele não seria de forma alguma o único vagabundo de quem se poderia dizer sinceramente “Está vendo aquele cara? Dá para acreditar numa coisa dessas? Ele não tem bulhufas agora, mas costumava ser muito bem de vida.”

E assim por diante.

Kilgore Trout agora arrancava pedaços de plástico de suas canelas e pés em chamas dentro da ambulância. Precisou usar a mão esquerda, que não estava ferida.

**ETC.**

## Epílogo

A sala de emergência do hospital ficava no subsolo. Depois que Kilgore Trout teve o cotoco do dedo anelar desinfetado, costurado e enfaixado, disseram a ele para subir e procurar o departamento financeiro. Ele precisava preencher alguns formulários, pois era de fora do Condado de Midland, não possuía plano de saúde, e estava falido. Ele não tinha talão de cheques. Nem dinheiro.

Kilgore Trout ficou perdido no porão durante um tempo, assim como muitas outras pessoas. Encontrou por fim a porta dupla que levava ao necrotério, assim como muitas outras pessoas. Automaticamente lamentou sua própria mortalidade, assim como muitas outras pessoas. Encontrou uma velha sala de radiografia abandonada, o que automaticamente o fez questionar se tinha alguma coisa ruim crescendo em suas entranhas. Outras pessoas se perguntaram exatamente a mesma coisa quando passaram por aquela sala.

Naquele instante, Trout não sentiu nada que milhões de outras pessoas também não teriam sentido — automaticamente.

Quando Trout encontrou as escadas, percebeu que não eram as escadas certas. Elas não o levaram ao saguão, e ao departamento financeiro, e à loja de souvenirs, e tudo o mais, mas a um labirinto de salas em que as pessoas se recuperavam ou não de ferimentos de todos os tipos. Muitas delas haviam sido arremessadas contra a Terra pela força da gravidade, que nunca relaxava, nem por um segundo sequer.

Trout agora estava passando por um quarto particular caríssimo, e havia um jovem negro lá dentro, com um telefone branco e uma televisão colorida, e caixas cheias de doces e buquês de flores espalhados por toda parte. Era Elgin Washington, um cafetão que operava do lado de fora do velho Holiday Inn. Elgin tinha apenas 36 anos, mas já era fabulosamente bem de vida.

O horário de visitas havia acabado, de modo que todas as suas escravas sexuais tinham ido embora, não sem deixar, é claro, nuvens de perfume. Trout se engasgou ao passar pela porta. Era uma reação automática àquela nuvem fundamentalmente hostil. Elgin Washington tinha acabado de cheirar cocaína usando os seios da face, o que amplificava tremendamente as mensagens telepáticas que enviava e recebia. Ele se sentia cem vezes maior do que a própria vida, uma vez que as mensagens eram muito intensas e excitantes. Era o som delas que o empolgava. Ele não estava nem aí para o que diziam.

E, no meio daquela confusão, Elgin Washington começou a dizer algo para Trout de forma insistente:

— Ei, cara, ei, cara, ei, cara.

Ele havia tido seu pé amputado mais cedo aquele dia por Khashdrahr Miasma, mas havia se esquecido disso.

— Ei, cara, ei, cara, ei, cara — insistia.

Ele não queria nada em particular de Trout. Alguma parte do seu cérebro estava exercitando automaticamente a sua habilidade em fazer com que estranhos se aproximassem dele. Ele era um pescador de almas masculinas.

— Ei, cara...

Ele mostrou um dente de ouro. Piscou um olho.

Trout foi até o pé da cama do homem negro. Aquilo não era compaixão de sua parte. Ele estava agindo como uma máquina mais uma vez. Trout se transformava, assim como muitos terráqueos, num idiota automatizado quando alguém com uma personalidade patológica como Elgin Washington dizia a ele o que querer e o que fazer. Os dois homens, por sinal, eram descendentes do imperador Carlos Magno. Qualquer pessoa que tivesse sangue europeu nas veias era descendente do imperador Carlos Magno.

Elgin Washington percebeu que havia capturado sem muito esforço mais um ser humano. Não era de sua natureza deixar que esse indivíduo fosse embora sem antes fazer com que ele se sentisse inferior de alguma forma, que se sentisse um imbecil de alguma forma. Às vezes, Elgin Washington chegava a matar um homem para inferiorizá-lo, mas decidiu ser bondoso com Trout. Fechou seus olhos como se estivesse pensando muito no que ia dizer, e depois disse, solenemente:

— Acho que eu estou morrendo.

— Vou chamar uma enfermeira! — disse Trout. Qualquer ser humano teria dito exatamente a mesma coisa.

— Não, não — disse Elgin Washington, agitando seus braços num protesto onírico. — Eu estou morrendo bem *devagar*. É gradual.

— Ah, entendi.

— Você precisa me fazer um favor — interveio Washington, embora não tivesse a menor ideia de que favor pediria. Mas alguma coisa lhe ocorreria. Ideias para favores sempre vêm.

— Que favor? — perguntou Trout, receoso, tenso com a ideia de ter de fazer um favor inespecífico. Ele tinha sido programado daquele jeito.

Washington sabia que ele ficaria tenso. Todos os seres humanos haviam sido programados daquele jeito.

— Quero que você me escute enquanto eu assobio o canto do rouxinol — disse ele.

Então, lançou um olhar feio para que Trout ficasse em silêncio.

— O que dá peculiar beleza ao canto do rouxinol, muito amado pelos poetas, é o fato de ele *somente* cantar sob a luz do luar. — Então, Elgin



Washington fez o que quase todo negro na cidade de Midland teria feito: imitou um rouxinol.

• • •

O Festival de Artes da Cidade de Midland foi adiado por causa do massacre. Fred T. Barry, seu diretor, foi até o hospital em sua limusine, vestido como um chinês, para prestar suas condolências a Beatrice Keedsler e Kilgore Trout. Trout não estava em lugar algum. Beatrice Keedsler tinha sido posta para dormir com morfina.

Kilgore Trout achou que o Festival de Artes ainda aconteceria àquela noite. Ele não tinha dinheiro ou meio de transporte, de modo que foi a pé. Começou sua caminhada de 8 quilômetros pelo boulevard Fairchild na direção de um pequeno ponto amarelado na outra ponta. Aquele ponto era o Centro de Artes da Cidade de Midland. Ele o faria aumentar de tamanho andando em sua direção. Quando sua caminhada o tivesse feito grande o bastante, o centro o engoliria. Haveria comida lá dentro.

• • •

Eu estava esperando por ele a cerca de seis quadras de distância. Fiquei sentado dentro do Plymouth *Duster* que havia alugado na *Avis* com meu cartão *Diners' Club*. Eu tinha um tubo de papel na minha boca. Ele estava recheado de folhas. Coloquei fogo nele. Aquilo era uma coisa bem chique para se fazer.

Meu pênis tinha 7,5 centímetros de comprimento e 13 centímetros de largura. Esse diâmetro era o recorde mundial, pelo que eu sabia. Naquele momento, ele estava adormecido dentro da minha *cueca samba-canção*. Saí do carro para esticar minhas pernas, que era outra coisa bem chique. Eu estava no meio de fábricas e armazéns. As luzes dos postes eram fracas e estavam bem afastadas umas das outras. As vagas no estacionamento estavam vazias, exceto por um ou outro carro dos seguros. Não havia nenhum tráfego no boulevard Fairchild, que um dia havia sido a principal artéria da cidade. A vida havia sido completamente drenada pela interestadual e pela via expressa Robert F. Kennedy, que tinha sido construída sobre a antiga ferrovia Monon. A ferrovia agora era finada.

• • •

Finada.

• • •

Ninguém morava naquela parte da cidade. Ninguém perambulava por aquelas bandas. Havia todo um sistema de fortificações à noite, com grandes cercas e alarmes e cães de guarda, que eram máquinas de matar.

Quando saí do meu Plymouth Duster, não estava com medo de nada, o que foi idiota da minha parte. Uma vez que as matérias das quais trata são extremamente perigosas, um escritor desprevenido precisa estar ciente de que vai vivenciar a dor mais rápido do que um raio.

Eu estava prestes a ser atacado por um dobermann. O dobermann era o protagonista numa versão anterior deste livro.

• • •

Veja bem: o nome do dobermann era *Kazak*. Ele patrulhava o depósito da Construtora Irmãos Maritimo à noite. Os adestradores de Kazak, as pessoas que explicaram a ele em que tipo de planeta ele estava e que tipo de animal ele era, ensinaram a ele que o Criador do Universo queria que ele matasse qualquer coisa ao alcance. Matasse e *comesse*.

Numa versão anterior deste livro, eu tinha colocado Benjamin Davis, o marido negro de Lottie Davis, a empregada de Dwayne Hoover, para cuidar de Kazak. Ele jogava carne crua dentro do buraco em que Kazak passava o dia. Tinha sido responsável por fazer o cachorro cair no buraco quando o sol estava nascendo. Benjamin gritou com ele e jogou bolas de tênis nele quando o sol estava se pondo. Depois, o libertou.

Benjamin Davis era o primeiro trompete na Orquestra Sinfônica da Cidade de Midland, mas não era pago por isso, de modo que precisava arranjar um trabalho de verdade. Ele estava usando uma veste grossa, feita com colchões excedentes de guerra e cerca de arame, para que Kazak não pudesse matá-lo. Kazak tentou e tentou. Havia pedaços de colchão e elos de arame espalhados por todo o lado.

E Kazak fazia o melhor que podia para matar qualquer um que se aproximasse demais da cerca que protegia o seu planeta. Ele pulava nas pessoas como se a cerca não existisse, por isso ela estava torta na direção da calçada em várias partes. Parecia que alguém havia atirado balas de canhão contra ela pelo lado de dentro.

Eu devia ter prestado atenção no formato esquisito da cerca quando saí do carro, quando fiz aquela coisa chique de acender um cigarro. Eu deveria saber que um personagem tão feroz quanto Kazak não seria facilmente excluído de um livro.

Kazak estava agachado atrás de uma pilha de canos de bronze que os Irmãos Maritimo haviam comprado naquele mesmo dia, por um preço bem

baixo, das mãos de um ladrão. Kazak queria me matar e me *comer*.

• • •

Eu virei as costas para a cerca, e dei uma tragada profunda no cigarro. Os *Pall Malls* estavam me matando aos poucos. Lamentei filosoficamente as muralhas lúgubres da velha Mansão Keedsler, do outro lado do boulevard Fairchild.

Beatrice Keedsler havia crescido lá. Os assassinatos mais famosos da cidade haviam sido cometidos lá. Will Fairchild, o herói de guerra, e tio materno de Beatrice Keedsler, apareceu uma noite de verão em 1926 com um fuzil Springfield e matou cinco parentes, três empregados, dois policiais, e todos os animais do zoológico particular dos Keedsler. Em seguida, atirou no próprio coração.

Sua autópsia revelou um tumor no cérebro do tamanho de um chumbinho. Foi isso o que *causou* os assassinatos.

• • •

Depois que os Keedsler perderam sua mansão no começo da Grande Depressão, Fred T. Barry e seus pais se mudaram para lá. Antigamente o lugar vivia repleto dos cantos de pássaros britânicos. Agora, era uma discreta propriedade da prefeitura, e falava-se em transformá-la num museu onde as crianças poderiam aprender a história da cidade de Midland — contada por pontas de flechas e animais empalhados e artefatos primitivos dos homens brancos.

Fred T. Barry havia se oferecido para doar meio milhão de dólares ao suposto museu, com uma condição: de que a primeira *Robô Mágico* e os primeiros cartazes que faziam propaganda da máquina de lavar ficassem em exibição.

E ele queria que a exposição mostrasse também como as máquinas haviam evoluído da mesma maneira que os animais, porém com muito mais velocidade.

• • •

Eu fiquei olhando para a Mansão Keedsler, sem jamais sonhar que um cão vulcânico estava prestes a entrar em erupção às minhas costas. Kilgore Trout foi chegando mais perto. Eu estava quase indiferente à sua aproximação, muito embora nós dois tivéssemos coisas monumentais para dizer um ao outro a respeito do fato de eu tê-lo criado.

Em vez disso, eu estava pensando no meu avô paterno, que havia sido o primeiro arquiteto licenciado em Indiana. Ele havia projetado algumas casas

de sonhos para alguns nativos milionários. Agora havia funerárias e escolas de guitarra e buracos onde outrora havia casas e estacionamentos. Eu estava pensando na minha mãe, que me levou para dar um passeio de carro por Indianápolis durante a Grande Depressão, para que eu ficasse impressionado com o quanto a minha avó materna havia sido rica e poderosa. Ela me mostrou onde ficava sua cervejaria, e também algumas de suas casas de sonhos. Cada um daqueles marcos históricos era, agora, um buraco onde outrora havia uma casa.

Kilgore Trout estava a apenas meio quarteirão do seu Criador, e diminuindo o passo. Estava preocupado com a minha presença.

Eu me virei na direção dele, para que minhas cavidades nasais, por onde todas as mensagens telepáticas eram enviadas e recebidas, ficassem simetricamente alinhadas com as dele. Eu fiquei transmitindo a ele, telepaticamente, repetidas vezes: “Eu tenho boas notícias para você.”

Kazak saltou.

• • •

Eu vi o dobermann com o canto do olho direito. Os olhos dele eram hélices. Seus dentes eram adagas brancas. Sua baba era cianeto. Seu sangue era nitroglicerina.

Ele estava flutuando na minha direção como um zepelim, planando preguiçosamente pelo ar.

Meus olhos passaram a informação sobre ele para o meu cérebro.

Meu cérebro enviou uma mensagem para o meu hipotálamo, dizendo para ele injetar o hormônio que libera corticotrofina nas veias capilares que conectavam meu hipotálamo à minha glândula pituitária.

O hormônio incentivou minha glândula pituitária a despejar o hormônio adrenocorticotrófico em minha corrente sanguínea. Minha glândula pituitária havia produzido e armazenado o hormônio adrenocorticotrófico para uma ocasião como esta. E o zepelim ia chegando cada vez mais perto.

Um pouco do hormônio adrenocorticotrófico na minha corrente sanguínea chegou à camada mais externa da minha glândula suprarrenal, que havia produzido e armazenado glucocorticoides para uma emergência. Minha glândula suprarrenal adicionou os glucocorticoides à minha corrente sanguínea. Eles se espalharam por todo o meu corpo, transformando o glicogênio em glicose. Glicose era o alimento dos músculos. Ela me ajudaria a brigar como um gato do mato ou sair correndo como um cervo.

E o zepelim ia chegando cada vez mais perto.

Minha glândula suprarrenal me injetou uma dose de adrenalina, também. Fui ficando roxo à medida que a minha pressão subia vertiginosamente. A adrenalina fez o meu coração disparar como um alarme contra roubos. Fez

também com que meus cabelos se arrepiassem. Fez também com que substâncias coagulantes fossem despejadas na corrente sanguínea, de modo que, se eu fosse ferido, meus sucos vitais não se esvaíssem.

Tudo o que meu corpo havia feito até então estava dentro dos processos operacionais normais de uma máquina humana. Porém, meu corpo adotou uma medida defensiva que me disseram não ter qualquer precedente na história da medicina. Pode ter sido por causa de algum curto-circuito na fiação ou algum problema na vedação. De qualquer forma, eu também retraí meus testículos para dentro da cavidade abdominal, acondicionando-os dentro da fuselagem como o trem de pouso de um avião. E agora estão me dizendo que apenas uma cirurgia poderá fazê-los descer novamente.

Seja como for, Kilgore Trout ficou me olhando a meio quarteirão de distância, sem saber quem eu era, sem saber nada sobre Kazak, nem sobre o que o meu corpo havia feito a respeito de Kazak até agora.

Trout já havia tido um dia bem cheio, mas ainda não tinha acabado. Naquele momento, ele estava vendo o seu Criador dar um salto completo por cima de um automóvel.

• • •

Eu caí sobre minhas mãos e meus joelhos no meio do boulevard Fairchild.

Kazak fora ricocheteado pela cerca, sendo afetado pela gravidade quando tentou me atingir. Ela o jogou com força contra o chão de concreto. Kazak ficou tonto.

Kilgore Trout deu meia-volta. Acelerou o passo apreensivamente, retornando na direção do hospital. Eu o chamei, mas isso só o fez andar mais depressa.

Então, entrei no meu carro e fui atrás dele. Eu ainda estava chapado de adrenalina e substâncias coagulantes e tudo o mais. Ainda não sabia que havia retraído os meus testículos no meio daquela emoção toda, e sentia apenas um vago desconforto lá embaixo.

Trout estava trotando quando cheguei ao seu lado. O velocímetro indicou que ele corria a 17 quilômetros por hora, o que era excelente para um homem da sua idade. Ele, também, estava cheio de adrenalina e substâncias coagulantes e glucocorticoides.

Minhas janelas estavam abertas, e eu disse isto a ele:

— Calma aí! Calma aí! Sr. Trout! Calma aí! Sr. Trout!

Ser chamado pelo nome fez com que ele diminuísse o passo.

— Calma aí! Eu sou amigo! — falei.

Ele foi trocando as pernas até parar, e se curvou, ofegante, apoiado numa cerca que protegia um depósito de eletrodomésticos pertencente à General Electric. O monograma e o lema da empresa se destacavam no céu noturno

perante Kilgore Trout, que estava com os olhos esbugalhados. O lema era o seguinte:

## O PROGRESSO É O NOSSO PRODUTO MAIS IMPORTANTE

• • •

— Sr. Trout — falei, do interior do carro, que estava com as luzes apagadas —, não há nada a temer. Eu trago notícias muito boas.

Ele demorou para recuperar o fôlego, de modo que não estava muito conversativo no começo.

— Você... você é... do... Festival de Artes? — perguntou, revirando os olhos sem parar.

— Eu sou do Festival de *Tudo* — respondi.

— O quê?

Achei que seria uma boa ideia deixar que ele desse uma boa olhada em mim; então, tentei ligar a luz do teto, mas acabei acionando os limpadores de para-brisa em vez disso. Desliguei imediatamente. Minha vista para as luzes do hospital do condado ficou toda distorcida por gotas d'água. Eu apertei outro botão, e ele saiu na minha mão. Era um isqueiro. Então, eu não tive escolha a não ser continuar falando no escuro.

— Sr. Trout, eu sou um romancista, e eu o criei para usá-lo em meus livros.

— O quê? — disse ele.

— Eu sou seu Criador. Você está no meio de um livro agora. Mais perto do fim, na verdade.

— Hum.

— Tem alguma pergunta que você queira me fazer?

— O quê?

— Sinta-se à vontade para perguntar qualquer coisa que quiser. Sobre o passado, sobre o futuro... — falei. — Tem um Prêmio Nobel no seu futuro.

— Um o quê? — perguntou Trout.

— Um Prêmio Nobel de Medicina.

— Ah — disse ele, e aquele era um som ambíguo.

— Eu também arrumei uma editora de respeito para você de agora em diante. Chega de livros de castores.

— Hum.

— No seu lugar, eu certamente teria um monte de perguntas a fazer.

— Você tem uma arma? — perguntou ele.

Eu ri ali no escuro, tentei ligar a luz mais uma vez, e ativei o limpador de para-brisa mais uma vez.

— Eu não preciso de uma arma para controlar você, Sr. Trout. Tudo o que eu preciso fazer é escrever alguma coisa a seu respeito, só isso.

• • •

— Você é *maluco*? — perguntou ele.

— Não — respondi.

E para destruir qualquer dúvida que ele tivesse a meu respeito, o transporte até o Taj Mahal, e depois até Veneza, e depois até Dar es Salaam, e depois até a superfície do sol, onde as chamas não puderam consumi-lo, e depois o trouxe de volta até a cidade de Midland.

O coitado do velho caiu de joelhos. Ele me lembrou do jeito que minha mãe e a mãe de Bunny Hoover costumavam reagir quando alguém tentava tirar uma foto delas.

Enquanto ele ficou ali morrendo de medo, eu o transporte até as Bermudas de sua infância e o botei para contemplar um ovo infértil de uma águia-marinha das Bermudas. Eu o levei dali até a Indianápolis da minha infância. Eu o coloquei numa plateia de circo. Eu o fiz presenciar um homem com *ataxia locomotora* e uma mulher com um bócio do tamanho de uma abobrinha.

• • •

Então, saí do meu carro alugado fazendo muito barulho. Queria que os ouvidos de Trout dissessem a ele muitas coisas sobre o seu *Criador*, mesmo que ele não estivesse disposto a usar os olhos. Fechei a porta do carro com força. À medida que me aproximava dele pelo lado do motorista do carro, dei algumas piruetas para que meus passos não fossem apenas deliberados, como também *audaciosos*.

Parei quando as pontas dos meus sapatos estavam quase entrando no campo de visão dos seus olhos caídos.

— Sr. Trout, eu amo você — falei suavemente. — Sei que quebrei sua mente em pedacinhos, mas quero consertá-la. Quero que você tenha uma sensação de plenitude e uma harmonia interna que eu jamais permiti que você experimentasse até então. Eu quero que você levante a sua cabeça e veja o que eu tenho na minha mão.

Eu não tinha nada na minha mão, mas o poder que eu tinha sobre Trout era tanto que ele enxergaria nela qualquer coisa que eu quisesse. Eu poderia ter mostrado a ele uma Helena de Troia, por exemplo, mas com 15 centímetros de altura.

— Sr. Trout... Kilgore... Eu tenho em minha mão um símbolo de plenitude e harmonia e provimento. É oriental em sua simplicidade, mas nós

somos *americanos*, Kilgore, não chineses. E nós, americanos, necessitamos de símbolos ricamente coloridos e tridimensionais e suculentos. Mas, acima de tudo, desejamos símbolos que não tenham sido envenenados pelos grandes pecados cometidos por nossa nação, como a escravidão e o genocídio e a negligência na esfera criminal, ou pela ganância e pelas trapaças comerciais praticadas por gente metida à besta. Então, levante a cabeça, Sr. Trout — mandei, e fiquei esperando pacientemente. — Kilgore?

O velho levantou a cabeça, e tinha a mesma expressão devastada que meu pai exibiu ao ficar viúvo — quando já era homem muito, muito velho.

Ele viu que eu tinha uma maçã na minha mão.

• • •

— Eu estou me aproximando do meu quinquagésimo aniversário, Sr. Trout. Estou me purificando e me renovando para os diferentes tipos de anos que terei pela frente. Em condições espirituais semelhantes, o Conde Tolstói libertou seus servos, e Thomas Jefferson libertou seus escravos. Eu vou colocar em liberdade todos os personagens literários que me serviram tão lealmente durante toda a minha carreira de escritor.

“Mas você é o único para quem eu estou contando. Para os demais, a noite de hoje será como qualquer outra. Levante-se, Sr. Trout, você está livre. *Livre.*”

Aos tropeços, ele ficou de pé.

Eu deveria ter apertado sua mão direita, mas ela estava machucada, de modo que eu e ele ficamos com os braços pendendo na lateral do corpo.

— *Bon Voyage* — falei. E desapareci.

• • •

Fiquei dando cambalhotas preguiçosamente prazerosas no vácuo, que é o lugar onde me escondo quando me desmaterializo. O que Trout gritou para mim foi se dissipando à medida que a distância entre nós aumentava.

A voz dele era a voz do meu pai. Eu *ouvia* meu pai — minha mãe eu *via* no vácuo. Minha mãe estava muito, muito longe, porque ela havia me transmitido um legado de suicídio.

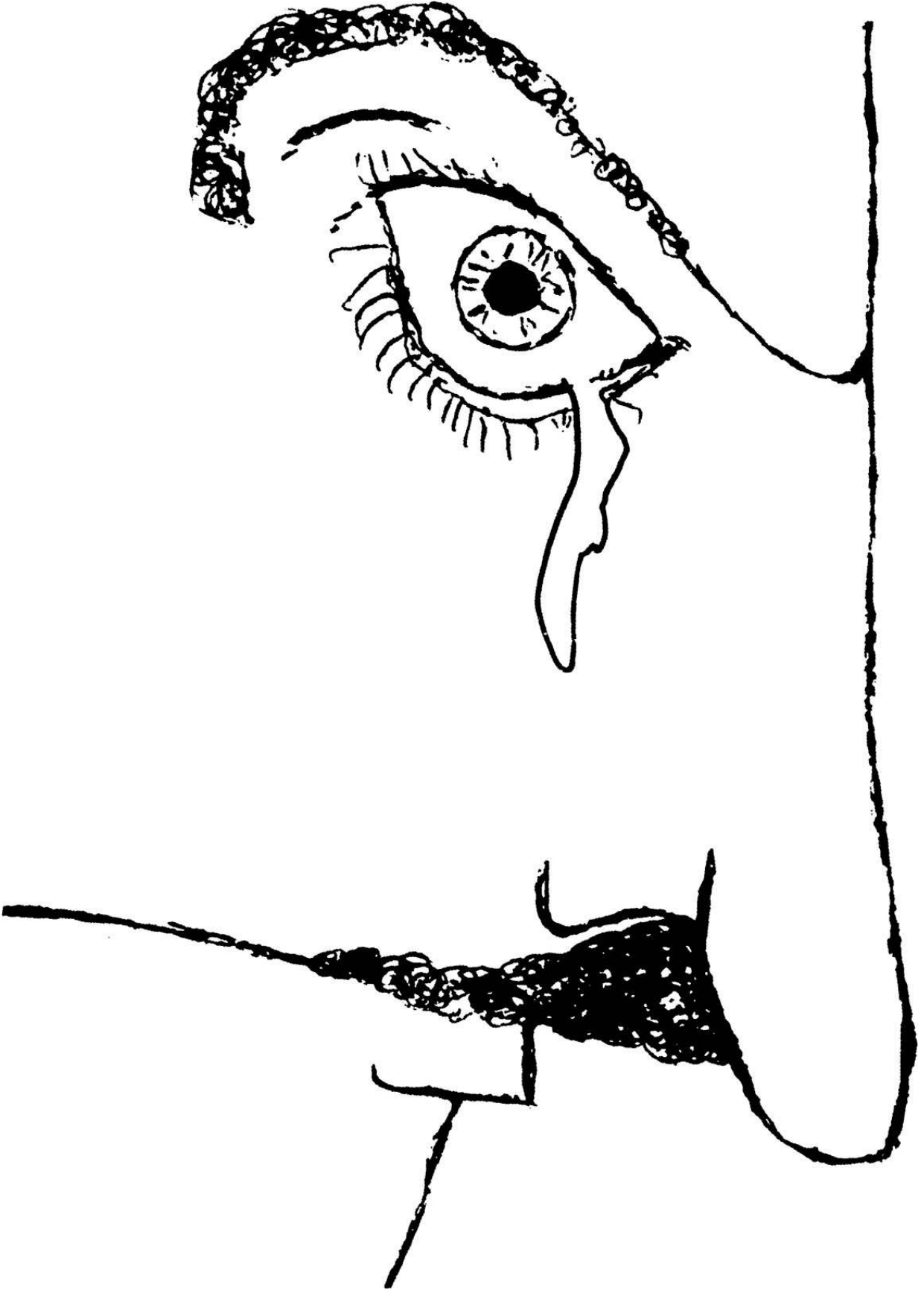
Um pequeno espelho de mão passou flutuando por mim. Um *vaso*, na verdade, com cabo e moldura feitos em madrepérola. Conseguí alcançá-lo com facilidade e o aproximei do rosto até ver meu olho direito, que se parecia com isso:





Eis o que Kilgore Trout gritou para mim, na voz do meu pai:  
— *Me deixe mais jovem, me deixe mais jovem, me deixe mais jovem!*

**ETC.**



## Sobre o livro

Em um dos maiores best-sellers do autor, Kurt Vonnegut mantém seu estilo ácido e engraçado para fazer uma sátira sobre guerra, sexo, racismo, sucesso e política nos Estados Unidos dos anos 1970. Neste livro, lançado originalmente em 1973, um dos personagens mais emblemáticos e alter ego de Vonnegut, o autor de livros de ficção científica Kilgore Trout descobre que Dwayne Hoover, um vendedor de carros americano e um sujeito aparentemente normal, está levando a sua ficção ao pé da letra e perdendo o juízo. Com a ajuda de seus famosos desenhos, Vonnegut conduz o leitor por um texto bem-humorado e crítico da sociedade norte-americana, neste clássico moderno emblemático da obra de um dos autores mais instigantes do século XX.

## Sobre o autor



© Jack Mitchell / Getty Images

Kurt Vonnegut nasceu em Indianápolis em 1922. Estudou nas universidades de Chicago e do Tennessee. Seu primeiro romance, *Player Piano*, foi publicado em 1952 e desde então ele escreveu muitos outros, entre eles: *As sereias de Titã* (1959), *Mother Night* (1961), *Cama de gato* (1963), *God Bless You, Mr. Rosewater* (1965), *Welcome to the Monkey House* — uma coletânea de contos (1968), *Matadouro-cinco* (1969), *Slapstick, or Lonesome No More!* (1976), *Jailbird* (1979), *Deadeye Dick* (1982), *Galápagos* (1985), *Bluebeard* (1987) e *Hocus Pocus* (1990).

Conheça outro título do autor



*Matadouro-Cinco*

## Leia também



*Serpentário*  
Felipe Castilho



*Daqui pra baixo*  
Jason Reynolds

# Table of contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prefácio](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[Epílogo](#)

[Sobre o livro](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outro título do autor](#)

[Leia também](#)